



A Faeriewalker Novel

sirensong

jenna black





sirensong

O perigoso chamado da rainha

Jenna Black

Sinopse

Sirensong é o terceiro livro da série Faeriewalker. Neste volume, Dana é convidada a ir a Faerie para ser oficialmente apresentada à Corte Seelie.

Porém, Titânia, a rainha, a quer morta. O convite não pode ser recusado e Dana, seu pai e seus amigos rumam a uma viagem cercada de perigos, ataques, ameaça e medo. Será que ela conseguirá vencer esses desafios?

Uma saga surpreendente, recheada de aventuras e romance.

Para Sybil, que me ajudou a assimilar algumas das lições que Dana teve de aprender neste livro, porém sem mortes ou desmembramentos.

1

Odeio política. Pena que meu pai seja um político feérico importante com aspirações de se tornar mais importante ainda. Pena também que eu tenha fugido de casa para me livrar de uma mãe alcoólatra na esperança de ter uma vida mais normal, porque o que consegui não foi nada dentro da normalidade, além de vir acompanhado de uma dose de perigo mortal. Foi por isso que acabei usando um vestido de gala azul-escuro caríssimo — e salto alto, veja só — e sendo acompanhada pelo meu pai que vestia um smoking em um jantar governamental refinado do qual eu não queria participar de jeito algum.

O jantar seria na mansão do Cônsul. Meu pai e eu nos juntamos à nata da alta sociedade de Avalon, esperando na fila entre cordões de veludo enquanto um par de Cavaleiros controlava o fluxo e verificava os convites.

Eu nunca tinha ido a um evento tão formal como esse, nem estaria ali se meu pai não tivesse insistido.

Quando cheguei a Avalon — o único lugar em que o mundo mortal e Faerie se cruzam — eu já sabia que meu pai era um feérico de certa importância. O que eu não sabia era os milhões de modos como o status dele afetaria minha vida. Ou que ele tentaria me usar como um peão em seu jogo de xadrez político. Entenda: em pouco menos de um ano, o atual Cônsul humano — a pessoa mais poderosa em Avalon, como se fosse o presidente, embora não exatamente isso — teria de passar o poder a um feérico. O Consulado troca de mãos entre humanos e feéricos a cada O anos, e meu pai estava comprometido e determinado a se tornar o próximo Cônsul de Avalon.

Outra coisa sobre a qual eu não fazia a mínima ideia antes de cair de paraquedas em Avalon era que, quando um feérico realmente poderoso — como meu pai — tinha um filho com um humano, essa criança era...

especial: um faeriewalker, alguém com sangue feérico suficiente para entrar em Faerie e sangue humano o bastante para viver no mundo mortal. Mas aí é que está o “X” da questão: os faeriewalkers não só podem trafegar livremente entre os dois mundos, como também podem levar magia ao mundo mortal e tecnologia humana para Faerie.

Sim, você adivinhou: sou uma faeriewalker. Uma criatura rara, visto que o último antes de mim morreu cerca de 100 anos atrás. E por causa dessas minhas habilidades singulares,

tornei-me uma vantagem política, motivo que fez meu pai me arrastar para esse evento quando o que eu queria era ficar em casa e comer alguma coisa da geladeira. Todos em Avalon sabiam de mim, sabiam que eu era uma faeriewalker, mas papai tinha de me exibir para todos no jantar, só para lembrá-los de que eu era filha dele e, caso fosse eleito Cônsul, que ele me usaria para o benefício de Avalon. Deixei para lá o fato de que eu não permitiria ser “usada” para nada e que ele sabia muito bem disso.

— Tente não se mostrar tão carrancuda, Dana — ele me disse de forma seca e bem baixinho, conforme avançávamos na fila.

Tentei me livrar da carranca, mas tenho certeza de que não consegui.

— Você vai ficar me devendo essa — murmurei e pelo canto do olho vi que ele sorria de leve.

— Talvez você se divirta — ele sugeriu, entregando o convite para o Cavaleiro que segurava uma prancheta.

Cavaleiros eram os guerreiros feéricos, e era muito esquisito ver um ali, parado, segurando uma prancheta. Claro que ele devia ter uma centena de armas escondidas debaixo da roupa, e eu sentia a magia que o rodeava me causando formigamentos. Supostamente, apenas um feérico genuíno conseguiria sentir a presença da magia, mas, ao que tudo indicava, eu era uma exceção. Isso porque ser uma faeriewalker quase não fazia de mim uma excentricidade. Até então, consegui manter minha afinidade com a magia em segredo — mesmo perante meu pai — e pretendia que isso continuasse assim.

O Cavaleiro nos deu passagem e nós subimos os degraus, que estavam cobertos por um tapete vermelho, até um vestíbulo de mármore cavernoso.

Havia mais Cavaleiros na parte de dentro, direcionando os convidados por um longo corredor e certificando-se de que ninguém saísse dos trilhos.

Estavam todos vestidos com smokings, mesmo assim os Cavaleiros se destacavam com corpos musculosos, expressões severas e vigilância nada sutil.

— É, isso vai ser superdivertido — resmunguei, mantendo o tom baixo para que a voz não ecoasse pelo mármore. Eu não precisava de experiência prévia com jantares governamentais para adivinhar que eles incluíam uma série infindável de discursos enfadonhos. E que papai me apresentaria a diversas pessoas com as quais eu deveria conversar amigavelmente, sempre sorrindo. A forma exata como qualquer garota de 16 anos gostaria de passar a noite, não é?

Claro que eu poderia me portar como uma peste e agir como uma típica adolescente irritante, fazendo meu pai lamentar o fato de ter me trazido. Mas ele e eu ainda estávamos aprendendo a nos relacionar um como outro, e se eu pretendia me fazer de difícil a respeito de alguma coisa, seria com algo muito mais importante do que ter ou não de ouvir uma série de discursos.

No fim do corredor, tivemos de fazer outra fila, mas essa era pior, porque eu podia ver e ouvir o que nos esperava no fim dela. Havia um feérico magro e alto parado, e todos paravam ao lado dele para serem anunciados com uma voz alta e profunda, sendo que só depois as pessoas podiam finalmente entrar na sala para enfrentar o que parecia uma fila interminável de recepção dos convidados.

Que saco! Se só para entrar era tão demorado e cheio de regras, eu não queria pensar em quanto o jantar em si demoraria. Fiquei pensando se conseguiria convencer meu pai de que estava sofrendo de um caso súbito de enxaqueca ou gripe. Quem sabe ebola?

— Está com uma carranca de novo — papai sussurrou, e eu o olhei, séria.

— Isso conta como um castigo cruel e incomparável — eu lhe disse. — E nem fiz nada de errado — a ideia de agir como uma adolescente chata começava a parecer atraente. Talvez eu conseguisse embaraçá-lo a ponto de convencê-lo a me mandar para casa.

Papai suspirou, mas como tínhamos chegado à frente da fila, não fez nenhum comentário. Paramos em uma plataforma bem diante de um enorme salão de baile, e eu estava muito ciente de que, apesar de ainda não termos sido anunciados e de haver uma linda feérica à frente, praticamente todos os olhos estavam pregados em nós. Senti as palmas das mãos suadas e tive esperanças de que meu rosto não estivesse enrubescido de tanta vergonha.

— Seamus Stuart — o porteiro, ou o que quer que ele fosse, entoou, e os poucos que ainda não tinham nos visto se viraram em nossa direção. — E Dana Stuart — ele concluiu, e eu tive de conter os dentes para me conter e não corrigi-lo.

Eu podia contar em apenas uma mão as semanas desde que conheci meu pai, e sempre usei o sobrenome da minha mãe: Hathaway. Acho que papai se “esqueceu” disso quando colocou meu nome na lista de convidados. Se não fosse pela plateia, eu o teria enfrentado ali mesmo. Em vez disso, estampeei no rosto o sorriso mais falso da face da Terra e prometi ter um ataque mais tarde.

Os 45 minutos seguintes foram tão divertidos quanto estar na cadeira do dentista. Toda vez que papai se deparava com algum conhecido — e juro que ele conhecia todo mundo ali —

era a mesma coisa: eles jogavam um pouco de conversa fora, papai me apresentava, depois passavam a discutir política.

O salto alto estava acabando com meus pés, e comecei a não sentir mais as solas dormentes enquanto continuávamos a circular pelo salão. Meu rosto doía pelos sorrisos forçados, e eu estava tão entediada que tinha de reprimir um bocejo a cada três segundos. E nem tínhamos chegado à parte dos discursos!

Durante todo o processo tortuoso de encontrar e apresentar, mais pessoas chegaram à festa, todas introduzidas pela voz alta que interrompia as conversas. No início, não pude deixar de me virar toda vez que alguém era anunciado, mas como nunca era alguém interessante, parei de prestar atenção. Até que uma onda de silêncio percorreu o salão, e inclusive meu pai se virou para olhar.

A festa já tinha começado havia uma hora, e até os Dignitários Importantes tinham abandonado a fila de recepção para se misturar conosco, os convidados menos importantes, por isso a fila de entrada já não existia mais. Portanto, todos no salão conseguiam ver sem empecilhos a figura que se postava à porta em uma pose magistral. Imediatamente suspeitei que ele planejava aquela entrada de efeito.

Em muitos sentidos, ele era um homem tipicamente feérico. Alto, magro, com feições angulares escancaradamente belas. Todavia, não se parecia com nenhum outro feérico que conheci. Ele usava uma roupa que parecia ter vindo direto de um filme histórico, completada por um casaco de veludo vermelho-carmim com punhos enormes e lapela elaboradamente bordada, calças até os joelhos e um esvoaçante lenço branco de pescoço.

Carmim não era uma boa cor para ele, não com a típica palidez feérica e os longos cabelos ruivos que emolduravam o rosto debaixo de um diadema fino dourado. Porém, sua falta de senso estético não o tornava menos atraente.

— Sua Alteza Real, Henry, o príncipe da Corte Seelie anunciou o porteiro sobre o silêncio que dominava o salão.

Muitos dos feéricos se curvaram e fizeram uma mesura. Olhei de soslaio para papai e vi que ele não os imitou, ainda que fosse um alto membro da Corte Seelie. Avalon tinha se separado de Faerie cerca de 100 anos antes e, em teoria, seus cidadãos feéricos não tinham de pertencer à Corte Seelie ou à Unseelie. Mas, na realidade, havia bem poucos feéricos em Avalon que não se afiliavam às Cortes.

Por um instante, o príncipe Henry se deleitou com a atenção recebida, permanecendo

praticamente imóvel na entrada, passando o olhar pelo salão.

Meu estômago deu uma cambalhota quando o olhar dele se deteve em meu pai, depois passou para mim. Um sorriso curvou seus lábios, e havia algo de maldoso e desagradável nele. De pronto antipatizei com ele, e pouco me importei se isso não era correto.

O príncipe, por fim, entrou no salão, rompendo o feitiço de silêncio lançado. As pessoas retomaram as conversas, e o pessoal que antes estava na fila de recepção se apressou ao redor do convidado real. Esfreguei as palmas das mãos suadas e olhei para papai. Não importava que, por ser filha dele, eu fosse considerada seelie, mesmo nunca tendo jurado fidelidade à corte.

As rainhas das duas cortes se sentiam ameaçadas pelas minhas habilidades e queriam que eu morresse. Isso, a meu ver, fazia do príncipe um inimigo.

— Quem é o príncipe Henry? — perguntei em um tom baixo e urgente a papai. — Não seria melhor pegarmos a primeira saída?

Papai deu um tapinha no meu ombro, um de seus reservados gestos feéricos de demonstração de afeto.

— Está perfeitamente segura aqui — ele me garantiu. — Henry é um dos filhos de Titânia, mas ela nunca o usaria em uma tentativa de homicídio.

E, certamente, jamais escolheria este lugar.

Tenho certeza de que papai tentava me confortar, mas minha boca secou e meu coração acelerou. Para mim, um membro da família real na cidade só podia ser um mau sinal, já que a família real queria me ver morta.

— Você sabia que ele estaria aqui? — perguntei.

Papai meneou a cabeça de leve.

— Eu não fazia a mínima ideia. Não sei o que Titânia está tramando, mas tenho a sensação de que descobriremos antes de a noite acabar.

Observei o grupo de pessoas que cercava o príncipe se aproximar cada vez mais de nós, e minha garganta se contraiu.

— É imaginação minha ou ele está vindo na nossa direção?

— Não é sua imaginação.

— Perfeito — murmurei. Não que eu acreditasse estar em perigo imediato. Eu tinha a distinta impressão de que, se um membro de uma família real aparecesse em um jantar governamental e matasse um dos convidados, isso poderia ser o início de um incidente internacional. Talvez até mesmo de uma guerra. Por isso eu estava quase certa de que papai tinha razão e que o príncipe não se aproximava de nós pensando em cometer um assassinato. Eu só não tinha certeza de que, seja lá o que ele tivesse em mente, seria do meu agrado.

— Não está na hora de o jantar começar? — perguntei, olhando ao redor querendo encontrar algum indício de que a multidão se movia na direção da sala de jantar. Não tive sorte.

— Bela tentativa — papai disse com um de seus sorrisos oblíquos. — Não é fácil evitar a realeza.

O príncipe se aproximava e, embora muitas pessoas o rodeassem, havia quatro Cavaleiros vestidos de modo tão arcaico quanto o príncipe, mantendo os convidados a uma distância respeitável. Eu podia sentir a magia emanando do grupo mesmo quando ele ainda estava a metros de distância. Para mim, parecia um tanto rude proteger o príncipe de modo tão ostensivo em plena mansão consular — como se o lugar já não estivesse bem protegido —, mas o que eu sabia?

Embora o príncipe não se parecesse nada com meu pai, eu sabia que ele um dia, há muito, muito tempo, fora o consorte de Titânia. Por isso, não pude deixar de perguntar: — Ele não é outro meio-irmão meu que você se esqueceu de mencionar, é?

Meu pai não é a pessoa mais expressiva do mundo, mas eu já o conhecia o bastante para notar a tensão ao redor dos seus olhos indicando que eu tinha atingido um ponto fraco.

— Connor é meu único filho — ele disse com suavidade — e você é a minha única filha.

Desejei não ter perguntado. Connor tinha sido capturado e praticamente submetido à escravidão pelo Erlking, o líder dos Caçadores Bárbaros, um grupo de matadores feéricos que, nos tempos antigos, caçava feéricos e humanos. Hoje em dia, por causa do acordo feito com o Erlking e o governo de Avalon, os humanos já não faziam parte do cardápio. E como o Erlking também fez um acordo com as duas rainhas de Faerie, os únicos feéricos que ele caçava eram os que as rainhas condenavam. Nada disso ajudava Connor, que foi capturado antes de esses acordos terem sido feitos, há diversos séculos. Meu pai ainda sofria por Connor, como se ele estivesse morto, e eu desejava poder fazer alguma coisa para ajudar.

Não tive tempo de lamentar minha pergunta insensível porque o príncipe abriu caminho

entre os convidados, postando-se de frente para o meu pai. O formigamento irritante causado pela magia dos Cavaleiros eriçava os cabelos na base da minha nuca.

— Seamus — o príncipe disse com um sorriso amplo — , você me parece bem.

Meu pai retribuiu o sorriso, mas não havia nenhum calor nele.

Pensando bem, o sorriso do príncipe também não era nada caloroso. Talvez fosse só a reserva feérica, mas eu tinha a impressão iminente que aqueles dois não se gostavam. Não acho que o desejo de Titânia em me ver morta melhoraria o relacionamento deles.

— Assim como você, Henry — meu pai disse, e ainda que ninguém demonstrasse abertamente, senti o ultraje disfarçado e a surpresa das pessoas que nos cercavam. Meu palpite era que chamar o príncipe pelo nome era algo a não fazer. Os Cavaleiros do séquito de Henry pararam de fingir que não prestavam atenção a nada que não fosse sua obrigação e encararam meu pai. E isso não pareceu aborrecê-lo. — Um esplendor como o seu raramente é visto em nossa bela cidade — ele disse com um meio curvar de corpo respeitável, e o sorriso de Henry gelou por um instante.

Uau. Papai sabia mesmo elogiar com algo semelhante a um insulto. E sorrindo o tempo inteiro como se estivesse agradando.

Eu tinha de admitir, por mais... esplêndido que o príncipe parecesse em seu veludo refinado, ele também lembrava um foragido de uma festa à fantasia. Os feéricos, especialmente os que viviam em Faerie, levavam a sério o termo antigo e, sem dúvida, ainda não tinham aceitado a moda mais moderna. Duvido muito, porém, que o príncipe estivesse tão atrasado que não soubesse o quão fora de moda estaria em Avalon naqueles trajes.

O príncipe Henry continuou a sorrir.

— E você se ausentou tempo demais de sua bela corte e tem feito falta.

Eles se cumprimentaram dando as mãos, mas eu tive a nítida impressão de que aquilo também tinha sido um insulto velado. Ocorreu-me que jamais perguntei a papai o que o levou a sair de Faerie para morar em Avalon. Fiquei imaginando se ele tinha vindo por ter perdido o status quando Titânia o deixou de lado como consorte ou se isso tinha alguma coisa a ver com o fato de o filho deles ter sido capturado pelos Caçadores Bárbaros.

— Avalon é o meu lar — meu pai disse simplesmente — e sinto relutância em deixá-la mesmo pelas alegrias da corte de Titânia.

— Espero que possa ser persuadido a mudar de ideia — Henry disse, voltando, depois, o

olhar para mim.

Talvez fosse pelo fato de papai não gostar do homem ou só porque ele pertencesse à corte que me queria morta, mas o olhar dele parecia asqueroso, provocando-me um desejo de me retorcer. Entretanto, enfrentei o Erlking diversas vezes — contra minha vontade, tenho de admitir — e não pretendia permitir que Henry me intimidasse. Pelo menos eu não o deixaria perceber que ele me intimidava. Por isso, enfrentei seu olhar, lutando contra a vontade de me retorcer, apesar da malícia que eu jurava ter visto naquele olhar.

— Esta deve ser sua filha, a faeriewalker — o príncipe Henry disse.

Papai passou um braço ao redor dos meus ombros, o que era um gesto bem efusivo para ele.

— Sim, esta é Dana — ele disse com uma pontada de afeto na voz.

— Que prazer imenso em conhecê-la — o príncipe disse, esticando a mão como se fosse me cumprimentar.

Eu não queria tocá-lo — ele emanava vibrações ruins — , mas havia um milhão de pessoas nos observando, e eu não queria ser abertamente rude.

Infelizmente, em vez de segurar minha mão como pensei que fosse fazer, ele a levou aos lábios e plantou um beijo nos nós dos meus dedos. Seus lábios estavam úmidos, e tive de resistir ao impulso de puxar a mão para enxugá-la no vestido.

Ele segurou minha mão mais do que o necessário, olhando para mim em expectativa. Imagino que estivesse à espera de uma resposta educada, mas ele me incomodava tanto a ponto de fechar a minha garganta, impedindo-me de dizer qualquer coisa.

Vi uma centelha de satisfação nos olhos do príncipe quando ele finalmente soltou minha mão, e eu me amaldiçoei por ser tão banana.

Houve uma guerra de desejos, e eu perdi. Virei minha mão ligeiramente ao levá-la de volta para junto do corpo, permitindo que a parte beijada resvalasse no vestido. Tentei ser sutil ao fazer isso, mas não posso dizer que fiquei aborrecida quando o ligeiro estreitar do olhar do príncipe revelou que ele tinha visto.

— Há muitas pessoas mais importantes que nós desejando cumprimentá-lo — meu pai disse com o braço apertando meus ombros. — Por favor, não permita que monopolizemos sua atenção.

O que ouvi — e pela expressão de Henry, o que ele ouviu — foi: “saia da minha frente”. Por um instante, pensei que o príncipe fosse perder a compostura e dizer algo francamente rude, mas ele se recobrou a tempo.

— Tenho mais uma coisa a discutir com você — ele disse, pelo que imaginei, com dentes cerrados. Esticou a mão na direção de um dos Cavaleiros, que lhe entregou algo muito parecido com um pergaminho. — Minha mãe, a rainha, está muito ansiosa em conhecer essa sua filha, antes desconhecida — disse entregando o pergaminho para papai. — Ela o convida a levar sua filha ao Palácio Sunne para ser formalmente apresentada à corte.

Senti a surpresa de papai na tensão do seu braço e mal consegui esconder meu choque.

— Isso é alguma brincadeira? — me ouvi perguntar. — Ela quer... — a mão de papai me apertou com força, e eu engoli o resto da pergunta. Eu já tinha dito o suficiente para obter alguns olhares afiados dos convidados próximos. Mas, cá entre nós, como eu deveria reagir a um convite desses? A rainha seelie queria me matar, por isso eu deveria deixar a segurança relativa de Avalon e viajar para o palácio dela em Faerie para conhecê-la pessoalmente? Ou Titânia era louca, ou achava que eu era.

O príncipe Henry me encarou novamente, com os ombros rijos e uma expressão nos lábios parecida com escárnio.

— Raramente um indivíduo de sangue mortal é agraciado por Sua Majestade. Ela lhe oferece uma honra impropriedade — uma que Henry não achava que eu merecesse, se seu olhar fosse algum indicador. — Faria bem em se lembrar disso e mostrar gratidão adequada.

Puxa... Minha interrupção deve ter mesmo ferido o ego dele. Eu sentia como se tivesse sido chamada para frente da sala e levado uma bronca da professora diante de toda a turma. Meu rosto estava quente, e eu tentava me concentrar somente no príncipe para não perceber quantas pessoas estavam assistindo. Eu podia apostar que, no fim das contas, papai desejou ter me deixado em casa.

O príncipe se voltou para meu pai.

— Já passou da hora de você levar sua filha para receber a bênção da rainha. Ninguém haveria de querer alimentar a impressão de que há desentendimentos entre sua família e a rainha depois das ações desafortunadas de sua irmã.

Ele se referia à minha tia Grace, que inventou um plano de usar meus poderes para ajudá-la a usurpar o trono seelie, mas eu não entendia como uma coisa estava relacionada à outra. Grace estava morta, e nem eu nem papai tínhamos conspirado com ela.

Meu pai inclinou a cabeça respeitosamente. Se estava irritado com minha reação ou com a reprimenda pública de Henry, ele escondeu bem.

— Bem, claro que estamos muito honrados com o convite. Todavia, a rainha Mab demonstrou hospitalidade muito menor, e temo que não seja seguro para a minha filha ir até Faerie.

Mordi a língua, esperando não parecer tão indignada quanto me sentia. Eu sabia que Mab também me queria morta, mas pensei que as intenções mortíferas de Titânia fossem a questão mais relevante no momento.

O príncipe Henry fez uma careta que, imaginei, deveria expressar preocupação polida.

— Claro, Sua Majestade jamais sonharia em colocar sua filha em perigo — ele sorriu, elevando um pouco a voz para que todos o ouvissem.

— Vocês viajarão comigo até o Palácio Sunne como meus convidados de honra. Fique tranquilo, pois ninguém da corte de Mab ousaria causar qualquer transtorno ao meu séquito. Vocês estarão a salvo. Partiremos em três dias. Agora, se me derem licença...

Ele não esperou pela resposta, simplesmente nos deu as costas e se aproximou de um dos tipos da alta sociedade que estava ouvindo tudo.

Então, os Cavaleiros do príncipe se colocaram entre nós e ele, só para o caso de não termos entendido a dispensa.

Teria sido muito bom se papai e eu pudéssemos escapar do jantar — já que o príncipe Henry o arruinara completamente para nós. Infelizmente, meu pai não permitiria que uma coisinha insignificante como uma intimação da rainha seelie interferisse em sua campanha política, por isso prosseguiu como se nada tivesse acontecido. Eu, por outro lado, estava irritadíssima.

Manter uma conversa educada com políticos cretinos convencidos ficou ainda mais difícil, e digamos que não consegui fazer muitas amizades. Eu me antecipei acreditando que papai fosse me atormentar por conta disso, mas ele pareceu compreender.

A pior parte foi que não pudemos conversar sobre o que fazer até nos afastarmos dos olhares públicos. Eu não tinha ilusão alguma de que seria fácil recusar o convite da rainha e não ficaria totalmente surpresa se o príncipe me raptasse caso eu não fosse por vontade própria. Ele não seria o primeiro a tentar.

O jantar em si foi pura tortura, como esperado. Tenho certeza de que a comida estava muito boa, mas eu estava ansiosa demais para ter apetite. E os discursos! Francamente, não sei como as pessoas conseguiram permanecer acordadas.

Só depois da meia-noite foi que conseguimos ir embora. Mesmo então, não falamos muito. No começo porque ainda havia muitas pessoas por perto. Avalon não tinha uma vida noturna muito agitada, mas algumas partes da cidade eram mais vivas que outras, e a mansão do cônsul era um desses lugares mais frequentados.

Uma vez que eu tinha inimigos poderosos, eu não morava propriamente na cidade com meu pai. Em vez disso, eu vivia em uma casa segura escondida no interior da montanha na qual Avalon tinha sido erguida. Há um vasto sistema de túneis debaixo da cidade, alguns povoados, outros, não. Minha casa segura definitivamente estava na parte despovoadada, ainda que meu pai tenha providenciado conveniências modernas para mim, como eletricidade, água encanada e internet.

Eu tinha uma relação de amor e ódio com a casa segura. Se, por um lado, eu me sentia a salvo nela — algo muito bom quando há pessoas querendo matar você constantemente — ; por outro, eu me sentia terrivelmente isolada e ansiava por uma casa normal, uma com janelas, através das quais eu pudesse olhar para fora, ou um mercadinho convencional bem na virada

da esquina.

Não importava em que local de Avalon estivéssemos — voltar para a casa segura era sempre uma caminhada. Cansativa na melhor das ocasiões, muito pior quando se está usando saltos que matam os pés. Meu pai ignorava o elefante branco no meio da sala...

Esperei um pouco para ver se ele diria alguma coisa, mas até onde eu sabia, ele parecia perdido em pensamentos. Quando passamos para a área menos povoada do sistema de túneis e papai ligou a lanterna que carregava, tirei os sapatos com um suspiro de alívio. O chão do túnel estava frio e empoeirado, mas eu não me importava contanto que não tivesse mais de usar os saltos.

— Ok, pai — eu disse — , chegou a hora de você me dizer o que vamos fazer com esse convite.

Papai balançou a cabeça, com os cantos dos lábios rijos de descontentamento.

— Não há muito o que possamos fazer a respeito. Estou certo de que entendeu que, mais do que um convite, aquilo foi uma intimação.

— E daí? Não sou membro da corte seelie — apesar da suposição geral de que, por meu pai ser seelie, eu também era.

— E você é cidadão de Avalon — eu o lembrei, embora não esperasse que isso surtisse muito efeito. Meu pai era seelie até os ossos, e isso não mudaria não importando o quanto ele vivesse em Avalon.

— Você não correrá perigo — papai replicou, ignorando meu comentário por completo. — Se aparecer na corte atendendo a uma intimação da rainha, você estará protegida pelas leis de cortesia. Não importaria mesmo se você fosse a pior inimiga dela; ela garantiria sua segurança até que retornasse a Avalon.

— Espere um instante — eu disse, parando no meio do caminho porque não gostei nada do que ouvi. — Não está seriamente considerando ir para lá, está?

Papai me fitou inflexível.

— Nós vamos — ele disse, sem nem tentar disfarçar que eu não tinha nenhum poder decisório naquela questão. — Se Titânia escolheu honrá-la com uma apresentação na corte, você deve ir.

— Mas ela quer me matar! — ela deixou isso bem claro quando enviou um par de

Cavaleiros atrás de mim em Avalon. Para se certificar de que a mensagem seria bem compreendida, os Cavaleiros surraram meti guarda-costas, Finn, até quase matá-lo e ele não pôde se defender porque eles ameaçaram me matar caso ele tentasse. Eles o prenderam no chão cravando uma adaga em seu ombro e avisaram que eu seria a próxima se não partisse de Avalon definitivamente. A adaga tinha uma rosa branca — o símbolo da Corte Seelie — entalhada no cabo.

— Já não tenho mais certeza disso — papai disse.

Balancei a cabeça.

— Aqueles Cavaleiros deixaram a adaga para trás por um motivo — argumentei. — Acho que a mensagem foi bem clara.

— Sim, mas não há garantias de que ela tenha sido enviada por Titânia. Por certo, essa era a intenção, mas não significava que fosse verdade.

Nada daquilo estava fazendo muito sentido para mim.

— Deixe-me ver se estou entendendo: até poucas horas atrás, você estava completamente convencido de que Titânia queria me ver morta, e agora algumas palavras do príncipe Henry o convenceram de que tudo não passou de um mal-entendido?

— Se estou convencido? Não. Mas estou disposto a pensar nessa possibilidade. E mesmo que ela estivesse por trás do ataque, a convocação sugere que ela mudou de ideia.

— E você está disposto a arriscar minha vida baseado no desejo de acreditar nisso — meu pai era tão protetor que eu vivia em um subterrâneo com um guarda-costas. Não fazia sentido algum que, do nada, ele estivesse de acordo com a minha ida a Faerie.

Papai pousou as mãos nos meus ombros, concentrando seu olhar azul intenso em mim.

— Vejo que você não está entendendo a situação, Dana. Nós não temos escolha. Henry insinuou que nós estávamos envolvidos no esquema de Grace e que tem ordens para nos prender caso recusemos o convite.

Pisquei surpresa.

— Onde eu estava quando isso aconteceu? — perguntei mesmo não tendo saído do lado dele durante a noite inteira.

— Ninguém haveria de querer alimentar a impressão de que há desentendimentos entre sua família e a rainha depois das ações desafortunadas de sua irmã — papai recitou em uma

imitação do tom pomposo da fala de Henry.

Balancei a cabeça.

— E isso significou que ele ameaçava nos prender?

— Ele se esforçou bastante para trazer o assunto à tona, certificando-se de nos lembrar que ela era parte de nossa família. Pode não ter sido uma ameaça escancarada, mas ele sabia que eu entenderia exatamente o que ele queria dizer.

Algo me dizia que os feéricos não tinham problema nenhum com castigos “cruéis e incomparáveis”, e eu não tinha desejo nenhum de acabar presa em Faerie.

— Mas ele não poderia nos prender de fato, poderia? Ele não tem autoridade em Avalon.

— Autoridade, não. Contudo, tem influência mais do que o suficiente.

Se ele pedisse uma extradição, duvido que o Conselho teria bases para refutar o pedido — ele sorriu com gentileza para mim. — Não são só os feéricos que se sentem ameaçados por você.

Esse era um lembrete que eu dispensava.

— Agora entenda que temos de aceitar — papai disse. — Nossas opções são ir como convidados de honra ou como prisioneiros maltratados.

Prefiro a primeira opção, e você?

— Ainda acho que é uma péssima ideia — eu disse, com muito menos convicção do que antes.

— Levarei isso em consideração — ele respondeu, e me incitou a continuar andando.

Mal dormi naquela noite, minha mente continuava procurando maneiras de convencer papai a enxergar as coisas pelo meu ponto de vista — sem que acabássemos levados acorrentados para Faerie. Havia uma parte minha que queria ir para lá, para ver o mundo que nenhum outro humano jamais poderia ver. Essa parte dizia que papai talvez estivesse certo e que uma viagem ao coração da Corte Seelie talvez fosse completamente segura e fizesse com que meus inimigos largassem do meu pé. Viver com minha mãe e seu alcoolismo, porém, conferiu-me uma bela dose de realismo — ou pessimismo, dependendo do ponto de vista — e eu tinha poucas esperanças de que aquilo terminasse bem.

Por fim, acabei adormecendo em uma hora indecente e fui acordada na manhã seguinte pelo toque do telefone. Pouco mais do que consciente, alcancei o aparelho e apertei alguns

botões até chegar ao certo.

— Alô? — eu disse em minha adorável voz rouca que dizia que ainda era cedo demais.

— Fiquei sabendo da novidade! — Kimber disse em uma voz que faltava pouco para ser um guincho.

Kimber é a minha melhor amiga, na verdade a mais próxima que tive em toda a vida. Enquanto eu crescia, minha mãe nos mantinha em movimento constante por diversos lugares porque não queria que meu pai nos encontrasse (não que ele pudesse ir para o mundo mortal, mas se soubesse da minha existência, não duvido que ele tivesse mandado humanos atrás de nós). As mudanças constantes me impediram de criar laços de amizade verdadeiros, mas quando se acrescenta a isso o alcoolismo da minha mãe e meu desespero em escondê-lo, o resultado é uma solitária devotada. De diversas maneiras, Kimber foi a melhor coisa que me aconteceu desde que cheguei a Avalon. Ethan, seu irmão mais velho, e meu... digamos... namorado, poderia se opor a isso, mas meu relacionamento com ele era muito mais complicado.

— Novidade? — bocejei e desejei ter acesso a café intravenoso. Um relance para o relógio me disse que nem era tão cedo assim, mas estive profundamente adormecida e meu corpo queria voltar a dormir.

— Você vai ser apresentada à corte!

Essa lembrança me despertou de pronto. Pena que eu não pudesse ter alguns minutos de amnésia induzida pelo sono antes de pensar em ir para Faerie.

— Por que está tão animada com isso? — perguntei. Ela parecia prestes a sair pulando e batendo palmas de felicidade.

Kimber hesitou, como se não tivesse antecipado minha reação lúgubre.

— Hum... Bem... É uma grande honra. Você vai para Faerie, vai conhecer a rainha e será uma convidada do palácio.

Acho que poderia mesmo parecer excitante, se fosse desconsiderada a parte em que potencialmente acabaria morta no processo — ou a parte em que poderia ser presa e acusada de alguma coisa se não atendesse ao convite. Acho que Kimber não devia saber disso e não vi motivos para acabar com a alegria dela contando a triste verdade.

— Mas a melhor parte — Kimber continuou entusiasmada — é que você vai poder usar um traje de corte!

Reprimi um gemido. Kimber é incrivelmente feminina no que se refere a roupas. Ela adora se vestir bem, e quanto mais cheio de frufus o vestido, mais ela gosta. Eu, por outro lado, sou do tipo de garota que prefere jeans e blusa de moletom.

— Não sei o que é um traje de corte — eu disse — , mas se você está tão animada com isso, aposto que vou odiai Ela deixou um suspiro pesado escapar.

— Você ficará maravilhosa! Mas se vai partir em dois dias, precisamos levá-la para a modista agora!

— Modista? — isso parecia ainda pior do que eu imaginava.

— Claro, boba. Você não pode usar nada prêt-à-porter para ser apresentada à corte. Como se isso fosse possível... Seu pai já marcou hora?

— Como vou saber? Eu nem sabia que ia precisar de um vestido chique para essa coisa. — instantaneamente me arrependi da minha réplica afiada. — Desculpe. Eu não estou muito entusiasmada com essa ideia, mas não posso descontar em você.

— Tudo bem — Kimber me garantiu. — Ninguém vai ousar atacá-la enquanto for convidada da rainha. Eles levam muito a sério essas questões de etiqueta em Faerie. Você estará perfeitamente segura.

— É o que o meu pai diz. Eu só estou com uma sensação muito ruim a esse respeito.

— Você sempre tem sensação ruim sobre alguma coisa, já deveria estar acostumada a esta altura.

— Rá. Rá. Rá. Que engraçado...

— Ora, ora, alguém levantou pelo lado errado da cama hoje...

Bufei.

— Não. Alguém nem chegou a acordar ainda. E outro alguém deveria pensar duas vezes antes de ligar praticamente de madrugada.

Kimber riu.

— Não acho que dez da manhã seja considerado madrugada. Além disso, você tem de se mexer. Tem muito a fazer antes de partir. Agora saia dessa cama e veja com seu pai se ele já marcou hora para você.

— Deixe-me adivinhar, você quer ir comigo?

— Bem, você vai precisar de alguém com um mínimo de noção de moda para ajudá-la.

— Acho que acabei de ser insultada — eu disse, embora a brincadeira dela tivesse me provocado um sorriso. — Primeiro preciso de cafeína no meu organismo.

— Ligue para mim quando souber quando e onde. Isso vai ser tão divertido!

Suspeitei que, naquela situação, as noções de Kimber e as minhas no que se referia a diversão não eram bem as mesmas.

Foi só quando me encontrei com Kimber diante da loja da modista — com Finn atrás de mim, porque eu não tinha permissão para ir a parte alguma sem um guarda-costas pendurado no ombro — que percebi o problema potencial. Veja bem, havia uma marca no meu ombro... Um cervo azul estilizado que parecia uma tatuagem, mas que não era. Era a marca do Erlking, e ele me enganou fazendo com que eu disparasse o feitiço que a colocou em mim. A marca permitia que o Erlking me localizasse onde quer que eu estivesse, como aqueles microchips que se colocam nos cachorros...

Não contei isso para ninguém — nem mesmo para Ethan — , e a última coisa que eu queria era que Kimber visse a marca enquanto eu estivesse experimentando as roupas. Mordisquei o lábio me preocupando com isso ao entrar na loja. Finn me acompanhava logo atrás. Deixei de contar muitas coisas para Kimber sobre meus encontros com o Erlking. Na verdade, cheguei a mentir sobre algumas delas. Eu era a pior melhor amiga que existia. Por mais culpada que eu me sentisse quanto a isso, eu ainda não estava pronta para contar a verdade.

A loja da modista não se parecia com nada que eu já tivesse visto. A parte da frente mais parecia uma sala de estar confortável com poltronas fofas de veludo e uma mesinha auxiliar com xícaras, um bule elétrico e cerca de 12 milhões de diferentes tipos de chá. Havia uma pilha de revistas na outra mesinha, mas, de resto, o cômodo estava vazio, em nada se parecendo com uma loja.

— Nos tempos antigos — Kimber me disse — era aqui que os cavalheiros esperavam pelas damas. Ela olhou atrevida para Finn. — Você é um cavalheiro?

Finn era um cara bem legal, mesmo que não fosse de conversar muito, mas era uma pessoa completamente diferente quando estava no “modo” guarda-costas. Ele vestia ternos escuros que o faziam parecer James Bond e, mesmo quando chovia, usava óculos de sol como os dos Homens de Preto.

E, raramente, se é que já fez isso alguma vez, sorna.

— Vou esperar aqui enquanto vocês conversam com a modista — ele disse, sério, mesmo sabendo que Kimber estava caçoando dele. — Mas primeiro tenho de verificar os fundos antes que saiam das minhas vistas.

Bem nessa hora a modista apareceu de uma passagem coberta por uma cortina de veludo nos fundos da loja. Ela era uma feérica linda de parar o trânsito e usava um vestido azul-claro de seda e saltos de matar. Tanto o vestido quanto os sapatos pareciam ser de alta costura, até para alguém como eu, que geralmente não conheceria alta costura mesmo que estivesse diante do meu nariz.

— Boa tarde — ela disse em um sotaque francês supostamente falso.

— Sou Madame Françoise.

Pisquei para ela como uma boba por um segundo. Seria impossível que existisse uma feérica francesa. Sem falar que eu, muito provavelmente, conseguiria imitar o sotaque francês muito melhor do que “Madame Françoise”.

— Bonjour, Madame — Kimber respondeu por mim. Depois, disparou a falar rapidamente em algo muito parecido com francês.

Meu idioma estrangeiro é o espanhol, por isso eu não fazia a mínima ideia do que ela estava falando.

Madame Françoise riu com leveza e respondeu a alguma coisa com seu sotaque ainda mais artificial.

— Esnobe — murmurei para Kimber, que piscou para mim.

— Se não se importar — Finn interrompeu antes que tivéssemos de nos sujeitar a mais francês — , preciso verificar o resto da loja antes de permitir que as jovens prossigam.

— Sim, claro — Madame Françoise disse com jovialidade, segurando a cortina e convidando-o com um gesto fluido do braço a entrar. — Eu lhe mostrarei.

Assim que a cortina se fechou, eu me virei para Kimber.

— Se o nome dela é mesmo Madame Françoise, então eu sou Jack, o estripador. O que foi isso?

— Esta loja existe há pelo menos 300 anos. Houve uma época em que a alta sociedade acreditava que ter uma modista francesa fosse um símbolo de status. Provavelmente Madame Françoise não foi a única a fingir sotaque francês para atrair a clientela.

Às vezes, os feéricos eram simplesmente esquisitos.

— Sim, mas ninguém pode acreditar de verdade que ela seja francesa.

E, ei, estamos no século XXI! Quem é que vai a modistas? E quem é que se importa se a modista é francesa?

Kimber deu de ombros.

— Pelo que sei, as mulheres inglesas que assumiram nomes franceses também são falsas. Além disso, suponho que, após séculos daquele falso sotaque carregado, isso tenha se tornado um hábito.

Finn e Madame Françoise emergiram da parte de trás do recinto antes que eu pudesse replicar. Finn declarou que a loja era segura, e depois fui levada para os fundos por Kimber e por Madame. Se não fosse pelo vestido moderno dela e pela luz elétrica, eu poderia acreditar que tínhamos sido transportadas de volta no tempo.

Descobri que Madame Françoise era especialista em vestir os feéricos de Avalon que viajavam para Faerie. Ao que tudo indicava, o traje ridículo do príncipe Henry no jantar estava no auge da moda em Faerie, e não havia nenhum outro lugar na cidade em que se poderia comprar roupas adequadas.

Madame me acomodou em uma mesa com Kimber e despejou alguns livros pesados diante de nós.

— Estes são os livros-padrões — Madame informou, abrindo o primeiro para mostrar uma mulher em um vestido que parecia vitoriano, com uma cauda longa e um chapéu do tamanho da modelo. Madame virou a página, mostrando Outros dois desenhos, ambos com vestidos igualmente elaborados.

— Olhem tudo. Depois digam à Madame o que gostam.

Kimber puxou o livro para si e começou a folheá-lo, nem um pouco perturbada com a ideia de que eu vestiria um daqueles vestidos ridículos.

Madame sorriu em aprovação, de pois se afastou, dando-nos tempo para escolher sem ficar espiando sobre nossos ombros.

— Você só pode estar brincando — eu disse, mantendo a voz baixa para que Madame não me ouvisse. — Não vou usar um maldito vestido de noiva!

— Gosto deste — Kimber disse, apontando para uma monstruosidade cheia de frufus —

e não precisa ser branco como um vestido de noiva.

Ninguém usa branco na corte, a menos que faça parte da realeza.

— Pouco me importo com a cor — respondi entredentes.

Kimber deu de ombros.

— Trajes de corte são assim — ela virou mais algumas páginas. — Que tal este? — ela apontou para um que, finalmente, não tinha nem penas nem babados, mas era tão ornamentado quanto os outros, com mangas curtas bufantes, toneladas de renda e, mais uma vez, uma cauda imensa.

— Vai parecer que estou tentando conseguir um papel para Os Tudors — resmunguei. — E não me diga que terei de usar espartilho, porque todos esses vestidos bem que parecem ter espartilhos por baixo.

Kimber emitiu uma bufada de irritação.

— Você jamais conseguiria um papel nos Tudors com isto — este aqui é um estilo mais Regência ou Vitoriano. E isso aconteceu depois dos Tudors, caso não saiba...

Fitei-a brava. Kimber era um prodígio intelectual — só tinha 17 anos, mas começaria o segundo ano da faculdade no outono. A especialidade dela era Matemática e Ciências, mas acho que também prestou atenção às aulas de História.

— Acho que este seria perfeito para você contanto que escolhamos as cores certas — ela continuou, ignorando o meu olhar.

Olhei atentamente para o desenho.

— Tem um maldito laço nas costas... — eu conseguia visualizar Kimber usando um vestido daqueles e parecendo maravilhosa. Eu...

pareceria uma boba.

— Podemos pedir a Madame que tire o laço — Kimber disse.

— E também tenho certeza de que ela pode alterar o modelo para que não tenha de usar um espartilho.

Suspirei, sabendo que estava enfrentando uma batalha perdida.

— E quanto à cauda? Podemos dispensá-la também? Kimber balançou a cabeça.

— Não. Ela é obrigatória — surgiu uma centelha repentina em seu olhar. — Na verdade, você vai precisar de ajuda com essa cauda. Tenho certeza de que a rainha não se importaria em oferecer uma de suas damas de companhia, mas talvez você prefira levar uma com você. Digamos... Eu!

Senti uma compressão suspeita no peito ao olhar para a expressão animada da minha melhor amiga. A ideia de ter uma amiga comigo nessa viagem para Faerie tornava a perspectiva menos assustadora. Tudo o que eu queria era levar Kimber, mas...

— Não me importo com o que os outros dizem — eu respondi. — A meu ver, essa viagem será perigosa, e não quero mais ninguém arrastado nela comigo. — Claro que eu sabia que Kimber não desistiria.

— Se vai ser perigosa, então é mais um motivo para ter amigos ao seu lado. Não que o séquito do príncipe não seja superprotegido, mas o foco principal deles será proteger o príncipe — ela passou o braço sobre meus ombros. — Você precisa de alguém cujo foco seja proteger você.

— Meu pai vai comigo — eu a lembrei. Tive esperanças de estar mostrando minha melhor cara de blefe, porque Kimber não seria grande coisa como guarda-costas. Ela basicamente não prestava para magia, que é a arma principal de qualquer feérico. Eu a vi matar um spriggan com uma adaga, portanto não era totalmente incapaz de se defender, mas certamente eu não a arrastaria para Faerie como um tipo de proteção pessoal.

Kimber assentiu.

— Seu pai é provavelmente Finn também. Mas ter uns dois extras não vai fazer mal a ninguém.

Estreitei meu olhar.

— Dois extras?

— Bem, se eu for, sabe que Ethan também vai querer ir. E Ethan normalmente consegue o que quer.

Havia uma pontada de inveja na voz de Kimber. Ela amava o irmão, mas a rivalidade fraterna era bem séria no caso deles. Ethan é um garoto prodígio na magia, e magia triunfa sobre inteligência na hierarquia feérica, por isso Kimber sempre se sentiu em segundo plano.

Eu não sabia como me sentia por Ethan nos acompanhar. Sim, ele meio que era meu namorado, mas nosso relacionamento era tão complicado...

Bem, Ethan foi capturado pelos Caçadores Bárbaros, e eu coloquei na cabeça que deveria salvá-lo. Acabei fazendo um pacto com o diabo ao concordar com os termos do Erlking e agora tinha de conviver com isso.

O Erlking ofereceu a liberdade de Ethan se eu promettesse lhe entregar minha virgindade.

Eu sabia, no instante em que o Erlking fez a oferta, que havia mais por trás disso do que o simples desejo de me levar para a cama. Contudo, fazer essa promessa — reforçada por magia — foi a única maneira que eu tive para salvar Ethan; e o Erlking me deixaria escolher quando cumpri-la. Como bônus, ele também libertaria Connor, meu irmão, se e quando eu cumprisse minha parte. Mais tarde, descobri que o Erlking queria minha virgindade porque tinha a habilidade secreta de roubar os poderes de uma virgem. Se um dia eu me deitasse com ele, ele roubaria meus poderes de faeriewalker e partiria para o mundo mortal em uma matança desenfreada. Obviamente, eu não poderia permitir que isso acontecesse, o que significava que eu não poderia entregar minha virgindade para ele. No entanto, se eu dormisse com qualquer outra pessoa, Ethan voltaria a ficar preso ao bando dos Caçadores Bárbaros.

Portanto, estou fadada a morrer virgem, e não importa o quanto Ethan afirme que não se preocupa se eu nunca me entregar, tenho dificuldades em acreditar nele. Não consegui resistir e recusar quando ele me pediu para sair, e eu o queria tanto que chegava a doer. Mas eu sempre, no fundo da minha mente, procurava por sinais de que ele estivesse ficando cansado da situação. O que não resulta em uma relação muito confortável.

Franzi o cenho ao pensar em levar Ethan e Kimber para Faerie.

— E vocês podem ir comigo para a Corte Seelie? — Ethan e Kimber são unseelie, e os dois tipos não se misturam muito bem.

— Não vejo por que não — ela respondeu. — Nossas cortes não estão em guerra. Podemos não ser recebidos com o mesmo entusiasmo com que você será, mas não estamos proibidos de trafegar pelo território seelie.

Esse argumento estava descartado, então.

— E quanto ao seu pai? Ele deixaria vocês correrem perigo?

Kimber estampou um sorriso baço.

— Pela oportunidade de ajudar você? Em um piscar de olhos.

Desviei o olhar, odiando o lembrete de que tanto o meu pai quanto o de Kimber e Ethan, Alistair, consideravam-me um peão no xadrez político deles. Alistair faria tudo o que estivesse

a seu alcance para encorajar meu relacionamento com os filhos dele e, se eles pudessem conquistar minha gratidão me ajudando, isso seria ainda melhor em sua opinião. Acredito que ele tenha esperanças de que, se eu tiver gratidão pelos filhos deles, eu o apoie para que ele seja Cônsul.

Kimber suspirou.

— Desculpe. O que eu disse não soou muito bem. Ele não nos obrigaria a ir com você se não quiséssemos. E lembre-se: em teoria, pelo menos, não há motivos para que você e aqueles que a acompanham corram perigo nessa viagem.

Eu bem que queria acreditar nisso.

— Está bem. Caso vocês consigam convencer seu pai e o meu, podem me acompanhar se quiserem.

— Puxa, obrigada — Kimber disse cheia de graça. — Seu entusiasmo é contagiante.

Abri a boca para protestar que não se tratava de falta de entusiasmo, mas de medo pela segurança deles, mas Kimber não deu chance.

— Bem, agora vamos mostrar para a Madame o vestido que você escolheu para começarmos a escolher os tecidos.

Eu poderia ter argumentado que não escolhi nada, mas Kimber já estava acenando para a Madame.

No fim, fiquei três horas na loja da modista. Eu não sentiria saudades de rolos de tecido tão cedo. Kimber, claro, amou cada segundo daquilo. Bem que tentei manter o vestido o mais simples possível, mas Kimber nem quis ouvir falar nisso e Madame concordou com ela. Duas contra uma não foi nada justo!

O corpete seria de seda branca com bordado dourado, e teria uma cauda de tafetá vermelha com mais de um quilômetro de comprimento. A cauda também era decorada com bordados dourados. Eu me recusei categoricamente a aceitar o laço dourado que elas queriam colocar na parte de trás.

O vestido era excessivamente feminino e já tinha frufus demais.

As duas finalmente aceitaram, mas aposto como havia 50% de chance de que, quando o vestido estivesse pronto, houvesse um laço dourado berrante no fim das contas.

Houve um momento de desconforto quando Madame quis me despir para tirar medidas

precisas. Para não ter de revelar a marca do Erlking, fingi ser excessivamente recatada, gaguejando a ponto de ficar patética. Madame se apiedou de mim e concordou que as medidas estariam bem próximas mesmo que eu continuasse vestida enquanto ela media.

Eu não conseguia imaginar como Madame poderia criar um vestido tão ornamentado em pouquíssimo tempo, mas ela não pareceu nem um pouco preocupada, por isso suspeitei que haveria montanhas de magia envolvidas no processo. Tampouco eu queria imaginar quanto o vestido custara. Quando eu vivia com minha mãe, sempre tivemos de contar os centavos, porque alcoólatras não são muito bons em conseguir empregos decentes e mantê-los. Mas meu pai era rico, e ele combinou com Madame para que ela colocasse tudo em sua conta, sem limite de gastos. Pena que o vestido não fosse para Kimber — ela o apreciaria muito mais do que eu.

Kimber quis fazer compras em seguida, dizendo que eu precisaria de um guarda-roupa mais refinado para ir a Faerie. Somente durante a apresentação na corte — a cerimônia na qual eu seria formalmente apresentada à rainha — eu teria de me vestir como uma nativa, mas Kimber tinha convicção de que eu precisaria de um guarda-roupa completamente novo, só porque qualquer garota no meu lugar gostaria de ter, não é mesmo?

Fui salva da provação de ser atormentada pela minha consultora pessoal de moda quando meu celular tocou. Infelizmente, uma provação ainda maior me aguardava: minha mãe tinha acabado de descobrir que eu iria para Faerie.

Quando minha mãe teve de vir para Avalon à minha procura, meu pai a ludibriou para que concedesse minha guarda a ele (ludibriou porque ela estava embriagada demais para prestar atenção aos papéis que assinava.

Sim, ela é o protótipo de responsabilidade materna...).

Além de perder minha guarda, ela também foi considerada legalmente incompetente, o que significava que meu pai usou sua influência ou seu dinheiro para manipular os tribunais de Avalon a concederem o que ele queria. Ou seja, minha mãe também estava sob sua custódia. Para me deixar contente, papai prometeu que, enquanto ela estivesse nessa condição -

morando no que mais parecia uma prisão domiciliar — , garantiria que ela não teria acesso a nenhuma bebida alcoólica. As semanas em que estive em Avalon foram, de longe, o maior período de sobriedade de mamãe do qual eu conseguia me lembrar.

O telefonema que recebi foi do meu pai. Ele tinha dado para minha mãe a notícia de que partiríamos para Faerie dali a dois dias, e ela enlouqueceu. Havia uma pontada de desespero na voz dele quando me pediu para eu ir até lá conversar com ela. Diferente de mim, ele não tinha dezesseis anos de experiência em lidar com seus ataques de histeria, e eu logo entendi que ele não sabia o que fazer.

Estranho que eu tivesse conseguido me mudar para Avalon, descoberto que sou uma faeriewalker, ter pessoas querendo me matar e, ainda assim, algumas partes da minha vida permanecessem da mesma forma. Tive esperanças de que, uma vez que parasse de beber, mamãe deixasse de ser tão dramática, mas obviamente aquilo seria pedir demais.

Também me ocorreu, enquanto Finn e eu nos apressávamos pelas ruas de Avalon até a casa do meu pai, que quando ele e eu saíssemos de Avalon, a prisão domiciliar dela chegaria ao fim.

Pensar nisso provocou um nó no meu estômago. Sem prisão domiciliar não havia como impedi-la de beber. Sem empecilhos para que ela bebesse, quando voltássemos de Faerie (considerando-se, claro, que eu voltasse viva), Mamãe, a Bêbada, estaria à minha espera.

Houve uma época em que eu acreditava que se ficasse sóbria por algum tempo, mamãe recobriria o juízo e decidiria se afastar da bebida para sempre. Papai tentou me explicar que

não poderíamos curar o alcoolismo dela à força, mas eu não quis acreditar nele, O fato de ela ainda não admitir que fosse dependente só evidenciou ainda mais o ponto de vista do meu pai.

Minha cabeça não estava muito no lugar quando chegamos à casa de papai, e minha vontade de conversar com mamãe era a mesma que eu sentia de enfiar a cabeça dentro da privada... Eu já tinha decidido dizer a ele que cuidasse do problema sozinho, mas quando ele abriu a porta e eu vi seu olhar vidrado, engoli minhas palavras. Eu não gostava daquilo, mas era muito melhor preparada para lidar com mamãe do que ele.

— Ela está no quarto — ele disse ao me conduzir pela escada em espiral que partia da garagem para o primeiro andar, onde ficavam a sala de estar, a de jantar e a cozinha.

Assim que entrei na sala, senti o aroma indefectível de chá, apesar de não ver nenhuma xícara. Só depois vi a mancha escura na parede ao lado da TV de plasma.

— Deixe-me adivinhar — eu disse em um suspiro. — Ela jogou o chá em você?

Papai cruzou os braços e assentiu.

— Nunca a vi assim.

Ele estava completamente perdido, e se eu não estivesse no meio daquela história, eu até acharia engraçado.

— Eu já — resmunguei. Olhei de papai para Finn. — Vocês fiquem aqui embaixo não importando o que aconteça, ok? Ela não vai jogar nada perigoso em mim, mas com vocês é outra história.

Finn me lançou um olhar de piedade que eu ficaria grata em não receber, mas acho que papai só estava agradecido por não ter de enfrentar mamãe de novo em um futuro próximo. Com um suspiro resignado, fui até a porta que dava para as escadas e subi para o terceiro andar.

A porta do quarto dela estava fechada, e eu me preparei para a batalha antes de bater.

— Mãe? Posso entrar? — perguntei.

A porta se abriu antes que eu terminasse de falar e, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, os braços dela me envolveram de um modo que mal me permitia respirar.

— Dana — ela disse e começou a soluçar, segurando-me e balançando-me como se tivesse acabado de descobrir que estou com uma doença terminal.

Deixei que ela me abraçasse até não aguentar mais, depois me desvencilhei do abraço.

Ela estava horrível, com os olhos inchados, o nariz vermelho, o cabelo desgrenhado. Mas pelo menos estava sóbria, pensei. Por enquanto.

Entrei no quarto sem esperar ser convidada e me sentei na cama.

Fungando, ela pegou um lenço e enxugou os olhos.

— Não vou deixar que ele a leve — ela disse. A voz estava rouca, talvez por causa do choro ou por ter gritado com meu pai antes.

Ela não tinha poder para detê-lo e nós duas sabíamos disso.

— Estou certa de que papai lhe contou o que acontecerá se não formos.

Ela dispensou minhas palavras com um gesto.

— Alguma tolice a respeito de sua tia Grace. Não acredito nisso nem por um segundo. Ele só está usando essa história para assustá-la e para que concorde em fazer o que ele quer.

Meu pai era um grande manipulador, mas nunca foi sorrateiro, pelo menos nunca havia sido comigo. Eu não tinha certeza de que Henry me prenderia e arrastaria para Faerie caso eu recusasse a “honra” do convite da rainha, mas estava certa de que papai acreditava nisso.

— Eu quero ir — disse a ela. O que era uma absoluta mentira, mas eu seria capaz de mentir se isso fizesse com que mamãe se acalmasse. Ela obviamente passou por todo o repertório de histeria com meu pai, e se eu conseguisse pular o replay, tudo bem.

Ela balançou a cabeça.

— É perigoso demais.

— Não se eu for como convidada da rainha. Estarei bem.

Eu sentia raiva da minha mãe pelo tempo que conseguia me lembrar.

Raiva das bebedeiras, de sua negligência, da forma como tive de agir como a adulta da família desde que eu tinha cerca de 4 anos. Até fugir de casa, eu era muito boa em esconder a raiva, afundando-a dentro de mim tão profundamente só para conseguir fazer o que tinha de ser feito para cuidar dela e da casa.

Eu tinha perdido a prática de controlar a raiva, por isso cerrei os dentes para não dizer o quanto era absurdo que eu a estivesse confortando naquelas circunstâncias.

— Dana, querida — mamãe recomeçou, mas ela não parecia saber para onde seguir a partir dali. Pelo menos já não estava mais lançando coisas.

Ela veio se sentar ao meu lado de cabeça baixa e ombros tensos.

— Não consigo suportar a ideia de você ir para um lugar onde não posso protegê-la.

Foi necessário cerrar os dentes um pouco mais. Desde quando ela me protegia? Não que ela não fosse capaz de me proteger como uma mãe urso feroz se eu estivesse correndo perigo e ela estivesse sóbria o bastante para perceber. A vontade estava ali, e eu sabia que ela me amava. Mas ter vontade de me proteger e ser capaz de me proteger eram duas coisas completamente diferentes.

— Nem aqui você consegue me proteger — eu disse tentando manter a voz suave. — Não contra o tipo de inimigos que eu tenho.

Desde que parou de beber, ela passou a se remexer, movendo-se constantemente, como um beija-flor movido a cafeína. Quanto mais aborrecida ela estivesse, mais se remexia, e naquele instante ela estava em seu maior caso de remexer. Respirei fundo tentando me lembrar de que não devia ser fácil para ela. Mamãe tentou ao máximo me manter afastada do meu pai e de Avalon porque, precisamente, queria me manter a salvo das intrigas políticas. Ela podia não ser candidata ao título de mãe do ano quando bebia, mas eu sabia que ela me amava.

Houve uma época em que eu acreditava que se ela parasse de beber, ela se tornaria uma mãe mais normal, que cuidaria de mim e me protegeria *etc etc* Mas todas as evidências sugeriam que ela era bem carente sem a bebida

— Quero que me prometa uma coisa — eu disse.

— Claro, querida — ela disse depois de um momento de hesitação. — Qualquer coisa.

Refreei o impulso de bufar. Minha mãe não era o máximo em fazer promessas e era ainda pior em mantê-las. Por que, então, eu pedia que ela fizesse uma? Pois era a única coisa que eu conseguia pensar em fazer, a única esperança ínfima que eu tinha: quando eu voltasse de Faerie, ela não tivesse se transformado de novo em seu alter ego embriagado.

— Quero que prometa que não voltará a beber enquanto eu não estiver aqui — eu disse e me preparei para a reação inevitável.

Ela se levantou, agitada demais para continuar parada, e eu vi as barreiras emocionais se

erguendo.

— Dana, o que é isso?

Por que é que ela tinha de se mostrar tão ofendida com o meu pedido?

Eu não me importava o quanto ela estivesse mergulhada em negação, não havia como eu acreditar que ela não soubesse que tinha um problema.

Meus punhos se cerraram sobre o colo, e eu me forcei a relaxá-los, — Não vai demorar muito — eu disse na esperança de que aquilo fosse verdade. — Você fica me dizendo que não é alcoólatra, portanto não deve ser tão difícil para você, não é?

— Não sou alcoólatra! Mas você não pode decidir quando eu posso ou não tomar um drinque. Vou ficar uma pilha de nervos enquanto você estiver fora e se eu não puder nem tomar um drinque aqui e acolá para me acalmar...

Um drinque aqui e acolá para acalmar. Era isso o que ela chamava começar o dia com uísque no café e terminá-lo desmaiada com uma ou três garrafas ao seu lado?

— O que aconteceu com o prometo “qualquer coisa”? — perguntei amarga. — Você só quis dizer qualquer coisa que não importasse de verdade para mim.

Pude ver pelo olhar dela que estava tão magoada quanto brava com minha acusação. Àquela altura, eu não me importava mais. Eu estava bem magoada e brava também.

— Isso não é justo — ela disse, e eu quis gritar.

— Estarei lá arriscando minha vida e é demais pedir que fique sóbria só por um tempo? Isso é maravilhoso, mãe. Muito obrigada. Fico contente em saber que valho tanto assim para você.

Eu estava tão irada que queria bater em alguma coisa. As lágrimas queimavam meus olhos. Por que ela não enxergava o quanto a bebida dela me atingia? Eu podia não ser perfeita nem nada parecido com isso, mas eu me considerava uma filha até que decente. Eu nunca me metia em apuros — pelo menos não até vir para Avalon — e sempre cuidei dela. Muito mais do que deveria, na verdade. Eu tirava boas notas e normalmente conseguia esconder minha raiva.

Ela foi a única constante em minha vida quando esta se resumia a mudar de um lugar para outro a cada ano ou pouco mais. Eu não conseguia fazer amizades duradouras nem tive qualquer outro parente. Minha mãe foi tudo o que consigo me lembrar.

Meu lábio inferior tremeu, e uma lágrima escorreu pelo rosto.

Normalmente luto contra as lágrimas com todas as forças, ainda mais quando não estou sozinha. Naquela hora, deixei que elas escorressem.

Deixei que mamãe visse o quanto eu estava magoada.

O olhar dela suavizou, entristecendo-se. Ela voltou a se sentar ao meu lado e pegou minhas mãos fechadas nas suas.

— Dana, querida, claro que você é importante para mim.

Ela me fez levantar e passou os braços ao meu redor. Eu estava brava demais para retribuir o abraço, mas ela não me soltou.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa — ela disse enquanto eu continuava dura em seu abraço e chorava. — Você deve saber disso.

— Mas não o bastante para que pare de beber — eu disse com a voz abafada pelo ombro dela. — Nunca o bastante para isso.

As mãos dela escorregaram dos meus ombros e ela me afastou um pouco para poder me fitar nos olhos. Eu queria desviar o olhar, mas ela me segurou pelo queixo.

— A minha bebida não tem nada, nada a ver com o quanto eu a amo — ela sorriu e afastou uma mecha do meu cabelo do rosto, como se eu fosse uma garotinha que tivesse ralado o joelho. — Só porque nem sempre faço o que você quer não significa que eu não a ame.

Engoli o nó que se formou na minha garganta.

— Mas não se importa que eu sofra ao vê-la se destruir.

— Não vou me destruir — ela disse como se estivesse falando sério. — Há muitas pessoas no mundo que bebem, querida. É algo... algo que os adultos fazem. Lamento muito que isso a aborreça, mas, por favor, não se preocupe comigo. Eu vou ficar bem.

De que adiantava brigar? Mesmo que eu conseguisse, de algum modo, fazê-la prometer, não havia nada que eu pudesse fazer para que ela mantivesse a promessa. Nada a mandava para uma garrafa mais rápido que o estresse, e ela estaria estressada ao máximo durante todo o tempo em que eu estivesse longe.

Afastei-me dela, sem conseguir mais engolir as desculpas e as declarações vazias.

— Tudo bem — eu disse. — Beba o quanto quiser. Perfure o fígado e desmaie no chão em uma poça do próprio vômito. Veja se me importo!

— Dana! — o rosto dela empalideceu com o choque, mesmo que aquela não fosse a primeira vez desde que chegamos a Avalon que cedi à tentação de deixá-la saber o que eu pensava dela. Eu estava sendo mesquinha, uma peste ingrata, e pouco me importava com isso. Eu estava farta de fingir que tudo estava bem quando não estava, cansada de agradá-la, de forçar meus sentimentos em uma caixinha mental a fim de ser sempre uma filha educada e obediente.

— Vá para casa, mãe — eu disse, afastando-me dela quando ela tentou me abraçar. — Tenho certeza de que papai vai lhe devolver o passaporte antes de partirmos para Faerie. Volte para os Estados Unidos e fique lá. Para início de conversa, havia um motivo para eu fugir; e está claro que nada mudou.

Bati a porta do quarto ao sair antes que ela conseguisse responder. Eu esperava que ela fosse atrás de mim, mas ela não o fez. Talvez minhas palavras a tivessem atingido profundamente, talvez ela precisasse de tempo para se recuperar. Ou, ainda, ela soubesse que eu diria algo ainda pior se ela viesse atrás de mim. Qualquer que fosse o motivo, o fato de ela continuar no quarto sem nem tentar vir atrás de mim só me deixou ainda mais brava.

Tanto meu pai quanto Finn me olharam angustiados quando bati a porta da escadaria e andei até a sala onde esperavam por mim. Não havia como não perceberem o quanto eu estava chateada. Eu podia ter enxugado as lágrimas, mas tenho certeza de que meus olhos e o nariz estavam vermelhos. Acho que não era isso que meu pai tinha em mente quando pediu para que eu fosse até lá.

— Não quero falar sobre isso — declarei antes que qualquer um deles conseguisse dizer alguma coisa.

Se eles fossem humanos, era possível que tivessem tentado falar comigo de qualquer modo. Contudo, a típica reserva feérica me beneficiou.

Finn não era muito de falar, e meu pai parecia perdido e pouco à vontade.

— Quero ir para casa agora — eu disse, olhando para o chão para não ter de encará-los.

Houve um momento de silêncio.

— Ligue para mim se mais tarde resolver que quer falar sobre isso — meu pai disse. — A qualquer hora — seu tom gentil quase me fez voltar a chorar. Poucas semanas antes, ele nem

sabia da minha existência. Agora era o único progenitor que agia como se me amasse.

Só consegui emitir um “obrigada” antes de partir em linha reta para a porta de entrada tão rápido que Finn teve de correr para me alcançar.

O resto da tarde foi uma chatice — fiquei pensando em minha mãe e no que ela faria quando papai a deixasse sair. Vasculhei minha mente tentando descobrir algo que eu poderia ter dito ou feito para que ela resolvesse se manter afastada da bebida, mas eu já tinha provas de que nada do que eu dissesse ou fizesse importaria.

Provavelmente, haveria um milhão de coisas que eu devesse estar fazendo para me preparar para a viagem a Faerie, mas o drama da minha mãe me roubou toda a força de vontade. Em vez de ser produtiva, passei horas em jogos sem sentido na internet, acalmando-me até entrar em um transe de zumbi.

Eu me entretinha com um jogo bem intrincado com dados, cartas e — rá rá — zumbis, quando fui tirada do meu estupor por uma batida na porta da suíte. Pisquei, surpresa, e olhei de relance para o relógio da tela, percebendo que já eram oito da noite. Finn é muito bom em não atrapalhar, sempre me concedendo algo parecido com privacidade na minha suíte. Não recebo muitas batidas à porta, especialmente durante a noite.

Minha pulsação acelerou, e eu temi receber mais más notícias.

— Pode entrar — eu disse, cruzando os dedos.

A porta se abriu não para revelar Finn, mas meu pai. Fiquei surpresa, porque ele costumava ligar antes de vir.

— Alguma coisa errada? — perguntei antes que ele conseguisse dizer alguma coisa.

— Não, não — ele respondeu ao se aproximar e se sentar no sofazinho aconchegante da saleta de estar — Eu só queria ver se você estava bem.

— Eu ainda não quero falar a respeito — avisei, preparando -m para uma discussão.

Em vez disso, papai assentiu.

— Entendido. Não sei o que aconteceu entre você e a sua mãe, mas sei que tive culpa em chamá-la quando sua mãe se mostrou tão alterada. Acho que eu não estava muito equilibrado, e me apoiei em você quando não deveria. Desculpe.

Minha garganta se contraiu de gratidão. Não havia como negar que às vezes meu pai era um cara bem legal.

— Tudo bem — eu disse, sem saber exatamente como responder a desculpas paternas sinceras.

Houve um longo silêncio enquanto nós tentávamos pensar no que dizer em seguida. Esse relacionamento pai-filha era novo para nós dois.

No fim, ele pigarreou e disse: — Pensei que você pudesse ter algumas perguntas sobre Faerie e a logística da nossa viagem ao Palácio Sunne.

Puxa, papai fornecendo informações voluntariamente! Pensei em acusá-lo de ser um impostor, mas não achei que ele fosse entender a piada.

O humor não fazia parte da sua personalidade, e embora eu soubesse bem pouco sobre sua vida, isso não era surpresa alguma. Meu pai devia ter mais de mil anos de idade, e é possível acumular muitos traumas e mágoas em mil anos.

— Se eu começar a perguntar, você vai ficar aqui a noite inteira — avisei.

Ele sorriu para mim.

— Estou bem ciente desse fato. Prepare um bule de chá extraforte e estarei pronto para a Inquisição.

Tudo bem, talvez ele tivesse algum senso de humor no fim das contas.

Ele só era bem sutil.

— Um chá com parafusos de tortura saindo...

Preparei café para mim enquanto fervia água para o chá dele. Eu podia beber chá em uma emergência, e podia bebê -l para ser educada, uma vez que todos em Avalon aparentemente idolatravam a Santa Igreja do Chá, mas eu jamais aprenderia a amá-lo.

Coloquei meu café e o chá de papai na mesinha de centro, depois me enrosquei confortavelmente no sofá ao seu lado. Com a típica formalidade feérica, ele estava sentado bem ereto com os dois pés apoiados no chão.

Fiquei imaginando se ele se incomodava com meus pés descalços no sofá tão perto dele. Se isso acontecia, ele não demonstrou, só mexendo, pacientemente, o mel e o limão em seu chá, à espera das minhas perguntas.

Foi difícil decidir o que perguntar primeiro. Eu fazia tão pouca ideia do que esperar dessa viagem, e de Faerie. Mas, em vez de fazer uma pergunta razoável e prática, a pergunta que me veio à mente foi muito mais pessoal.

— O que há entre você e o príncipe Henry? — perguntei. — Está claro que não gostam um do outro.

Papai hesitou um momento, muito provavelmente surpreso com o fato de isso ser a primeira coisa que eu desejava saber. Depois ele fez uma careta e sorveu um gole de chá.

— Não. Não nos gostamos. Na verdade, ficaríamos bem contentes com a morte um do outro.

Não consegui reprimir um arquejo. Meu pai sempre pareceu tão frio e racional, mesmo diante do perigo. Era preciso muita coisa para rachar sua fachada, mas o que eu via em seu olhar naquele momento não era nada além de puro ódio.

Ele disfarçou a expressão e bebeu mais um gole de chá.

— Tenho inimigos na corte, Dana. Qualquer pessoa que tenha passado um tempo significativo lá os tem, e eu fui o consorte de Titânia por mais de um século.

— Inimigos que querem matá-lo.

— Não, inimigos que gostariam que eu estivesse morto. Existe uma diferença — ele me lançou um dos seus sorrisos entristecidos. — Um cortesão não mata seu inimigo. Isso seria vulgar demais. Eu lhe disse um dia que mentiras e logros são uma forma de arte na corte. Eu falava mais literalmente do que você deve ter imaginado. A corte confere pontos de honra simbólicos pela sutileza e engenho com que se destroem os inimigos.

Puxa, e eu tinha de ir para lá para conhecer a rainha e muitos cortesãos. Fantástico.

— Então por que você e Henry são inimigos? — perguntei.

— Titânia nunca ficou sem consorte, O pai do príncipe Henry foi o consorte antes de mim. Houve uma redução considerável nos status dos dois na corte quando Titânia deixou o pai dele de lado; Henry, muito naturalmente, culpou-me por isso. Ele só tinha 20 anos quando isso aconteceu, e eu tinha muito mais experiência e polidez como cortesão. Ele tentou espalhar diversos rumores desagradáveis a meu respeito; contudo, eu sempre consegui voltá-los contra ele. E ele nunca conseguiu conter seu temperamento, o que é fatal na corte. Perder a cabeça é o mesmo que admitir uma derrota, e eu não tinha problema nenhum em fazer com que Henry perdesse a cabeça, mesmo em público — papai sorriu ao falar dos velhos e bons tempos. — Cada ataque desferido fez com que seu status na corte diminuísse mais e mais. No fim, ele se viu obrigado a abandonar a corte para não ter de enfrentar a mais completa ruína social apesar de ser filho da rainha.

Olhei atônita para papai enquanto ele bebericava seu chá. Esse era um lado seu que eu nunca tinha conhecido. Claro, ele era manipulador, mas nunca pensei que ele se satisfizesse tão abertamente por, basicamente, arruinar a vida de alguém. Henry me parecia um cretino completo, mas mesmo assim...

Papai percebeu minha expressão e pousou a xícara de chá para se virar para mim no sofá.

— A razão principal que me fez sair de Faerie e vir morar em Avalon foi escapar da política social da corte. Ainda sou capaz de jogar esse tipo de jogo, mas esse não sou mais eu. Não mais.

Isso não me fez sentir muito melhor, e nada do que ele dissesse me deixaria contente por ter de ir à corte.

— Então você e Henry vão ficar alfinetando um ao outro durante toda a viagem, como fizeram no jantar?

— Indubitavelmente. Ele melhorou, visto que já não é um garoto jovem e inexperiente. Felizmente, minha permanência na corte já não me preocupa mais — o sorriso dele tinha um toque de malícia. — E seu temperamento claramente ainda é seu pouto fraco. Ele deve estar louco da vida por Titânia ter convidado minha filha para a corte. E ele deve ter feito alguma coisa que a aborreceu a ponto de ordenar que ele, em vez de qualquer outra pessoa, acompanhasse-nos.

Que alegria Henry encarar a tarefa de acompanhar papai e eu como um castigo.

— Mas ela não me convidou de verdade — observei. — Não caso planejasse nos prender se nos recusássemos a ir. Ou essa parte foi ideia de Henry?

— Dificilmente — papai zombou. — Estou certo de que ele adoraria nos arrastar acorrentados até Faerie, mas com certeza não foi dele a ideia de nos chantagear para que fôssemos. Ele preferiria comer pregos de ferro a ver minha filha receber essa honraria. Não, ele adoraria se tivéssemos a liberdade de recusar o convite e com isso ofendêssemos mortalmente sua mãe.

Resmunguei em exasperação.

— Que honraria é essa se ela me chantageia a ir?

— Confie em mim. É uma honra. Não importando o tipo de persuasão, ela achou necessário usar esse artifício para se certificar da nossa ida. O resultado é que você será

apresentada à corte, e essa é uma demonstração de favorecimento bem pública.

— Ok, vou aceitar a sua opinião — e tentar me lembrar de que os feéricos não pensam como as pessoas normais.

— Perfeito. Agora, qual é a próxima pergunta?

— Quanto tempo ficaremos lá?

— Não posso afirmar com certeza, mas conte com pelo menos três semanas.

— Três semanas?! — eu tinha presumido, e não sei por que, que ficaríamos fora uns dois ou três dias.

Papai sorriu para mim.

— Lembre-se, estamos falando de Faerie. Não há carros nem aviões. A viagem de Avalon ao Palácio Sunne deve demorar uns quatro dias a cavalo, e você pode contar que Titânia vai nos fazer esperar pelo menos uma semana antes de considerar conveniente organizar a cerimônia. E, depois disso, vão esperar que fiquemos por um tempo para que possamos cumprir nossas obrigações sociais.

A cavalo? Aquilo estava ficando cada vez melhor. Nunca montei antes, e ficaria muito contente se isso continuasse assim. No entanto, se a única alternativa fosse caminhar, cavalgar seria bem melhor.

— Só conseguiremos falar com Titânia após a cerimônia de apresentação formal. Contudo, hoje tive a oportunidade de interrogar diversos membros da comitiva de Henry, e sinto -m seguro para afirmar que Titânia não enviou aqueles Cavaleiros para ameaçá-la.

Balancei a cabeça, sem querer acreditar.

— Só porque eles disseram isso?

— Não, porque conheço Titânia. E preciso praticamente um milagre para fazê-la mudar de ideia. Se ela quisesse acabar com você há tão pouco tempo, não a teria convidado para a corte, a menos que algo catastrófico tivesse acontecido, e nada aconteceu. Mas claro que alguém esteve por trás desse ataque — papai prosseguiu. — Alguém com status suficiente para enviar dois Cavaleiros para resolverem um assunto pessoal.

Estremeci.

— Está se referindo a alguém como Henry?

Papai fez uma careta.

— Tal pensamento me passou pela cabeça. Embora contratar Cavaleiros para fazer ameaças e ferir não seja seu estilo. Lembre-se de que mencionei que os feéricos adoram sutilezas. Um ataque franco seria considerado uma grosseria extrema.

— Puxa, sinto-me muito melhor em saber que seria uma gafe ele me matar.

— Príncipes não podem se permitir a esse tipo de gafe. Portanto, isso é um impedimento maior do que acredita que seja — ele se inclinou um pouco para apertar meu ombro. — Não se preocupe. Vou ficar atento a ele, só como garantia.

— Acha que quem está por trás do ataque vai ficar satisfeito com a minha apresentação à corte?

Seu rosto não era o que eu podia chamar de expressivo, mas mesmo a sua expressão controlada e impassível era uma demonstração de reação.

— Você estará bem protegida. Estarei com você, assim como Finn e Keane.

Keane era filho de Finn e meu instrutor de defesa pessoal. Eu tinha o que considerava um relacionamento de amor e ódio com ele. Quando ele me surrava sem piedade nos tatames, eu o odiava de verdade. Quando não estávamos treinando, ele até conseguia ser um cara decente, embora as coisas andassem meio estranhas entre nós porque eu suspeitava que ele gostava de mim mais do que eu gostava dele. Ainda assim, eu me sentiria bem mais segura com ele ao meu lado.

— E quanto a Ethan e Kimber? — perguntei porque tinha certeza de que Kimber já devia ter começado a amolar tanto o pai dela como o meu para que eles pudessem nos acompanhar.

Meu pai conseguiu demonstrar sua desaprovação sem nem mudar a expressão facial, o que era um truque bem legal. Ele não insistia para que eu me afastasse dos meus amigos unseelie, mas eu sabia que ele ficaria bem mais feliz se eu me ativesse ao “meu tipo”. Era melhor atirar em mim do que presenciar o dia em que eu comesse a escolher amigos de acordo com a corte a que pertenciam.

— Alistair sugeriu que eles nos acompanhassem — ele respondeu. — Fico indeciso em levá-los quando são tão jovens e inexperientes.

— Kimber é alguns meses mais velha do que eu, e Ethan tem a mesma idade de Keane.

— Sei como se sente a respeito de Ethan — ele disse com um sorriso contido — , no entanto... Ele e Keane podem ter a mesma idade biológica, mas Keane é muito mais adulto, enquanto Ethan não passa de um menino.

Eu entendia o que meu pai queria dizer, e assim que cheguei a Avalon, eu poderia ter concordado com ele. Mas Ethan já não era o mesmo depois que o resgatei das garras do Erlking. Ele ainda estava ligado ao Erlking de formas que eu nem conseguia entender, e essa provação o modificara. Ele já não era o garoto despreocupado que conheci.

— Ainda — papai continuou — , se Alistair está determinado a ter a companhia deles, terei de levá-los. Temo que se eu recusar, ele os mande atrás de nós mesmo assim, e isso seria muito mais perigoso para eles.

Eu estava feliz em ter bastante companhia, mas detestava pensar que Alistair pudesse colocar suas ambições políticas acima da segurança dos filhos. Por mais ambicioso que meu pai fosse, ele era praticamente um fanático com a minha segurança.

— Não acredito que você esteja em perigo — ele disse — , ainda mais por estar tão bem protegida. No entanto...

Senti o formigar da magia e, de repente, apareceu na mão dele uma caixa de couro falso cor-de-rosa, de uns 15 centímetros de comprimento. Ele me ofereceu a caixa, e eu a peguei. Eu não fazia ideia do que havia dentro, e papai ignorou meu olhar questionador.

Dando de ombros, levantei a tampa. Em seguida, quase derrubei a caixa ao ver o que havia dentro, aninhada em veludo vermelho: uma pistola.

A lateral da caixa trazia uma marca que dizia: “Lady Derringer”.

— É só para alguma emergência — papai disse. — Vou ensiná-la a usar, mas não espero que seja necessário. Só acredito que nós dois nos sentiremos melhor se você tiver uma arma mortal à disposição.

Engolindo em seco, toquei no cano de cor marfim, que tinha o desenho de uma rosa branca. Apesar das garantias de papai, eu não achava que levando uma pistola comigo para Faerie me sentiria mais segura.

Na manhã seguinte, eu tinha uma das minhas aulas pré-agendadas com Keane, o que valia dizer que teria de acordar em uma hora indecente e nem poderia tomar café da manhã. Não a menos que quisesse me arriscar a senti-lo voltar enquanto treinávamos. Se meu instrutor fosse outra pessoa que não Keane, eu esperaria que ele me desse o dia de folga já que no dia

seguinte eu partiria para Faerie, mas eu sabia que isso não aconteceria.

Fiquei de frente para o espelho do banheiro, examinando minha regata nova encomendada de um catálogo de roupas esportivas. No catálogo, ela parecia alta o suficiente para esconder a marca do Erlking na parte posterior do meu ombro. Ela escondia parte da marca, mas não sua totalidade.

Suspirei um lamento, depois fui para o quarto e vesti uma camiseta por cima da regata. Era mais fácil lutar sem a camiseta folgada que permitia que Keane me agarrasse, mas eu não tinha alternativa.

Abri a porta do quarto e descobri que Keane já tinha chegado. Ele tinha empurrado a mobília contra a parede da sala e desenrolava os tatames no chão. Admirei a vista um segundo, porque, mesmo que eu não gostasse dele daquela maneira, não havia como negar que ele era uma beleza a se admirar. Seu rosto tinha a típica beleza feérica, mas o cabelo — tingido de preto, com uma mecha eternamente caindo sobre os olhos — com os brincos na orelha esquerda, a tatuagem celta como uma braçadeira e o guarda-roupa que consistia basicamente de preto lhe davam uma aparência de bad boy. O que poderia ser mais sexy que um feérico bad boy?

— Está atrasada — ele disse sem nem olhar para mim.

— Bom dia para você também — repliquei, aproximando-me com cuidado. Keane não acreditava que deveria me avisar quando atacaria — dizia que, como meus inimigos não avisariam, ele também não o faria — e isso significava que meu treino poderia começar a qualquer instante, mesmo quando parecia que ele estava completamente envolvido em alguma outra coisa. Observei sua linguagem corporal com atenção, procurando qualquer sinal de que ele estivesse prestes a me assaltar.

— Já discutimos isso antes — ele disse quando terminou de arrumar os colchonetes. — Eu espero que você se apresente na hora certa todas as vezes.

Revirei os olhos em censura. E claro que foi nessa hora que ele atacou.

Apesar das suas técnicas arbitrárias, irritantes e frequentemente dolorosas, Keane era um excelente professor. Não que eu fosse admitir isso para ele. Mesmo de guarda baixa, reagi com rapidez suficiente para evitar que o golpe me atingisse no rosto. Meu braço se ergueu como se tivesse vontade própria, bloqueando o golpe.

Em um combate de verdade, esse bloqueio poderia ter salvado minha vida, porque um soco na cabeça poderia me deixar inconsciente ou, no mínimo, derrubar-me. Em uma luta de

verdade, eu estaria agradecendo minha boa sorte e estaria correndo para longe de quem quer que estivesse me atacando.

Mas aquela não era uma luta de verdade, por isso minha reação — muito madura, eu sei — foi gritar “ai” alto o bastante para perfurar alguns tímpanos. Eu sabia que, em teoria, Keane refreava seus golpes quando treinávamos, mas ainda assim doía a valer quando ele me acertava, mesmo quando eu o bloqueava.

— Não banque o bebezinho — Keane disse ao mesmo tempo em que me chutava em uma tentativa de me derrubar.

Era esse o motivo que me fazia odiá-lo tanto quando treinávamos.

Pulei para trás, esquivando-me do chute dele, e não houve mais tempo para reclamações. Mesmo que eu tivesse ar nos pulmões para reclamar.

Eu sabia que estava melhorando, sabia que, se tivesse de enfrentar alguém inexperiente, eu provavelmente conseguiria escapar, mas eu jamais chegaria ao nível de competência de Keane. Sendo filho de um Cavaleiro, ele aprendeu a lutar desde muito novo. Ele chegou a participar do treinamento para se formar Cavaleiro, mas não servia para ser um. Não que ele não lutasse bem — tenho certeza de que se tivesse concluído o curso, ele seria ridiculamente perfeito — , mas sim porque era rebelde demais para aceitar aquele estilo de vida.

A conclusão disso tudo era que eu quase nunca conseguia atingi-lo, e apesar de conhecer os movimentos necessários, raramente escapava das suas pegadas, a menos que ele permitisse. A frustração e eu nos tornamos boas amigas. E como toda amiga de má influência, a frustração às vezes me convencia a fazer coisas que, em retrospecto, eram estúpidas.

Por exemplo, atacar meu instrutor de defesa pessoal.

Não havia nenhuma situação que eu pudesse pensar em que atacar seu agressor fosse uma boa manobra de defesa pessoal. Se você tem uma distância suficiente para tentar atacar seu agressor, você tem distância suficiente para correr como nunca e, quem sabe, conseguir escapar. Mas já que executar os movimentos “corretos” nunca parecia dar certo, de vez em quando eu não conseguia me conter e acabava tentando pegar Keane desprevenido.

O problema é que, mesmo que eu o pegue desprevenido, Keane é maior, mais rápido, mais forte e muito mais experiente do que eu.

Meu ataque o surpreendeu a ponto de eu conseguir derrubá-lo. Infelizmente, ele se virou no meio da queda tal qual um gato, e de algum modo fui eu quem ficou por baixo quando

aterrissamos. A aterrissagem expeliu o ar dos meus pulmões e enquanto eu continuava deitada tentando respirar, ele me atingiu no rosto, demonstrando como consegui me colocar em uma posição horrível. Não que eu já não soubesse disso.

Escapar das pegadas de Keane quando estávamos de pé já era bem difícil, mas escapar no chão com ele deitado em cima de mim era impossível a menos que ele me desse uma abertura de propósito. Assim que consegui respirar, ele me deu uma dessas aberturas, e eu me aproveitei.

Só porque me deu uma abertura não significava que ele facilitaria as coisas para mim, por isso tive de me esforçar para me libertar. No último instante, bem quando eu tentava pular triunfante de pé depois de me soltar dele, a sua mão agarrou a parte de trás da minha camiseta.

Já mencionei que minhas camisetas folgadas permitiam que Keane me agarrasse. Mas não sei se a camiseta estava ficando gasta de tanto ser usada e lavada ou se aquela pegada foi mais forte que as de antes, ou se foi só uma questão de ângulo, mas, qualquer que tenha sido a causa, ouvi um som agourento de tecido se rasgando. Pendi para frente, desequilibrando-me completamente surpresa.

Keane, com seus reflexos feéricos, conseguiu me segurar pouco antes que eu batesse no chão de cara, mas eu senti a brisa fresca do ar me atingindo nas costas e ombro, bem onde a camiseta se rasgou. Bem onde estava a marca do Erlking.

— Mas que porcaria é essa? — Keane perguntou em um sussurro horrorizado.

Oficialmente, aquilo não era nada bom.

Tentei me desvencilhar de Keane, puxar a camiseta rasgada para cima da marca, mas ele me virou abruptamente, puxando a alça da regata para o lado para dar uma olhada melhor.

— Me larga! — rebati enquanto tentava apresentar meu cotovelo ao rosto dele. Errei, claro, mas Keane me soltou e deu uns passos apressados para longe de mim, como se eu tivesse uma doença contagiosa ou algo assim.

— Mas que porcaria?! — ele disse de novo com o rosto pálido. — Dana, o que você fez?

Considerarei minhas opções. Eu era boa mentirosa — anos encobrindo minha mãe me deram muita prática — , mas eu não tinha certeza se seria criativa o bastante para inventar uma explicação plausível para a marca do Erlking. De jeito nenhum Keane me deixaria livre dessa. Portanto, a única opção que me restou foi me esquivar.

— Nada da sua coma — disse a ele, arrumando a alça da regata para que boa parte da marca voltasse a ficar encoberta apesar da camiseta rasgada. Minhas palavras saíram bem mais bruscas do que pretendi, e Keane chegou a recuar ante meu tom.

Expeli um suspiro pesado, tentando libertar a tensão do meu corpo.

Não funcionou muito.

— Escute — eu disse — , se eu quisesse falar a respeito disso, não a manteria escondida desse jeito. É algo entre mim e o Erlking, é complicado, e não afeta ninguém que não eu mesma. É tudo o que você precisa saber.

Keane balançou a cabeça, o horror em seu olhar lentamente se misturando à raiva.

— Vai ter de explicar mais do que isso.

Ergui o queixo com teimosia.

— Você não manda em mim, e isso é tudo o que vai ficar sabendo.

— Tudo bem — ele disse, perfurando-me com o olhar. — Acho que só me resta perguntar ao seu pai.

Como já disse, sei mentir bem, mas minha expressão de blefe me deixou na mão. Meu pai em absolutamente a última pessoa que eu queria que soubesse sobre a marca do Erlking. Se ele ficasse sabendo da marca, não sossegaria até arrancar todos os detalhes de como foi que a consegui. E se descobrisse que escapei da casa segura, eu ficar já de castigo pelo resto da vida. E talvez mais um pouco ainda.

Veja bem, não que eu me sentisse mal por esconder coisas dele. Papai ainda escondia de mim o que eu considerava um segredo enorme. Ele estava preso aos laços da Corte Seelie que o impediam de me contar o que aconteceria caso eu entregasse minha virgindade ao Erlking. Graças ao acordo que o Erlking fez com Titânia, havia uma injunção — isto é, uma restrição mágica — que impedia meu pai de sequer mencionar o segredo do Erlking.

Mas quando minha tia Grace tentou me matar, ela esteve tão determinada a me magoar antes que eu morresse que chegou a romper seus laços com a Corte Seelie só para poder me contar a verdade horrorosa sobre o que eu tinha concordado em fazer. Foi então que percebi que, por mais que papai me amasse — e eu sabia que ele me amava de verdade —, ele era um feérico seelie, devotado demais à sua adorada corte para sequer pensar em abandoná-la, mesmo que para me proteger.

Ele devia saber o que eu tinha prometido ao Erlking para que libertasse Ethan. E, mesmo assim, não se dispôs a renunciar à Corte Seelie para poder me avisar. Se ele mantinha um segredo como esse de mim, eu não me sentia mal em esconder a marca do Erlking.

— Devo ligar para o seu pai agora? — Keane insistiu. — Ou você vai me explicar como é que está com algo muito parecido com a marca do Erlking no seu ombro?

Considerarei enfrentar o blefe dele. Keane normalmente não era o que eu chamaria de dedoduro. Mas assim como todas as outras pessoas em minha vida, ele seria capaz de qualquer coisa se achasse que isso fosse para o meu bem.

— Está me chantageando? — perguntei, arranjando tempo para tentar inventar uma meia-verdade a fim de que ele largasse do meu pé.

Keane deu de ombros, mas o gesto foi rígido e tenso.

— Chame do que quiser. Mas, se você for uma das criaturas do Erlking, acho que tenho o direito de saber antes de viajar para Faerie com você.

— Não sou uma das criaturas do Erlking!

— Não? Então por que tem a marca dele, como se fosse o seu símbolo, na pele?

— Importa-se se eu trocar de roupa para termos esta conversa? Não gosto de ficar por aí de roupa rasgada — puxei a parte rasgada sobre o ombro só para enfatizar.

Keane deu um passo à frente com o maxilar travado.

— Sim, eu me importo em dar um tempinho extra para você inventar os detalhes da mentira que pretende me contar — havia uma pontada de um rugido em sua voz, e me perguntei se ele estava bravo demais comigo a ponto de me socar. Não achei que ele fosse capaz, apesar dos punhos cerrados e da fumaça saindo dos seus ouvidos, mas não consegui evitar meu instinto primitivo de recuar um passo.

Keane piscou, como se estivesse surpreso. Então, deve ter percebido como a sua linguagem corporal estava agressiva, e relaxou visivelmente.

Relaxou os punhos, abaixou os ombros, mas eu ainda via a fumaça imaginária. Ele não estava menos bravo. Tampouco me daria tempo para pensar antes que eu comesse a me explicar.

— Comece a falar! — ele ordenou.

Bem que eu desejei me esquivar de dar explicações, mas eu não teria como, por isso mantive a explicação o mais simples possível.

— O Erlking lançou um feitiço em mim quando eu tentava convencê-lo a libertar Ethan — deixei de lado como ele pôs esse feitiço em mim, porque revelar sobre o broche do Erlking estava fora de questão. Eu o usei três vezes para ficar invisível, e a terceira vez ativou a marca. Não usei mais o broche desde então (apesar da promessa do Erlking de que não haveria outros feitiços secundários), mas eu não queria me arriscar a ficar sem ele.

Resisti ao impulso de tocar na marca. Ela não doía nem nada assim, mas eu estava tão consciente da sua presença na minha pele, que sabia exatamente onde ela estava mesmo sem vê-la.

— É como um equipamento de localização. Ele diz que é para o meu próprio bem — eu disse — porque quer que eu viva para que eu o leve para o mundo mortal.

Eu não achava que fosse possível Keane se mostrar ainda mais horrorizado, mas me equivoquei. A maioria das pessoas ao meu redor aceitava o fato de que o Erlking, apesar de ser um cara bem assustador, queria que eu vivesse. Eles não sabiam que ele queria tanto que eu vivesse que chegou a me salvar, mas era bem óbvio que uma faeriewalker morta de nada serviria para ele. Do jeito que Keane olhava para mim, eu tive certeza de que ele não estava

tão convencido quanto o resto.

— Ele sabe onde você está neste instante? — Keane perguntou. — Ele sabe a localização da casa segura?

— Sim, sabe. Faz tempo que ele sabe e não veio atrás de mim, por isso pode parar de agir como se o mundo tivesse chegado ao fim.

— Você é inacreditável! Não achou que seria importante contar para alguém sobre essa porcaria?

— De que adiantaria? Ninguém pode fazer nada a respeito — uma injunção impedia o Erlking de atacar qualquer pessoa em Avalon, mas a injunção perdia efeito se alguém o atacasse. — O resultado é que ele não pode me atacar, e não quero que ninguém banque o protetor por causa disso e dê a ele a desculpa de que precisa para machucar esse alguém — foi assim, no fim, que Ethan acabou sendo capturado pelos Caçadores Bárbaros.

Keane não pareceu convencido.

— Você não vai contar para o meu pai, vai? — perguntei, depois mordi o lábio quando ele não respondeu de imediato.

Keane emitiu um suspiro profundo e balançou a cabeça.

— Quantos outros segredos você tem?

Eu não queria nem pensar nisso. O Erlking um dia sugeriu que todos os meus segredos voltariam para me atormentar. Tive o péssimo pressentimento de que ele tinha razão, mas eu estava determinada a postergar ao máximo ter de lidar com isso.

— Vai me dedurar ou não? — perguntei, ignorando a pergunta de Keane.

— Não. Pelo menos não por enquanto. Mas você deveria pensar em contar para ele. Já considerou que, quando estiver em Faerie, a injunção que impede o Erlking de caçar em Avalon não terá mais efeito? E como você não é membro da Corte Seelie não estará protegida pelo acordo do Erlking com as rainhas?

Tenho certeza de que meu rosto ficou lívido. Não, eu não tinha pensado nisso.

— E que, portanto, não haverá nada que o impeça de caçá-lo e que você tem o equivalente a uma coleira com radar, por isso ele não terá de procurar muito para encontrá-la?

Era verdade que o Erlking não queria me matar. Contudo, se ele estivesse desimpedido para me caçar, e se me capturasse, ele poderia me forçar a juntar-me ao bando dos

Caçadores Bárbaros. E, então, o bando teria seu animalzinho de estimação na forma de uma faeriewalker para levá-los ao mundo mortal a fim de instaurar o caos.

Engoli em seco.

— Não pensei nisso — confessei — , mas tenho certeza de que papai pensou. Ele não me levaria para Faerie a menos que tivesse certeza de que o Erlking não poderia me pegar.

— Como ele pode ter certeza quando não conhece todos os fatos?

Puxa, Keane estava repleto de perguntas inconvenientes aquele dia. E me faltavam respostas satisfatórias. Papai tinha me garantido que eu estaria protegida pelas regras de etiqueta da corte. O Erlking não pertencia a nenhuma corte, mas talvez ele seguisse essas regras de qualquer modo. Eu confiava em papai e em seu juízo.

— Vou me trocar — anunciei, por que continuar aquela conversa não faria bem a ninguém. Consegui sentir o olhar zangado de Keane nas minhas costas antes de escapar para o quarto e fechar a porta atrás de mim.

Meu dia não melhorou muito depois disso. Tive de fazer as malas, e minha mãe me ligou um trilhão de vezes. Recusei-me a atender, apesar das mensagens chorosas que ela deixou. Eu não conseguiria falar com ela. Eu estava assustada demais pela realidade de ter de partir para Faerie no dia seguinte na companhia do príncipe que adoraria ver meu pai — e eu, por extensão — mortos, para conseguir lidar com mais drama.

E como se tudo isso não bastasse para me deixar uma pilha de nervos, meu pai apareceu à tarde para me levar a um clube de tiro a fim de me ensinar a usar a pistola. Usar a pequena pistola foi um lembrete de que nossa suposta viagem segura poderia ser bem mais perigosa do que pensávamos. Também descobri que não fui feita para ser uma exímia atiradora. Eu tinha de combater o instinto de fechar os olhos toda vez que apertava o gatilho e de me assustar com o barulho, apesar dos tampões de ouvido.

Papai foi bem paciente comigo, mas acho que, quando deixamos o clube, ele já lamentava o impulso de ter me dado uma arma letal.

Houve um momento cintilante no meu dia, ainda que não fosse do tipo que acalmaria meus nervos: naquela noite Ethan e eu teríamos o nosso primeiro encontro de verdade. Nós o tínhamos planejado antes da intimação, e de jeito nenhum eu cancelaria esse encontro. Ainda que, por esse ser nosso primeiro encontro de verdade, eu não conseguisse deixar de ficar nervosa (como se o fato de eu deixar tudo o que me era familiar para trás e viajar para Faerie em menos de 24 horas já não me deixasse bastante nervosa).

Pouco ajudou que a sessão matinal com Keane me deixasse dolorosamente ciente de todos os segredos que eu mantinha mesmo da família e dos amigos próximos. Por exemplo, nunca contei a Ethan sobre a marca do Erlking. Sua cabeça provavelmente explodiria se ele soubesse que contei para Keane, mas não para ele. Eu podia lhe dar alguma explicação diluída da versão contada para Keane, mas Ethan estaria mais inclinado a saber todos os detalhes — e eu provavelmente acabaria cedendo à sua insistência.

A última vez em que Ethan e eu saímos juntos foi antes de o Erlking ter colocado as garras nele. Eu tinha insistido que éramos só amigos, e que aquilo não tinha sido um encontro. Tínhamos ido ao cinema, e eu descobri o quão criativo Ethan era no escurinho do cinema. Mesmo com Finn sentado poucas fileiras atrás de nós, Ethan conseguiu se safar com coisas que eu jamais deveria ter permitido.

Uma vez que eu sabia como podia ser perigoso ir ao cinema com Ethan, daquela vez resolvemos sair para jantar.

Tenho de admitir, me senti bem crescida e sofisticada ao sair para me encontrar com Ethan em um pequeno restaurante italiano que ele jurou ser fantástico. A maioria das garotas da minha idade safa para dançar ou passear no shopping em seus encontros românticos, mas Ethan já estava maduro demais para esse tipo de encontro juvenil. Ele podia agir de maneira brincalhona e imatura muitas vezes — especialmente quando discutia com Kimber — , mas, do alto dos seus 8 anos, ele se considerava um adulto e, para aquele encontro, escolheu agir como tal.

Ele me aguardava do lado de fora do restaurante, e eu senti o conhecido farfalhar de excitação na barriga de quando o vi pela primeira vez. Os feéricos são ridiculamente lindos, mas no instante em que conheci Ethan, ele me afetou de um modo que ninguém antes conseguiu fazer.

Seu cabelo era loiro-claro e chegava aos ombros quando ele não o prendia para trás. Os olhos eram de um matiz azul-petróleo que os humanos só conseguiam ter com lentes de contato coloridas. E a ligeira imperfeição do nariz — que parecia ter sido quebrado — lhe dava o traço necessário para que ele não fosse perfeito.

Claro que hoje em dia a primeira coisa que meus olhos captavam era a marca do Erlking, que parecia um cervo azul estilizado recurvado na lateral do rosto. Era a marca que dizia que ele, apesar de não fazer parte do bando dos Caçadores Bárbaros, ainda estava ligado ao Erlking. Eu sempre sentia um leve tremor ao vê-la; mesmo se eu não soubesse o seu significado, eu a consideraria um pouco sexy.

Ethan abriu um sorriso ao me ver. Aquele sorriso ainda tinha o poder de me fazer tremer por dentro, mas havia um tormento em seus olhos que fez meu coração se condoer. Ele já não era mais o garoto que conheci. Houve um tempo em que Ethan era alegre e despreocupado. Não se podia aplicar essas palavras para ele hoje em dia. Tudo pelo que ele passou foi por minha causa e, às vezes, eu me sentia afundar em culpa.

Olhando de relance acima dos meus ombros para Finn — que, claro, teve de ir comigo mesmo aquele sendo um encontro romântico, já que era o que guarda-costas faziam —, Ethan apoiou as mãos nos meus ombros, depois se inclinou para um beijo casto. Mesmo aquele leve roçar de lábios me fez estremecer. Eu queria puxar a cabeça dele em direção à minha, queria dar-lhe um beijo mais profundo e demorado. Embora Finn não fosse oficialmente meu acompanhante, eu sabia que ele intercederia se as coisas se intensificassem. Além disso, me sentiria muito à vontade com ele nos observando.

— Você está linda — Ethan me disse, ainda sorrindo ao segurar a porta do restaurante para mim.

Fiquei contente que ele pensasse assim, porque gastei praticamente uma hora decidindo o que usar. Eu me sentia uma completa fracassada por fazer isso, mas não consegui evitar. Acabei indo de jeans, com um suéter que, além de me aquecer na típica noite fria de verão de Avalon, também seria agradável caso Ethan me tocasse.

O restaurante era ainda menor do que pensei, tendo somente dez mesas e um bar do tamanho de um closet. Nove dessas mesas estavam ocupadas, e devia haver umas vinte pessoas perto do bar. Eu me senti bem pouco à vontade pelo fato de Finn se destacar ao se posicionar na parede oposta.

A maioria das pessoas estava vestida de maneira casual — um casal, provavelmente turistas que não sabiam que a temperatura de verão dali girava em torno dos quinze graus, vestia bermuda. Finn, por sua vez, estava em seu costumeiro terno e gravata escuros, assim como óculos de sol, conseguindo com isso mais de um olhar curioso.

A recepcionista nos conduziu até a nossa mesa, e tentei não ficar tão constrangida. As pessoas que olharam para Finn pouco a pouco transferiam seus olhares curiosos para Ethan e para mim.

Eu deveria ter me acostumado àquela altura. Eu tinha de ser acompanhada por Finn toda vez que saía da casa segura a menos que meu pai o substituísse. O que valia dizer que eu sempre ficava em evidência.

Mas, talvez por causa daquela coisa de encontro, eu me sentia ainda mais evidente. Meus nervos estavam tensos quando peguei o cardápio e olhei-o, sem, no entanto, enxergar nada.

Eu estava em um encontro... Um encontro de verdade. Com um cara tão lindo que devia estar sempre sendo seguido por um punhado de líderes de torcida onde quer que ele fosse. Eu sabia que comparado a todas as coisas malucas que me aconteceram desde que cheguei a Avalon, aquilo não era nada. Mas fazia meu coração bater mais rápido. E me fazia sentir tão madura quanto uma menininha de 12 anos.

Ethan se inclinou sobre a mesa e abaixou a voz.

— Alguma coisa errada?

Perfeito. Já era ruim que eu estivesse me sentindo desajeitada e constrangida. Eu tinha de ser tão óbvia a ponto de Ethan perceber? Belo modo de parecer sofisticada, Dana...

Forcei um sorriso e me obriguei a superar. Não só Ethan e eu tivemos encontros mais... hum, mais íntimos antes, como também eu não tinha motivo nenhum para me sentir nervosa ao seu lado. Pelo menos era do que eu tentava me convencer.

— Não. Nada mesmo.

Ethan revirou os olhos.

— Sim, certo. É por isso que você parece prestes a pular da cadeira e sair correndo.

Isso me fez sair do meu estado de autopiedade.

— Não pareço, não!

— Parece, sim.

Estreitei meu olhar para ele. Por um segundo, seu sorriso estava normal, como aquele sorriso amigável que ele usava para efeitos devastadores antes de o Erlking aparecer em sua vida. Mas logo ele pareceu se lembrar disso, e o sorriso murchou.

— Desculpe — eu disse. — Acho que estou obcecada com essa viagem para Faerie — essa era uma desculpa tão boa quanto qualquer outra.

Ethan assentiu e pegou o cardápio. Dessa vez foi ele quem evitou contato visual.

— Vai ser bem divertido. Você, eu, Kimber e Keane, juntos 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Bufei.

— Acha que isso é o mais preocupante nessa viagem? Que nós quatro vamos passar tanto tempo juntos? Estou mais preocupada com coisas como, sabe, ter uma morte lenta e horrível.

O olhar de Ethan endureceu.

— Você não vai morrer ele disse, esticando a mão pela mesa para segurar a minha. O toque fez meu estômago farfalhar de novo. — Não vou deixar nada acontecer com você — ele fez uma careta. — Ninguém vai.

Apertei a mão dele e sorri.

— Obrigada. Sei que farão o que puderem. E talvez eu esteja me preocupando à toa. Talvez tudo isso seja tão seguro quanto uma excursão escolar.

O olhar de Ethan me contou que ele acreditava naquilo tanto quanto eu. O garçom escolheu aquele instante para se aproximar e anotar os pedidos. Demos uma olhada no cardápio, mas Ethan sabia o que queria e eu resolvi na hora, mais interessada no comentário de Ethan sobre os companheiros de viagem.

— Acha que é má ideia nós quatro viajarmos juntos? — perguntei quando o garçom se afastou. — Você e Keane vão tentar se matar antes que o primeiro dia de viagem chegue ao fim?

Dizer que Ethan e Keane não gostavam um do outro era pouco. Ethan, sei lá por que motivo, tinha ciúme do tempo que eu passava com Keane.

Tempo que eu passava levando chutes no traseiro, não namorando; contudo, Ethan não parecia capaz de perceber a diferença. E, aparentemente, Ethan roubou a namorada de Keane na época do colégio, por isso Keane o odiava. Eu não sabia se havia outra pessoa que soubesse que Kimber estava interessada em Keane, mas se os rapazes descobrissem isso, a situação não melhoraria em nada. Até então, nunca estive ao lado de Keane e Ethan ao mesmo tempo, porém eu ficaria surpresa se não houvesse fagulhas por todos os lados.

Ethan fez uma careta.

— Ter nós dois tão perto assim é a receita de um desastre. Mas não vou começar nada se ele também não o fizer.

E isso não me encheu de confiança?

— Esta viagem já será ruim o bastante sem que vocês comecem com MMA.

Ethan virou a cabeça de lado.

— MMA?

— Artes Marciais Mistas. Acho que é uma coisa dos Estados Unidos, não? — ou talvez uma coisa humana. Suspeitei que os feéricos pudessem considerar MMA algo um tanto... indigno.

— Pode ser. O que é?

Dei de ombros.

— Uma coisa ligada a luta. Toneladas de sangue e testosterona. Nada que me interesse.

Ethan sorriu, mas a expressão não chegou aos olhos.

— Não sou um completo idiota, sabe. Keane ensina defesa pessoal para se sustentar. Não vou começar nenhuma “MMA” com ele. Não a menos que queira acabar com o traseiro na mão.

Ah... Era isso o que estava incomodando Ethan. Ele podia ser um prodígio na magia e o garoto dourado de todos, mas ele sabia que Keane poderia derrotá-lo em um combate físico. Garotos e seu ego.

— Encontraremos um modo de nos entendermos — Ethan assegurou.

— Você precisa de toda proteção que puder ter, e tenho certeza de que Keane é um bom homem para se ter ao lado durante uma luta — havia uma pontada em sua voz que me dizia que admitir isso o estava matando. Eu devo ter feito algum tipo de careta, porque Ethan esticou a mão e apertou meu ombro. — Não vai ser tão mim assim. Mesmo com toda essa tensão, você deveria estar ansiosa em ver Faerie, É um lugar bem interessante.

— O que poderia existir de mais divertido do que viajar para um lugar onde criaturas como bruxas das águas e spriggans vivem?

— As bruxas das águas e os spriggans são unseelie — Ethan me lembrou. — Nós estaremos passando por território seelie.

— Ah, sim, e todas as criaturas da Corte Seelie são doces e meigas.

Ele deu um sorriso de lado.

— Bem, não. Mas elas não incomodarão o príncipe Henry. Eu estava longe de me convencer, embora resistisse ao impulso de confessar isso.

Aquela deveria ser uma noite romântica e, até então, só fiz reclamar. Beeem atraente.

A mão de Ethan encontrou a minha debaixo da mesa. Nossos dedos se entrelaçaram. Foi um toque simples, mas que de qualquer modo provocou um tremor agradável. Nossos olhos se encontraram e se prenderam, e o resto do mundo pareceu sumir. O polegar dele afagou meus dedos, e desejei que depois do jantar pudéssemos ir para algum lugar tranquilo, só nós dois.

Claro que isso não aconteceria. Se eu tivesse sorte, talvez recebesse um beijo de boa noite, mas com Finn observando cada movimento nosso, seria um beijo que nem de longe satisfaria nosso desejo.

Ethan se inclinou na minha direção e sussurrou em um tom conspiratório: — Vamos viajar por semanas juntos. Aposto que, se fomos espertos o bastante, conseguiremos um tempinho a sós.

Meu coração estremeceu só de pensar, ainda que eu imaginasse que ficarmos sozinhos nessa viagem não fosse nada inteligente. E mesmo se conseguíssemos...

Ethan e eu jamais poderíamos fazer muito mais do que trocar alguns beijos. Eu sabia que deveria me satisfazer com isso, pelo menos por enquanto. Eu não estaria pronta a ir até o fim com ele mesmo se não tivesse o acordo com o Erlking pendendo sobre a minha cabeça. Mas nunca fui muito boa em viver o presente. Tomar conta da minha mãe me ensinou muito cedo a sempre olhar três passos à frente, pronta para me desviar dos golpes que a vida me preparava. A minha prudência ajudou a manter comida sobre a mesa e evitou que fôssemos despejadas, mas às vezes — como agora — eu desejava poder desligar essa minha característica.

Ethan se inclinou ainda mais sobre a mesa.

— Consigo ler você como um livro aberto — ele disse. — Esqueça o Erlking por um tempo. Podemos nos divertir muito sem termos de cruzar esse limite — havia uma centelha em seus olhos que fez meu coração farfalhar. — Posso ser bem criativo, sabia?

Engoli em seco, tão excitada quanto intimidada por suas palavras.

Beijar Ethan bastava para que eu quase perdesse a cabeça. Se ficássemos juntos sem um guarda-costas/dama de companhia, suspeito que ele poderia me desarmar completamente. Havia algo muito tentador em ser desarmada dessa forma, em permitir que ele me beijasse até que meu lado racional tirasse uma folga e que eu sentisse sem ter de pensar.

Era uma tentação perigosa. Ainda mais com um rapaz como Ethan, que, sem dúvida,

estava acostumado a garotas que podiam ceder ecediarn.

Será que eu poderia confiar nele para parar se eu abaixasse a guarda? Ou será que precisávamos que eu continuasse com meu papel de voz da razão?

Bem que eu queria saber.

O dia da grande viagem foi um típico dia de verão em Avalon, ou seja, cinzento e triste com uma umidade que esfriava o ar. Papai providenciou que minha bagagem, exceto minha mochila — da qual eu me recusava a me afastar —, seguisse na frente para a carroça das bagagens. Na mochila eu carregava tudo o que não poderia existir em Faerie longe da aura de uma faeriewalker — como a pistola, por exemplo. No último instante, joguei lá dentro minha câmera digital. Eu seria a única mortal a fotografar Faerie. Eu até poderia considerar isso interessante se não estivesse tão nervosa.

A caravana do príncipe Henry partiria rio Portão Norte. Quando papai e eu chegamos, vimos que a ponte que conduzia ao portão tinha sido isolada por cordões, permitindo a passagem somente dos membros oficiais do séquito do príncipe até a partida. Eu até poderia achar que aquilo era uma demonstração de arrogância, mas bloquear o portão era a única solução prática. O estacionamento inteiro estava tomado, só havia alguns carros visíveis em um canto, que eu suspeitava que pertencessem a funcionários. O resto do terreno estava tomado por pessoas, cavalos e carroças. Alguns dos feéricos usavam roupas modernas, mas a maioria usava vestidos longos e calças justas. Aquilo tudo parecia saído de uma feira da Renascença.

— Puxa, estamos viajando com um maldito exército? — murmurei para papai. Eu sabia que não iriam só meus amigos e o príncipe, mas não tinha pensado que seu séquito seria tão substancial.

Os lábios de papai se curvaram em um sorriso torcido.

— Henry não vai a parte alguma sem um exército para protegê-lo e servi-lo. Isso estaria abaixo da sua distinção como príncipe.

Claro que nem todos ali faziam parte da comitiva do príncipe. Eu me demorei um pouco na saída da casa segura, por isso fomos quase os últimos a chegar. Na parte mais próxima da ponte, esperando por nós, estavam Ethan, Keane, Kimber... E a minha mãe.

Keane e Ethan estavam a metros um do outro, descaradamente se ignorando. Kimber e a minha mãe estavam entre eles, parecendo bem pouco à vontade. Fiquei me perguntando se os rapazes já tinham começado a brigar.

Não cheguei a responder aos telefonemas da minha mãe no dia anterior. Eu sabia que teria de enfrentá-la antes de partir, por isso não me surpreendi em vê-la. Mas eu ainda estava brava demais para me forçar a pedir desculpas, pois não era o que eu sentia que deveria fazer. Talvez se eu partisse para Faerie sem cair no seu drama, ela finalmente entendesse o quanto a bebida dela me afetava.

Mantive a cabeça erguida quando ela me fitou, sabendo que eu era a figura da teimosia. Ela avançou um passo na minha direção, abrindo os braços para me envolver. Eu retribuí com um olhar frio em vez do abraço acolhedor que, estava certa, ela tanto esperava, ou pelo menos desejava.

O sorriso dela desvaneceu um tanto, e a mágoa cintilou em seu olhar.

Uma pontada de culpa me apunhalou, mas eu a afastei abruptamente. Se minha mãe não conseguia se afastar da bebida nem por poucas semanas, então eu não desejava proteger seus sentimentos frágeis.

Ela abriu a boca como que para dizer algo, mas acho que meu olhar era proibitivo demais, porque ela não disse nada. Pela minha visão periférica, vi Ethan, Kimber e Keane desviando o olhar, tentando nos dar a ilusão de privacidade. Meu pai não se mostrou inclinado a demonstrar a mesma cortesia.

— Dê um abraço em sua mãe, Dana — ele disse, empurrando-me pelo ombro. — Você não sabe quanto tempo vai levar antes de vê-la novamente.

Lancei um olhar reprovador sobre o ombro.

— Obrigada pelo discurso encorajador. Eu já não estava nervosa o bastante com essa coisa de irmos para Faerie, por isso estou contente que tenha colocado a situação nessa perspectiva.

— Está tudo bem, Seamus — minha mãe intercedeu antes que papai pudesse dizer o que achava da minha língua solta. Ela sorriu com tristeza para mim. — Dana e eu temos de resolver isso sozinhas.

Cruzei os braços sobre o peito só para o caso de ela não ter entendido que eu não estava aberta a um adeus emotivo e choroso.

— Há alguma promessa que gostaria de fazer antes que eu parta para Faerie, com a possibilidade de nunca mais ser vista?

Ela empalideceu, e eu soube que fui desnecessariamente cruel. Mas, caramba, era eu

quem estava mergulhando de cabeça no perigo. Não era responsabilidade minha fazer com que ela se sentisse melhor.

Mamãe se endireitou e tentou parecer séria.

— A minha vida é assunto meu — disse com firmeza. — Você não pode estabelecer regras, e eu não vou fazer promessas que não poderei manter.

Cerrei os dentes. Será que ela não se ouvia? Se não conseguia manter a promessa de não beber, isso obviamente não a tornava a alcoólatra que ela alegava não ser?

— Bem, não vou fingir que isso não me incomoda — eu lhe disse. — Cansei dessa farsa.

Tenho certeza de que essa não foi a despedida emotiva que ela tinha em mente. Mas, se ela achava que conseguiria consertar as coisas entre nós nos poucos minutos que nos restavam na frente de um monte de pessoas, ela tinha enlouquecido.

Mamãe esticou a mão e tocou meu ombro de leve.

— Eu a amo, Dana — ela disse em um tom tão baixo que quase não a ouvi, seus olhos reluziam com lágrimas. — Espero que saiba disso.

Houve um tempo em minha vida que toda vez que mamãe recorria às lágrimas, eu desistia de qualquer briga para que ela parasse de chorar.

Minha mãe tinha nota máxima no curso básico de “Manipulação Emocional” e agora estava a caminho de conseguir seu diploma. Mas seja lá o que me tivesse acontecido desde que cheguei a Avalon, eu parecia ter ficado imune aos efeitos mágicos das suas lágrimas.

Eu não lhe disse que sabia que ela me amava, tampouco assegurei que também sentia o mesmo por ela. E eu a amava. Não importava o quanto eu estivesse brava com ela, ou o quanto estivesse assustada com o que ela poderia fazer para si, ela ainda era a minha mãe, e seu problema com bebida não me afetaria tanto se eu não a amasse. Mas não disse isso a ela, apesar da vozinha na minha cabeça que me dizia que eu deveria, só para o caso de aquela ser a última vez em que nos veríamos. Eu disse para aquela vozinha que ela estava sendo mórbida e que deveria se calar.

Mamãe inclinou a cabeça e assentiu. Acho que aceitando a realidade.

Bem, isso era uma surpresa.

— Fique bem, querida — ela disse, e deixou que aquelas lágrimas que tentava reprimir, aposte que não com muita vontade, caíssem.

Movendo-se mais rápido do que eu conseguiria me esquivar ela lançou os braços ao meu redor e me abraçou com força. Eu sentia o corpo dela tremendo enquanto soluçava, e eu sabia que teria uma mancha úmida no ombro antes que ela me soltasse.

Com um suspiro de resignação, passei os braços ao redor dela e dei um leve aperto antes de me desvencilhar.

— Eu a verei em breve — eu disse, e isso foi o mais perto que consegui de consolá-la.

— Não deixarei que nada aconteça a ela — papai disse.

— Eu sei — ela respondeu, também o abraçando.

Ele foi pego de surpresa, mas a abraçou com mais entusiasmo do que eu. Eles brigavam quase que constantemente, pelo que eu sabia — e na maioria das vezes por minha causa — , mas acho que se amaram uma época e não se odiavam hoje em dia.

— Eu a trarei de volta em segurança — ele disse, embora eu duvidasse que colocar sua declaração em outras palavras a deixasse mais convencida disso.

Ela assentiu, segurando-o ainda.

Mamãe se abraçou a ele mais um pouco antes de soltá-lo e recuar alguns passos. Seus olhos ainda estavam brilhantes e o rosto estava molhado. Eu tinha a estranha suspeita de que a primeira providência dela depois que fôssemos embora seria procurar uma loja de bebidas. Mas não haveria nada que eu pudesse fazer mesmo que não estivesse partindo para Faerie, o que, em minha opinião, era o mesmo que o território do inimigo.

Papai passou um braço sobre meus ombros e me virou na direção da ponte. Meus amigos nos seguiram. Olhei sobre os ombros e vi minha mãe acenar tristonha. Pensei em retribuir o aceno, mas não o fiz.

Quando chegamos ao estacionamento, um dos homens do príncipe nos aguardava com uma expressão de impaciência. Ele parecia disposto a nos dizer algo quanto ao fato de estarmos atrasados, mas papai lançou um olhar gélido que o fez mudar de ideia. Em vez disso, ele nos indicou um rapaz vestido como Robin Hood, que conduzia um punhado de cavalos em nossa direção.

Quando disse “conduzir” não foi para dizer que ele segurou o cabresto ou algo assim, mas sim que gesticulou para eles, e eles eriçaram as orelhas e seguiram seu comando. Tentei me convencer que deviam ser dóceis e bem comportados, e que por isso eu não teria dificuldade alguma para cavalgar em um deles.

— São estas as montarias que seu Cavaleiro escolheu para as crianças — Robin disse, e meu pai foi o único que não enrijeceu ante a palavra “crianças”. Sim, eu sei que para feéricos milenares não passamos de crianças, mas mesmo assim...

Robin Hood nos apresentou aos cavalos como se eles fossem gente.

Quase pensei que eles fossem nos dar as patas. Meu cavalo era, na verdade, uma égua branca imensa chamada Phaedra. Sendo uma montaria feérica, ela era linda, com suas linhas graciosas e inteligentes olhos castanhos, e uma cauda tão branca que praticamente reluzia. Ela também era tão alta quanto eu. Senti as palmas das mãos começarem a suar.

— Esta é uma boa hora para eu dizer que não sei cavalgar?

— perguntei a papai quando Robin Hood, ou qualquer que fosse seu nome, deixou-nos. Seria minha imaginação, ou Phaedra me olhava feio?

Papai sorriu para mim e afagou o focinho de Phaedra, que pareceu gostar disso.

— Você se sairá bem — ele disse. — Ela sabe melhor do que você para onde tem de ir. Tudo o que você precisa fazer é permanecer sobre a sela, e ela cuidará do resto.

Espiei uma das carroças já abarrotada de caixas e engradados.

— Eu não posso ir em uma das carroças?

Phaedra relinchou e balançou a cabeça, como se tivesse me entendido e ficado ofendida. Talvez tivesse mesmo, mas era mais provável que minha imaginação estivesse correndo solta.

— Viajar nas carroças é para as classes baixas, ou para os doentes e feridos — papai me informou. — Tenho certeza de que o príncipe Henry adoraria que você seguisse nas carroças para que ele e seus cortesãos pudessem zombar de você pelas costas. Eles veriam isso como um sinal de fraqueza. E tenho certeza de que entende que não podemos nos permitir nenhum sinal de fraqueza.

Acho que no fim eu teria de aprender a cavalgar. Não pode ser difícil, não é?, eu me perguntei para em seguida desejar não ter lançado má sorte sobre mim mesma. Papai me guiou até o flanco de Phaedra.

— Apoie seu pé esquerdo no estribo e suba — ele instruiu.

— Lá vou eu — eu disse. O maldito estribo estava a dois mil metros do chão, e eu tive de me segurar na sela para me erguer. Quando me acomodei, o chão estava perturbadoramente longe. Eu definitivamente não queria cair.

— Tem certeza de que não preciso de um tanque de oxigênio aqui em cima?

— perguntei, e papai riu ao me entregar as rédeas.

— Cuide bem da minha filha, Phaedra — ele disse, dando um tapinha no ombro da égua, depois se afastou de nós.

Finn emergiu do meio da multidão montado em um cavalo salpicado de cinza com um cavalo preto sem cavaleiro o acompanhando. Papai foi até eles. As orelhas do cavalo preto vacilaram para frente, e ele emitiu um som de contentamento, como se estivesse feliz em ver meu pai. Pelo modo como papai sorriu e afagou seu focinho, ele também estava feliz. Ele parecia totalmente à vontade ao montar com graciosidade. Eu, por outro lado, remexi-me para encontrar uma posição mais confortável. Phaedra bufou e bateu a pata, o que interpretei como “pare de se remexer”. Pus uma mão na sela para me equilibrar e fiz o que pude para ficar quieta.

Acho que fomos os últimos a chegar. Assim que terminamos de montar, a caravana partiu, com um par de Cavaleiros à frente a caminho do imenso portão que protegia a entrada.

Um punhado de guardas de fronteira uniformizados protegia a entrada, mas eles estavam mais preocupados em proibir a entrada de criaturas não autorizadas de Faerie em Avalon do que prestar atenção a quem saía (motivo pelo qual os Cavaleiros que atacaram Finn poucas semanas antes conseguiram escapar sem nenhuma repercussão nem sequer uma investigação).

Respirei fundo enquanto Phaedra dançava impaciente debaixo de mim, esperando pela sua vez na procissão.

Levou um tempo. O príncipe, pelo visto, tinha de estar no centro absoluto de tudo, por isso havia um punhado de Cavaleiros instruindo quando as pessoas podiam se mover ou não. Não pude deixar de notar que, embora devêssemos estar sob a proteção do príncipe, fomos colocados praticamente no fim da procissão, com somente um Cavaleiro e a carroça de bagagem atrás de nós.

Vi pela tensão ao redor da boca de papai que aquilo era exatamente o insulto que imaginei que fosse. Lembrei de ele ter comentado que os homens do príncipe estariam mais preocupados em defender Henry do que me defender, por isso fiquei aliviada em ter tanto Keane quanto Ethan comigo.

Finalmente, foi a minha vez de prosseguir. Ethan veio para o meu lado, lançando-me uma saudação vistosa, enquanto Keane e Kimber tomavam a frente e meu pai e Finn ficavam logo

atrás. Eu estava bem protegida. Mas isso não evitou que minhas mãos suassem quando Phaedra me levou para mais perto ainda do portão aberto.

— Certifique-se de se concentrar em Faerie quando estivermos no fim da passagem — meu pai disse lá de trás.

Meu poder de faeriewalker significava que, quando eu olhava da fronteira de Avalon, eu via o que era conhecido como Glimmerglass, uma imagem dupla borrada do mundo mortal e de Faerie, sobrepostas uma à outra. Se eu concentrasse o olhar no mundo mortal, quando eu chegasse ao fim da passagem do portão, eu veria nada mais do que uma parede de tijolos, a qual eu não conseguiria atravessar. Eu precisava me certificar que meu medo não me impedisse de ver Faerie.

Quando entramos na passagem, minhas mãos não só suavam como também tremiam. Eu estava prestes a deixar tudo o que era normal e familiar para trás, e entrar em um mundo em que a magia reinava com supremacia. Um mundo onde pelo menos uma rainha feérica queria que eu morresse, e no qual criaturas que atormentavam os pesadelos dos mortais viviam. Eu queria dar meia-volta e me afastar galopando.

Ok, se talvez eu passasse por aquilo e fizesse amizade com Titânia, eu não correria mais perigo com a Corte Seelie. Isso seria ótimo, mas não passava de um talvez. E eu ainda tinha de chegar lá, o que não parecia uma coisa certa para mim.

Olhando fixamente à frente, vi o muro que demarcava a fronteira entre Avalon e o mundo mortal. Ele estava ligeiramente difuso, mas eu não conseguia enxergar a imagem de Faerie, que eu sabia que também estava ali.

Com outra respiração profunda, tentei relaxar e desfocar o olhar, procurando pela segunda imagem do Glimmerglass.

Por um momento, temi que meus nervos fossem levar a melhor e que meu subconsciente se recusaria a me deixar ver qualquer coisa que não fosse o mundo mortal. Mas, em seguida, meu estômago se revirou de modo bem conhecido enquanto a visão embaçava e as coisas começavam a se mexer dentro dos tijolos. Engoli em seco, desejando não vomitar, e tentei concentrar a vista nos movimentos atrás dos tijolos enquanto Phaedra me levava para mais perto. Perguntei-me o que aconteceria se não conseguisse ver Faerie a tempo. Phaedra atravessaria o muro? E eu cairia no chão, presa do lado de fora?

As preocupações adicionais sobre minha possível humilhação não ajudaram em nada. O sangue berrava em meus ouvidos, e eu tinha de me lembrar de respirar de vez em quando.

Mantive a vista o mais desfocada possível, deixando as imagens borrarem até que eu conseguisse ver as formas vagas atrás dos tijolos, em vez de ver só o movimento. As formas se transformaram em figuras: os membros da caravana que já tinham transposto a fronteira e entrado em Faerie. Escolhi uma figura, um Cavaleiro em um cavalo preto incrivelmente grande, e olhei fixamente para ele até conseguir vê-lo claramente, o muro de tijolos sendo nada além de uma segunda imagem fazendo com que ele parecesse ter escamas.

Consegui em cima da hora. No instante em que focalizei algo exclusivamente feérico, Phaedra pisou na parte em que o muro no mundo mortal deveria estar.

Havia uma parte de mim que antecipava que minha transição de Avalon para Faerie fosse dramática e espalhafatosa, que acreditava que seria como passar através do espelho para entrar em um mundo completamente estranho e desconhecido. Isso apesar de que com minha visão de faeriewalker já tive inúmeros vislumbres de Faerie e sabia que não era um mundo de cogumelos e pés de feijão gigantescos. Quando eu ousava espiar pelo desorientador Glimmerglass, eu via o que parecia centenas de quilômetros de floresta. Árvores, árvores e mais árvores, O que, se você pensar bem, não era uma visão muito fora do comum, a menos que nunca tenha saído da cidade antes.

Prendi o fôlego enquanto Phaedra cruzava a fronteira, esperando por algum trovão, ou qualquer outra coisa, e quase me desapontei quando nada demais aconteceu. Havia uma estrada larga de terra batida a partir do portão, mas que fazia uma curva uma centena de metros mais adiante, O príncipe e seu séquito já estavam seguindo pela estrada.

Forcei-me a voltar a respirar, olhando ao redor em busca de qualquer sinal que me dissesse que já não estávamos em Kansas, mas não havia nenhum muro amarelo, nem árvores de pirulitos, nem monstros vindos de pesadelos. As árvores eram um pouco estranhas, visto que não reconhecia quase nenhuma delas. Não que eu seja algum tipo de naturalista, mas eu normalmente reconheceria pinheiros, bordos e carvalhos. Vi alguns carvalhos, mas, fora isso, todas eram árvores misteriosas, o que tornava a floresta muito mais estranha. Mesmo assim, se eu não olhasse atentamente, poderia acreditar que estava passando por alguma trilha nos Estados Unidos.

— Estava esperando mais fanfarra? — Ethan perguntou, sorrindo para mim. Ele parecia estar se divertindo, apesar de ainda existir aquela pontada de tristeza que me lembrava o quanto ele tinha mudado. Como se a marca do Erlking em seu rosto não fosse o bastante.

Dei de ombros, meio sem jeito.

— Não sei o que eu estava esperando — admiti.

— Algo mais exótico, presumo. Sei que foi isso o que esperei ver na primeira vez que vim a Faerie. Mas é um lugar bem normal — exceto quando não é.

Revirei os olhos.

— Ah, sim, normal. Estou certa disso — esqueça o fato de que não vi nada esquisito até então. Eu tinha certeza que isso aconteceria.

— Bem normal — ele enfatizou. — E as exceções podem ser bastante perturbadoras.

— Fantástico — Phaedra resfolegou e balançou a cabeça, esse movimento me assustou o suficiente a ponto de quase me derrubar. Dei um tapinha em seu pescoço, bem pouco à vontade. — Devagar. Não tive a intenção de ofender sua terra natal.

Ela resfolegou mais uma vez como se não acreditasse em mim. Ethan sufocou um sorriso, e senti o rosto queimar. Só fazia dois minutos que eu estava em Faerie, e eu já conversava com minha montaria. Nada legal.

— Phaedra me odeia — eu contei a Ethan em um tom de voz que eu esperava que fosse altivo. Achei que não faria mal afagar o orgulho dela na esperança de que não me derrubasse de cabeça.

Ethan riu de novo. Notei que ele não parecia ter problema algum com seu cavalo. Ele cavalgava com uma autoconfiança invejável, isso se eu desejasse me tornar uma amazona melhor. Ele estava fantástico na sela, com os cabelos loiros soltos sobre os ombros e os jeans confortáveis ajustados sobre os músculos das coxas. Pela milésima vez, eu me perguntei como fui atrair alguém como ele, que podia ter qualquer garota que quisesse.

Ethan me flagrou admirando-o e piscou para mim, totalmente ciente de como era sexy. Um dia considereei sua arrogância irritante, mas hoje ela só me fazia sorrir e balançar a cabeça. Sim, eu estava caída por ele. E, naquele instante, eu não me importava nem um pouco com isso.

O nervosismo e a antecipação que me mantiveram alerta a ponto de impedir que eu dormisse à noite rapidamente cederam lugar ao tédio e ao desconforto. Por causa das carroças com a bagagem, a caravana se movia lentamente, e tudo o que eu via nas laterais da estrada eram árvores, árvores e mais árvores.

No início, observava-as, estranhando sua esquisitice. O carvalho ocasional só destacava ainda mais a estranheza das demais árvores. O ar estava permeado pelo que parecia ser o canto de pássaros — mais uma vez, nada que eu reconhecesse —, e, às vezes, eu via relances coloridos pelo canto do olho. Toda vez que eu me virava, não havia nada a ser visto. No fim, aprendi que não adiantava procurar, mas isso não me deixou menos alerta aos flashes fantasmas que me lembravam constantemente a estranheza velada da floresta.

Felizmente, a tortura da cavalgada me oferecia várias distrações em relação aos meus

arredores extraordinários. Meu traseiro começou a protestar contra a firmeza da sela a cada 15 minutos, e a circunferência impressionante de Phaedra fazia minhas coxas se alongarem ao máximo.

Eu tinha certeza de que quando desmontasse, eu começaria a andar como um vaqueiro — isso se eu conseguisse andar. Foi só a força de vontade que me impediu de perguntar quanto tempo ainda teríamos até o descanso, mas eu não queria ser a garotinha do banco de trás que fica perguntando: “já chegamos?”. Mesmo que fosse exatamente isso o que eu pensava.

Estávamos viajando por cerca de quatro horas quando a estrada fez uma curva fechada e um lindo e imenso lago apareceu. Eu só via alguns vislumbres por entre as árvores, mas a água tinha um tom cintilante de azul que eu associava com as praias caribenhas. Nunca tinha visto um lago que não tivesse as águas lamacentas, mas talvez Faerie não permitisse águas lamacentas.

A caravana parou de pronto, e um cavaleiro voltou galopando para informar que pararíamos para um descanso. Aquele parecia um lugar estranho para parar, pois a estrada era estreita, sem dar espaço para que as pessoas se espalhassem; tampouco havia acesso fácil ao lago. Porém, uma vez que eu teria a oportunidade de desmontar, não pretendia reclamar.

Quando escorreguei da sela de Phaedra, quase caí de bunda no chão, já que as pernas estavam bambas demais para me sustentar. Phaedra me lançou um olhar desdenhoso enquanto Ethan se apressava para o meu lado para me apoiar antes que eu mergulhasse de nariz no chão.

Ai, meu Deus! Acho que nunca me senti tão dolorida em toda a minha vida! E aquilo era apenas uma pausa, uma oportunidade de oferecer água para os cavalos e esticarmos as pernas. Em menos de uma hora — de acordo com o cavaleiro — voltaríamos a montar para continuar viagem.

Honestamente, eu não sabia se conseguiria voltar a subir na égua, quanto mais cavalgar por tantas outras horas.

— Vocês precisam seriamente inventar alguma alternativa para o carro — murmurei para Ethan, que me sorriu de lado.

— Acredite em mim, já tentaram. Há certos aspectos da tecnologia que a magia pode imitar, mas lamento dizer que carros, não.

Naquele instante, todas as árvores na lateral da estrada que dava para o lago começaram

a se mover. A princípio, pensei que estivesse alucinando ou sonhando, mas logo em seguida senti o formigar da magia no ar.

Ninguém parecia particularmente alarmado com as árvores colocando as raízes para fora, fazendo as vezes de gigantescas patas de caranguejo, e se afastando para o lado. Estremeci ao ver que também as moitas menores se afastaram para abrir caminho entre a estrada e o lago. As pessoas começaram a conduzir os cavalos para a margem para que bebessem água como se nada extraordinário tivesse acontecido. Fiquei parada olhando como uma idiota.

— Bem normal — Ethan me lembrou. — Exceto quando não é.

— ... — eu disse, sem conseguir pensar em nada mais inteligente.

Phaedra nem se preocupou em me esperar para que a conduzisse até a água; ela foi sozinha, balançando a cauda no meu rosto ao passar por mim.

Eu poderia ter ficado sem aquilo, mas estava contente de ter uma pausa dela — e ninguém parecia achar que os cavalos precisassem de supervisão constante. Phaedra não era a única a se refrescar sem um cavaleiro. Ethan passou o braço ao redor dos meus ombros e me guiou na direção do lago.

Pelo canto do olho, vi Keane, e seus olhos estavam apertados e soltando faíscas. Ele parecia prestes a socar alguma coisa, o que significava que ele olhava para Ethan e não para mim.

Reprimi um suspiro. Eu não tinha dúvidas de que Ethan me enlaçara especificamente para provocar Keane, mas eu não me senti inclinada a me desvencilhar dele. Tínhamos pouco tempo em particular e, embora não estivéssemos sozinhos ali, o anonimato da multidão nos conferia algo semelhante à privacidade.

Passei o braço pela cintura de Ethan e apoiei a cabeça em seu ombro, saboreando a sensação de tê-lo ao meu lado enquanto caminhávamos até a margem do rio, onde ficamos parados, abraçados, apreciando a vista. De perto, o lago era tão azul como pareceu de longe. Perto da margem, a água era cristalina, revelando o fundo cheio de pedrinhas, mas mesmo essa água era azulada. A cor mudava para água-marinha mais no fundo, e era quase safira no centro. Fiquei me perguntando se havia algum tipo de alga que deixava a água azul daquela maneira, mas não perguntei “por que a água é azul?” porque me parecia uma pergunta idiota.

— Você está bem? — Ethan perguntou, apertando meus ombros.

— Nada nos atacou até agora, então estou ótima — respondi, cruzando os dedos para

não atrair má sorte.

Ethan riu.

— Nada vai atacar este grupo. Há dezenas de Cavaleiros conosco, além de experientes usuários de magia. Não somos exatamente um alvo atraente.

Olhei de relance sobre o ombro para o séquito do príncipe. Todos estavam apressados, e me perguntei se alguém além de mim, dos meus amigos e do príncipe tinha mesmo a oportunidade de descansar naquela parada.

Ethan me trouxe para mais perto, o queixo esfregando o alto da minha cabeça. Desviei meu olhar do lago para fitá-lo. Cheguei tão perto de perdê-lo para sempre, e prometi aproveitar cada momento que teríamos juntos dali por diante. A cabeça dele abaixou, e seus lábios se entreabriram. Fechei os olhos e preendi a respiração em antecipação ao seu beijo.

Alguém pigarreou atrás de nós. Dei um pulo tal qual um gato assustado, embora Ethan não parecesse nada surpreso.

Tentei me afastar, senti culpa e vergonha por nossa quase demonstração pública de afeição. Até eu me virar e ver quem nos tinha interrompido.

— Precisa comer alguma coisa — Keane disse, levantando uma maçã lustrosa antes de mordê-la. — Isso é o que teremos de mais semelhante a um almoço.

Vi que ele tinha uma segunda maçã na outra mão. Ele a lançou para mim, e fiquei impressionada por pegá-la com uma mão só (tive de pegá-la dessa forma porque Ethan me abraçava com tanta força ao seu lado que meu outro braço estava aprisionado).

— Obrigada — respondi seca. Eu tinha certeza de que Keane não tinha se aproximado só para me entregar uma maçã. Não achei que precisaria muita coisa para que aquilo ficasse feio.

— Não trouxe uma para mim? — Ethan perguntou com ultraje exagerado.

Keane deu mais uma mordida na fruta, mastigando audivelmente de modo a me fazer salivar se eu não estivesse tão ciente do nível crescente de testosterona. Eu sabia desde o começo que ter os dois ao meu lado na viagem seria a receita de um desastre, mas qual dos dois eu deveria pedir para ficar em casa? Não que fizesse alguma diferença, pois nenhum dos dois teria me ouvido.

— Desculpe — Keane disse mesmo de boca cheia. — Só tenho duas mãos.

É, ele parecia lamentar mesmo. Até sua expressão dizia isso.

Acho que Ethan estava prestes a dizer algo sarcástico, mas eu o cutuquei nas costelas com o cotovelo.

— Podemos deixar de lado os peitos estufados, rapazes? — perguntei ao mesmo tempo em que tentava colocar alguma distância entre mim e Ethan. Eu gostava de sentir seus braços ao meu redor, mas não quando ele o fazia só para irritar Keane. Não deixei de me perguntar se ele tentara me beijar só porque Keane estava olhando. Eu não o consideraria incapaz de fazer isso. Eu sabia que Ethan gostava de mim — eu já tinha superado minha desconfiança sobre seus motivos a cada dois segundos. Bem, praticamente. Mas já vi seu lado sombrio, e eu sabia que ele era capaz de planejar algo maquinador.

Keane sorriu para mim.

— Prometo não estufar o peito, embora eu adorasse fazê-lo caso Ethan grite como o Tarzan — deu mais uma mordida na maçã, com os olhos reluzindo de divertimento.

Minha pele formigou com a presença da magia, e logo imaginei que as coisas piorariam. Ethan tinha perdido a postura relaxada e atirava adagas com o olhar para cima de Keane. Não achei que Keane tivesse dito nada muito grave — pelo menos não para os seus padrões — , mas ao que tudo indicava, Ethan era mais sensível.

— Talvez você deva demonstrar o seu grito — ele disse, e a magia ao nosso redor ficou mais densa.

Keane também devia estar sentindo a magia, e sabia o que isso significava. Keane era um grande lutador, mas eu duvidava seriamente que ele teria o poder para enfrentar Ethan em uma batalha com magia.

— Ethan — eu disse em tom de aviso — , é melhor nem pensar em lançar algum feitiço malévolo. — Claro que eu já sabia que ele, mais do que qualquer um, pensava nisso.

Keane levantou uma sobrancelha.

— O que a faz pensar que ele vai lançar um feitiço?

Droga! Keane não sabia que eu sentia a presença da magia, e eu não podia me dar ao luxo de isso mudar. Eu fiquei tão aborrecida com a demonstração de macheza dos rapazes que me esqueci de ser cautelosa.

Dei de ombros, desejando que meu pesar não estivesse evidente.

— Conheço Ethan — eu disse, olhando sério para Ethan. — Não faça isso.

Ele piscou e tentou se fazer de inocente. Levando-se em conta que o ar ainda estava carregado de magia, sua atuação não foi muito convincente.

— Não sou intimidador — ele disse. — Eu jamais atacaria alguém que não soubesse se defender.

Keane emitiu uma espécie de rosnado e deu um passo à frente. A sensação da magia aumentou ainda mais, e suspeitei que Keane fosse parcialmente responsável por isso.

— Quem é que disse que não sei me defender? — Keane questionou, com os olhos verdes flamejantes.

Puxa, como é que ele mordia a isca tão fácil assim? Perguntei-me se me machucaria caso me colocasse entre os dois. Nenhum deles me machucaria de propósito, mas eu tinha a sensação de que, se eles comesçassem a brigar, eu sofreria um prejuízo colateral.

O sorriso de Ethan se alargou. Ele estava se deliciando em irritar Keane — não que Keane dificultasse muito as coisas para ele.

— Longe de mim insultar a sua masculinidade — Ethan disse. — Tenho certeza de que não teria dificuldade alguma em se defender da minha magia.

Keane escarneceu.

— Assim como você não teria dificuldade nenhuma em se defender em uma luta justa. Certo?

Os dois pareciam ter esquecido completamente que eu estava ali. Eles se encaravam com olhares macho-alfa furiosos, e a magia estava tão espessa que era difícil respirar. Eu queria dizer algo que os fizesse recuar, mas até ali nada do que eu disse afetou a animosidade entre eles. Na verdade, minha presença só devia estar piorando as coisas.

— Quem lançar o primeiro golpe, de magia ou não, terá de se entender comigo — Finn disse, e todos nós nos sobressaltamos.

Estivemos tão concentrados na briga iminente que nem ouvimos sua aproximação. Olhei sobre o ombro e vi que papai e Kimber estavam poucos passos atrás dele.

Ethan e Keane se viraram para Finn, embora a agressividade não tivesse diminuído. E agora havia a magia de uma terceira pessoa roubando o oxigênio do ar. Desejei que acabassem logo com aquilo, ou eles acabariam se perguntando o que havia de errado comigo.

para eu estar como um peixe fora d'água.

Keane abriu a boca para dizer alguma coisa afiada — ou estúpida, como parecia ser o caso — , mas ele não era um idiota completo. Já o vi lutar contra o pai, quando Finn lhe ensinou a diferença entre um instrutor de defesa pessoal adolescente bem treinado e um Cavaleiro treinado de Faerie.

Não foi uma cena bonita.

Ethan não recuou tão rápido, embora eu já tivesse visto sinais de que ele respeitava o poder de Finn. Talvez ele estivesse sofrendo de excesso de testosterona para se lembrar disso naquele momento. Finn segurou o braço de Keane e deu um puxão.

— Vá cuidar do seu cavalo — replicou, dando um empurrão em Keane, que praticamente tremia de raiva, mas sabendo que tinha sido vencido.

Ele se virou e saiu batendo os pés na direção da multidão de feéricos que se ocupava no acampamento improvisado. O bom era que o resto da caravana parecia nos ignorar.

Com o afastamento de Keane, Ethan relaxou por fim, sacudindo as mãos para liberar a magia acumulada. Não achei que Finn tivesse ajudado Keane ao intervir. Só me restava imaginar as besteiras que Ethan diria a ele assim que tivesse oportunidade.

— A última coisa de que precisamos é que vocês ajam como crianças — Finn disse a Ethan em sua voz mais séria. — Vocês não se gostam. Tudo bem. Não me importo. Vocês dois supostamente estão aqui para ajudar a proteger Dana, e se meter em brigas um com o outro não ajuda em nada.

Para a minha surpresa, Ethan corou quando ele absorveu o comentário de Finn. Ele não era de aceitar críticas com graciosidade.

— Desculpe — ele murmurou. — Você tem razão. Isso não vai mais acontecer. Mas talvez seja bom dizer a mesma coisa para Keane.

Finn emitiu um som que pendia entre uma risada e uma bufada.

— Não se preocupe, farei isso. Agora por que não vai comer alguma coisa antes de voltarmos para a estrada?

Ethan me lançou um olhar de soslaio que dizia que preferiria ficar comigo para retomar do ponto em que fomos interrompidos. Mas eu estava bastante aborrecida tanto com ele quanto com Keane, portanto, em vez de falar com ele, dei uma polida na maçã que Keane me deu e

mordi. Ethan entendeu a dica e saiu para procurar comida.

Voltar a montar em Phaedra foi ainda pior do que previ. Eu me sentia como uma senhora idosa cheia de artrite ao me erguer sobre a sela, com as pernas e o traseiro gritando em protesto. Ninguém parecia ter o mesmo tipo de problema, nem mesmo Kimber, que eu duvidava ser uma amazona muito mais experiente do que eu. No entanto, ela era 100% feérica, e eles têm diversas vantagens físicas. Imagino que sendo meio feérica, eu estava em melhores condições do que um mero mortal, mas isso não fez da penúria da sela algo muito mais divertido.

Assim que todos montaram e se puseram a caminho, a magia preencheu o ar mais uma vez, e as árvores e as moitas começaram a se mover para suas posições originais. Aposto como dez minutos depois da nossa partida, não haveria mais nenhum sinal da “clareira” na qual tínhamos acabado de passar a última hora. Esquisito. Cavalgamos pelo resto do dia em uma procissão contínua e monótona pela estrada. Não havia nada além de floresta, ainda que, quando perguntei, meu pai me garantiu que havia muito mais do que aquilo em Faerie. Vez ou outra cruzávamos com outro feérico na mesma estrada, mas só vimos sidhe — os feéricos mais parecidos com os humanos.

Viajamos pelo que pareceu serem vinte dias, embora meu relógio insistisse que foram cerca de seis horas, antes que a caravana subitamente saísse da estrada principal, seguindo uma estradinha de terra mais estreita tão bem camuflada que eu provavelmente não a teria notado se a caravana não tivesse virado nela. Seguimos a estrada mais estreita por uns três quilômetros até chegarmos a um muro verdejante que obviamente fora feito por humanos. Estreitando o olhar para a parede, consegui ver troncos de árvores individuais, plantados tão próximos que seus galhos se entrelaçavam desde o solo até as copas alinhadas.

A estrada prosseguia por uma abertura em arco no muro. Quando Phaedra e eu passamos pela abertura, senti na pele o formigamento conhecido da magia. Eu suspeitava que se tratasse de algum feitiço de barreira que o príncipe havia transposto. Desejei que isso significasse que nos aproximávamos da parada para a noite, e meus desejos foram confirmados quando a floresta se alargou em uma imensa clareira. No meio dessa clareira, havia uma construção imensa que, à primeira vista, parecia uma colina de terra, até eu perceber as janelas retangulares espaçadas.

Pisquei, depois enxerguei uma quantidade de construções externas salpicando os limites

da clareira. Folhagens colocadas engenhosamente faziam com que as construções praticamente desaparecessem na floresta adjacente.

Um punhado de feéricos vestidos com simplicidade se apressou a partir dessas construções externas; um deles correu para a principal enquanto os demais convergiam no par de Cavaleiros à frente da nossa procissão. Não ouvi o que as pessoas diziam, mas entendi pela linguagem corporal deles que: a) não éramos esperados, b) o príncipe Henry não se importava com isso e c) dizer não à realeza estava rio topo da lista das Coisas a Não se Fazer em Faerie.

As pessoas começaram a desmontar, e Henry passou a gritar ordens enquanto os criados se apressavam, carregando engradados de algumas das carroças de bagagem e desatrelando os cavalos.

O criado que tinha partido para a casa principal retornou em seguida com um casal com ar preocupado logo atrás. Os dois estavam muito melhor vestidos que os criados, e se portavam com a dignidade autoatribuída dos ricos e poderosos apesar do óbvio desconforto em se depararem com o príncipe e diversas dúzias de seus amigos mais próximos estacionados no jardim da frente.

Eu não havia notado meu pai desmontar, mas ele se colocou ao meu lado e afagou o pescoço de Phaedra.

— Sei que preferiria passar a noite sobre o lombo de Phaedra — ele me disse com uma pontada de divertimento — , mas acho melhor você desmontar. Ao que parece, Henry tem outros planos para nós.

Eu estava mais do que contente em descer, ainda que cada movimento do meu corpo só me causasse mais dor nas pernas e nas nádegas. Segurei-me à sela enquanto deslizava e tive de reprimir um gemido misto de dor e alívio.

— As pessoas que moram aqui não parecem felizes em nos ver — murmurei ao cambalear sobre os pés, tentada a simplesmente me enroscar no chão e dormir, porque isso me pouparia o problema de ter de andar. O casal que saiu da casa para cumprimentar Henry estava sorrindo, mas havia uma centelha maníaca em seus olhos que tornou o sorriso falso.

Papai emitiu um som misto de bufada e de risada.

— Eles terão de alimentar e acomodar todos de nosso grupo, estando ou não preparados para isso. É considerado uma honra hospedar o príncipe e seu séquito, mas também é uma inconveniência muito dispendiosa.

— E eles não podem dizer não, certo?

— Certo — papai confirmou quando os criados se aproximaram para pegar nossos cavalos e os conduzir a uma das construções externas, que, pelo visto, devia ser o estábulo.

Os criados do príncipe estavam ocupadíssimos, e os Cavaleiros estavam visivelmente em guarda, sem despregar os olhos do seu soberano.

Um casal de criados dirigia o grupo mais aristocrático do séquito de Henry para a casa principal, onde, presumi, dariam-nos acomodações. Quando um dos criados se aproximou de nós, Ethan, Keane e Kimber também estavam ao nosso lado. Ao longe, vi Finn levando seu cavalo para o estábulo e me marcou o fato de que ele fosse considerado de uma classe inferior em relação a pessoas como meu pai. Sei que os humanos também têm distinções sociais, mas os feéricos levavam essa diferenciação a um nível totalmente diferente.

O criado se curvou ligeiramente antes de se dirigir ao meu pai.

— O senhor e a sua filha serão acomodados na casa principal — ele disse. Depois se virou para Keane. — Você e seus companheiros — seu olhar passou de leve sobre Kimber e Ethan — ficarão na ala dos criados.

Senti uma repentina onda de indignação por conta dos meus amigos, e apesar das minhas melhores intenções com relação a obedecer aos costumes locais de Faerie, não havia como eu deixar aquilo passar. Abri a boca para protestar, mas, para minha surpresa, meu pai falou antes de mim: — Isso é inaceitável — ele disse, parecendo tão esnobe quanto o príncipe naquele instante. — Estes jovens são os companheiros de viagem de minha filha e estão sob os meus cuidados. Eles ficarão acomodados conosco.

Jamais imaginei que meu pai defenderia o filho de um Cavaleiro e o casal de garotos unseelie que, de fato, eram cidadãos de segunda classe em território seelie, mas não havia nenhum sinal em sua voz de que ele fosse ceder.

Os criados ficaram alarmados e evidentemente pouco à vontade.

— Peço perdão, senhor, mas nossa hosp...

— Precisaremos de três quartos — meu pai disse acima dele. — Um para mim, outro para os rapazes e o terceiro para as meninas.

Senti pena do criado, que, obviamente, estava preso no meio daquela confusão, e lamentei por nossos anfitriões, quem quer que eles fossem.

Pensei em sugerir que todos ficássemos na ala dos criados, mas tinha certeza de que meu pai não aceitaria isso. Talvez ser relegado à ala dos criados fosse um daqueles “sinais de fraqueza” aos quais meu pai alegou que não poderíamos nos submeter. Mordi a língua para refrear certo número de comentários que, provavelmente, não seriam muito ajuizados, dadas as circunstâncias.

Outra criada, dessa vez uma mulher sorridente que eu tinha certeza de que devia trabalhar para o anfitrião, e não para Henry, apressou-se para junto de nós.

— Claro, senhor — ela disse, lançando um olhar de desdém para o criado de Henry — , teremos muito prazer em acomodar o senhor e as crianças. Obviamente, houve um mal-entendido. Por favor, sigam-me.

Puxa, foi tão legal ser chamada de “criança” de novo. Fez com que eu me sentisse crescida e madura. Suspeito que isso também tivesse incomodado os rapazes, ambos com 18 anos, ainda mais do que a mim.

Olhei de relance para o rosto deles, e percebi que estavam ocupados demais lançando olhares nocivos um para o outro para sequer notar. Acomodar os dois no mesmo quarto podia ser perigoso. Desejei que a casa ainda estivesse de pé quando voltássemos para a estrada no dia seguinte.

Meu primeiro dia em Faerie terminou comigo dividindo uma imensa cama de penas com Kimber em um quarto feito quase inteiramente de terra.

Não que se pudesse afirmar que fosse terra a menos que se inspecionasse bem de perto. O chão e o teto eram feitos de terra batida tão lisa que parecia azulejo, e as paredes eram de um padrão intrincado de tons de terra desde o marfim até quase preto, dando a impressão de ser uma série de mosaicos.

Experimentei tocar os desenhos da parede com um dedo, e embora a textura fosse granulosa e áspera — como terra, sabe — estava tão compactada que mesmo se eu raspasse a unha, nada se soltaria.

— O que acontece quando chove? — perguntei em voz alta, tentando não imaginar toda aquela terra se transformando em barro e caindo sobre a minha cabeça enquanto eu dormia.

— Lembre-se, estamos em Faerie — Kimber me lembrou, bocejando atrás da mão. — Esta casa é mantida de pé por magia. Tenho certeza de que suportaria uma tempestade.

O bocejo dela foi contagioso, e eu olhei para a cama morrendo de vontade de me deitar.

Nunca dividi a cama com ninguém, e se eu estivesse menos cansada, até poderia me preocupar em não conseguir dormir. Do jeito como as coisas estavam, isso não seria um problema. A única preocupação era eu me forçar a me lavar antes de me largar sobre a cama, mas eu estava cansada de feder a cavalo. Com um mínimo de exploração, Kimber e eu encontramos o banheiro, que era equipado com uma banheira e uma cachoeira de água quente que fazia as vezes de chuveiro. Declarando excesso de recato mais uma vez, insisti para que Kimber e eu nos revezássemos, mesmo cabendo meia dúzia de pessoas debaixo da cachoeira.

Isso fez com que eu me demorasse a me deitar; porém, mais uma vez possibilitou que eu mantivesse a marca do Erlking escondida.

Adormeci no instante em que encostei a cabeça no travesseiro. Cerca de sessenta segundos mais tarde, alguém apareceu ao lado da minha cama, sacudindo o meu ombro. Emiti um som incoerente de protesto e tentei afastar a mão, com os olhos ainda bem fechados. A mão me sacudiu com mais firmeza, e a voz de Keane sibilou no meu ouvido: — Acorde, preguiçosa — ele disse. — É quinta-feira de manhã. Dessa vez o som me fez rosnar, e me sentei na cama, afastando-me do toque da sua mão. Uma luz rosada fluía das janelas. Esfreguei os olhos, mas a luz ainda estava lá. Acho que no fim dormi por mais do que sessenta segundos. Olhei para o relógio e vi que eram seis da manhã. Dormi direto por oito horas, e eu estava mais do que disposta a voltar a cair na cama por outras oito horas.

— O que está fazendo aqui? — ralhei com Keane, que já tinha tomado banho e se trocado, parecendo completamente desperto e impaciente.

— Quinta-feira de manhã .— ele me lembrou. — Sei que não costumamos treinar tão cedo, mas não sei a que horas vamos pegar a estrada hoje.

Quinta de manhã. Treino. Gemi.

— Você só pode estar brincando comigo. Não vamos treinar hoje!

Ele cruzou os braços diante do peito e levantou as sobrancelhas.

— Quem disse?

Ao meu lado, Kimber se espreguiçou e resmungou: — Desligue o rádio.

— Não vejo motivos para pular nosso treino só porque estamos na estrada — Keane respondeu, ignorando o protesto sonolento de Kimber. — Agora mexa esse traseiro da cama, vista-se e me encontre na frente do estábulo em trinta minutos ou menos.

Kimber deve ter percebido que o barulho que a atrapalhava não vinha do rádio no fim das contas. Levantou a cabeça e espiou Keane. O cabelo dela estava todo bagunçado, e havia marcas de fronha no rosto, mas vi o olhar de Keane desgarrar na direção dela e se arregalar. Mesmo com a cara amassada, ela ainda era linda, especialmente na camisola azul royal de seda que usava. Eu, por minha vez, escolhi uma camiseta gasta e shorts, e suspeitei que minha aparência devia estar tão bela quanto um acidente de automóvel.

Procurei me lembrar que Keane era o idiota irritante que me acordou em uma hora indecente porque queria que eu treinasse depois do dia mais longo da minha vida. Eu pouco me importava se ele achasse que eu faria Medusa ter de se esforçar para vencer a Competição Olímpica da Mais Feia.

— Desculpe por tê-la acordado — Keane disse a Kimber. — Só dê um chute no traseiro da sua companheira para que ela se mexa e saia daqui.

Kimber afastou o cabelo do rosto.

— Trinta minutos na frente do estábulo, foi o que disse?

— Isso.

— Farei com que ela esteja lá.

— Traidora — resmunguei, lembrando-me tardiamente que Kimber era uma pessoa muito mais matutina do que eu.

Ela já estava começando a parecer alerta, enquanto eu ainda precisava de palitos de dente para manter os olhos abertos.

— Odeio você — disse a Keane, inspirando um sorriso de satisfação.

— Não tanto quanto me odiará se em trinta minutos não estiver no estábulo como mandei.

Empurrei o ombro dele. Sei que ele não teria escrúpulo algum para me jogar sobre o ombro e me carregar para baixo caso eu não aparecesse.

— Saia daqui para eu poder me vestir. Vou estar tão motivada que você vai desejar ter me deixado dormir.

Era uma ameaça vazia, claro. Eu tinha certeza de que, como de costume, eu teria dificuldade de dar um golpe a menos que ele me deixasse.

Mas isso por certo não me impediria de tentar.

A última coisa que eu queria era ter público no meu treino com Keane.

Eu estava constrangida com a minha falta de habilidade, e tenho certeza de que algumas das posições em que acabávamos ficando eram menos que...

dignas. Mas, uma vez que Kimber decidiu ver Keane em ação, não tive como impedi-la de me acompanhar. Havia uma centelha de resolução em seu olhar e uma vivacidade em suas passadas enquanto nos apressávamos em nos vestir e chegar ao estábulo.

— Na verdade, não vai ser nada interessante — eu disse a ela, desejando estar apenas imaginando o desespero que ouvi na minha voz.

Kimber era sempre tão graciosa e elegante, e eu não era nada disso.

Suspeitei que me mostraria ainda mais desajeitada, levando-se em consideração como meus músculos abaixo da cintura estavam rígidos e doloridos. Eu não estava nem um pouco ansiosa por outro dia no lombo de um cavalo.

Kimber expeliu o ar em exasperação.

— Não vou ficar olhando para você, sua boba — disse sorrindo para mim e balançando as sobrancelhas. — Acha que consegue fazê-lo suar e tirar a camisa?

Revirei os olhos.

— Terei sorte se ele se esforçar o bastante para deslocar uma mecha de cabelo. Como já disse, não é nada divertido.

— Deixe que eu mesma julgue isso — ela respondeu ao sair do quarto.

Por mais relutante que eu estivesse em deixar que Kimber me assistisse dando uma de boba, provavelmente foi muito bom ela ter me acompanhado, ou eu teria entrado pelas passagens erradas pelo menos umas três vezes antes de encontrar o caminho da saída da imensa casa. Meu senso de direção é inexistente, e ela estava cansada demais na noite anterior para prestar atenção no caminho que fizemos.

Ao que tudo indicava, as pessoas da casa não eram exatamente madrugadoras. Os corredores estavam desertos e silenciosos, enquanto Kimber e eu seguimos para a porta de entrada. O que tornou ainda mais chocante quando virei em um corredor e me deparei com uma criatura de pele marrom de cerca de 90 centímetros de altura. Ela estava de costas para nós, mas quando emití um gritinho de surpresa, ela se virou, revelando uma boca cheia de dentes parecidos com os de um tubarão.

Com a exceção de uma tanga, a criatura estava nua, a pele era toda enrugada, como um couro marrom curtido que passou tempo demais debaixo do sol. Seios caídos até a cintura como balões parcialmente murchos declaravam que a criatura era uma fêmea.

Certa de que ela me atacaria enfiando aqueles dentes afiados na minha garganta, emití um grito de alarme e dei um pulo para trás, quase derrubando Kimber no chão. A criatura emitiu um som bem semelhante, também recuou em um salto.. , e desapareceu.

Hiperventilando, segurei um braço de Kimber e olhei de um lado para o outro.

— Onde ela está? Para onde foi? — ainda esperando ser atacada, senti a adrenalina jorrando pelo meu corpo. Na verdade, eu estava tão concentrada no ataque que levou um segundo para perceber que Kimber estava rindo. Rindo com tanta intensidade que havia lágrimas em seus olhos.

O riso dela acalmou meu pânico, e eu soltei o seu braço. O calor em meu rosto me disse que eu corava, ainda que não soubesse muito bem o motivo de estar envergonhada. Tive certeza, porém, de que ela me explicaria assim que parasse de rir descontroladamente.

Encarei-a.

— Que diabos foi aquilo? E para onde foi?

Kimber pigarreou, e pude ver que ela ainda lutava contra um acesso de riso.

— Aquilo era uma brownie. Estou certa de que deve haver pelo menos uma dúzia delas entre os empregados daqui, mas elas não gostam de ser vistas.

Se aquela que acabei de ver fosse uma bem característica, eu entenderia o motivo.

— O que é uma brownie? É uma daquelas fadinhas benfazejas dos contos infantis que ajudam a limpar a casa e a cozinhar? — nunca parei para pensar na aparência de uma brownie, mas certamente não seria nada parecido com aquilo. Acho que eu teria pesadelos horrorosos.

— As brownies estão no fim da hierarquia de todos os feéricos seelie sensitivos e são empregadas para fazer o trabalho da criadagem pelos sidhe.

Elas não só não gostam de ser vistas, como os sidhe não gostam de vê-las.

Não conte a ninguém que viu uma delas, ou é possível que tentem localizá-la para despedi-la.

Puxa, parece que ser tratado como cidadão de segunda classe seria uma promoção para

essas pobres criaturas. Os feéricos e seu sistema de classes idiota!

— Estou surpresa que Henry não tenha um exército delas viajando conosco para cuidar de cada uma de suas necessidades — resmunguei ao voltar a caminhar. A descarga de adrenalina surtiu o efeito de uma boa xícara de café, e eu, finalmente, estava começando a despertar.

— Tenho certeza de que ele tem — Kimber disse logo atrás de mim. — Elas só trabalham melhor do que essa que viu.

Parei de repente.

— Espere. Quer dizer que temos um bando dessas criaturas viajando com a gente? E que nunca as vimos?

Ela assentiu.

— Sim, claro. Agora é melhor se apressar ou vamos nos atrasar.

Nós nos apressamos, mas, mesmo assim, chegamos atrasadas. Keane estava com os braços cruzados e batia o pé impaciente no chão quando chegamos. Ele fechou a cara ao ver Kimber, mesmo que isso não o impedisse de avaliá-la de alto a baixo. Ela estava fabulosa como sempre, com suas calças cáqui cheias de estilo e uma blusa de seda azul. Não era exatamente um costume de montaria, mas Kimber acreditava mais na apresentação do que na funcionalidade. Eu me sentia como a meia-irmã feiosa parada ao seu lado na minha camiseta velha e gasta e nas calças pretas de ioga (calças que eu tinha de carregar na mochila, porque sendo de lycra, elas desintegrariam se ficassem longe da minha aura de faeriewalker).

— Dana provavelmente estaria na Mongólia a esta altura se não tivesse alguém para guiá-la — Kimber disse para explicar a sua presença, e Keane deu uma bela risada à minha custa. Resolvi imitar Keane e atacar antes que a aula tivesse oficialmente começado.

Enquanto ele e Kimber se divertiam, mirei um chute na canela dele. Se ele estivesse tão despreparado como parecia estar, eu teria a satisfação de vê-lo caindo em cheio em um monte que eu suspeitava que fosse esterco de cavalo. Mas claro que eu jamais teria essa sorte.

Keane pulou ligeiro acima do meu chute e quase aterrissou sobre mim quando desceu. Seu punho acertou meu ombro direito, e meu braço inteiro ficou temporariamente dormente. Tentei recuar para evitar o golpe seguinte, mas ele era rápido demais para mim. Consegui bloquear parcialmente o golpe no meu braço esquerdo, mas esse é meu lado mais fraco, e me vi

estatelada no chão de qualquer modo. Só desejei não ter caído sobre o esterco, mas não tive tempo de me preocupar com isso para poder rolar e assim evitar a queda de Keane. Generosamente, ele permitiu que eu me levantasse antes de se lançar sobre mim mais uma vez. Ele me prendeu com os braços, forçando os meus nas laterais do corpo. Bati a cabeça no queixo dele — bem que eu gostaria de ter atingido o nariz, mas eu era baixa demais para alcançá-lo daquela posição. Minha testa bateu em seu escudo protetor, e sei, por experiência, que isso doeu mais em mim do que nele.

— Bom — ele disse ainda me imobilizando pelos braços — , mas precisa dar sequência ao movimento para o caso do primeiro golpe não bastar.

Não importava quanto treinamento Keane me desse, eu ainda me incomodava em atacá-lo na virilha. Eu sabia que não atingiria nada além do seu feitiço de proteção, mas mesmo assim, mirar um chute ou uma joelhada ali não me parecia certo.

— Vamos fingir que eu dei seguimento ao golpe com uma joelhada e que as coisas terminem por aqui — resfoleguei.

— Claro — Keane concordou fácil demais. — Então também vamos fingir que eu a solto.

Ele caiu no chão e, com os braços presos, não havia nada que eu pudesse fazer para suavizar a queda. Senti a respiração me abandonar e em seguida o peso de Keane caiu com tudo em cima de mim, e eu acreditei que fosse morrer enquanto meus pulmões lutavam por um pouco de oxigênio.

Maldição, será que eu nunca aprenderia?

Keane continuou em cima de mim enquanto eu me esforçava para respirar. Seus olhos se arregalaram ao perceber alguma coisa atrás de mim, e então seus lábios se curvaram em um sorriso. Imaginei que Kimber estivesse lançando um olhar do tipo “ah, meu herói”, apreciando seu poder másculo.

Tentei virar repentinamente para a direita, mas era difícil colocar muita força enquanto ainda lutava para respirar, e nos movemos no máximo dois centímetros. Keane me puniu com um tapa no queixo — não um golpe de verdade, mas só um lembrete de que não melhorei minha situação por ser impaciente.

Aspirei mais algumas vezes, recobrando as forças enquanto Keane continuava a sorrir para mim. Estávamos no chão em vez de estarmos de pé, mas basicamente a posição era a mesma de antes: minha melhor chance de escapar seria uma cabeçada forte, seguida por uma joelhada bem colocada.

Recebi a mensagem de Keane de forma alta e clara: ele não me soltaria até que eu fizesse o que ele queria.

— Tudo bem — resmunguei entre dentes cerrados, em seguida levantei a cabeça para bater mais uma vez em seu escudo. Ele fingiu sentir uma dor horrível, abaixando a guarda a ponto de não poder se proteger.

Levantei o joelho entre as pernas dele, fazendo uma careta em antecipação apesar de saber que não o machucaria.

De trás de mim, ouvi alguém gritar: — Abaixe!

A magia formigou em minha pele, e meu joelho se chocou solidamente contra algo que definitivamente não era o escudo de Keane.

Keane emitiu um som estrangulado e rolou de lado, curvando-se ao meio enquanto se abraçava.

Rapidamente me sentei e olhei sobre o ombro. E descobri que Kimber não era mais nossa única plateia. Ao seu lado, com um sorriso satisfeito, estava Ethan, e só então entendi que a voz que ouvi era a dele. Relanceei para Keane que ainda gemia.

— Você retirou o feitiço de proteção dele!

Ethan não parecia nem um pouco arrependido.

— Que sirva de lição para ele por bater em uma garota.

— Ele é meu instrutor de defesa pessoal, seu idiota! Ele tem que me atacar.

Será que eu era uma pessoa ruim por sentir um mínimo de satisfação pelo que Ethan fez? Levando-se em conta quantas vezes Keane me machucou e me humilhou durante nossos treinos, aquilo era um tipo de justiça poética. Não que eu gostasse de vê-lo sofrer, nem nada assim. Bem, quem sabe só um pouquinho.

Ethan deu de ombros, nem um pouco incomodado com a minha reprimenda.

— Você não tem um escudo protetor. Por que ele pode ter?

— Porque — Keane arfou ao se sentar, apesar de a expressão em seu rosto revelar que ele ainda sentia muita dor — se eu não levantar o escudo, Dana hesitará e não se aplicará temendo me machucar. Belo trabalho em reforçar esse temor dela, com isso ela pode hesitar quando alguém a atacar de verdade.

Pela primeira vez o humor no olhar de Ethan diminuiu. Kimber, que esteve de lado tentando não se envolver naquilo, aproximou-se e se ajoelhou ao lado de Keane.

— Você está bem? — ela perguntou, olhando com severidade para o irmão. Ela tinha a mão pousada no ombro de Keane, e eu pude ver que se importava de verdade.

Keane assentiu.

— Ficarei em um ou dois minutos — ele me prendeu com o olhar. — Não ouse permitir que isso a faça hesitar.

Não gostei de seu tom autoritário e, honestamente, não acreditei que aquele pequeno episódio provocasse algum dano permanente na minha psique ou qualquer coisa assim. Eu talvez hesitasse em atingir Keane se soubesse que Ethan estava por perto, mas se fosse nosso treino normal ou se eu estivesse sendo atacada de verdade por um bandido, aposto como eu atacaria normalmente. Ainda assim, não quis livrar Ethan — não enquanto isso pudesse alimentar a rixa ridícula entre eles — , por isso acrescentei uma ponta de indecisão na voz ao responder: — Vou tentar — pelo canto do olho, vi Ethan fazer uma careta. Em seguida, ele partiu em linha reta para a casa sem dizer nem mais uma palavra.

Quando eu e meus amigos voltamos para a casa, as pessoas estavam começando a acordar. Na verdade, pela movimentação dos criados que se apressavam a carregar as bagagens, nossa caravana partiria em pouco tempo. Mas não antes que eu tomasse uma chuveirada. Eu estava toda coberta de barro e sujeira por causa do treino com Keane. Ainda procurando esconder a marca do Erlking, esperei o banheiro estar totalmente vazio até que fosse a minha vez, apressando-me o máximo que podia, mesmo tendo de lavar minhas roupas. As calças, por serem pretas, tinham salvação apesar de eu ter rolado na terra, mas as manchas na camiseta nunca mais saíam.

Larguei-a no que esperei que fosse o Cesto de roupa suja e me apressei para o quarto para empacotar os poucos itens que tinha separado.

Os criados já saíam do quarto quando cheguei, um deles levando minha mala. Deduzi que o que eu tinha deixado de fora poderia ser colocado na mochila, mas quando entrei, Kimber me informou que já tinham arrumado nossas malas antes de ela chegar.

Fiz uma careta.

— Não gosto muito da ideia de ter alguém mexendo nas minhas coisas — eu disse, incomodada com a invasão de privacidade.

Kimber deu de ombros.

— Devem ter sido as brownies, e tenho certeza de que elas deixaram sua mala mais arrumada do que antes. Vamos agora Pelo visto perdemos o café da manhã e vamos partir em 15 minutos.

Reunir-me a Phaedra não foi o ponto alto do meu dia. Minhas nádegas começaram a doer no instante em que vi a sela, e quando a afaguei no ombro como vi meu pai fazendo, na esperança de fazer amizade, por pouco ela não me acertou nos dedos dos pés. Estreitei o olhar para ela.

— Não tenho culpa de ser uma garota urbana que não sabe cavalgar — eu lhe disse, como se acreditasse que ela pudesse me entender. Ela balançou a cabeça no que muito me pareceu desdém.

Ethan apareceu do meu lado para me ajudar a montar. Corei quando sua ajuda exigiu um empurrão no meu traseiro. Acho que ele já tinha superado seu pesar por ter sabotado meus instintos de autodefesa. Quando olhei feio para ele, ele piscou para mim, deixando entrever um fragmento do seu lado brincalhão que acreditei que ele tivesse perdido depois de sua temporada com os Caçadores Bárbaros.

Mais uma vez, meus amigos, meu pai e eu fomos comanda-dos a viajar no fim da caravana. Meu pai não se mostrou mais contente com isso do que no dia anterior, mas acho que ele também tinha de escolher suas batalhas. Fiquei contente por ele não ter arredado pé quanto à questão dos meus amigos ficarem na ala dos criados em vez de brigar quanto à nossa posição na procissão.

Enquanto progredíamos lentamente, a terra ao nosso redor se modificou. A estrada passou a subir e descer em colinas, e as árvores ficaram mais escassas. Ocasionalmente, vi algumas criaturas da floresta, algumas muito parecidas com as do mundo mortal, outras muito diferentes.

No começo da tarde, as árvores rareavam muito, o resto era terra coberta por moitas e rochas.

— É a terra dos trolls - meu pai informou.

Eu conhecia um troll apesar de ter dificuldade para pensar nele como um por causa do seu glamour de humano. Seu nome era Lachlan, e ele era um cara bem legal, mesmo que seu tamanho o tornasse um tanto intimidador. Às vezes, ele servia de guarda-costas adicional quando meu pai acreditava que eu precisava de mais proteção, portanto, eu me sentia segura ao lado dele. Mesmo assim, nunca vi Lachlan sem o seu glamour, e se os trolls fossem tão feios como as brownies, eu preferia não saber.

Eu devo ter parecido alarmada porque papai sorriu para mim.

— Não se preocupe. Dificilmente encontraremos algum. Eles formam clãs e tendem a viver em grupos.

Havia uma ponta de desdém em sua voz, como sempre quando ele falava sobre trolls, deixando bem claro que os considerava cidadãos de segunda classe. Papai confiava em Lachlan e era educado diante dele, mas quando Lachlan não estava por perto, papai não hesitava em deixar seu lado esnobe aflorar. Ele afirmava que era velho e acomodado demais para mudar, mas isso não costumava me impedir de tentar fazer com que seu comportamento chegasse ao século XXI.

— Sabe, não entendo por que eles não gostam de se misturar quando os sidhe são tão bons e graciosos com eles...

O sorriso de papai desapareceu, e ele me olhou aborrecido.

— Não estamos em Avalon, Dana. Você pode não aprovar como os feéricos interagem entre si, mas é melhor aprender a respeitar isso, pelo menos até voltarmos para casa. Sinceramente, duvido muito que Henry e seu pessoal apreciem receber sermões ou ser julgados.

— Não estou fazendo sermão nem julgando nenhum deles — eu disse, o longo dia na sela fez com que eu ficasse rabugenta. — Estou fazendo sermão para você e julgando você. Você deveria agir como um cidadão de Avalon, não de Faerie.

Aquilo já estava se tornando uma discussão antiga. Papai parecia perfeitamente à vontade em repassá-la comigo, mesmo que um não fosse convencer o outro. Ele nem teve chance, porém, pois sua réplica foi interrompida por um grito de alarme de alguém no começo da fila.

Imediatamente papai ficou alerta, sua magia apareceu antes mesmo de eu virar a cabeça para ver o que estava acontecendo. Phaedra deu um passo para o lado e emitiu um som nervoso pouco parecido com um relincho. A caravana parou de súbito, os Cavaleiros do séquito de Henry desembainhando as armas e convergindo ao redor do príncipe formaram um círculo ao seu redor enquanto ele se erguia nos estribos, procurando a causa do tumulto.

Ainda estávamos perto do fim da caravana, com somente um Cavaleiro e a carroça de bagagens atrás de nós. Esse Cavaleiro incitou o cavalo a avançar, indo na direção do príncipe — e nos deixando para trás.

— Vá — meu pai disse para mim, apontando na direção do Cavaleiro.

— Fique o mais perto possível de Henry. Essa será a área melhor protegida.

— O que está acontecendo? — perguntei com o coração acelerado olhando ao redor, à procura da ameaça.

— Não sei — papai respondeu. — Mexa-se! — ele se virou para Kimber. — Você também.

Ethan desceu do cavalo, e uma adaga prateada se materializou em sua mão. Keane o imitou, mas ele tinha duas adagas. Imagino que fosse difícil lutar com adagas de cima de um cavalo, mas não gostei de vê-los a pé quando todo mundo estava a cavalo. Eu não acharia estranho se Henry saísse em disparada, levando seu pessoal consigo.

Kimber foi mais rápida em acatar a ordem de papai. Ela passou por mim, acenando para que a acompanhasse.

— É melhor ir com ela — eu disse para Phaedra, dando um chutezinho nos seus flancos como ênfase. Ela relinchou e sacudiu a cabeça, sem mostrar desejo algum de querer seguir Kimber para a segurança relativa do centro.

Égua idiota!

Houve mais um grito de alguém à nossa frente. E, de repente, algo saiu de trás de uma pilha de rochas. Algo muito parecido com um monstro, embora eu não fizesse ideia do que fosse. Andava agachado e tinha uma forma vagamente humanoide, mas estava recoberto por escamas pretas e tinha uma longa cauda farpada. E, claro, garras e dentes impressionantes.

Ele me lembrava um chimpanzé rasteiro, apesar de estar usando uma armadura de couro e um elmo que sugeriam que aquilo não era um animal.

Também não era um troil. Porque, supostamente, os trolls eram imensos, e aquela coisa tinha o tamanho de um ser humano.

O que quer que fosse, ele rugiu, o som muito mais potente do que seu pequeno corpo deveria ser capaz de produzir. Mais adiante, uma mulher gritou, e ouviu-se outro rugido. Em todas as partes, os cavalos começaram a emitir sons alarmados conforme mais gritos se ouviam.

A situação ficou infernal em questão de segundos. A criatura que vi pulou no ar, aterrissando no assento traseiro da carroça de bagagens atrás de mim. O condutor não era um Cavaleiro, mas não estava completamente indefeso. A criatura balançou as garras na direção dele, mas as garras resvalaram em um escudo invisível quando o condutor desceu do assento.

— Vá para o meio! — papai exclamou enquanto lançava algum tipo de feitiço na criatura.

O feitiço derrubou a criatura no meio de um pulo, mas não pareceu feri-la. Finn avançou enquanto ela ainda estava atordoada, trespassando-a com sua espada no peito.

— Mexa-se, Phaedra! — incitei-a, dando mais um chutinho enquanto duas outras criaturas saíam de trás das rochas.

Phaedra relinchou e balançou a cabeça, dançando de lado, nervosa, os olhos revirados mostrando a parte branca. Em toda a nossa volta, as pessoas exclamavam e gritavam. Os monstros rugiam, e eu ouvi os sons dos Cavaleiros protegendo o príncipe.

Kimber voltou, chamando Phaedora com uma voz encorajadora, ainda que eu conseguisse ouvir o medo nela. Ela sabia que eu e Phaedora não éramos grandes amigas. Talvez Phaedora se opusesse ao modo como gritei com ela, mas eu não podia me preocupar com seus sentimentos frágeis enquanto estávamos sendo atacados.

Phaedora não pareceu mais animada com os chamados de Kimber do que com minhas ameaças de atormentá-la. Ela relinchou mais uma vez, depois recuou, empinando as patas dianteiras. Apertei as pernas com força ao seu redor, e me segurei firme à sela.

Uma das criaturas saiu voando, sua cabeça dilacerada no lugar onde, pelo visto, Phaedora a atingiu em pleno ar. Eu teria agradecido por ela ter acabado com um dos agressores, a não ser pelo fato de que, por fim, ela começou a se mexer — fugindo do centro da batalha e da proteção dos Cavaleiros.

— Dana! — papai exclamou, esticando-se na minha direção.

— Phaedora, pare! — gritei, ainda me segurando à sela, mas ela me ignorou, desviando da carroça de bagagem até que não restasse nada além da estrada desimpedida à sua frente. Tentei segurar as rédeas, mas ela as afastou das minhas mãos.

Olhei sobre o ombro e vi meu pai tentando me seguir, mas uma das criaturas pulou à frente dele, e ele teve de parar para lutar. Ethan e Keane estavam de costas um para o outro, combatendo três criaturas enquanto Finn cuidava sozinho de quatro. A caravana estava completamente devastada, e havia criaturas em número suficiente para que algumas delas partissem atrás de Phaedora e de mim ainda deixando meu pai e meus amigos com as mãos ocupadas com inimigos.

— Volte! — implorei a Phaedora, com as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto tentava não imaginar aquelas criaturas dilacerando as pessoas que eu amava.

Phaedora não me deu atenção, galopando pela estrada o mais rápido que conseguia, os cascos retumbando no chão de terra batida, fazendo a poeira se levantar a ponto de me impedir de contar quantas criaturas nos perseguiram.

A poeira também bloqueou a visão da batalha, portanto eu não fazia ideia se estávamos vencendo ou não. O que eu sabia era que eu estaria em sérios apuros se Phaedora não conseguisse manter aquela velocidade, porque, mesmo que eu não conseguisse enxergar claramente, eu sabia muito bem que havia um bando de sombras escuras nos perseguindo.

Phaedora continuou galopando, eu continuei me segurando, enquanto deixávamos o resto da caravana para trás, aumentando cada vez mais a distância entre nós. Infelizmente, a

distância entre nós e as criaturas não aumentava. Elas não tinham a aparência de quem conseguiria correr muito, mas estavam mantendo o passo.

Mais do que isso, estavam avançando!

— Mais rápido, Phaedra! — encorajei-a e, só para variar, ela fez o que pedi aumentando a velocidade.

Mas cavalos, mesmo os feéricos, não foram feitos para galopar por muito tempo. Ela estava se cansando, e mesmo o medo que sentia das criaturas que a perseguiam não bastava para motivá-la a deixá-los para trás.

Olhando sobre o ombro, enxerguei pelo menos meia dúzia de sombras se movendo no meio da poeira. Elas estavam muito mais perto do que da última vez em que olhei.

Eu duvidava que qualquer técnica de defesa pessoal que Keane tivesse me ensinado me ajudaria contra aquelas criaturas. Eu tinha a pistola na mochila, mas com o passo rápido de Phaedra, achei muito difícil pegá-la sem derrubá-la ou acabar caindo. Além disso, a pistola só tinha duas balas.

Isso só me deixou com uma arma.

Fechei os olhos e, tentando não hiperventilar de medo, comecei a cantarolar. Meu pânico era grande demais para eu pensar em uma canção de verdade, por isso só cantarolei uma escala de notas. Um pouco desafinada e trêmula por conta das passadas constantemente bamboleantes de Phaedra, mas a magia parecia já não se importar com o modo com que eu cantava. Ela imediatamente atendeu ao meu chamado, tornando sua presença notável pelo formigamento em minha pele, que mais parecia uma série de pequenos choques elétricos.

Continuei cantarolando, juntando magia, captando-a desesperadamente. Eu não sabia exatamente o que tinha feito quando a usei contra tia Grace. Não pensei coerentemente, reagindo por puro instinto. Eu não fazia ideia se conseguiria recriar o que quer que eu tenha feito.

Tampouco se recriá-la me ajudaria em alguma coisa. Meu feitiço não impediu tia Grace de atacar, e se não fosse por Ethan e pelo Erlking, de nada teria adiantado. Mas eu tinha de tentar alguma coisa.

Phaedra relinchou e cambaleou.

Meus olhos se abriram quando quase caí da sela. O terror me deu forças para prosseguir, mas a situação tinha passado de ruim para péssima.

As criaturas estavam mais perto, bem próximas da distância em que poderiam saltar. Ou, a julgar pelos sulcos ensanguentados em uma das pernas de Phaedra, talvez nem a essa distância.

Trêmula de terror, continuei a cantarolar até ter certeza de que tinha juntado a quantidade de magia que conseguia conter. Em seguida, emití um grito em uma nota aguda, do tipo que provavelmente quebraria cristais — se houvesse algum por perto. Imaginei essa nota transportando minha magia até as criaturas para transformá-las em pedra. Não que eu esperasse que isso acontecesse de fato, mas visualizar o efeito que esperava alcançar me pareceu o certo a fazer.

A magia não era visível — eu nem sabia que ela estava ali se não fosse percepção de magia feérica que, para início de conversa, eu nem deveria ter —, mas eu quase conseguia enxergá-la quando ela se curvou em perseguição às criaturas, arremessando-as para trás até que desaparecessem na nuvem de poeira, por isso eu não sabia dizer se estavam ou não machucadas. O feitiço não foi nem violento nem tão óbvio quanto o que usei em tia Grace, por isso me perguntei se algo drasticamente diferente acabara de acontecer.

A boa notícia era que, mesmo que meu feitiço não as tivesse machucado, ele empurrou um punhado dos meus perseguidores a ponto de eu já não ter mais ninguém correndo atrás de mim. A notícia ruim era que mais do que um punhado estava em meu encalço. As criaturas restantes rosnaram bem perto e recomeçaram a correr.

Voltei a cantarolar, com a intenção de juntar mais magia, mas estávamos sem tempo. A pele de Phaedra brilhava de suor, e eu conseguia ouvir sua respiração cansada como se ela continuasse correndo apesar da exaustão. Nossos perseguidores tinham mais energia e, se estavam cansados da longa corrida, não mostraram nenhum sinal. Um deles acertou uma das patas de Phaedra com as garras.

Phaedra não conseguiu emitir um relincho — acho que ela não tinha fôlego bastante para isso —, mas seu lamento de dor me fez estremecer em empada. Ela tropeçou de novo e, dessa vez, seu tropeço foi seu fim, pois permitiu que as criaturas cruzassem o resto de distância que ainda havia entre nós.

Outro par de garras atingiu as patas de Phaedra e, em vez de tropeçar, ela caiu. Tentei pular antes que ela atingisse o chão. Quase consegui, embora aquilo mais se parecesse com uma queda do que com um pulo.

Phaedra aterrissou com tanta força que senti a vibração na terra batida quando eu também caí. Meu pé estava preso no estribo, ainda que eu tivesse me desvencilhado o

bastante para que Phaedra não caísse sobre mim.

Ela se debateu violentamente, tentando se levantar enquanto as criaturas convergiram sobre ela, afundando os dentes e as garras em seus flancos. Um casco chegou bem perto da minha cabeça enquanto eu tentava me livrar do estribo.

A queda me deixou sem fôlego, impedindo-me de cantarolar, e eu duvidava que conseguisse juntar magia suficiente para nos salvar.

Estávamos fadadas!

Uma das criaturas pulou sobre as patas que se debatiam de Phaedra aterrissando bem na minha frente. Ela arreganhou os dentes, depois balançou as garras afiadas na minha direção, e não havia nada que eu pudesse fazer para me defender, não enquanto o estribo me prendesse.

Uma coisa a golpeou acima da minha cabeça, e a criatura se afastou de mim, caindo para trás. Pisquei em momentânea confusão até ver uma flecha com penas pretas atravessada em sua garganta.

Outra flecha voou sobre a minha cabeça, atingindo outra criatura no pescoço. Em seguida, aconteceu o que se assemelhou a uma tempestade de flechas, cruzando o ar, cada uma delas atingindo um alvo.

— Fique abaixada, Faeriewalker — uma voz familiar gritou.

Congelei e parei de me debater para me soltar do estribo e relanceei sobre o ombro para me certificar de que ouvi o que pensei que ouvi.

Na estrada à minha frente, havia um bando de cavaleiros, todos mascarados e com armaduras, cada um deles com arco e flecha em punho. A maioria ainda lançava flechas, acabando com os últimos dos meus perseguidores. Mas um permaneceu imóvel em seu imenso cavalo negro, e embora eu não pudesse ver seus olhos atrás da camuflagem da terrível máscara com chifres, eu sabia que ele me observava com fascinação predatória.

Há quanto tempo o Erlking e seu bando de Caçadores Bárbaros vinham me seguindo? E eu deveria estar feliz por eles terem acabado de me salvar ou aterrorizada pelo que poderia acontecer em seguida?

Consegui liberar meu pé do estribo enquanto os Caçadores Bárbaros dizimavam o resto das criaturas. Perdi meu sapato no processo, mas não senti muita vontade de me esgueirar para perto de Phaedra para recuperá-lo. Seu corpo estava todo marcado por ferimentos ensanguentados. Havia tanto sangue que eu mal acreditava que ela ainda estivesse viva. Contudo, seu flanco balançava, por isso era óbvio que ela ainda respirava.

Os Caçadores pararam de lançar flechas, e eu tanto senti quanto ouvi o baque quando o Erlking desmontou do cavalo e chegou ao chão. Ele não era um homem pequeno, e a máscara e a armadura o tornavam ainda maior e mais intimidador.

Como de costume, ele estava todo vestido de preto, exceto pelas tachas e cravos prateados da armadura. Ele parecia um porco-espinho sob efeito de esteroides, e fiquei imaginando como ele conseguia cavalgar sem machucar a montaria. E é melhor nem falar da máscara, com seus esgalhos prateados imensos e presas grotescas.

O Erlking pegou a ponta da máscara e a retirou com cuidado. Os cabelos longos e muito negros escorregaram por baixo dela. Ele era o único feérico naturalmente moreno que eu conhecia. Pendurando a máscara em um gancho na sela do cavalo, ele se virou para mim.

Toda vez que eu olhava para ele, era como se eu levasse um soco no estômago. Provavelmente ele era a pessoa mais assustadora e perigosa que já conheci, mas também era a mais linda. Mesmo para um feérico, o que significa bastante. Ele era um bad boy ao enésimo grau, embora não houvesse nada de garoto nele, nem remotamente.

O Erlking sorriu para mim. Era um sorriso de quem sabia o motivo de eu ainda estar sentada olhando maravilhada para ele em vez de me levantar de modo maduro e digno. Eu me obriguei a não corar enquanto desviava o olhar com determinação, fingindo procurar o sapato, embora eu soubesse exatamente onde ele estava.

Levantando-me, pulei para o lado de Phaedra, tentando não olhar para seus ferimentos enquanto pegava com cuidado o tênis largado e o enfiava de volta no pé. Ouvi o barulho da armadura enquanto ele se aproximava de mim, e me virei de frente, tentando não parecer tão intimidada. Duvido muito ter sido bem-sucedida.

— Então, é uma coincidência afortunada que você estivesse por perto?

— perguntei. Talvez eu devesse agradecer por ele ter salvado a minha vida, mas, como sempre, com ele, achei melhor esperar primeiro para ver o que estava planejando.

Seu sorriso se ampliou um pouco mais.

— O que acha, Faeriewalker?

— Acho que andou me seguindo — eu disse. — E pare de me chamar de Faeriewalker — não deveria importar como ele me chamava, mas, de algum modo, quando ele me chamava de “Faeriewalker”, eu me sentia como se ele me considerasse uma propriedade valiosa em vez de uma pessoa.

Seus olhos cintilaram de divertimento, e ele fez uma meia medida.

— Mil desculpas, Dana.

De alguma maneira, não achei que isso fosse muito melhor, no fim das contas.

Ao meu lado, Phaedra emitiu um som profundo carregado de sofrimento. O Erlking — seu nome era Arawn, mas eu tinha dificuldades para pensar nele dessa maneira — virou-se para fitá-la. Se eu não o conhecesse melhor, poderia jurar que vi empatia em sua expressão. Eu não podia afirmar que gostava de Phaedra, mas, quando a vi e notei que estava consciente e sofrendo, senti um peso no peito e as lágrimas queimaram meus olhos.

— Por que você não podia ter ficado com os outros? — perguntei para ela, desejando ter considerado algumas aulas de equitação (no tempo extra que me restou nos preparativos para aquela viagem — rá!). Talvez então eu tivesse sido capaz de conduzi-la para a segurança.

— Essa é uma pergunta bem interessante — o Erlking disse sério.

Eu me virei para ele de novo e vi que ele tinha desembainhado a espada. Ele me encarou, e seu profundo olhar azul me fez sentir fraca e insegura.

— Olhe para o outro lado — ele me disse.

O ardor nos meus olhos intensificou, e pisquei freneticamente, tentando evitar que as lágrimas escorressem.

— Você vai matá-la — sussurrei.

Ele não teve dificuldades para me ouvir.

— Ela está ferida demais para ser curada.

Eu via isso com meus próprios olhos. Alguns feéricos se especializavam em magia de

cura, mas eu tinha certeza que o Erlking e seus Caçadores Bárbaros não estavam entre eles.

E talvez nem mesmo o melhor deles conseguisse salvar Phaedra.

Quando a vi mais de perto, notei que o pescoço estava praticamente todo exposto. Não sei nem como ela ainda estava consciente, mas a dor em seu olhar era insuportável.

Engolindo em seco, fechei os olhos e preendi a respiração. Ouvei a espada do Erlking cortar o ar, depois o estrondo úmido quando ela trespassou a carne. Meu estômago revirou, e fiz de tudo para não vomitar. O ar estava permeado do cheiro de sangue, e de algo mais pútrido. Suspeitei que o último viesse das criaturas mortas.

— Pode abrir os olhos agora — o Erlking disse.

Eu não queria, com medo do que veria. Mas apesar do fato de ele ser um assassino impiedoso muito antigo, o Erlking era capaz de se passar por um ser humano decente de vez em quando: ao entreabrir os olhos, vi que ele tinha coberto boa parte do corpo de Phaedra com a sua capa preta.

Fungando como um bebê, esfreguei os cantos dos olhos como se houvesse algum cisco neles. Não que eu achasse que tivesse enganando alguém com isso.

Um sinal de como fui sobrecarregada de adrenalina foi que, só então, eu me lembrei do resto das criaturas atacando meu pai e meus amigos.

Arfei, e meu coração voltou a bater a toda velocidade.

— Meu pai! Ethan! — dei as costas para o Erlking, com a intenção de sair correndo pela estrada de volta ao campo de batalha.

É, eu sei. Uma idiotice. Eu não seria capaz de ajudar mesmo que chegasse a tempo, e graças à longa galopada, a batalha provavelmente já devia ter terminado. Mas agi às cegas seguindo meu instinto, quase tropeçando em um dos monstros mortos.

Claro que Arawn não me deixaria sair correndo. Sua mão parou em meu ombro, os dedos se fechando ao meu redor como se fossem uma trepadeira.

— Eles sobreviveram — ele informou enquanto eu tentava me desvencilhar. — Seu pai se machucou, porém nada sério.

Ethan e os demais estão bem.

Eu tinha me esquecido de que o Erlking conseguia se comunicar com Ethan à longa distância por causa da marca que Ethan ainda carregava.

Normalmente, eu consideraria isso uma coisa ruim, mas, naquele instante, fiquei grata a ponto de quase sentir tonturas de alívio.

— Tem certeza? — perguntei.

— Absoluta. Bogles não são páreo para um grupo tão impressionante de Cavaleiros e de usuários de magia.

Olhei de relance para uma das criaturas mortas. Bogles. Mais uma das criaturas feéricas das quais nunca ouvi falar. Havia muitas.

— O que é um bogle? Quero dizer...

— Eles são unseelie — o Erlking interrompeu, tendo adivinhado corretamente a minha pergunta. — Eles têm certa inteligência primitiva, mas nada que se equipare aos sidhe. Ou aos humanos, na verdade. E eles estão a pelo menos 70 quilômetros do seu território. Os bogles não se desgarram das suas terras. Jamais. Alguém se esforçou bastante para atraí-los para cá. E como eles são mais próximos a animais que a pessoas, Titânia não pode se ofender com a invasão.

Engoli em seco. Eu sabia que não podia ser coincidência nosso grupo ter sido atacado. Pensei por um instante que o príncipe Henry pudesse ter nos levado ao território inimigo, mas imediatamente dispensei esse pensamento. Por um motivo, aquele não deveria ser o território do inimigo.

Por outro, eu esperava mesmo que ele não fosse tão insensível a ponto de arriscar tantas pessoas do seu povo só pela possibilidade de que meu pai ou eu acabássemos mortos na batalha.

— Por que estava sozinha? — o Erlking perguntou. — Como os bogles conseguiram afastá-la do seu grupo? Foi o que aconteceu, não?

Gesticulei para o corpo de Phaedra.

— Ela entrou em pânico e saiu galopando — minha garganta se fechou mais uma vez quando minha mente me forçou a imagem dos olhos carregados de pânico. Eu não gostava dela, e ela não gostava de mim, e lá estava eu praticamente chorando porque ela estava morta.

O Erlking franziu o cenho e inclinou a cabeça.

— Entrou em pânico? Mesmo?

Assenti, lembrando dos sons nervosos que ela começou a fazer assim que o primeiro grito ecoou.

— Não fui uma amazona boa o bastante para controlá-la. Ele balançou a cabeça.

— Não foi culpa sua. Um cavalo feérico não deveria ter disparado. Se ela tivesse sentido medo, deveria ter ido para a direção mais segura, que nesse caso seria qualquer lugar exceto para longe do grupo.

Arregalei os olhos para ele.

— O que está tentando dizer?

— Alguém a manipulou. Pode ter lançado um feitiço de compulsão.

Um que a incitou a afastar-se a fim de que você ficasse vulnerável.

Maldição. Não era isso o que eu queria ouvir. O que fazer com a segurança que meu pai tinha quanto a Titânia se ela ainda desejava me matar? Eu só queria que isso significasse que poderíamos dar meia volta e seguir para casa agora. Talvez eu chegasse a tempo de evitar que mamãe entrasse de cabeça nos hábitos antigos.

— Eu já deveria estar acostumada a ter pessoas querendo me matar...

— murmurei baixinho.

Arawn sorriu.

— De fato. Você conquistou um número admirável de inimigos.

— Meu pai tanta certeza de que Titânia não quebraria sua palavra.

— Ela não faria isso. Não depois de ter garantido passagem. Essa seria uma quebra de etiqueta imperdoável. Até mesmo eu honro as regras de etiqueta da corte.

— Fico feliz que as pessoas considerem rude pensar que ela me mataria, mas alguém acabou de tentar isso, e ela é a suspeita mais lógica.

— Entretanto, não é. Seu pai tem razão: ela não atentaria contra a sua vida, tampouco perdoaria o ataque de outra pessoa uma vez que você está viajando com a garantia de uma travessia segura.

— Imagino que possa ser Mab — eu disse relutante em desistir que fosse Titânia. Se houvesse como culpá-la, meu pai seguramente concordaria em voltarmos para casa. Claro que se tentássemos voltar, Henry talvez decidisse nos prender.

— Também pouco provável — Arawn disse. — Mandar alguém da sua corte para o território seelie e depois comandar um ataque a alguém sob a proteção de Titânia seria um ato de guerra.

Lancei minha carranca mais cética.

— Certo, e as cortes seelie e unseelie nunca estiveram em guerra antes.

Sempre foram amigas do peito.

Um dos cantos da boca dele se retorceu, mas ele não chegou a sorrir.

— Elas guerrearam mais vezes do que se pode contar, e um dia voltarão a guerrear. Mas não é assim que começa. Haverá um padrão de tensão crescente antes que alguém declare guerra. E haverá uma declaração formal antes que a batalha comece.

— Os feéricos não fazem ataques surpresa?

Ele balançou a cabeça.

— Não desse modo. Em Faerie, a guerra é muito mais formalizada do que no mundo mortal. Pelo menos pelo que sei do mundo mortal.

— Portanto, se não foi Titânia nem Mab...

— Então você tem outro inimigo. Um que está disposto arriscar a ira da rainha ao desafiar o protocolo.

Minhas suspeitas recaíram imediatamente sobre Henry. Obviamente, ele não gostava de mim, nem que fosse só por eu ser filha do meu pai.

Porém, deparei-me mais uma vez com o fato de que seu próprio povo foi atacado. Sim, talvez ele tivesse arranjado para que Phaedra entrasse em pânico e saísse em disparada, separando-me dos meus protetores, mas ainda assim...

— Que tal levarmos você de volta ao seu pai? — o Erlking sugeriu. — Ethan garantiu a ele que você está bem, mas seu pai estranhamente reluta em deixá-la aos meus cuidados.

Revirei os olhos.

— Puxa. Por que será?

O Erlking gargalhou e acenou para o cavalo que se aproximou com evidente avidez. Claro, ele era um caçador imortal, e deduzi que destreza com montarias fosse um pré-requisito para tal. Ele montou na sela com facilidade, depois esticou a mão para mim.

Senti o sangue fugir do meu rosto. Não imaginei que ele tivesse sugerido que eu fosse naquele cavalo com ele. Por um motivo, o animal era imensamente grande, muito mais intimidador do que Phaedra jamais poderia ter sido. Sem falar que ele estava todo coberto por uma armadura, o que o tornava ainda maior. E também havia aqueles pregos na armadura do Erlking.

— Acho que prefiro caminhar — eu disse, mesmo duvidando que o Erlking me desse tal opção. Eu não poderia fazer nada caso ele decidisse me carregar.

— Eu não a machucaria — ele me garantiu, e em um piscar de olhos, sua armadura desapareceu, sendo substituída pela roupa de motoqueiro que ele usava em Avalon.

Uau. Uma troca de roupa ultrarrápida. Kimber morreria de inveja se soubesse o que ele podia fazer.

Olhei rapidamente para os outros Caçadores. Nenhum deles tinha desmontado enquanto Arawn e eu conversávamos. Eles só continuaram lá, calados e observadores.

Claro que estavam calados. Os membros do bando dos Caçadores Bárbaros jamais falavam. Certo dia, preocupei-me que isso fosse por ele ter lhes cortado a língua, mas Ethan me disse que era apenas o resultado de um feitiço.

Eu não saberia distinguir um Caçador do outro, não com as máscaras e armaduras. O Erlking impossibilitava que as pessoas vissem seus Caçadores como indivíduos.

— Connor está aqui? — perguntei baixinho. — Eu preferiria ir com ele — não que eu conhecesse Connor mesmo que remotamente. Mas ele era meu irmão, e ainda que isso fosse meio ilógico, eu sabia que me sentiria mais segura com ele.

O Erlking gesticulou para um dos Caçadores, que incitou o cavalo adiante e retirou a máscara para que eu visse seu rosto. Era como olhar para os olhos do meu pai, embora só fosse necessário um instante para enxergar o resto das feições e perceber que ele não era meu pai. Ele era mais forte, seu rosto menos estreito e o nariz menos afilado, mas a semelhança era óbvia.

— Ele está aqui — o Erlking disse desnecessariamente — , mas você cavalgará comigo.

Por que será que eu sabia que ele diria isso? Eu sabia que era uma batalha perdida, mas tentei me manter firme.

— Eu gostaria de conhecer melhor o meu irmão — eu disse.

O Erlking riu.

— Ele não é uma pessoa muito sociável.

Recuei. Normalmente, o Erlking ao menos fingia que tinha alguns sentimentos humanos, por isso não esperei essa crueldade vinda dele. Olhei de relance para Connor, mas, se ele se ofendeu com a piada do Erlking, não havia nenhum sinal. Ele me observava com um sorriso no rosto.

Connor estendeu a mão entre mim e o Erlking. Deduzi que era para dizer que eu deveria ir com o Erlking. Ele podia estar seguindo as ordens silenciosas do chefe, mas algo me dizia que não. Eu ainda não desejava montar no cavalo negro gigantesco, tampouco me aproximar tanto dele. A última coisa que eu queria era que ele me tocasse.

Esponaneamente, a imagem de quando selamos nosso acordo para libertar Ethan — com um beijo — veio-me à mente. Por causa do poder da magia que acompanha os feitiços que nos obrigariam a cumprir nossa palavra, o beijo foi embaraçosamente passional. Eu sabia que só foi assim por causa da influência da magia, que eu não estava nas minhas faculdades mentais normais, e que mesmo Arawn foi afetado. Mas, às vezes, eu não conseguia deixar de pensar naquilo. Pela lógica, eu sabia que tocá-lo não provocaria o estouro de fogos de artifício, que o beijo foi um incidente único, mas mesmo assim...

O cavalo do Erlking resfolegou e bateu o casco no chão, pelo visto tão impaciente comigo quanto Phaedra fora.

— Venha — o Erlking disse. — Seu pai está quase fora de si. Se você não aparecer logo, ele pode dizer alguma coisa da qual o príncipe Henry o fará se arrepender depois.

Até onde eu sabia, Arawn jamais mentiu para mim. Pode ter me enganado, mas nunca mentiu descaradamente. Eu não conseguia imaginar meu pai, costumeiramente equilibrado e impassível ficando “fora de si” por causa da minha ausência; mas se Arawn dizia isso, então devia ser verdade.

Com um suspiro de resignação, aceitei a mão estendida do Erlking e deixei que ele me suspendesse para a sela diante dele. Pensei que ele fosse me acomodar atrás, mas ele e seu cavalo me deixavam tão pequena que ele segurava as rédeas ao meu redor com muita facilidade. Isso significava que fiquei espremida contra ele de maneira bem pouco conveniente, e eu estava dolorosamente ciente do calor do seu corpo atrás do meu. Eu também estava dolorosamente ciente de que ele... Bem, que ele gostava de me ter ali. Senti o rosto arder e rezei para que ele não tocasse no assunto.

A situação piorou quando o cavalo começou a se mover.

O corpo de Arawn se esfregava no meu, e seus braços praticamente me prendiam contra seu peito. E também havia aquela outra coisa se esfregando em mim a cada solavanco da passada do cavalo. Minhas mãos seguravam a ponta da sela, não porque eu precisasse me segurar para não cair, mas para que eu não fizesse algo estúpido como dar uma cotovelada em seu estômago para que ele se afastasse.

— Relaxe — o Erlking disse, a voz suave falando direto em meu ouvido quando seu rosto se aproximou de maneira bem incômoda do meu.

— Não corre perigo comigo. Prometo.

Consegui refrear a risada histérica que queria escapar de mim. Ele não estava propenso a me machucar, mas isso não era o mesmo de não correr perigo. E lá estava nosso acordo, pendendo sobre minha cabeça ameaçadoramente. Se um dia eu quisesse fazer sexo na vida, eu primeiro teria de procurar Arawn. Duvido que eu tivesse coragem de fazer isso mesmo sem saber que ele roubaria meus poderes para invadir o mundo mortal e iniciar uma matança desenfreada.

Só levamos cerca de dois minutos para chegarmos à parte em que lancei minha magia contra os bogles e, pela primeira vez, vi os resultados do que fiz. Arawn fez o cavalo parar, olhando para a coleção de armaduras, elmos e sapatos espalhados na estrada. Dos bogles em si, nem sinal.

— O que aconteceu aqui? — Arawn perguntou.

Eu normalmente era bem reservada em relação à minha magia, mas Arawn já me viu em ação uma vez, e eu estava cansada demais para inventar uma mentira.

— Eles se aproximaram demais — respondi conforme seu cavalo avançou entre o couro fedido. — Eu os atingi com algum tipo de feitiço que os derrubou para trás. Não vi o que aconteceu depois disso — eu não sabia exatamente o que tinha feito com eles, mas eles definitivamente estavam mortos. Para minha surpresa, senti um tremor percorrer o corpo de Arawn atrás de mim.

— Fez com eles o mesmo que fez com sua tia Grace — ele disse com suavidade, e se eu não o conhecesse bem, diria que sua voz tinha um misto de admiração e medo. Mas isso seria ridículo. Não havia como o Erlking ter medo de mim! — Você os transformou em mortais.

Balancei a cabeça em negação.

— Mas não foi o mesmo feitiço. O que quer que esse tenha sido, lançou os bogles para trás. Não fiz isso com tia Grace.

Arawn ficou calado por um instante antes de falar.

— A magia é quase uma força sensitiva. Ela entendeu a intenção do seu comando. Ela precisava mantê-los fora da sua aura de faeriewalker para poder mortalizá-los e matá-los.

Não contei a Arawn que imaginei petrificá-los e não mortalizá-los. De algum modo, não achei que esse seria um feitiço mais caridoso ou gentil para se lançar. Não havia como negar que quis matar os bogles.

— Foi em legítima defesa — eu disse, dizendo para mim que era tolice sentir culpa por matar coisas que estavam tentando me matar.

Senti Arawn concordar, mas ele não disse mais nada. E, por mais ridículo que isso possa parecer, eu tinha certeza de que ele sentia... Bem, talvez não fosse medo de mim, exatamente. Mas estava incomodado, com certeza. Já tínhamos combinado que eu jamais usaria minha magia contra ele. Agora descobríamos que eu sabia reproduzir o feitiço usado contra tia Grace, mas ainda não sabíamos se eu conseguiria fazê-lo sem ser atacada. Eu tinha certeza de que não o usaria para matar alguém a sangue-frio.

— Saber que posso fazer isso o incomoda — eu disse, embora talvez tivesse sido muito melhor eu ficar calada na esperança que Arawzi não pensasse mais nisso. Até então, ele salvou minha vida duas vezes, pois se eu estivesse morta, eu não poderia lhe dar minha virgindade. Mas e se ele resolvesse que sou perigosa demais? Afinal, eu poderia ser a única pessoa em nossos mundos capaz de matá-lo. Tive a impressão de que, se ele se bandeasse para o lado daqueles que me queriam morta, minha expectativa de vida seria menor do que sessenta segundos.

Atrás de mim, senti Arawn dar de ombros.

— Não fingirei que isso não é perturbador. Porém, sei que você só a usará contra seus inimigos, e como último recurso.

E não sou seu inimigo.

Suponho que isso dependa de como se define inimigo, mas Arawn se declarou meu aliado, e eu acreditava que ele estivesse sendo sincero. Pelo menos, o foi antes de ver o que minha magia podia fazer. Havia algo...

estranho em sua voz. E ele aumentou um pouco o espaço entre nós na sela.

Não tanto que me impedisse de resvalar nele, mas o suficiente para evitar que ele se esfregasse em mim. Apreciei o espaço, mas desejei que isso não significasse que Arawn estava começando a reconsiderar meu valor para ele.

Eu já tinha inimigos mais do que o suficiente.

Pareceu demorar uma eternidade até chegarmos à caravana. Phaedra se distanciou bastante em sua fuga desenfreada.

O vento soprava em nosso rosto, e senti o cheiro da carnificina antes mesmo que ela estivesse aparente. Os bogles fedem até não poder mais, e havia uma camada de sangue e medo que quase tornava o cheiro opressor.

Ou talvez fosse só a minha imaginação.

Quando finalmente fizemos a última curva antes de chegar ao lugar do ataque, meu estômago se contraiu, e tive de fechar os olhos e prender a respiração na esperança de não vomitar ali mesmo.

Havia cadáveres por todos os lados, embora à primeira vista só de bogles e de um punhado de cavalos. Nenhum humano... hum, feérico. Claro que o pessoal do príncipe já poderia tê-los recolhido do campo de batalha.

Abri os olhos de novo, preparando-me para o que poderia ver.

Ainda muitos corpos e muito, muito sangue. Alguns dos homens do príncipe — criados, não os Cavaleiros — empilhavam os bogles mortos. A pilha já estava admiravelmente alta, e ainda havia muitos corpos espalhados às margens da estrada. Nem todos inteiros, e me esforcei ao máximo para não fitá-los.

Algumas carroças tinham sido viradas, e havia pelo menos três cavalos mortos, mas, levando-se em consideração o número de bogles massacrados no chão, a batalha terminou até que bem. Aquilo me revelou um pouco do poder dos feéricos com os quais eu viajava; eles podiam sofrer um ataque daquela magnitude com poucas perdas evidentes.

As pessoas trabalhavam arduamente para consertar as carroças, cuidar de ferimentos e limpar as armas. Estavam ocupadas demais para perceber nossa aproximação. Mas, alguém nos percebeu, e um grito de alarme surgiu no meio dos feéricos reunidos. Atrás de mim, senti o Erlking se sentar mais ereto, corno se tentasse parecer ainda maior e mais intimidador do que já era.

Os Cavaleiros do príncipe moveram-se rapidamente para se colocarem entre os

Caçadores Bárbaros e seu soberano, embora fosse improvável que o Erlking atacasse alguém da Corte Seelie, não com a injunção a que as rainhas o submeteram. Mas isso não impedia que ele e seus Caçadores fossem uma fonte de terror. Muitos dos feéricos pareciam prestes a desmaiar de medo, apesar de os Cavaleiros apenas se mostrarem sérios.

Ouvi a voz de papai me chamar. Esforcei a vista tentando vê-lo atrás dos Cavaleiros. Percebi uma movimentação, depois vi meu pai, abrindo caminho aos empurrões em meio aos feéricos assombrados, com Finn e Ethan acompanhando-o de perto. Keane e Kimber vinham pelo outro lado da multidão e se moviam bem mais lentamente porque não eram tão agressivos para afastar as pessoas da frente.

O Erlking parou o cavalo uns quinhentos metros antes dos Cavaleiros.

Meu pai finalmente chegou à frente, mas os Cavaleiros bloqueavam a passagem. Vi a centelha de fúria no seu olhar e percebi que Ethan não tinha exagerado ao dizer que ele “estava fora de si”. Ele parecia prestes a explodir.

Eu não estava perto o bastante para ter certeza, mas, pela maneira como os Cavaleiros se viraram para ele, meu palpite é que meu pai estava juntando magia, talvez se preparando para fazer algo estúpido.

— Pai, não! — gritei. Tentei deslizar do cavalo, mas Arawn pôs um braço na minha cintura para me segurar — Ainda não — ele disse. — Alguém pode se alvoroçar se você fizer algum movimento repentino.

— Solte-me — ralhei, mas ele só me segurou com mais força.

Rezei para que papai não lançasse nenhum feitiço contra os Cavaleiros que bloqueavam o caminho. Suspeito que essa fosse o tipo de quebra de etiqueta que o deixaria em sérios apuros, ainda mais com o príncipe na sua cola.

Finn esticou uma mão e a colocou no braço do meu pai, inclinando-se para dizer alguma coisa que não pude ouvir. Papai fez uma careta, depois fechou os olhos, respirando fundo visivelmente para se acalmar. Quando os abriu novamente, ele aparentava calma com a máscara imperturbável usada na corte de volta ao seu lugar. Mas os Cavaleiros ainda o fitavam com desconfiança.

— Agora você pode descer — Arawn disse. — Movimente-se devagar, porém. Eles estão nervosos, ainda em modo de combate. Não seria preciso muita coisa para atiçá-los.

Eu não queria muito o conselho dele, mas dei atenção mesmo assim.

Fechei os olhos para os Cavaleiros enquanto Arawn me ajudava a descer.

Fiquei grata por sua mão, porque o caminho até embaixo era longo. Os Cavaleiros pareciam tão nervosos quanto ele disse, por isso andei devagar com as mãos para os lados, tentando parecer inofensiva. Não que isso fosse difícil. Como tia Grace e os bogles poderiam lhes dizer, não sou tão inofensiva assim, mas definitivamente não parecia isso.

Meu pai disse alguma coisa para o Cavaleiro mais próximo dele. O Cavaleiro franziu o cenho um segundo, depois deu um passo para o lado com aparente relutância. Meu pai passou por ele, embora tanto Finn quanto Ethan continuassem atrás. Papai caminhou devagar na minha direção.

Depois de tudo o que vi e pelo que passei na última meia hora, eu queria correr na direção dele e me lançar nos seus braços — um gesto de afeto com o qual, tenho certeza, ele não saberia lidar.

Encontramo-nos no meio do caminho entre os dois grupos. Desejei que o Erlking pegasse seu bando e fosse embora, porque, enquanto ele continuasse ali, a tensão permaneceria em nível máximo.

— Você está bem? — meu pai perguntou com a voz controlada e contraída.

— Estou bem — garanti, embora isso não fosse bem verdade. Vi mais mortes desde que cheguei a Avalon do que poderia ter imaginado, mas nunca vi nada como aquilo. Ter um colapso e um ataque de histeria parecia a coisa certa a fazer, ainda que, naquele instante, eu ainda estivesse bem entorpecida. — E você? — havia sangue na camisa dele, e arregalei os olhos ao ver cinco rasgos paralelos na manga. O sangue ensopava a camisa ao redor dos rasgos, embora não houvesse sinais de ferimentos.

— Também estou bem — ele disse, depois seguiu a direção do meu olhar para os rasgos na camisa. — Foi só um arranhado, e Finn o curou para mim — ele esticou a mão e me puxou para um abraço. — Pensei que eu a tivesse perdido — ele disse contra meu cabelo com a voz entrecortada de emoção.

Retribuí o abraço, com a garganta tão apertada que não consegui dizer nada. Às vezes eu pensava que meu pai me via apenas como um instrumento para ajudar em suas ambições políticas. E também havia momentos como aquele, quando ele me deixava ver o que havia debaixo do verniz exterior, e percebia que ele me amava de verdade. E que eu também o amava.

Papai desfez o abraço antes que eu tivesse a oportunidade de dizer alguma coisa emotiva

e começou a me guiar de volta para a caravana. Os Cavaleiros ainda bloqueavam a estrada, mas vi que Kimber e Keane tinham se juntado a Ethan e Finn, esperando por nós atrás da barricada. Talvez fosse só minha imaginação, mas eu podia jurar que senti o olhar do Erlking sobre mim o tempo inteiro.

Olhei por cima do ombro bem quando a linha de Cavaleiros se abriu para nos dar passagem. Arawn me saudou com vivacidade, depois virou o cavalo e liderou o bando de Caçadores Bárbaros pelo caminho em que viemos. Eu não tinha dúvidas de que ele ficaria em nosso encalço, mesmo que fingisse se afastar.

Os Cavaleiros por fim relaxaram, e o resto do pessoal do príncipe perdeu interesse quando os Caçadores Bárbaros sumiram. Exceto pelo príncipe, claro. Cercado pelos Cavaleiros — sem marca alguma ou cabelo fora do lugar —, ele voou na nossa direção com um olhar assassino. Aquilo não me pareceu nada bom.

Papai pôs um braço nos meus ombros e fez um gesto para que meus amigos se afastassem.

— Sugiro que se afastem — ele disse. — Isso pode se tornar desagradável.

Ethan endireitou o corpo com a dignidade ofendida.

— Não sou do tipo que se esconde diante de um problema. Tanto Keane quanto Kimber imitaram sua pose de teimosia. Talvez todos acreditassem que podiam me proteger, mas o príncipe estava irritadíssimo, e não achei justo ter meus amigos envolvidos nisso.

— Pessoal, nos deem um tempo, sim? — pedi. — Ficarei bem.

Acho que eles tinham a intenção de discutir um pouco mais, porém Fiun pôs uma mão no ombro de cada garoto e começou a puxá-los. Keane tentou se soltar do pai, sem adiantar, e Ethan nem tentou. Com um dar de ombros à guisa de desculpas, Kimber se apressou em acompanhá-los.

E bem a tempo, pois Henry parou praticamente em cima de nós. Todos os outros se afastaram ao ver a fúria de Henry.

Não entendi por que ele estava tão furioso, já que foi ele quem nos conduziu para a emboscada. Uma emboscada que eu não conseguia deixar de imaginar que foi armada por ele mesmo.

— Qual foi o propósito de trazer os Caçadores Bárbaros para cá? — ele rugiu, e eu fiquei sem saber se ele falava comigo ou com meu pai.

Meu pai decidiu que Henry estava se dirigindo a ele e respondeu: — Eu não os trouxe aqui. Estou certo de que eles estavam apenas seguindo, e Dana se deparou com eles quando seu cavalo saiu disparado, levando-a daqui — havia uma pontada de nervosismo em suas palavras, e me perguntei se papai suspeitava que alguém tivesse lançado um feitiço em Phaedra, assim como o Erlking acreditava.

Henry escolheu ignorar a sugestão, em vez disso, curvou os lábios ao olhar para mim.

— Companhias interessantes as suas. Amigos unseelie, Caçadores Bárbaros prontos a atender ao seu chamado. Talvez minha mãe tenha cometido um erro ao convidá-la para nossas terras.

Provavelmente, a coisa certa a fazer seria manter o bico fechado e deixar meu pai lidar com o príncipe idiota e esnobe. Mas manter o bico fechado não era comigo.

— Pelo menos eu não nos conduzi a uma emboscada — argumentei. - E foi atencioso de sua parte garantir que seus Cavaleiros se juntassem ao seu redor enquanto o resto de nós era atacado.

Ao meu lado papai emitiu um som estrangulado. Não entendi se foi um riso abafado ou um som alarmado, O que sei foi que o príncipe não gostou. Ele me encarou como se me odiasse mais do que qualquer coisa no mundo.

— Talvez não tivéssemos caído em uma emboscada se você não tivesse insistido em trazer seus amigos unseelie! — ele rebateu.

Foi a minha vez de falar ultrajada: — Está dizendo que acha que Ethan e Kimber tramaram para que fôssemos atacados?

O ultraje perdeu um pouco de força quando lembrei que Ethan arranjou para que eu fosse atacada por um spriggan, no começo, quando eu tinha acabado de chegar a Avalon. Bem... Na verdade foi o pai de Ethan quem planejou o ataque, mas Ethan fez parte do plano. Ele me salvaria do spriggan para bancar o meu herói e para que eu me apaixonasse por ele. As coisas deram errado, porque é sempre isso o que acontece quando estou por perto, mas eu já tinha perdoado Ethan há muito tempo. E tinha certeza de que ele não tinha nada a ver com os bogles.

Henry fez uma cara azeda.

— Eles não são amigos da Corte Seelie, e...

— Francamente, Henry — meu pai interrompeu. — Eles vivem em Avalon, o pai deles

prega que os cidadãos de Avalon não deveriam se afiliar às cortes. Primeiro procure em meio ao seu pessoal antes de acusar o meu.

— Como ousa! . — Henry brigou, como se nunca antes tivesse ouvido nada mais ultrajante. Seu rosto se avermelhava de raiva. Meu pai não tinha exagerado quando disse que era bom em incitar o mau temperamento de Henry.

Notei uns dois dos Cavaleiros do príncipe se aproximando, observando a mim e ao meu pai com suspeita, como se achassem que estávamos para atacar seu soberano. Mas a voz de papai se manteve calma e equilibrada enquanto a de Henry se elevava a um guincho. Se alguém pretendia atacar, só podia ser Henry.

— Minha filha, supostamente, deveria estar sob a sua proteção — ele disse. — Todavia, um ataque foi executado bem debaixo do seu nariz, Os bogles não se aventurariam tão profundamente em território seelie sem a interferência de alguém, tampouco o cavalo de minha filha teria disparado daquela maneira. A conclusão óbvia é que alguém do seu grupo planejou tudo isso.

Henry claramente não sabia recuar quando estava perdendo.

— Talvez você mesmo tenha arranjado o ataque — ele disse. Seu rosto estava quase roxo de raiva, e a voz tinha subido uma oitava. — Como uma forma de me desacreditar!

Meu pai respondeu a essa sugestão com o respeito merecido: ele riu.

A discussão tinha atraído uma atenção razoável, e mais de um dos espectadores riu em zombaria. Eu duvidava muito que mesmo Henry acreditasse no que dizia, mas ele, obviamente, não gostava de ser alvo de risos. Havia uma criada jovem ruiva — calculo que devia ter cerca de anos — parada respeitosamente ao seu lado esperando sua atenção. Para o meu mais profundo horror, Henry se virou para ela e a esbofeteou com tanta força que um dos Cavaleiros teve de segurá-la para que não caísse.

— Como ousa rir? — ele esbravejou, ainda que ela não fosse uma das que riu. Os outros, porém, captaram a mensagem, abaixando a cabeça e se afastando sorrateiramente.

— Diga-me uma coisa, Henry — meu pai disse— por hábito atormentar crianças, ou só faz isso quando está irritado? — se ele estava particularmente incomodado por Henry ter batido em uma garota inocente por causa das suas alfinetadas, não havia como saber pela expressão. Eu, por outro lado, queria demonstrar alguns dos chutes e socos que aprendi com Keane, e não tenho dúvida que isso estivesse transparente em meu rosto. Eu não o teria feito de verdade — juro, não sou uma completa idiota— , mas meu pai pousou uma mão no meu

ombro para me conter se fosse esse o caso.

Tarde demais, Henry percebeu que estava agindo como um tolo. Eu vi nitidamente quando ele começou a lutar contra seu temperamento, tentando resistir ao impulso de responderá última zombaria do meu pai. Ele conseguiu, mas foi por pouco.

— Sua filha pode seguir viagem na carroça dos criados — ele disse, ainda fulo da vida. — Não tenho nenhum cavalo extra à disposição agora que ela perdeu sua montaria.

Eu não tinha dúvidas de que ser relegada à carroça dos criados deveria ser um insulto, mas, se isso me impedisse de voltar a cavalgar, por mim, tudo bem. Não gostei muito da sugestão de Henry de que eu era culpada por perder Phaedra, mas fiquei calada. Fiquei imaginando se papai discutiria a respeito de eu ter de seguir na carroça, mas ele pareceu satisfeito por ter saído por cima e não fez objeções.

Henry se virou em um rompante, afastando-se com pisadas duras.

— Elizabeth! — ele gritou por cima do ombro, e a pobre ruiva saiu em disparada atrás dele, com a cabeça baixa.

— Nós não deveríamos nos virar e voltar a Avalon? — perguntei a papai enquanto observávamos a retirada indignada de Henry. — Obviamente não estou tão segura quanto pensou.

Ele parecia sério e infeliz.

— Pelo visto, não. Porém não podemos voltar. Seria um insulto imperdoável sugerir que Henry não pode protegê-la.

— Está brincando, não é? Porque tenho absoluta certeza de que estaria morta se não fosse pelo Erlking. Mesmo que o pessoal de Henry não esteja por trás disso, eles não levantaram sequer um dedo para me ajudar. Acho justo dizer que ele não pode — e não quer — me proteger.

— Talvez seja assim, mas se lhe oferecermos uma ofensa dessa magnitude — não importando que ela seja merecida —, ele pode usar isso como desculpa para revogar a nossa passagem livre. — Papai passou o olhar pela caravana, pelos Cavaleiros e usuários de magia. — Não estamos entre amigos, e sem a proteção dessa livre passagem...

Reprimi um gemido de frustração, mas entendi seu ponto de vista. Eu fazia ideia do que Henry e seu pessoal fariam se não estivessem mais obrigados a agir com boa vontade, e não queria ser a primeira a descobrir que estava certa.

Quando, por fim, estávamos prontos para retomar a viagem, um dos criados de Henry me direcionou para a carroça a mim designada. Era mais confortável que viajar a cavalo, mas não muito mais. Os únicos assentos eram bancos duros de madeira. E se isso já não fosse bastante desconfortável, duas das carroças tinham sido destruídas a ponto de impossibilitar qualquer reparo, e a carga delas foi socada debaixo dos bancos; com isso, só restou um assento no qual se podia abaixar os pés até o piso. Os criados me colocaram nesse lugar, mas eu não pude deixar de me sentir culpada quando vi que o restante deles se contorcia para conseguir apoiar os pés em algum lugar. As mulheres, que tinham de lidar com as anquinhas ridículas sobre as nádegas, tinham ainda maior dificuldade com isso. Fiquei imaginando se todo o amontoado que estava dentro dos engradados era realmente necessário, mas eu sabia muito bem que Henry não deixaria nada para trás só para dar mais conforto a meros criados.

Não sei se era resultado do choque pós-traumático ou se os criados estavam tão abatidos que perderam todo o interesse em serem sociáveis, porém, por mais que eu tentasse, não consegui que ninguém da carroça falasse comigo com mais do que monossílabos a tarde inteira. Viajaram cabisbaixos, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda, nem falar mais com os outros companheiros do que falaram comigo. Deduzi que conseguiria manter uma conversa com a garota ruiva, Elizabeth, já que pensei que ela devia ter mais ou menos a minha idade, porém ela se mostrou ainda mais calada que o resto. Seus olhos permaneceram arregalados com o que concluí que fosse medo toda vez que eu tentava engatar uma conversa. Eu sentia tanta pena dela que queria me aproximar para abraçá-la, mas, claro, não o fiz. Tenho certeza de que ela não gostaria disso nem um pouco.

Deduzi que Henry requisitaria a casa de outra pessoa para passar a noite como no dia anterior, mas, ao que tudo indicava, ele tinha outros planos. Talvez estivéssemos muito no meio do nada para conseguir encontrar um anfitrião à altura.

Qualquer que fosse o motivo, nossa caravana parou no meio do que, para mim, parecia apenas um pedaço de estrada sem nenhum atrativo. Os criados da minha carroça praticamente debandaram para se apressar a trabalhar assim que paramos. A magia pulsava no ar de um modo com o qual eu jamais me acostumaria.

Imaginei que tudo mudaria de lugar para abrir uma clareira, como as árvores fizeram na parada do dia anterior, mas não foi isso que pareceu acontecer. Até onde eu poderia afirmar,

as árvores se apressavam a esmo tanto quanto os criados. Pulei da carroça e tentei ficar fora do caminho para não ser atropelada.

Depois de alguns minutos, percebi que as árvores e as moitas se agrupavam em diversos recintos, como se fossem paredes gigantes e vivas de uma propriedade agrícola feita de cubículos. As árvores mais altas se inclinaram sobre os recintos para formar os tetos.

— Que máximo — murmurei, esquecendo-me por um instante de achar aquilo esquisito.

Caminhei em meio à multidão até encontrar papai e meus amigos. Os criados descarregavam as carroças e carregavam a bagagem e os engradados para dentro dos recintos. Outros cuidavam dos cavalos, enquanto alguns armavam o que parecia uma cozinha a céu aberto.

— Se Henry é capaz disso tudo — disse a papai — por que ele se convidou, e ao resto de nós, para ficar na casa de alguém ontem à noite?

— Estou certo de que pode adivinhar a resposta para essa pergunta — ele respondeu com secura, e tinha razão.

Requisitar a casa de alguém daquela maneira foi uma demonstração de poder, algo que Henry fez só porque podia fazer. Que cretino! E porque os feéricos eram completamente aficcionados por sua estrutura de classes arcaica, eles tinham de aceitar isso.

No fim, um criado veio atrás de nós e nos conduziu a um agrupamento de recintos enfileirados, informando-nos mais uma vez que Kimber e eu, e Ethan e Keane dividiríamos os “quartos”. Duvido que o pessoal de Henry tivesse planejado isso, mas Finn resolveu se juntar aos rapazes, o que pareceu uma atitude bem arrojada para ele. Suspeitei que ele estivesse preocupado com o tipo de problema em que eles poderiam se meter se deixados sem supervisão.

Quando Kimber e eu entramos em nosso “quarto”, descobrimos que nossa bagagem já tinha sido entregue, e as malas estavam acomodadas com esmero em um dos cantos. Havia dois colchões de penas sobre estruturas simples de madeira, e uma mesa de madeira dobrável, com uma cesta de frutas e um jarro de algo escuro que suspeitei ser vinho, junto a duas taças de prata. Levando-se em consideração que estávamos acampando na floresta, aquilo mais se parecia com o luxuoso Ritz. Veja bem, não que eu estivesse achando ruim...

Meu corpo estava tão dolorido pelas horas passadas na carroça como se eu tivesse ficado montada no cavalo, e, para falar a verdade, eu ainda estava bem mexida pelo ataque dos bogles. Larguei-me na cama, sem prestar atenção ao fato de que eu cheirava a cavalo e a

fedor de bogle. Kimber parou na soleira um instante e disse que voltaria em seguida antes de — Onde você... — comecei a perguntar, mas ela já tinha saído. Eu estava cansada demais para me levantar e ver o que ela estava aprontando.

Em vez disso, fechei os olhos e me esforcei para não pensar.

Eu tinha quase adormecido quando ouvi o som de passos se aproximando. Entreabri os olhos e vi que Kimber tinha voltado, trazendo duas canecas e um jarro de cerâmica que emanava nuvens de vapor.

Funguei ao me apoiar sobre os cotovelos e captei uma fragrância familiar.

— Mingau quente? — perguntei, salivando imediatamente. Antes de vir para Avalon, nunca ouvi falar em mingau quente, agora estava junto do chocolate no topo da minha lista de comidas reconfortantes.

Kimber parecia orgulhosa de si ao encher as canecas até a borda.

— Deduzi que precisaríamos disso depois do que passamos HOJE.

Esqueci minha exaustão e envolvi com as duas mãos a caneca que Kimber me entregou.

— Onde conseguiu o mingau?

— Na cozinha — ela respondeu com simplicidade.

Faça uma pergunta cretina...

Cheirei a minha caneca antes de sorver um gole, e o cheiro de uísque praticamente provocou lágrimas nos meus olhos.

— Caramba, Kimber, quanta bebida pôs nisto? — ela sabia que eu não era uma grande fã de álcool, por isso costumava somente colocar um pouco de uísque para realçar o sabor quando preparava mingau para mim. Isto é, a menos que decidisse prescrever uma dose “extraforte”.

Kimber tomou um gole antes de suspirar de contentamento e responder: — Só o necessário.

Revirei os olhos, mas não tinha energia para protestar. Assoprei a superfície de leve, depois sorvi um gole cauteloso. Ele não só queimou minha língua como continuou queimando na descida da garganta até a boca do estômago. Sem dúvida, aquela era a versão extraforte. Bebi mesmo assim.

A segunda golada queimou menos que a primeira, e a terceira, ainda menos. O sabor era delicioso e inebriante — nada de leite desnatado ali — e comecei a relaxar quase que para me contrariar. Até eu pensar em minha mãe, sentada sozinha em casa aproveitando uma bebida semelhante àquela em quantidade muito mais abundante. Senti o coração apertar dentro do peito, e uma súbita sensação de perda me deixou vazia por dentro. Tive a versão mãe sóbria por um total de quatro semanas, e graças a Titânia e ao seu “convite”, isso já tinha acabado.

— O que foi? — Kimber perguntou, sentando-se na cama na minha frente.

Forcei uma risadinha.

— Depois de tudo o que aconteceu hoje, você ainda tem de perguntar?

Kimber, contudo, já me conhecia bem o bastante.

— Não é isso — ela disse sem o mínimo de dúvida na voz. Ela sabia do problema de bebida da minha mãe — ela era a única pessoa para quem contei isso — , o que não significava que eu gostasse de comentar o assunto.

Eu considerei minha mãe como sendo meu segredo vergonhoso por tanto tempo que meu primeiro instinto era o de mudar de assunto. Tomei mais uns goles do mingau sem responder, na esperança que Kimber decidisse deixar o assunto de lado. Mas ela não era de desistir fácil.

— Notei certa tensão entre você e a sua mãe quando partimos ontem — ela disse.

Parei com a caneca no ar a meio caminho da boca. Droga. Ela era observadora demais — e compreensiva demais — para o meu próprio bem.

Eu poderia ter acreditado que ela não faria a ligação entre a bebida alcoólica que eu bebia e a alcoólatra da minha mãe a qual menosprezei no dia anterior, mas não, nunca Kimber.

Imaginando que aquela conversa terminaria muito rápido se eu cedesse ao inevitável e conversasse, contei para Kimber sobre minha tentativa fadada ao fracasso desde o início de fazer com que mamãe promettesse ficar sóbria. Parei com certa frequência para sorver goles de mingau, portanto meus músculos estavam mais maleáveis e relaxados, e minha cabeça já girava um pouquinho. Todos os sinais de que eu já tinha bebido mingau demais. E todos os sinais que ignorei ao terminar minha caneca.

Kimber me lançou um olhar de empatia, sem, porém, a piedade com que algumas pessoas me olhavam quando me viam com a idiota da minha mãe embriagada. Era um olhar de compaixão que eu aceitava sem vergonha alguma.

— Os pais, às vezes, são um porre — ela disse, terminando o próprio mingau e apoiando a caneca no chão, aos seus pés.

— Pelo menos sua mãe está por perto, mesmo sendo toda problemática.

Fiz uma careta em empatia. A mãe de Kimber tinha partido para morar em Faerie quando Kimber tinha 12 anos. Eu sabia o quanto isso devia magoar.

— Quando foi a última vez que viu sua mãe? — perguntei. Ela enrugou o rosto.

— Há cerca de dois anos, acho. Nós viemos visitá-la em Faerie nas férias de Natal. Acho que, então, faz dois anos e meio.

— E ela nunca vai a Avalon para visitar vocês?

Kimber balançou a cabeça.

— Não depois de ter ido embora. Ela sempre parece feliz quando nos vê, e quando a visitamos, é quase como se fosse como antes. Só que não é — ela pegou a caneca e fez uma careta quando viu que estava vazia. — Nunca mais pode ser como antes. Eu não tenho como deixar de saber que ela não me amava o bastante para ficar em Avalon.

Não sou o tipo de pessoa que toca muito nas outras, a amargura e a dor na voz de Kimber me inspiraram a me levantar — uau, isso foi ainda mais difícil de fazer do que eu imaginei — e me sentar ao lado dela. Dei o abraço que achei que ela estivesse precisando. Ela deu um tapinha nas minhas costas e se afastou com um sorriso triste.

— Você não precisa me confortar — ela disse. — Nós tínhamos de estar falando de você, não de mim. Estou tentando fazer com que se sinta melhor, deixando que veja que eu a entendo.

— Obrigada — eu disse, sentindo as veias praticamente zumbindo com os efeitos do mingau. O fato de ela tentar me fazer sentir melhor abrindo suas feridas e partilhando-as comigo me fez sentir... humilde. E me fez sentir ainda mais culpada por todos os segredos que eu escondia dela.

Ela merecia mais de mim do que eu lhe dava.

Talvez fosse o efeito do álcool. Ou talvez fosse a culpa chegando a um nível crítico que me forçou a agir. Naquele instante, minha boca pareceu ter vida própria, movendo-se sem obedecer a nenhum pensamento consciente.

— Menti para você. — deixei escapar. Aquela parte minha que nunca tinha confiado em

alguém de verdade começou a gritar para que eu me calasse antes que fosse tarde demais.

Kimber piscou, surpresa. Acho que minha confissão apareceu meio que do nada.

— É? Sobre o quê?

Ela nunca vai perdoá-la, disse a minha voz interna. Temi que ela estivesse certa. Eu sabia que não me perdoaria se estivesse em seu lugar.

Mas eu já tinha falado demais; portanto, era tarde para recuar. Abri a boca para revelar todos os segredos — ou pelo menos um deles, o maior de todos — , mas nenhum som saiu. As lágrimas inundaram meus olhos. Eu estava aterrorizada pela iminência de perder minha melhor amiga — assim como perderia minha mãe para o álcool de novo.

Kimber apoiou a mão nas minhas costas.

— É sobre a “injunção” que o Erlking colocou sobre você para que não pudesse falar sobre o acordo feito? — ela sugeriu com suavidade, e eu percebi as aspas mentais colocadas ao redor da palavra injunção.

Pensando bem, quando mencionei a injunção que me impediria de falar sobre o que fiz, ela se mostrou bem cética. Eu, porém, sentia-me humilhada demais pelo acordo para contar a verdade. Eu era uma covarde patética.

Uma lágrima escorreu pela minha face e, brava, eu a enxuguei. Eu tinha decidido mentir e agora era tarde demais para chorar a esse respeito.

— Você nunca acreditou não é? — perguntei com uma voz chorosa.

— Nem por um minuto — ela confirmou. Estranhamente, ela não parecia zangada. Talvez porque aquilo não fosse surpresa alguma, o que eu devia saber desde o começo. Kimber era muito inteligente.

— Não está brava? — perguntei, arriscando uma olhada para o rosto dela.

— Fiquei no começo — ela admitiu. — Mas deduzi que estava mantendo segredo por algum motivo e que me contaria quando estivesse pronta. E não precisa me contar agora se não ainda estiver. Não vou a parte alguma... — ela fez uma careta. — Bem, a nenhuma parte que você também não vá, de qualquer modo.

Consegui emitir a sombra de um sorriso. Depois, respirei fundo e contei a ela exatamente o que eu tinha prometido ao Erlking em troca da liberdade de Ethan.

Kimber não interrompeu minha explicação hesitante. Vez ou outra eu espiava para ela, mas

não vi nada em sua expressão. Ela, com certeza, estava surpresa, e horrorizada, mas não soube dizer se ela estava brava ou não.

Eu lhe contei sobre o dia em que fui me encontrar com o Erlking e barganhei pela liberdade de Ethan, e como a magia selou o nosso acordo.

Cheguei até a contar sobre o beijo que o Erlking me deu e como a magia fez com que ele fosse agradável, apesar do fato de eu saber que ele era um assassino sanguinário.

Deixei de contar muitas coisas, algumas — como a marca do Erlking — porque eu não queria falar sobre ela, outras — como minhas habilidades com a magia — porque eu não deveria falar sobre elas com ninguém, e uma coisa — o motivo real pelo qual o Erlking queria a minha virgindade — porque eu não podia falar a respeito. Eu não era forçada pela injunção que obrigava os membros de Corte Seelie a não falar sobre isso, mas o Erlking prometeu fazer Connor sofrer pelo resto da sua vida imortal se eu contasse para alguém. Talvez se eu contasse para Kimber, o Erlking jamais descobrisse, mas eu não ousava arriscar.

Existem algumas coisas que eu ainda não posso contar para você — eu disse para atenuar minha culpa. — Desculpe cruzei as mãos sobre o colo e fiquei olhando para elas, perguntando-me se todos os anos que passei como uma solitária me tornaram incapaz de ser uma boa amiga. — Sinto muito ter mentido sobre a injunção. Eu só... — estremei. — A verdade é embaraçosa demais, e estou acostumada a guardar as coisas embaraçosas só para mim — engoli em seco. — Acha que pode me perdoar? — perguntei em uma voz hesitante e patética.

Kimber suspirou e passou a mão pelos próprios cabelos.

— Não estou em posição de jogar pedras em ninguém — ela disse, sem olhar para mim. — Praticamente cada palavra que saiu da minha boca quando a conheci foi uma mentira, e você conseguiu me perdoar.

Ela tinha razão, mas não deixei de notar que ela não respondeu à minha pergunta. Ela mentiu para mim quando mal nos conhecíamos, quando não havia laços de amizade para trair. O que fiz foi totalmente diferente, e nós duas sabíamos disso.

— O que vai fazer? — ela perguntou.

— Não há nada que eu possa fazer. Não vou fazer sexo com o Erlking, e não vou permitir que ele leve Ethan de volta. Portanto... — dei de ombros.

— Acho que fiz uma jura de castidade para a vida toda. Talvez fosse melhor eu entrar em

um convento ou algo assim.

Kimber emitiu uma bufada que poderia ser considerada como uma risada relutante.

— Não. Você ficaria horrível de preto.

Sorri e envolvi seus ombros. Ela retribuiu o sorriso, embora a expressão não chegasse aos seus olhos. Ou ela estava brava, ou magoada — ou talvez um pouco dos dois — , mas, se ela ia fingir que não estava, tudo bem para mim. Eu já enfrentei confusão demais para um só dia.

— Acha que o pessoal do príncipe conseguiu produzir algum chuveiro com magia por aí? — perguntei. — Eu me sinto suja e fedida.

— Isso é porque você está — Kimber disse, pulando de pé antes que eu conseguisse dar um tapinha na cabeça dela. — Acho que vi um banheiro improvisado a caminho da cozinha. Siga-me.

Eu ainda não estava tão equilibrada quanto gostaria de estar, mas consegui ficar de pé e trotar atrás de Kimber.

Comecei o terceiro dia da viagem com uma dor de cabeça que deduzi ser ressaca. Talvez eu não devesse ter bebido a segunda dose de mingau quente que Kimber me convenceu a tomar antes de me deitar. Mas, pensando bem, consegui dormir, o que depois de um dia de pesadelos só podia ser considerado algum tipo de milagre. Eu adoraria uma bela caneca de café bem forte no café da manhã, mas os feéricos não apreciam a bebida, por isso tive de me contentar com um chá forte de gosto esquisito que não parecia ter nada parecido com cafeína dentro dele.

Eu não estava ansiosa por mais um dia inteiro na carroça dos criados.

Por isso, quando Ethan sugeriu que eu cavalgasse com ele em seu cavalo, aceitei a oferta imediatamente.

— Vai ser um pouco desconfortável — Ethan avisou. — Estas selas não foram feitas para dois.

Desconsiderei sua preocupação.

— Não pode ser muito mais desconfortável do que aquela maldita carroça.

Assim que subi atrás de Ethan, percebi que estava muito errada quanto ao nível de conforto. A ponta da sela afundava nas minhas nádegas tão forte que provavelmente me deixaria com hematomas, e visto que só havia um par de estribos, minhas pernas ficaram

penduradas. Ainda assim, eu estava com Ethan, meu corpo pressionado em suas costas, meus braços ao redor da sua cintura. Apoiei o rosto contra seu ombro, fechando os olhos e aspirando o sabonete mentolado que os feéricos tanto apreciavam mesmo estando em Avalon. Eu não tinha percebido o quanto associava esse cheiro a Ethan até usar uma barra da mesma essência para tomar banho na noite anterior.

— Você está muito desconfortável? — Ethan perguntou quando partimos. — Posso levá-la para a carroça se estiver — Estou bem — eu disse, apesar do modo como a sela me cravava em alguns lugares desafortunados. Eu estava disposta a enfrentar o desconforto, contanto que conseguisse passar algum tempo com Ethan, mesmo cercados por uma plateia como estávamos.

Passamos alguns minutos em um silêncio companheiro antes de Ethan dizer:

— Ver aquele cavalo sair com você em disparada foi um dos piores momentos da minha vida.

Apertei os braços ao seu redor, ouvindo o sofrimento genuíno em sua voz.

— Eu também não gostei muito — eu disse. Lembrei-me da sensação de náusea em meu estômago ao ver Ethan e Keane lutando contra os bogles enquanto Phaedra me carregava indefesa para longe. — Eu senti como se os estivesse abandonando.

Ele se virou sobre o ombro para me fitar, seu rosto era uma máscara de surpresa.

— Só pode estar brincando! Você não escolheu fugir. E não seria capaz de fazer alguma coisa para nos ajudar. Além disso, estávamos em maior número comparado aos bogles.

Era verdade que ninguém tinha morrido, e também era verdade que não os deixei para trás voluntariamente. Isso não tornou mais fácil lembrar a cena.

— Na verdade, eu poderia ter ajudado na luta — eu disse, e contei para Ethan o que fiz quando os bogles me atacaram.

— Mas você nunca tentaria lançar um feitiço diante de testemunhas, certo? — ele perguntou, e eu sentia a tensão em seu corpo e a ouvi em sua voz. Ele estava convencido de que ninguém deveria saber sobre a minha afinidade com a magia, pois eu seria encarada como uma ameaça ainda maior.

Suspirei, incerta sobre o que eu faria se estivesse no meio de uma batalha e visse a mim, ou a meus amigos, correndo perigo de vida. Eu tinha uma estranha suspeita de que lançaria o feitiço mesmo com testemunhas por perto, mas Ethan não precisava ouvir isso.

— Claro que não — garanti. — Além disso, como você bem disse, vocês não precisavam da minha ajuda.

Acho que Ethan percebeu a falsidade no meu tom, mas não me desafiou, o que foi muito bom. Eu não queria desperdiçar com discussões aquele tempo precioso em que estávamos juntos.

Mudei de posição na sela, tentando me acomodar melhor. Meus braços ainda o envolviam pela cintura, e eu senti quando ele prendeu a respiração.

— Algo errado? — perguntei.

— Não. Nadinha — ele respondeu um pouco resfolegante.

— Mas, se não ficar paradinha, as coisas podem ficar embaraçosas.

Congelei, pensando em quanto a minha mudança de posição fez com que eu me esfregasse nele. No instante em que pensei nisso, esqueci qualquer desconforto na sela, minha mente se concentrando no fato de que meus seios estavam esmagados contra as costas dele e suas nádegas estavam aninhadas entre as minhas pernas. Senti o rosto vermelho de vergonha, mesmo quando um frêmito me percorreu, fazendo com que eu quisesse me esfregar um pouco mais. Fiquei imaginando se ele estava pensando em nossa aventura mais ousada na noite em que saí escondida da casa segura para ir vê-lo em seu apartamento. Eu sei que eu estava, minha mente convenientemente editando a parte da tensão a que nos submetemos naquele dia e da raiva e do desespero que macularam aquele encontro.

Talvez aceitar a oferta de Ethan no fim não fosse uma boa ideia.

— Desculpe — eu disse, obrigando-me a ficar parada.

— Não se preocupe — ele disse com a voz ainda perturbada e sem fôlego. — Isto até que é divertido — ele se virou para piscar para mim, como se ficasse completamente satisfeito com um pouco de flerte. Como se não estivesse acostumado a levar as garotas para a cama e minha castidade forçada não fosse grande coisa.

Não que nada daquilo importasse no momento. Mesmo que eu fosse uma completa vadia, nós não estaríamos fazendo nada além de flertar diante de dúzias de pessoas. Mas a sensação de formigamento pela excitação de estar perto dele nunca deixava de trazer à tona minhas preocupações e dúvidas. Eu estava desesperadamente viciada em Ethan, e o medo de perdê-lo era muitas vezes debilitante, não importando o quanto meu lado racional e lógico me explicasse que não tínhamos um futuro juntos.

— Talvez seja melhor eu viajar na carroça? — sugeri hesitante.

— Nem pensar — Ethan replicou rapidamente, o que me deixou contente. — Não vou deixar passar esta oportunidade de ficar perto de você — ele suspirou, e parte da sua tensão se dissipou. — Além disso, não vamos cavalgar tanto assim hoje.

— Não vamos? — pelo que meu pai havia me dito, o Palácio Sunne ficava a, pelo menos, uns trezentos quilômetros da fronteira com Avalon. Eu não sabia o quanto tínhamos avançado levando-se em consideração a velocidade reduzida, a mas eu tinha quase certeza de que não havíamos percorrido toda essa distância.

— Não. Ontem Finn mostrou o mapa da rota para mim e para Keane.

Vamos pegar um atalho por meio de um monumento megalítico.

— Hum? — perguntei com muita inteligência.

— Monumento megalítico. Como Stonehenge, só que com magia real.

Há muitos deles em Faerie. Pode ser um pouco difícil usar as pedras, mas, se for habilidoso, é possível viajar de um grupo para outro de pedras em um piscar de olhos.

— Difícil de usar? O que exatamente isso quer dizer?

— Cada grupo de pedras é naturalmente ligado a outro e eles ficam ativos à luz do luar. Portanto, se não se importa em viajar à noite, e deseja ir para onde as pedras naturalmente a levarem, usá-las é fácil demais. Mas, se quiser viajar durante o dia, ou quiser controlar o grupo de pedras nas quais quer viajar, é preciso muita magia. E errar nesse feitiço é a última coisa que você vai querer fazer, se é que entende o que quero dizer.

— Eu gostava da ideia de pegar um atalho — quanto antes chegássemos ao Palácio Sunne, mais cedo poderíamos voltar para casa— , mas o modo como Ethan descrevia o processo me fez acreditar que seria uma péssima ideia mexer com essas pedras monumentais.

— Não se preocupe — ele disse, sem dúvida sentindo a minha tensão.

— O príncipe Henry não arriscaria usar o monumento se considerasse possível que sequer um fio de seus cabelos saísse do lugar. E depois que passarmos por ele, restarão algumas poucas horas de cavalgada. Hoje à noite, devemos dormir no luxuoso Palácio Sunne.

Dormir em luxo pareceu excelente, mas uma vozinha no fundo da minha mente me dizia que o monumento megalítico não seria uma boa ideia no fim das contas.

Eu estava certa, mas não pelas razões que imaginei. Depois que viajamos cerca de duas horas, e eu tinha certeza de que cavalgar em dupla com Ethan tinha me aleijado para sempre, a caravana parou inesperadamente. Ainda era cedo para a parada do almoço, por isso desejei termos chegado ao monumento, mesmo que a ideia de passar pelas pedras me enervasse. Inclinei-me para o lado para enxergar melhor, mas havia cavaleiros demais entre nós e à frente para que eu enxergasse o que nos tinha feito parar. Pelo menos não houve nenhum grito de alarme.

— Já chegamos? — murmurei, e Ethan — Não sei — ele disse. — Vamos ver.

Ainda estávamos em uma região montanhosa, e Ethan conduziu o cavalo para a lateral, subindo o morro que ladeava a estrada. Estávamos bem atrás na fila, mas a altura em que estávamos nos permitiu ver o que nos tinha detido. Ao longe, no alto de uma colina de cume achatado, estava o monumento megalítico: cerca de dez grandes placas de rocha cinzenta arranjadas em círculo fazendo com que a colina parecesse usar uma coroa.

Mas não foi isso que nos deteve. A estrada na qual estávamos se bifurcava, um lado levava direto para as pedras, o outro dava a volta na colina e seguia ao longe. A estrada que nos levaria às pedras estava bloqueada pelo que parecia uma cerca viva enorme. A cerca tinha por volta de dois metros de altura e era da largura da estrada.

— Isso mais parece o cenário de uma emboscada — eu disse, olhando nervosa ao redor, imaginando se mais bogles nos atacariam. — A não ser pelo fato de ninguém estar nervoso.

— Não acredito que isso seja exatamente uma emboscada — Ethan disse enigmático e incitou o cavalo mais adiante. Ou ele nos aproximava da posição do príncipe, onde supostamente era mais seguro, ou nos levava para a linha de frente, o que não me pareceu ser uma boa ideia.

Do lugar vantajoso em que estávamos, vimos Henry desmontar, depois falar com um dos Cavaleiros — e ter um acesso de histeria, se o modo como os braços se movimentaram fosse algum indicador. Ethan continuou avançando, mas, quando nos aproximamos, a discussão tinha acabado. O Cavaleiro voltou a montar e passou a abrir caminho em meio à caravana até o fim da fila, e Henry foi para a cerca a passos duros. Quando ele começou a falar com a cerca viva, pensei que ele tivesse perdido o juízo.

— O que isso significa? — ele exigiu saber, com os punhos cerrados no quadril e o queixo erguido. — Sabe quem eu sou?

A cerca viva... se moveu. Não da maneira que as árvores e as moitas se moveram para

abrir caminho, mas como se uma ameba de múltiplos membros mudasse de forma. A trepadeira farfalhou e estremeceu, contraindo-se a partir das pontas, e eu consegui ver que apesar de as folhas serem pequenas como heras, havia espinhos afiados ao longo dos galhos. O que quer que aquela planta fosse, definitivamente não era uma hera.

— Maldição... — Ethan murmurou baixinho. — E a Dama Verde.

— Será que eu quero saber o que é uma Dama Verde? — perguntei.

— Provavelmente não.

— Foi o que pensei.

Os galhos se moldaram até formarem a figura de uma mulher em um vestido verde de folhas, muito parecida com uma topiaria animada. A Dama Verde inclinou a cabeça.

— Sei quem você é, meu príncipe — ela disse, embora a cabeça dela não passasse de uma forma oval sem feições nem boca que eu conseguisse enxergar. — Claro que não preciso dizer que tem livre passagem. Esses outros, porém, devem pagar um pedágio.

— Isso é um ultraje! — Henry exclamou — Como ousa impedir o meu progresso?

— De maneira alguma, meu príncipe — a Dama Verde disse, e havia uma indistinguível nota de divertimento em sua voz.

— Como já disse, pode passar sem empecilhos.

— Vai sair desta estrada imediatamente — Henry disse, nem um pouco apaziguado. — Meus bens estão isentos do seu pedágio.

Mesmo alguns dos mais leais Cavaleiros de Henry pareceram ofendidos por serem chamados de “bens”. Mesmo que como propriedade do príncipe eles acabassem desobrigados de pagar qualquer que fosse o pedágio exigido pela Dama Verde.

— Eles não podem simplesmente atravessar a cerca? — perguntei para Ethan, mantendo a voz baixa, porque a última coisa que eu queria fazer era atrair a atenção de Henry ou da Dama Verde. Na caravana parecia haver poder de fogo suficiente para combater o que se assemelhou a um exército de bogles. Em minha opinião, essa Dama Verde não seria páreo para eles.

— Sim — Ethan concordou, também mantendo a voz baixa - mas essa é uma das coisas “a não se fazer” em Faerie. Matar uma Dama Verde equivale a envenenar a terra, e elas podem exigir os pedágios quando bem entenderem.

— E o que, exatamente, é esse pedágio que ela exige?

— Sangue, claro— meu pai respondeu, e eu quase cai do cavalo de surpresa. Também senti o corpo de Ethan se retesar, portanto, acho que não fui a única a não perceber sua aproximação. — Sangue de uma virgem, mais especificamente — papai completou, e eu senti o formigamento da sua magia. Senti um calafrio percorrer minha espinha.

— Está achando que Henry vai me jogar no fogo? Papai me lançou um olhar questionador, não estando familiarizado com a expressão, seu significado.

— Ele pode tentar — respondeu sério, e percebi que eu poderia estar correndo mais perigo do que no dia anterior quando os bogles atacaram.

Não havia como meu pai permitir que Henry me oferecesse sem violência, e Henry podia ser cretino o bastante para tentar encontrar uma brecha no acordo da passagem livre a nós concedida para fazer isso.

Aquela não era uma batalha que meu pai poderia vencer, e nós dois sabíamos disso.

— Essas pessoas não são de sua propriedade, meu príncipe — a Dama Verde respondeu. — Lamento insistir no pagamento. Ou, claro, podem optar pelo caminho mais longo. — Ela gesticulou com um braço feito de folhas para a estrada que conduzia ao redor da colina.

Henry reclamou um pouco mais.

— Ora, ora — a Dama Verde disse. — O que significa um pouco de sangue entre amigos? Deseja que sua terra prospere, não?

Naquele instante, notei o Cavaleiro com quem Henry tinha conversado voltando. Também notei, para meu horror, que Elizabeth estava sentada atrás dele no cavalo, seu rosto mais uma vez molhado de lágrimas.

— Ah, não... — eu disse. — Ele não vai...

Os ombros do meu pai penderam de alívio.

— Antes ela do que você — ele disse; depois se virou para mim, fazendo um gesto para me acalmar antes que eu mordesse a cabeça dele por conta da sua insensibilidade. — O pedágio do sangue não é fatal — ele me garantiu. — Mas é desagradável.

Eu não duvidava disso. O que Henry tinha contra a pobre garota? Ela não passava de uma criança! Mas, pensando bem, o resto das mulheres da caravana eram todas adultas e, até

onde eu poderia dizer, tinham milhares de anos de idade. Talvez Elizabeth e eu fôssemos as únicas virgens daquele grupo. Bem, exceto por Kimber, mas duvido que Henry tivesse permissão para oferecer uma garota unseelie.

Tive a impressão de que a Dama Verde observava Elizabeth avidamente, mesmo que, tecnicamente, não tivesse olhos.

Henry obviamente tinha decidido oferecer Elizabeth desde o início — senão, que outro motivo o faria mandar o Cavaleiro ir buscá-la? — , mas ainda fingia estar absolutamente indignado com o sacrifício. Ele olhou zangado para a Dama Verde, fazendo ameaças veladas e vãs e me lembrando um menininho de três anos tendo um ataque de birra.

Elizabeth evidentemente estava aterrorizada, e meu coração se contraiu de piedade por ela quando o Cavaleiro desmontou, arrastando-a com ele. Seu rosto estava tão pálido que me surpreendi por ela não desmaiar e, mesmo daquela distância, vi o quanto ela tremia. Ela era só uma menina.

E Henry estava para entregá-la à Dama Verde como se ela fosse exatamente o que ele chamou a ela e todo o resto do pessoal: sua propriedade. Quando ela hesitou, Henry se voltou para ela com impaciência.

— Pare de choramingar — ele disse com um incrível nível de compaixão. — Só fique parada e tudo terminará em um instante.

Suas palavras não foram exatamente reconfortantes, e Elizabeth se retraiu com a aspereza do seu tom. Um rubor de raiva subia por seu pescoço, e eu não tive dúvidas de que ele estava prestes a esbofeteá-la para que se submetesse.

Sem ter conscientemente decidido agir, eu me vi escorregando do cavalo de Ethan. Minhas coxas e nádegas arderam em protesto, e quando meus pés chegaram ao chão, descobri que as pernas estavam bambas, mas consegui não cair de cara no chão.

— O que está fazendo? — Ethan perguntou para mim e meu pai se voltou na minha direção evidentemente alarmado.

Lembrei que um dia o Erlking mencionou que eu tendia a querer proteger as pessoas de quem eu gostava, e que era preciso bem pouco para eu gostar de alguém. Acho que ele me interpretou muito bem. Elizabeth jamais me dirigiu a palavra, mas eu não podia ficar de braços cruzados enquanto Henry a entregava para a Dama Verde.

Ignorei a pergunta de Ethan e evitei o olhar de papai quando dei a volta nos cavalos deles

em direção à estrada. Elizabeth estava tentando se soltar do Cavaleiro, e Henry gritava para ela, ordenando que ela marchasse direto para as garras da Dama Verde.

— Deixe-a em paz! — gritei e todos os que estavam perto o bastante ficaram em silêncio. Exceto o meu pai.

— Dana, não! — ele comandou, e ouvi o som do seu cavalo vindo atrás de mim.

Henry se virou para mim, e havia um brilho medonho em seus olhos que me fez estremecer.

— Não podemos passar sem um sacrifício — ele disse ao cravar o olhar em mim. — A menos que esteja disposta a tomar o lugar dela, minha criada dará sim seu sangue à Dama Verde.

O cavalo de papai parou ao meu lado, e ele se abaixou para me segurar. Mas eu me desviei e continuei atenta a Henry.

— Eu vou no lugar dela — eu disse, perguntando-me se eu tinha ficado completamente louca. Eu não sabia exatamente o que aconteceria durante esse sacrifício de sangue, e lá estava como voluntária para tomar o lugar de uma garota que eu nem conhecia.

— Dana, não! — meu pai repetiu, e dessa vez com mais ênfase. — Eu a proíbo!

Eu me virei para ele enquanto ele me fitava, sério, do alto do cavalo.

— Você disse que o sacrifício de sangue não seria fatal, certo?

— Isso não importa — ele disse entredentes. — Você não vai fazer isso.

— Pai, olhe para ela — argumentei, indicando Elizabeth com um gesto do braço. A pobre garota ainda chorava, embora cobrisse a boca com a mão para abafar os soluços aterrorizados. Se ela fosse uma menina humana, eu temeria que ela fosse morrer de medo se fosse forçada ao sacrifício. Do modo como as coisas se apresentavam, duvido que ela fosse morrer, mas, sem dúvida, ficaria emocionalmente ferida. Talvez eu estivesse superestimando minha firmeza, mas eu tinha certeza de que o sacrifício afetaria a mim muito menos do que a ela...

Não acreditei que papai sentisse piedade dela como eu, tive certeza de que ele insistiria para que eu desistisse, Dama Verde falou antes que ele tivesse a chance — Um sacrifício voluntário é muito mais valioso do que um forçado — ela disse, voltando suas feições para mim. — Aceito o sacrifício — ela disse e esticou um braço cheio de espinhos, chamando-me.

— Não! — meu pai disse com uma ponta de desespero na voz.

— Ela já se ofereceu — Henry replicou. Não achei que ele tivesse ficado desagradado com o resultado dos eventos. — É tarde demais para recuar.

— Sou o pai dela e eu a proíbo!

— Então nenhum de vocês poderá passar — a Dama Verde sentenciou. Ela apontou para Elizabeth, que se retraiu ante o gesto. — Não quero essa aí.

Eu praticamente conseguia ver os cálculos que Henry fazia enquanto ele olhava de mim para meu pai. Nossa garantia de passagem livre provavelmente significava que ele não podia me entregar à Dama Verde à força, mas duvidei que houvesse qualquer tipo de violação se eu me oferecesse voluntariamente. O que valia dizer que Henry no fim estaria em seu direito e que meu pai estava a um passo de se meter em sérios apuros.

Não achei que seria bom deixar que Henry e papai travassem um diálogo, por isso, em vez de esperar quem diria o quê, comecei a correr surpreendendo a todos ao meu redor.

— Dana! — papai exclamou, e tive certeza de que a próxima coisa a ouvir seria os cascos do cavalo dele vindo atrás de mim.

Eu me enganei. A Dama Verde estava aparentemente ávida em aceitar o meu sacrifício e rapidamente perdeu sua forma humanoide e as gavinhas de trepadeira espinhosas partiram na minha direção.

Eu era um sacrifício espontâneo, mas sou humana (em grande parte), e não consegui deixar de parar ao ver aquelas gavinhas vindo em minha direção. Os espinhos eram longos como meus dedos, e muito mais afiados.

Meu pai gritou algo que não consegui ouvir acima das batidas frenéticas do meu coração. Em questão de segundos, a trepadeira me cercou, prendendo-me em um círculo de folhagem. Um círculo que ficou cada vez mais escuro à medida que os galhos se contraíam ao meu redor até eu estar completamente circundada por eles. Se eu simplesmente estremecesse, descobriria de primeira mão o quanto aqueles espinhos eram afiados.

Poucos segundos antes, eu me sentia bem corajosa, mas naquele instante eu estava com tanto medo que mal conseguia respirar. Fechei os olhos, na esperança de que aquilo deixasse de ser tão claustrofóbico, e me forcei a pensar na pobre Elizabeth e no seu terror. Sim, eu estava com medo, mas sabia, sem sombra de dúvida, que então não estava com tanto medo quanto ela esteve antes.

— Não se debata — a voz da Dama Verde disse. Talvez eu estivesse louca, mas eu podia jurar que havia um toque de gentileza em sua voz.

A trepadeira se contraiu ainda mais, até eu sentir a picada dos espinhos contra a minha pele. Não consegui conter o arquejo e o meio choro que escapou de mim.

— Ssh... — surgiu a voz da Dama Verde, vindo de todos os lugares ao meu redor. — Fique parada, e isto não doerá tanto.

E, de repente, os galhos se contraíram ao meu redor, afundando os espinhos na minha pele.

Os espinhos estavam em todas as partes, perfurando-me dos pés à cabeça, e mal consegui conter um grito. Meus instintos mais primitivos me comandavam a lutar, a me afastar mesmo sabendo que não havia escapatória, mas lutei contra esses instintos. Entendi por que a Dama Verde me instruiu a ficar parada. Eu me sentia um porco-espinho humano com todos aqueles espinhos cravados em mim, mas ainda que doesse bastante, a dor era... controlável. Se eu me debatesse, os espinhos me rasgariam por completo.

— Muito bem — a Dama Verde disse, e em seguida, os espinhos se retraíram do meu corpo, e os galhos se afastaram de mim, dando-me espaço para respirar.

Meus joelhos estavam bambos e eu teria caído no chão se diversos dos galhos não tivessem se agarrado a mim — perfurar com os espinhos — sustentando-me de pé. A folhagem ainda me cercava, mas já estava menos densa, permitindo a entrada de luz e ar no centro da Dama Verde.

Olhei para as minhas mãos e vi diversas picadas avermelhadas. Deduzi que o resto do corpo também estivesse daquele jeito.

— Você honrou esta terra com seu sacrifício voluntário — Dama Verde disse. — Há tempos não vejo tamanha coragem e espírito de generosidade.

Quase agradei de maneira automática, mas me lembrei a tempo que havia certas criaturas em Faerie a quem não se deveria dizer isso. Até onde eu podia saber, isso não passava de lenda — por certo os sidhe tinham problemas com as palavras — , instinto me disse que se a restrição se aplicaria a qualquer criatura de Faerie, provavelmente se aplicaria à Dama Verde.

Meus joelhos se firmaram, e os galhos que me sustentavam se afastaram. Então, o círculo formado ao meu redor se traiu, e a Dama Verde voltou a formar a figura humanoide. As

peessoas se apressaram a me ajudar, por isso não a vi desaparecer no meio da floresta.

Ethan foi o primeiro a se aproximar, envolvendo-me nos braços, praticamente me sufocando. A sua magia formigou sobre mim, e eu sabia que ele estava curando os incontáveis ferimentos que os espinhos da Dama Verde provocaram. Passei os braços ao seu redor e me agarrei, afundando a cabeça no peito dele, aproveitando seu calor e conforto.

— Isso foi uma das coisas mais valentes e idiotas que você já fez — ele disse ao encontro do meu cabelo. — Você acabou de roubar dez anos da minha vida.

Soltei uma risada ainda cheia da adrenalina que percorria meu corpo.

— Você é imortal, seu bobo.

— Eu era antes de encontrar você— ele rebateu.

Eu adoraria continuar ali, esquecendo-me do resto do mundo enquanto me refestelava na maravilha que era ficar nos braços de Ethan.

Infelizmente, o resto do mundo tinha outros planos. Henry começou a exclamar ordens, tentando fazer com que todos voltassem a montar para partirmos novamente. Eu soltei Ethan com relutância e descobri meu pai praticamente em cima de mim, olhando-me furioso.

— Você vem comigo pelo resto da viagem — ele informou. Sua expressão me prometeu que aquele não seria um trajeto divertido.

— Hum... Quem sabe eu não deva seguir de carroça? — sugeri. — Estou um pouco dolorida...

— Bela tentativa — ele disse com um sorriso forçado ao indicar o cavalo logo adiante.

Lancei um olhar suplicante para Ethan, mas ele levantou as mãos e retrocedeu.

— Não vou me meter nisso.

— Sábia decisão — meu pai concordou, olhando significativamente para Ethan, que logo se afastou.

Esperei ouvir um sermão do meu pai no momento em que, gemendo, subi na sela atrás dele. O fato de isso não acontecer só aumentou a apreensão — o que, estou certa, era a intenção de papai.

Sem a Dama Verde para bloquear a estrada, na mais uma vez se mobilizou, subindo a colina até o círculo de pedras. Foi meio complicado acomodar todos os cavalos e carroças no

centro, mas conseguimos, lotando o meio e deixando somente de 30 a 60 centímetros entre aqueles na extremidade do círculo — como eu e meu pai — e as pedras.

Aparentemente, estávamos deixando aquele espaço para que Henry tivesse fácil acesso às pedras. A pé, ele passou de pedra em pedra, tocando cada uma e sussurrando alguma coisa. Senti a magia se avolumando, cada vez mais forte conforme Henry tocava as pedras.

Quando Henry estava na metade, havia tanta magia no ar que eu tinha dificuldade em respirar. Fechei os olhos e me concentrei na respiração, sabendo que aquilo só tendia a piorar.

— Dana? — meu pai perguntou preocupado. — Você está bem?

— Hum-hum — respondi, tentando parecer convincente. Acho que é só algum tipo de reação tardia. E um pouco de desnorreamento pelo que está por acontecer — arfei em busca de ar, desejando que Henry acabasse logo com aquilo, libertando a magia antes que eu desmaiasse. Eu tinha de agir do modo mais normal possível, a menos que quisesse que todos naquela caravana soubessem que eu sentia a magia.

— Não precisa ficar “desnorreamada” — papai me garantiu. — Usar o monumento megalítico requer muita magia, mas você não sentirá nada além de um instante de desorientação.

Ah, bom, pensei, ao me esforçar para respirar

— Segure-se — ele disse. — Ele vai ativar as pedras a qualquer instante, e a vertigem pode ser um pouco desagradável.

Imaginei que a sobrecarga de magia já estava tão desagradável que eu não perceberia um pouco de vertigem. Eu me enganei.

Sabe aquela sensação na boca do estômago quando a montanha-russa está voando trilhos abaixo? Bem, imagine isso, mas dez vezes pior, e acrescente a sensação de a montanha-russa estar de ponta-cabeça e de lado ao mesmo tempo. Foi mais ou menos isso o que senti quando Henry ativou as pedras.

Mesmo sentada e abraçada ao meu pai, a sensação de queda livre não diminuiu, e se eu não estivesse com os braços ao redor do seu corpo, eu teria caído do cavalo.

A única boa notícia foi que o efeito não durou muito. Ah, e eu também não vomitei, ainda que meu estômago tivesse pensado seriamente nisso.

Quando abri os olhos, ainda estávamos no meio do círculo de pedras, mas elas estavam

situadas em uma clareira em vez de no alto de uma colina.

Tive de admitir, aquilo era bem legal — mesmo que também assustador. A caravana voltou a avançar, seguindo uma estrada bem mais larga e mais frequentada do que as que usamos até então (nada surpreendente, levando em consideração que estávamos a poucas horas de viagem do Palácio Sunne).

Foi quando retomamos nosso lugar costumeiro ao fim da fila que o sermão esperado de papai começou.

Mordi a língua e não discuti com ele, porque eu sabia que não me faria bem fazer isso. Desejei nunca mais ter de me oferecer de bandeja como fiz naquele dia, mas eu não tinha intenção de prometer tal coisa. Elizabeth, em seu absoluto terror, teria sido esgarçada pelo abraço da Dama Verde, e eu teria mergulhado em culpa caso isso tivesse acontecido. Fiz a coisa certa, e nada do que meu pai dissesse mudaria isso.

Foi cerca de uma hora depois de termos passado pelas pedras que chegamos à primeira cidade de fato desde que partimos de Avalon. Claro que, aquilo sendo Faerie, a cidade não era nada semelhante ao que já vi na vida. Os feéricos — de acordo com meu pai — eram muito mais ligados à terra do que os humanos. Eles não construíam fileiras de casas ou edifícios. Mesmo as casinhas vinham acompanhadas de pelo menos alguns acres de terra.

As casas eram projetadas para se misturarem à floresta que as cercava, e algumas delas eram tão bem-sucedidas nisso que se tornavam praticamente invisíveis, as paredes eram totalmente recobertas por trepadeiras, e os jardins nos telhados faziam com que as casas inteiras mais parecessem uma colina um pouco diferente. Se eu não olhasse atentamente para os arredores, eu acharia que ainda viajávamos em meio à floresta desabitada.

A ilusão de viajar pela floresta desabitada era de alguma maneira diminuída quando as portas e as janelas se abriam para observar a nossa procissão. Eu meio que esperava que as pessoas viessem correndo de suas casas para jogar guirlandas de flores — não é assim que os príncipes pomposos são recebidos ao retornarem para casa? — , porém ninguém fez mais do que ficar parado olhando.

Sei que os feéricos são mais reservados que os humanos, portanto, eu não esperava mesmo uma recepção calorosa; contudo, não consegui me libertar de uma sensação de desaprovação com a nossa chegada, como se Henry não fosse a pessoa predileta do povo. O fato de passarmos pela estrada principal, e que o séquito de Henry forçasse as outras pessoas a darem passagem, como se elas não tivessem o mesmo direito de estar ali, não ajudou muito.

Ninguém protestou contra o tratamento injusto — valores feéricos estúpidos! — , porém flagrei mais de uma pessoa lançando olhares impacientes e irritados em nossa direção. Assim que o príncipe estivesse longe o bastante para não ver, claro.

Pensei que assim que passássemos pelas primeiras casas, veríamos algum tipo de bairro comercial, um lugar com lojas ou hospedarias ou algo mais parecido com uma cidade, mas a paisagem permaneceu a mesma, com casinhas pequenas que não atrapalhavam, bem separadas umas das outras.

Não havia fazendas, nada de pastos nem hortas ou pomares — nada além de residências.

— Onde está o centro da cidade? — perguntei ao meu pai.

— Está olhando para ele — ele respondeu, e eu me perguntei se havia algo além das casas ali. Meu pai logo esclareceu: — Os sidhe não se envolvem em comércio como os humanos.

— Mas eles precisam comprar alimentos e suprimentos em algum lugar certo?

— Sim, mas essas transações não são consideradas atraentes e, portanto, são realizadas longe das vistas.

— Como as brownies — resmunguei baixinho. — Que os céus não permitam que os sidhe sejam vistos fazendo algo tão vulgar como comprar comida — eu disse mais alto. Meu pai só suspirou e deixou o assunto morrer.

Assim que cruzamos a fronteira da cidade, a estrada deixou de lado sua sinuosidade suave tornando-se reta, permitiu que eu visse pela primeira vez o Palácio Sunne ao longe.

As casas feéricas podiam se misturar à paisagem de fundo floresta, mas o palácio foi feito para ser notado.

Quando pensei no palácio da rainha de Faerie, imaginei algo bonito e com um toque feminino. Sabe, algo como o castelo da Cinderela na Disney.

A estrutura imponente que se elevava das árvores estava no extremo oposto das minhas expectativas.

O que vi foi uma parede de pedras sólidas e imponentes com uma guarnição de ameias, pontuadas por janelas estreitas e longas — fendas para os arqueiros? Torres hexagonais, feitas da mesma pedra cinzenta, elevavam-se de cada um dos cantos, com pequenas torres finas e altas no topo, dando a impressão de que essas torres mostravam o dedo do para o resto do mundo. Não havia nada remotamente belo e feminino naquele palácio, que mais se parecia com uma fortaleza — ou uma prisão — do que com um palácio.

Aquele era um palácio feito para lembrar a todos que o vissem que a rainha que ali morava era intocável e poderosa, com a intenção de intimidar o mundo exterior e defendê-la de qualquer ataque. Suponho que, levando-se em consideração a história de guerras entre as Cortes Seelie e Unseelie, uma fortaleza confortável e aconchegante na qual se esconder era a coisa mais adequada a ser feita. Não importando o quanto ela fosse feia.

— Imagino que sutileza não seja uma das características de Titânia — eu disse, mantendo a voz baixa para que ninguém além do meu pai me ouvisse.

Meu pai deu uma risada de leve.

— Não, não é. No século XVIII, alguém lhe trouxe um desenho do Castelo Caernarfon em Gales, e ela se apaixonou por ele. Titânia fez com que reconstruíssem o castelo à sua semelhança, apesar de não ser uma réplica exata. Para os feéricos, a arquitetura mortal é considerada exótica, e este palácio é deveras belo — ele riu de novo. — Em algumas centenas de anos, ela provavelmente irá reformá-lo para o que vocês, americanos, chamam de McMansão, porque isso será considerado o ápice do exotismo.

— Hum-hum — eu disse, sentindo um farfalhar desconfortável de nervosismo enquanto nos aproximávamos dos muros intimidadores. Eu não me surpreenderia se, em vez de um tapetinho de boas-vindas, na porta da frente houvesse uma placa com os dizeres: ABANDONEM A ESPERANÇA, TODOS OS QUE AQUI ENTRAREM. Eu queria voltar para casa, desesperadamente.

A estrada nos conduziu direto a portões de madeira maciça, além dos quais havia um pátio de pavimento de pedras todo alvoroçado. Os portões estavam abertos, mas eu não sabia se isso era a norma ou se alguém soube da chegada do príncipe Henry e os abriu. O que mais desejei foi que os portões não se fechassem atrás de nós. Eu já tinha a sensação de estar entrando em uma prisão, muito obrigada.

O alvoroço das atividades no pátio se tornou uma loucura assim que nossa caravana entrou. Henry, claro, certificou-se para que fôssemos o centro das atenções, distribuindo ordens e se mostrando como o costumeiro garotinho mimado. Papai parou o cavalo e desmontou graciosamente da sela. Eu fui muito menos graciososa, e fiquei grata por papai me oferecer uma mão. Pensei que tivesse ficado dolorida depois de cavalgar sozinha, mas nada se comparava ao meu estado miserável depois de horas cavalgando a dois. Mantive um olhar apreensivo nos portões, mas ninguém os fechou atrás de nós. Não estávamos presos em uma armadilha, não importando o que os meus cabelos eriçados na base da nuca me dissessem.

Juntos, papai e eu nos aproximamos de Kimber, Ethan e Keane, e papai começou a nos conduzir a uma das enormes entradas em forma de arco.

— E quanto a Finn? — perguntei, arrastando os pés.

— Ele vai ficar nas acomodações dos Cavaleiros — papai respondeu.

— Pois é — Keane disse com escárnio — , ele é um Cavaleiro, não um abençoado hóspede.

Papai lhe lançou o mesmo olhar que me lançava toda vez que eu comentava o sistema de

classes dos feéricos, mas não disse nada.

Na entrada, meu pai foi cumprimentado com familiaridade por muitas pessoas, uma delas parecendo ser algo semelhante a um mordomo, que somente nos dispensou um olhar pomposo, para depois nos acompanhar por dentro do palácio às suítes onde ficaríamos até a rainha me convocar oficialmente para a cerimônia de apresentação.

Imaginei que o interior do palácio fosse tão sombrio e intimidador como o exterior, mas era muito mais agradável. O pavimento era de pedra, mas era recoberto por tapetes grossos e luxuosos, todos com desenhos de rosas brancas com vários tons de joia no fundo. As paredes também eram de pedra, mas era quase impossível vê-las através dos vasos de plantas e trepadeiras de rosas brancas que as cobriam. Se eu não soubesse do contrário, imaginaria ter entrado em uma estufa. Fiquei imaginando como as janelas em forma de fenda forneciam luz suficiente para manter as plantas vivas e vicejantes. Talvez não precisassem de muita luz por serem mantidas por magia.

Os tetos altos de pedra eram pintados de parede a parede com murais, alguns com cenários do céu, outros com cenas da natureza iluminadas pelo Sol. Imagino que mesmo vivendo dentro da monstruosidade de pedra, Titânia quisesse manter a ilusão de que fazia parte da natureza.

O mordomo nos conduziu aos nossos quartos, mas, assim que ele se afastou, deixando-nos à vontade, papai mudou nossa disposição.

Originalmente, ficaríamos cada um com um quarto. Papai não queria que eu ficasse sozinha, por isso ordenou que Kimber e eu dividíssemos um quarto, para isso trocou de aposentos conosco, garantindo, assim, que nosso quarto ficasse na ponta do corredor, colocando ele, Ethan e Keane entre mim e a escadaria principal. Pelo menos ele deixou que Keane e Ethan tivessem cada um o seu quarto, garantindo com isso que não teríamos de nos preocupar com alguma briga, fazendo o castelo cair sobre nossas cabeças.

— Não acredito que ninguém nos cause transtornos — papai disse — , contudo, depois do incidente com os bogles, acho melhor ser precavido.

O quarto que papai designou para mim e para Kimber era convidativo, ainda que... excessivamente floral. Carpete floral, colcha floral, vasos de flores em prateleiras de uma parede, um mural de flores silvestres na outra. Mas eu pouco me importei com a decoração depois que vi a cama.

Eu queria muito ter o prazer de conhecê-la, e o quanto antes melhor, mas, antes, papai

insistiu em inspecionar o quarto. Eu não sabia o que ele estava procurando. Até ele encontrar uma porta em uma das paredes, escondida por um feitiço de ilusionismo. Senti a magia de papai se avolumando até ele lançar algum tipo de feitiço.

— Não posso impedir que a porta se abra — ele me disse.

— Porém lancei um feitiço de alarme nela. Caso ela se abra, todos que estejam por perto perceberão.

Para alguém que insistia que a promessa de Titânia quanto a uma passagem segura significava que eu não corria perigo, ele parecia tremendamente paranoico. Quando ele saiu, deixando Kimber e eu sozinhas no quarto, entreolhamo-nos nervosas, depois começamos a rir.

— Ataques de bogles, Damas Verdes, monumentos megalíticos, passagem secretas... Foi isso o que imaginou quando se ofereceu para me acompanhar? — perguntei a Kimber quando conseguimos controlar o riso.

Ela deu de ombros.

— Bem, eu não estava esperando um passeio pelo parque. Mas, olhe, sua primeira viagem a Faerie tinha de ser memorável, não acha?

Ora, eu me lembraria muito bem dessa viagem. E no que me dizia respeito, aquela seria tanto minha primeira como a última viagem a Faerie.

Lugar agradável de conhecer, mas eu jamais gostaria de morar ali.

Emiti um gemido de prazer assim que me afundei na cama de penas que era ainda mais macia do que parecia. Eu adoraria um belo banho de imersão e depois uma massagem, mas concluí que uma soneca no meio da tarde seria a melhor coisa àquela altura.

— Não sentirei falta se nunca mais vir um cavalo — declarei ao me esticar na cama. Ocorreu-me que eu deveria mesmo ter saído à procura de um banheiro antes de sequer sentar na cama se eu não quisesse que a colcha fedesse a cavalo, mas já era tarde demais. — Tente não me acordar nos próximos três dias pelo menos.

Kimber zombou de mim.

— Se acha que vamos ter todo esse tempo à disposição, você não sabe nada sobre a hospitalidade feérica.

Infelizmente, Kimber tinha razão. Eu não tinha ficado deitada nem minutos antes que meu pai aparecesse batendo à porta para nos informar que Titânia tinha nos concedido outra

“grande honra”. Fomos convidados a jantar com a princesa Elaine, uma das netas da rainha. De acordo com meu pai, eu não poderia ficar na presença da rainha até ser oficialmente apresentada, mas a princesa seria sua representante porque a etiqueta da corte requeria que alguém atuasse como anfitriã.

A última coisa que eu queria depois de uma viagem cansativa e cheia de acontecimentos era ter de me socializar com qualquer pessoa, muito menos com uma princesa que poderia ser feita do mesmo estofo que Henry.

Reprimi um gemido.

— Suponho que seria um insulto horrendo declinarmos o convite? — perguntei.

Papai riu como se achasse aquilo bem engraçado.

— Temos uma hora e meia para tomar banho e trocar de roupa. Os criados entregarão a bagagem em breve, e há banheiros no fundo do corredor. A vestimenta é casual, o que significa que você deve usar as roupas mais refinadas que trouxe.

Cada vez melhor, pensei azeda ao abandonar com relutância minha esperança de uma soneca

Nós nos encontramos no corredor quando meu relógio de pulso mostrava serem seis e meia da tarde. O sol ainda não tinha se posto, mas havia tochas acesas, de qualquer modo. Elas deviam ser alimentadas com magia, porque não havia fumaça, e quando me aproximei, percebi que não havia calor emanando delas. Depois olhei para o teto, e meu queixo caiu.

Quando fomos levados para os quartos, o mural do teto era de um azul celeste, artesanalmente pintado com nuvens brancas e fofas. Agora o mural mostrava um pôr do sol em tons de rosa, alaranjado e roxo, esvoaçantes. Kimber seguiu meu olhar e sorriu.

— Legal — sussurrou.

— É — concordei, mas me sentia mais inclinada a achar aquilo esquisito.

Meu pai vestia um terno cinza-escuro que estava fantástico nele, ainda mais com a gravata vermelha que lhe conferia certa autoridade — não que eu achasse que o povo de Faerie reconheceria uma gravata de negócios quando visse uma. Kimber tinha escolhido um vestido de verão azul-claro combinando com sandálias plataforma, eu usava calça cáqui com uma camisa, o que representava o máximo do bem vestir para mim. Keane, como sempre, estava todo de preto, e Ethan tinha escolhido uma camisa polo com calças sociais. No conjunto, éramos um grupo heterogêneo, e provavelmente parecíamos tão tolos para os feéricos quanto

o príncipe Henry me pareceu no jantar governamental.

Franzi o cenho ao perceber que Finn não estava por perto.

Olhei de relance para papai, e ele leu a pergunta na minha expressão antes que eu tivesse a chance de fazê-la.

— Estamos em Faerie — ele me lembrou. — Os Cavaleiros não jantam com a realeza. De qualquer modo, ele não se sentiria à vontade sentando-se à mesa conosco.

Estreitei meu olhar na direção dele, embora, imagino, eu devesse ter adivinhado o motivo de Finn ter sido excluído.

— Então por que Keane pôde vir? — perguntei.

Pelo canto do olho, vi Keane se enrijecer, e percebi que minha pergunta parecia significar que eu não queria que ele jantasse conosco.

— Sabe o que eu quis dizer — disse para ele.

O rosto de Keane deixou claro que ele não tinha se acalmado em nada.

— Posso vir como seu convidado porque não sou um Cavaleiro. E porque nasci e fui criado em Avalon, não me importo nem um pouco se alguém da minha “classe” não deve jantar com a realeza. — Seus lábios se curvavam no sorriso de escárnio que era a sua marca.

— Encantador — Ethan murmurou. — Tenho certeza de que conquistará muitos tipos de amigos para nós com essa sua boca solta.

Gemi.

— Não comecem vocês dois! — avisei. — Esse jantar já vai ser longo o bastante sem que o resto de nós tenha de bancar o juiz entre vocês.

Os dois cederam, mas os ressentimentos entre eles não chegaram a sumir com o tempo passado juntos durante aquela viagem.

Papai nos conduziu até uma saleta de jantar no primeiro andar do palácio. Ao que tudo indicava, havia diversos tipos de salas de jantar no palácio, alguns projetados para jantares imensos, outros para reuniões mais íntimas como aquela. Claro que “íntima” em um palácio significava grande o bastante para que minha casa segura inteira coubesse dentro dela.

Como os outros cômodos que vi no palácio, o teto, as paredes e o chão eram todos de pedra. E, da mesma forma, a decoração fora projetada para esconder essas pedras. Mais

tapetes, mais murais, mais plantas. As paredes estavam perfiladas por criados uniformizados, e a sala inteira estava iluminada pelas diversas velas na mesa de jantar. Tudo era ao mesmo tempo ornamental e delicado, da mobília à louça e à prataria. Os uniformes dos criados incluíam calças e gravatas brancas bufantes, enquanto as mulheres usavam vestidos até os tornozelos com anquinhas.

A princesa ainda não estava lá, mas um dos criados nos levou aos assentos marcados, e outro percorreu a mesa enchendo as taças de vinho.

Surpresa, reconheci Elizabeth. Desejei que aquilo não fosse indício de que Henry jantaria conosco. Sorri para ela enquanto me servia vinho, mas ela não me encarou. Ela parecia estar em um estado perpétuo de medo, o que me fez odiar Henry ainda mais. Quando agradeci pelo vinho, ela praticamente pulou para trás.

— Desculpe — ela disse em um sussurro tímido.

Fiquei sem saber se ela se desculpava por estar sobressaltada ou por eu tê-la substituído no abraço da Dama Verde. De qualquer modo, o pedido de desculpas me pareceu um tanto estranho, mas ela se afastou apressada antes que eu tivesse a oportunidade de responder a algo ou perguntar o que ela queria dizer. Concluí que ela tinha tanto medo de Henry que ficava ansiosa mesmo quando ele não estava por perto.

Fui acomodada ao lado de Keane, perto da cabeceira da mesa, e me virei com um olhar questionador para ele. Ele também tinha notado a precipitação de Elizabeth, mas deu de ombros indicando que estava tão sem saber o que aquilo significava quanto eu.

Todos pegaram sua taça e sorveram goles de vinho, eu não sou muito de beber, graças à minha mãe. Tampouco gosto do cheiro de vinho, portanto deduzi que não gostaria do sabor. Ninguém falou nada, e a sala parecia sufocante com toda aquela formalidade.

Havia uma sensação de espera no ar, como se não pudéssemos nos mexer ou respirar até que a princesa nos agraciasse com sua presença.

Tentei me libertar dessa sensação, mas não consegui, e desejei mais do que nunca ter podido cochilar, para depois comer sossegada no quarto.

A princesa nos fez esperar por meia hora antes de flunar sala adentro.

Meu pai empurrou a cadeira para trás e se levantou quando ela entrou, gesticulando para que nós o imitássemos. Eu estava aborrecida o bastante para querer fazer greve e continuar sentada, mas decidi que isso só tornaria aquela provação ainda mais longa.

Suprimindo um bocejo, avalei nossa anfitriã. Ela se parecia demais com Henry, embora as feições que pareciam duras nele, nela se mostravam adoráveis. O pescoço incrivelmente longo, quase como o de um cisne. O vestido era de seda verde salpicado com joias e, apesar da anquinha — um acessório de moda que, para mim, não passava de uma tolice de moda era consideravelmente melhor que o de Henry. O verde do vestido era o complemento perfeito para o verde dos olhos e cabelos ruivos alourados.

Ela começou a dar a volta na mesa, cumprimentando cada um de nós pelo nome sem que precisasse de apresentações, nas dela.

— Meu tio me falou tanto a seu respeito — ela disse, e percebi que ela se referia a Henry.

— Hum... — eu não sabia o que dizer. Eu seriamente duvidava de que Henry tivesse alguma coisa boa a dizer.

Ela deu um tapinha na minha mão e riu de leve.

— Não tema, minha criança — ela disse. — Sempre escolhi formar minhas próprias opiniões em vez de me basear nas dos outros.

Tive esperanças de que isso significasse que ela não fosse membro do fã-clubes do príncipe Henry. Tentei sorrir, mas a expressão pareceu sair forçada.

— Obrigada — mais uma vez senti que havia motivações ocultas que eu não entendia ali, e que o melhor seria dizer o mínimo possível. O que eu não dissesse não poderia se voltar contra mim. Ao menos era essa a minha teoria. Desejei que ela soltasse minhas mãos, mas não quis puxá-las para não parecer rude.

— Nunca fui a Avalon — ela disse, soltando minha mão direita, mas segurando a esquerda para levá-la para perto do seu rosto. Percebi que ela olhava para o meu relógio. — Isto é lindo — disse ela, tocando o vidro do relógio com suavidade, como se ele fosse quebrar. Quase gargalhei, porque o relógio era um modelo digital baratinho com pulseira de couro falso. Eu o tinha comprado em uma farmácia, e não podia estar mais longe de ser belo.

— Isto é tecnologia? — a palavra soou estranha como um alienígena, como se ela estivesse experimentando dizer uma palavra estrangeira.

— Hum, sim. Acho.

O olhar da princesa passou para minha mochila, que eu, obviamente, tinha de trazer comigo para o jantar para preservar meus bens mortais.

— Há alguma outra tecnologia que possa me mostrar?

A excitação e a impetuosidade na voz dela me intrigaram a ponto de eu me perguntar por que ela nunca foi para Avalon. Ela poderia ter visto muito mais coisas “maravilhosas” do que eu tinha na mochila. Porém, não havia motivos para eu negar por isso vasculhei a mochila e peguei a câmera digital.

Não tirei fotos de Faerie apesar de isso ser quase uma obrigação, uma vez que eu seria a única pessoa capaz de fazer isso e eu não tinha intenção alguma de voltar ali. Ainda assim, eu tinha algumas fotos armazenadas, e mostrei uma a uma à princesa. Ela parecia maravilhada, e um tanto nervosa a respeito, ainda mais quando tirei uma foto dela. O flash sobressaltou todos os criados da sala, e eu senti uma imediata onda de magia no ar. Alguém ali era mais do que um simples criado.

— É só o flash — apressei-me em explicar. — Aqui dentro está escuro demais para que a foto fique boa sem ele. Quer ver? — papai me lançou um olhar desaprovador. Talvez eu devesse ter pensado melhor e avisado a ela de antemão a existência do flash, mas nem pensei nisso.

A princesa olhou para a foto um tanto incerta, mas a magia na sala sumiu, e expeli um suspiro interno de alívio.

— Gostaria de tentar tirar uma foto? — perguntei, oferecendo a câmera para ela.

Havia uma pontada de anseio em seu olhar, mas ela não aceitou a câmera.

— Acho melhor não — ela sorriu e se afastou um passo de mim. Eu não sabia muito bem se foi o flash que a fez me temer ou se ela simplesmente resolveu que a hora do recreio tinha acabado. — Fui uma anfitriã descuidada — ela disse com um sorriso para todos. Era o tipo de sorriso ensaiado das celebridades que posavam para que se tirassem fotos delas, com uma ponta de falsidade. — Por favor, acomodem-se e vamos jantar.

A princesa Elaine se moveu para a cadeira em forma de trono na cabeceira da mesa. O resto de nós, percebendo a dica do meu pai, permaneceu de pé. Deduzi que esperávamos que ela se sentasse primeiro.

A princesa tocou na cadeira, e um dos criados se apressou para puxá-la para ela. Ele não conseguiu.

Uma explosão ensurdecadora rompeu o silêncio da sala, e uma parede de calor me atingiu no peito, jogando-me no chão. Chamas subiram da cadeira da princesa, alcançando a toalha

de mesa enquanto pedaços de madeira voaram pelos ares como flechas. Fumaça e poeira encheram o ar, dificultando a nossa respiração.

Eu tinha caído para trás e por um instante fiquei parada em estado de choque, sem entender o que tinha acabado de acontecer. Mas o fogo avançava pela toalha de mesa e a madeira embaixo começava a queimar, e eu sabia que não podia continuar deitada até recobrar minha orientação.

Suspendi o peso do corpo sobre os cotovelos e espiei em meio à fumaça até a cabeceira da mesa.

A cadeira da princesa tinha sido praticamente destruída, e as chamas consumiam o que restou. A princesa estava no chão ao lado de onde estava a cadeira, deitada de barriga para baixo, ensanguentada e imóvel.

Minha cabeça doía e os ouvidos zuniam, e meu cérebro não estava funcionando em toda a sua capacidade. Por um momento, só fiquei sentada lá, olhando, tossindo conforme cada respiração levava mais fumaça e poeira para dentro dos pulmões.

Em toda a minha volta, as pessoas gritavam. O criado que foi ajudar a princesa a puxar a cadeira estava largado contra a parede em uma poça de sangue, e parecia que mais dois outros criados que estiveram perto também tinham se machucado.

Olhei ao redor em frenesi, procurando por papai e meus amigos.

Ethan estava cambaleando para se pôr de pé do lado oposto da mesa, ajudando Kimber a se levantar. Nenhum deles parecia muito ferido, graças a Deus. Ao meu lado, parecendo tão atordoado quanto eu me sentia, Keane puxava uma lasca de madeira do tamanho de uma faca de açougueiro do ombro.

— Você está bem? — gritei para ele, provavelmente alto demais por causa do zumbido nos ouvidos.

Ele tossiu e assentiu. Em seguida, meu pai pulou sobre as labaredas da mesa — sem dúvida auxiliado por magia. Havia sangue em seu rosto, e parecia que seu terno tinha sido chamuscado, mas fora isso ele parecia estar bem. Ele se inclinou e passou o braço ao meu redor, içando-me.

— Venha — ele disse.

Instintivamente, agarrei a mochila, mal conseguindo pegá-la antes que meu pai me empurrasse na direção da saída mais próxima, gesticulando para que Keane nos seguisse. Um par de criados feéricos tentava apagar o fogo batendo nas chamas com as jaquetas, mas não parecia estar funcionando. Eles precisavam de extintores de incêndio, mas não havia nenhum disponível em Faerie.

— Ethan! Kimber! — meu pai chamou aos gritos acima do som das labaredas e dos criados agitados. — Venham, depressa!

Eles tiveram de dar a volta na mesa — acho que a magia de Ethan não seria capaz de proteger a ele e a Kimber sem que eles se transformassem em batatas assadas — e quando

chegaram ao meu lado, papai estava praticamente correndo para a porta, ainda me segurando pelo braço.

Tropecei na tentativa de acompanhar seu passo enquanto meus amigos nos seguiam de perto.

— Aonde vamos? — perguntei. Minha garganta estava raspando, e tive de tossir antes de redescobrir minha voz. — As pessoas estão precisando de ajuda lá dentro!

Tentei ir mais devagar, mas papai não quis saber disso. E Keane me empurrou pelas costas, só para o caso de eu não entender a deixa.

— Uma bomba acabou de explodir naquela sala — meu pai me disse enquanto continuava a correr. — Não existem bombas em Faerie.

Tossi de novo e olhei por cima do ombro para ver se Ethan e Kimber ainda estavam ali. Estavam. O rosto de Ethan revelava toda a sua determinação, e Kimber parecia pálida e apavorada, apoiando-se um pouco nele enquanto corriam. Desejei que ela não tivesse se ferido.

Não existem bombas em Faerie Claro que não existiam, naturalmente

Mas com uma faeriewalker nas proximidades...

Ai, caramba...

Comecei a balançar a cabeça enquanto corríamos. Estávamos começando a passar por outras pessoas que corriam na direção contrária, para investigar o estouro. Alguns deles tentaram nos parar para perguntar o que tinha acontecido, mas papai nos forçou a continuar correndo.

— Eles não vão achar que... — comecei a dizer, mas nem terminei a frase, porque, claro que eles achariam! Eu era a única faeriewalker no mundo, e uma bomba só funcionaria na presença de uma faeriewalker — e teria de estar durante todo o tempo em que a faeriewalker cruzou a fronteira de Avalon para Faerie. Qualquer um deduziria que fui eu quem levou a bomba. — Ai, meu Deus.. — sussurrei enquanto continuávamos pelo corredor para sair pela porta que dava para o pátio. A imponente muralha e as torres de pedra se erguiam diante de nós de maneira ameaçadora, fazendo-nos sentir ainda menores e mais assustados do que já estávamos.

Tochas iluminavam o pátio, mas sua luz não chegava ao topo dos muros, que

desapareciam na escuridão.

Não havia muitas pessoas vagando àquela hora da noite, mas aquelas que estavam não pareciam particularmente alarmadas. Fiquei pensando se elas tinham conseguido ouvir a explosão com todas aquelas camadas de pedra para abafá-la. Talvez, mesmo tendo ouvido, elas não saberiam do que se tratava, podendo pensar que fosse somente um trovão.

Papai olhou para mim, assustado.

— Vocês têm de continuar correndo — ele disse, olhando para mim, apontando para o portão pelo qual passamos poucas horas antes. — Voltem para Avalon — ele se virou para Ethan. — Se sabe usar magia de ocultação, sugiro que a use. Eles estão confusos pela explosão agora, mas logo se reagruparão e irão atrás de vocês. Sei que você é bom com magia, mas não se arrisque a usar o monumento megalítico. Faça o caminho mais longo. — Depois se virou para Keane — mantenha-a a salvo! — ordenou.

— Espere um minuto! — exclamei, mas papai não estava prestando atenção. Senti a magia se avolumando ao nosso redor, e eu não sabia de quem ela era.

— Corram — meu pai disse, empurrando-me.

Eu estava confusa demais para dar mais do que uns passos cambaleantes. Ok, eu sabia que as coisas não pareciam muito boas no momento, mas por certo, depois que as coisas se acalmassem, as pessoas perceberiam que eu não poderia ser a responsável pela bomba. Certo?

Afinal, eu não era culpada.

Só havia um problema: tinha de ser eu. Durante o ataque do bogles, fui levada a quilômetros de distância da caravana; portanto, se alguém tivesse levado uma bomba com a intenção de ficar perto de mim até ter a chance de usá-la, seu plano teria fracassado. Mas eu não tinha nada comigo além da minha mochila quando Phaedra fugiu, eu tinha certeza absoluta de que não havia nenhuma bomba nela.

— Venha — Keane disse, puxando meu braço com urgência.

— Pai? — perguntei, percebendo que ele tinha nos ordenado a correr, mas que ele mesmo não estava correndo.

— Vou detê-los pelo tempo que puder — ele disse sério, depois olhou de Keane para Ethan. — Tirem-na daqui antes que seja tarde demais.

— Espere! Não! — exclamei, mas Ethan me segurou pelo outro braço, e ele e Keane começaram a me arrastar na direção do portão, com Kimber mancando atrás de nós. — Não podemos deixar meu pai sozinho — protestei, depois me virei suplicante para Keane. — Ou o seu!

Eu tinha uma forte suspeita de que, se eu não estivesse por perto para levar a culpa, meu pai e Finn — onde quer que ele estivesse — pagariam por mim. E se eu não estivesse por perto, seria muito difícil provar a minha inocência.

— Temos de ir — Keane disse ainda me puxando. Seus olhos estavam vidrados, como se estivesse à beira das lágrimas, embora ele fosse machista demais para deixar isso acontecer.

Eu ainda não queria ir e deixar meu pai e Finn para enfrentar a ira da Corte Seelie. Mas Ethan, Keane e Kimber não iriam embora sem mim, e mesmo que eu quisesse ficar para me defender, eu não poderia em sã consciência afundá-los comigo. Talvez Titânia os considerasse inocentes, talvez ela colocasse a culpa pela explosão somente em mim e no meu pai, mas eu não ousava arriscar. Papai me dizia para fugir por algum motivo, e não era porque ele imaginava que as coisas acabariam bem quando os membros da corte descobrissem o que tinha acontecido e decidissem que eu era a responsável.

Com um som misto de soluço com outra tossida, deixei que meus amigos me levassem para longe. Olhei por cima do ombro ao passarmos pelo portão. A última coisa que vi antes de virar e correr foi meu pai, parado sozinho, com todos aqueles muros, como os de uma prisão, ao seu redor, enquanto se preparava para uma batalha que sabia não ter como vencer.

Conseguimos cruzar o portão sem que ninguém nos perseguisse, embora não fôssemos exatamente imperceptíveis correndo a toda velocidade do jeito que estávamos. Pelo menos, teríamos a cobertura da escuridão assim que nos afastássemos da área iluminada pelas tochas.

— Temos de chegar à estrada o mais rápido possível — Keane arfou, depois tossiu. Fiquei preocupada por ele estar sem fôlego, visto que normalmente lutávamos por uma hora sem que ele desse o mínimo indício de estar cansado. Quanta fumaça ele teria inalado?

— Jura, Einstein? — Ethan replicou, e custei a acreditar que ele estivesse desperdiçando fôlego naquela briga com Keane em um momento como aquele.

Keane o encarou feio, mas não respondeu, o que considerei ser um sinal admirável de comedimento. A magia formigou ao meu redor, e Ethan me puxou para perto para me abraçar.

— Fique perto — ele me disse. — Venho praticando meu escudo de invisibilidade, e

poderei esconder a nós dois, pelo menos por um tempo.

Evidentemente, eu tinha a habilidade de me tornar invisível sem a ajuda de Ethan. Quase abri a boca para contar a todos sobre o broche do Erlking, mas no último minuto decidi não dizer nada. Não porque eu não quisesse enfrentar a raiva deles por conta das minhas mentiras — bem, quem sabe em parte por isso — , mas porque eu temia que, se eles soubessem do broche, eles me fariam usá-lo para escapar sem eles.

O feitiço de Ethan só duraria algum tempo, e assim que ele ficasse sem energia, provavelmente acabaríamos alvos fáceis como patinhos na lagoa.

Eu já via o esforço que ele fazia em seu rosto, e só podia imaginar o quanto lhe custava estender o escudo de invisibilidade sobre mim enquanto corríamos a toda velocidade. Além disso, eu ainda tossia por ter inalado fumaça. Conhecendo bem meus amigos, eu sabia que, se eles soubessem da existência do broche, assim que o feitiço de Ethan se desgastasse, eles me fariam usá-lo para ir embora sem eles. Imagino que eu estaria mais segura sem eles se pudesse ficar invisível, e eles não, mas de jeito nenhum eu os abandonaria, não importando o quanto isso fosse o mais prático a fazer.

Para começar, eu nem teria fugido se meu pai e os rapazes não tivessem me obrigado, e ainda me sentia péssima por abandonar papai e Finn à própria sorte.

Corremos pela estrada até chegarmos a uma curva que nos escondia de qualquer um que estivesse perto do portão, depois Keane nos guiou para fora da estrada na direção das árvores. Para falar a verdade, eu não tinha esperanças de que conseguiríamos despistar ninguém. Poderia demorar um pouco para que o pessoal do castelo descobrisse o que tinha acontecido, colocasse a culpa em mim e organizasse uma perseguição; mas estávamos a pé, e não conhecíamos o caminho. Certamente, teríamos de ficar nas imediações da estrada para não nos perdermos por completo, e isso facilitaria e muito a nossa localização. Pelo menos a cidade muito bem cercada pela floresta nos daria alguma proteção.

Ethan diminuiu o passo quando batemos em uma moita e, porque ele me abraçava, também fui mais devagar. Keane e Kimber continuaram rápido por um instante, depois pararam e nos fitaram de olhos arregalados.

— O que está fazendo? — Keane exclamou. — Temos de nos Ethan balançou a cabeça.

— Pode apostar como eles têm um rastreador que seguirá essa trilha que estamos deixando. — Ele apontou para algumas moitas que tínhamos acabado de amassar. Estava escuro debaixo das árvores, embora a Lua estivesse iluminada e quase completamente cheia.

Eu tinha de ficar praticamente em cima da moita para ver o que Ethan apontava, mas logo vi alguns galhos quebrados. Se eu consegui ver nosso rastro, então alguém com treinamento em rastreamento não teria dificuldade nenhuma para ver também.

— Maldição... - Keane murmurou, e eu não teria como discordar.

— Bem, não podemos simplesmente continuar aqui! — Kimber disse, também com razão.

As sobancelhas de Ethan se uniram.

— Posso criar um feitiço de ilusão para esconder nossa trilha se seguirmos mais devagar.

— E quando tivermos percorrido cem metros, eles estarão em cima de nós — Keane argumentou. — Com ou sem trilha, temos de seguir adiante.

— Não adianta seguir se eles conseguem nos rastrear imediatamente — Ethan contra-argumentou. — Precisamos nos esconder. Eles vão deduzir que saímos correndo em disparada para a fronteira de Avalon, como Seamus nos ordenou. Se conseguirmos nos esconder, faremos com que os perseguidores passem por nós. Depois que eles tiverem ido, poderemos recomeçar a andar.

— O que você quer é que a gente fique sentadinho como covardes — Keane resmungou, e lá estava a curva em seus lábios de novo.

Eu sabia que os rapazes continuariam discutindo se eu não me metesse, e não tínhamos tempo para aquilo.

— Se pode nos esconder, faça isso — eu disse para Ethan. Depois, virei-me para Keane. — Não estamos nos acovardando. Estamos tentando agir com astúcia, e Ethan tem razão. Deixar uma trilha que qualquer um pode ver só fará com que sejamos capturados ainda mais rápido.

Keane não gostou nada daquilo, e pensei que ele fosse desperdiçar mais tempo discutindo, mas acho que foi mais fácil para ele ceder aos meus argumentos que aos de Ethan, porque ele só assentiu de má vontade.

— É melhor isso funcionar — ele avisou Ethan, lançando um olhar ameaçador que surtiria mais efeito se não estivéssemos correndo para salvar nossas vidas.

Se aquilo não funcionasse, Keane teria muito mais com que se preocupar do que com Ethan.

— Vai funcionar — Ethan disse, e só me restou imaginar se aquilo era fruto da sua

confiança ou da sua arrogância. — Vou voltar para a estrada para tentar esconder ao máximo os sinais da nossa passagem a partir do ponto em que viramos — ele olhou de um para outro de nós três. — Se eu for pego, eu grito — seus olhos se detiveram em Keane. — Se isso acontecer, fica a seu encargo proteger as meninas.

Kimber deu um soco no ombro do irmão.

— Não somos damas indefesas em apuros. Não precisamos ser protegidas.

Mesmo no escuro, vi Ethan revirar os olhos.

— Tudo bem, vocês duas protegem Keane. Só não tentem bancar os heróis se eu for capturado.

— Não se preocupe — Keane murmurou — Ethan fingiu não ouvi-lo, afastando-se de nós na direção da estrada, deixando nós três sozinhos, carregados de adrenalina na escuridão da floresta.

No começo, eu conseguia ouvir o avanço de Ethan conforme ele se afastava. Depois, nada além do som dos grilos e um ocasional pio de uma coruja.

Meu coração começou a bater rápido dentro do peito, e eu ainda sentia como se os pulmões estivessem cheios de fuligem. Eu não ousava tossir, não quando a estrada estava tão perto, mas o fato de eu não querer tossir só aumentava a vontade de o fazer.

Keane deu uns passos na direção das moitas pelas quais Ethan tinha desaparecido, colocando-se entre mim, Kimber e a estrada. Ele devia estar se achando bem sutil, mas eu podia apostar que se Ethan gritasse em alarme, ele ficaria ali para proteger nossa retaguarda, ordenando-nos a fugir. O que ele podia fazer para nos proteger estando aparentemente desarmado, eu não sabia.

E foi aí que me lembrei da pistola que meu pai me deu antes de partirmos. Assim como qualquer outro artefato mortal que trouxe comigo, ela estava na mochila. Eu não sabia bem se poderia atirar em alguém, mesmo que em legítima defesa, e duvidei que matar nossos perseguidores fosse melhorar nossa situação; porém, eu não precisava me sentir completamente indefesa.

Movendo-me o mais silenciosamente possível, escorreguei a mochila das costas e a abaixei até o chão. Keane se sobressaltou ao mínimo barulho meu, virando-se para colocar o dedo sobre os lábios. Ignorei seu olhar furioso, remexendo na mochila até encontrar a caixa no fundo dela.

Quando puxei a pequena pistola de prata, Keane me olhou espantado.

Eu não tinha contado a ninguém a respeito dela. Kimber olhou para mim, erguendo uma sobrancelha, mas ela se mostrou menos chocada e mais divertida por eu ter a posse de uma arma de fogo. Levantei-me devagar, mantendo a pistola mirada para o chão, com a trava de segurança armada.

— Você sabe usar essa coisa? — Keane sussurrou tão baixinho que eu quase confundi sua voz com o vento.

Levei meu dedo aos lábios, contente em poder retribuir seu gesto, depois assenti. Bem, ele só perguntou se eu sabia usá-la, não se eu sabia usá-la bem. Acho que ele captou o subentendido, baseado no olhar cético que me lançou.

— Só não atire nas minhas costas — ele disse, e dessa vez tanto eu como Kimber levamos os dedos aos lábios. Ele balançou a cabeça, depois voltou a olhar para o que sobrava da nossa trilha.

Logo, voltamos ao silêncio opressor, embora, em seguida, gritos altos e desconhecidos se juntassem ao cricrilar dos grilos e aos pios das corujas.

Tive esperanças de que se tratasse somente de algum tipo de inseto inofensivo feérico ou algum sapo em vez de algum horrendo monstro noturno perseguidor. Tentei me confortar com o fato de que Kimber e Keane não se mostravam alarmados.

A quietude da noite possibilitou ouvirmos os cascos dos cavalos na estrada, nada longe o bastante para me confortar. Kimber se esticou para segurar minha mão, apertando meus dedos ao mesmo tempo em que mordía os lábios. Também apertei os dedos dela, com o coração ainda mais acelerado conforme o som dos cascos se aproximava.

Será que Ethan teve tempo de lançar seu feitiço de ilusionismo?

Parecia que ele tinha ido há séculos, mas o tempo tende a pregar peças quando se está em perigo, por isso eu não tinha certeza. Desarme a trava de segurança, embora continuasse mirando-a para o chão e deixando o dedo longe do gatilho. Eu estaria pronta a usá-la se o ruim se tornasse pior, mas essa seria absolutamente minha última escolha.

Não havia como dizer quantos cavalos estavam em perseguição, apenas que se tratava de muitos. Ouvi ao menos quatro vozes diferentes de feéricos no grupo de busca chamando um ao outro. Pelo som, eles estavam se movendo bem rápido. Só desejei que fosse bem rápido mesmo, o bastante para não perceber nenhum indício da nossa passagem caso Ethan não

tivesse tido tempo de despistar.

Prendi o fôlego e apertei ainda mais a mão de Kimber conforme os sons se aproximavam... E nos ultrapassaram, sem parar. O alívio me deixou praticamente tonta, e vi os ombros de Keane relaxarem conforme parte da tensão que ele sentia o deixava.

Todos ouvimos atentamente o afastamento do grupo de buscas pela estrada, mas não houve gritos de alarme, e nenhum indício de que eles estivessem voltando. Assim que o som dos cascos se perdeu ao longe, ouvi o barulho de folhas se mexendo, e Ethan se materializou diante de nós, aparecendo do nada.

Keane deu um pulo, e acho que foi bom ele não estar armado, ou Ethan teria sido alvejado pela segunda vez desde que o conheci. Ethan sorriu com zombaria para seu oponente, e embora estivesse escuro demais para eu ter certeza, eu poderia apostar que o rosto de Keane estava mudando para um matiz singular de vermelho-ódio.

— Sou eu — Ethan disse desnecessariamente.

— Você tem sorte de eu não estar armado — Keane disse, ecoando meus sentimentos.

— Funcionou? — perguntei, na esperança que os dois parassem de brigar.

Ethan fez uma careta, mas assentiu.

— Isso vai tirá-los do nosso encalço por um tempo. Certifiquei-me de encobrir nosso rastro perto da estrada, mas só cobre uns 90 metros dentro da floresta. O feitiço vai perdurar durante a noite, mas, à luz do dia, muito provavelmente alguém vai começar a vasculhar a floresta e encontrar o rastro além do feitiço.

O rosto de Ethan estava pálido ao luar, e ele oscilou o peso sobre os pés. Ele deve ter usado mais energia do que o recomendável para lançar o feitiço de ilusionismo, ainda mais depois de ter inalado fumaça e corrido.

Não que ele fosse admitir isso.

— Portanto, precisamos nos afastar do palácio o máximo que conseguirmos antes que o Sol nasça — Keane disse, esclarecendo o óbvio.

— Sem nos perdemos completamente — Kimber murmurou.

— Ou sermos comidos por bogles — acrescentei, porque, oras, se queríamos ser otimistas e animadores, podíamos muito bem ir até o fim. — Quem tem o melhor senso de orientação? Sei que não sou eu.

Meus três amigos refrearam o riso diante dessa declaração. Eu até ficaria ofendida se fosse suscetível à minha habilidade de me perder dentro de um armário.

— Hum... Provavelmente sou eu — Kimber disse, surpreendendo-me, e a Keane também, pelo seu olhar.

Ethan assentiu.

— Sem dúvida — ele concordou, depois sorriu para Keane.

— A menos que tenha algum cão farejador na sua árvore genealógica que não saibamos.

— O único cão aqui é você — Keane replicou.

Kimber e eu emitimos gemidos em estéreo, e os rapazes se calaram ainda que trocando olhares furiosos tipicamente masculinos.

— Vá em frente — disse a Kimber, depois armei novamente a trava de segurança da pistola antes de colocá-la no bolso. Ethan a notou pela primeira vez, e ainda que me questionasse com o olhar, eu nada disse, e ele não fez nenhuma pergunta.

Confiando em Kimber para que não nos afastássemos demais da estrada, passamos a andar atrás dela, abrindo caminho no meio da floresta escura a caminho da tão distante fronteira de Avalon.

Isso pode parecer surpreendente, mas viajar a pé em uma floresta desconhecida no meio da noite não é nada fácil. A Lua estava alta no céu, e quando havia espaço entre as árvores, um belo feixe de claridade iluminava a floresta. Marchamos penosamente, fazendo progressos lentos a fim de tentar não deixar rastros evidentes, também tentando evitar as casas tão bem escondidas entre as árvores.

Meus companheiros 100% feéricos pareciam ter melhor visão noturna do que eu, embora eles também tivessem de se esforçar conforme a noite avançava e a Lua descia no céu, escondendo sua luz pouco a pouco. Todos nós enganchávamos nas raízes das árvores e éramos atingidos no rosto pelos ramos baixos, provavelmente deixando um rastro visível, mas não havia nada que pudéssemos fazer a esse respeito. Obviamente, nós conseguiríamos avançar com mais facilidade à luz do dia, mas nossos perseguidores também.

Eu me esforcei para não pensar no que poderia ter acontecido ao meu pai e a Finn depois da nossa fuga. Eu me sentia uma covarde absoluta por deixá-los para trás e passei metade do caminho pensando que deveria dar meia-volta imediatamente. Em seguida, despertava para o fato de que, se eu decidisse voltar, ou meus amigos me deteriam, ou voltariam comigo. Já havia pessoas demais de quem eu gostava em apuros por minha causa. Se eu tinha a possibilidade de levar meus amigos a um local seguro, era o que eu teria de fazer.

Quem tinha plantado, de fato, a bomba? Eu continuava me atendo ao fato de que, para uma bomba funcionar, ela teria de estar perto de mim desde que saí de Avalon. Quanto mais eu tentava descobrir como trouxe uma bomba sem saber — e como, se ela estava comigo, ela foi parar debaixo da cadeira da princesa —, mais frustrada e sem resposta eu ficava.

O estresse tinha acabado com a minha habilidade de pensar. Quando a resposta para esse enigma surgiu, ela era tão óbvia que parei de repente e me dei um tapa na testa. A bomba tinha de ser plantada por um faeriewalker. Eu não tinha plantado a bomba. Portanto...

— Puxa! — disse enquanto os outros paravam ao meu redor — No fim não sou a única faeriewalker no mundo!

Os rapazes ficaram me olhando surpresos, mas Kimber só se mostrou séria.

— É o que parece — ela disse, e percebi que ela já tinha deduzido isso sozinha.

— A ruiva — Keane disse, seguido de uma expressão muito parecida com gaélico que eu tinha certeza de que devia ser algum xingamento.

— Que ruiva? — Ethan perguntou.

— Elizabeth — respondi, lembrando como ela estava nervosa no jantar, as desculpas que tinham vindo do nada, e o modo como ela se recusou a me olhar nos olhos. Também pensei que ela — como todas as outras mulheres do séquito de Henry — usava anquinhas debaixo das saias.

Seria possível esconder uma mala cheia de itens mortais em uma daquelas coisas. Talvez ela não tivesse se desculpado pelo acontecido com a Dama Verde, afinal. Talvez ela tivesse se desculpado antecipadamente por armar uma para cima de mim.

— Quem é Elizabeth? — Kimber perguntou com a testa franzida.

— A ruiva que nos serviu no jantar — Keane respondeu. — Ela era uma das criadas de Henry, não era? — ele me perguntou.

Assenti.

— Era. Ela veio de Avalon com a gente — ela foi o único rosto conhecido que vi na sala de jantar, embora eu tivesse de admitir que não estivesse prestando muita atenção. — Mas ela não deve ter mais do que anos — eu disse chocada.

— Ela morre de medo do Henry — Keane disse. — Estou certo que ela faria qualquer coisa que ele ordenasse, mesmo não gostando. E isso explicaria o fato de ela estar servindo no jantar. Duvido que Henry goste muito de partilhar seus criados.

Lembrei do terror no olhar dela, e também me lembrei dos abusos que ela sofreu nas mãos de Henry. A coitadinha era completamente tiranizada.

As evidências sugeriam que ela tivesse plantado a bomba, tentando — e talvez conseguindo — matar a princesa. Mas eu não tinha dúvida nenhuma de que era o príncipe Henry quem estava por trás de tudo aquilo.

Kimber assentiu.

— Você disse que Titânia alegou não estar por trás das ameaças contra você. Pode imaginar alguém ambicioso como Henry tendo uma faeriewalker escondida na manga? Posso apostar que alguém como ele faria qualquer coisa para garantir que sua faeriewalker fosse a única no mundo. Então ele mandou aqueles Cavaleiros para ameaçá-la, imaginando que todos deduziriam que foi Titânia que os enviou. Contanto que eles não a matassem, não haveria motivos para seu pai confrontá-la, descobrindo, assim, que os Cavaleiros não eram dela.

— Acho que ele ficou superentusiasmado quando foi enviado para me convidar a vir à corte — eu disse. Mas não conseguia me animar muito com o aborrecimento dele. — Nós estamos deixando que ele se safie dessa — concluí amarga. — Ao fugir, estou levando a culpa. Quero dizer, estou parecendo ainda mais culpada.

— Você não tem escolha — Keane disse. — Não passei muito tempo em Faerie, mas sei que este lugar não é conhecido pelo seu senso de justiça imparcial.

— Ele tem razão — Ethan disse, fazendo uma careta que mostrava o pouco que adorava concordar com Keane. — Você nem teria direito a um julgamento se a rainha estivesse irritada o suficiente com você para negá-lo.

Se não tivéssemos tirado você de lá, você poderia ter sido sumariamente executada. Já estaria morta a esta altura — sua voz ficou rouca e baixa, e ele me envolveu em um abraço inesperado.

Suas palavras provocaram um frio na minha espinha. Uma coisa era me imaginar presa e sujeitada à versão feérica de julgamento, outra completamente diferente era ser considerada culpada sem ter a chance de me defender. Não que eu pensasse que falar em minha defesa adiantasse alguma coisa — se estávamos certos, era o filho da rainha que estava por trás do atentado, e definitivamente ela não haveria de querer que ele fosse culpado. Eu era um excelente bode expiatório.

Ethan me abraçou com mais força, e eu afundei o rosto no peito dele, desejando poder me esconder em seus braços para sempre. A camisa dele tinha cheiro de fumaça, e a temperatura devia estar na casa dos 30 graus, muito quente para o nosso carinho, mas por um instante, aquilo não me incomodou.

— Temos de continuar andando — Keane disse.

Com um suspiro de lamento, afastei-me dos braços de Ethan. Talvez se evitássemos sermos capturados e voltássemos para Avalon, eu conseguisse encontrar alguém disposto a ajudar meu pai e Finn. Afinal, papai era cidadão de Avalon, e considerando-se sua influência política, o Conselho poderia negociar a sua soltura. Titânia até poderia entregá-lo para garantir a paz entre Faerie e Avalon.

Essa esperança era bem tênue, e mesmo que as coisas acontecessem do jeito que eu desejava, não havia como ter certeza de que Finn seria libertado com meu pai. Eu nem sabia se Finn era cidadão de Avalon ou não, mas certamente ele não gozava da mesma influência que o meu pai.

Claro, tudo isso seria um questão irrelevante se a rainha já os tivesse executado.

— Devemos tentar o monumento megalítico? — Kimber perguntou quando voltamos a abrir caminho em meio à escuridão. — Sei que Seamus disse para não o usarmos, mas vamos demorar dez vezes mais para chegar a Avalon se tivermos de dar toda a volta.

— Acho que consigo fazer as pedras funcionarem, mesmo que cheguemos lá durante o dia — Ethan disse, apesar de seu tom não me encher de confiança.

Keane balançou a cabeça.

— É arriscado demais. Mesmo se considerarmos que você tenha energia o bastante para ativar as pedras e poder suficiente para controlá-las, pode ter certeza de que Titânia já terá despachado Cavaleiros para protegê-las.

Absorvemos a realidade intragável em silêncio por um instante.

— Então vamos pelo caminho mais longo — eu disse por fim, tentando não pensar em como nossas chances eram ínfimas.

Não sei o quanto viajamos aquela noite, embora eu achasse que tivessem sido umas doze horas. Prendíamos a respiração toda vez que passávamos sorrateiros entre as casas feéricas, mas ninguém nos viu, e no fim as casas ficaram mais escassas enquanto as árvores se adensavam.

Quando a Lua desapareceu no horizonte, a única fonte de luz vinha das estrelas. E se isso já não bastasse para que passássemos praticamente a rastejar, as nuvens começaram a se juntar e o vento a soprar. Ao longe, vimos um raio e ouvimos um trovão.

— Ah, que maravilha — eu disse ao tropeçar em mais uma raiz.

Sempre quis passear na floresta em meio a uma tempestade.

Do jeito que a minha sorte vinha se mostrando, atingida por um raio.

A primeira gota de chuva caiu no meu nariz poucos segundos depois, seguida por outras. Quando os relâmpagos reluziram, os trovões logo os seguiam.

— É melhor encontrarmos uma vala ou algum tipo de buraco para nos proteger — Keane disse. — Se ficarmos bem juntos, posso esticar meu escudo protetor para nos cobrir. Não sei se ele nos protegerá dos raios, mas é melhor do que nada.

— Não preciso da sua proteção — Ethan protestou com sua dignidade ofendida.

— Ótimo — Keane rebateu. — Use o seu próprio escudo protetor. Ou suba em uma árvore para brincar de para-raio. Veja se me importo com isso.

Mesmo na escuridão opressora, vi que os olhos de Ethan cintilavam, e desejei que ele não começasse nada com Keane. A julgar pelo modo como o vento começou a soprar mais forte, não tínhamos tempo para aquilo. A temperatura tinha caído pelo menos uns cinco graus em poucos minutos, chuva que, no começo se mostrou refrescante, agora já começava a esfriar.

— Vamos procurar um lugar mais baixo, tudo bem? — Kimber disse, colocando-se entre os rapazes. Lançou um olhar dominador para o irmão. -- Você desenvolveu algum escudo protetor recentemente, e eu não fiquei sabendo? Porque se não o tem, vai usar o escudo protetor de Keane como o resto de nós.

— Tenho certeza de que posso aprender a lançar um feitiço desses — Ethan argumentou, e sendo o prodígio em magia que era, era bem possível que conseguisse.

Kimber assentiu.

— Isso mesmo, fique brincando de aprender um feitiço novo quando sua vida está em perigo Muito inteligente da sua parte Todos vamos ficar *beeem* impressionados Até você se matar ou ficar mutilado porque não conseguiu dominar todos os detalhes da coisa

Ethan fechou a cara, mas tinha de saber que Kimber estava com a razão. Podia não ficar feliz com isso, mas pelo menos parou de discutir.

A chuva começou a cair com mais intensidade enquanto vasculhamos a área em busca de algum refúgio. As perspectivas não eram nada promissoras. O terreno era bem reto, e a maioria dos lugares que vagamente se assemelhavam a um abrigo era, na verdade, o interior de algumas árvores. Quanto mais forte a chuva caía, mais tentadores esses buracos pareciam, mas os crescentes trovões e os raios nos lembraram de que as árvores eram para-raios naturais.

Estávamos a ponto de nos desesperarmos quando encontramos uma enorme árvore caída, tendo arrancado uma imensa quantidade de terra com as raízes na queda. Ela tinha caído recentemente, uma vez que ainda se via o buraco no qual ela devia ter ficado erguida.

Não era grande coisa, estava mais para um torrão do que para o buraco que desejávamos, mas todos concordamos que foi o melhor que conseguimos arranjar. O barulho

de outra árvore caindo na escuridão das imediações fez nos apressarmos para a proteção questionável daquela vala.

O vento já uivava, em um tom quase musical. Desejei que não fosse o som de alguma forma feérica de tempestade sedenta por sangue atrás de uma presa.

— Fiquem todos perto de mim — Keane disse, centelha da sua magia se avolumando.

Sentei-me ao lado de Keane na lama e tentei não notar a pontada de ciúme que se acendeu no olhar de Ethan. Kimber se acomodou do outro lado dele, e Ethan passou um braço possessivo ao redor dos meus ombros.

— Mais perto — Keane disse, mudando de posição até que o quadril e a perna estivessem encostados em mim. Eu não sabia se ele estava fazendo aquilo porque seu escudo protetor não esticava muito mais, ou se ele estava tentando simplesmente aborrecer Ethan. A tensão no corpo de Ethan me disse muito bem como ele interpretou aquele gesto.

Ethan ficou ainda mais tenso — o que não achei que fosse possível — quando Keane passou o braço ao redor de Kimber para trazê-la para o seu colo. Kimber não conseguiu esconder a surpresa e o prazer de estar aninhada ao seu encontro, e desejei mesmo que ele não estivesse fazendo aquilo só para irritar Ethan. Kimber merecia mais do que isso.

— Você está protegido? — perguntei a Ethan, porque era ele quem estava mais afastado de Keane. Para enfatizar o perigo, um galho pesado caiu a poucos metros do nosso abrigo. Toda vez que o vento soprava, a chuva caía quase que paralela ao chão, e as árvores praticamente se dobravam. Quis muito que não existissem tornados em Faerie.

— Estou coberto — Ethan garantiu para mim entredentes.

— Não seja idiota — Keane disse. -- Meu escudo não está esticado até aí e você sabe muito bem disso. Sente-se ao meu lado e coloque Dana no seu colo.

A princípio pensei que o ego machista de Ethan fosse levar a melhor e que ele fosse recusar — sendo que assim eu teria de recorrer a medidas drásticas para que ele começasse a agir como um jovem adulto sensato (não me pergunte que medidas seriam essas, porque não sou nada boa em coação como os rapazes são). Felizmente, Ethan não tornou isso necessário, embora resmungasse baixinho ao me puxar para o seu colo, aproximando-se relutante de Keane.

O granizo começou a cair nessa mesma hora, pedras do tamanho de bolinhas de gude açoitando o chão e a perna e o ombro direito de Ethan, que ainda estavam do lado de fora do

escudo.

— Pelo amor de Deus! — Keane reclamou. — Não tenho piolho e não vou morder.

Ethan provavelmente ia revidar verbalmente, mas Kimber se virou no colo de Keane até alcançar o ombro dele, puxando-o contra a lateral do corpo de Keane. Deduzindo que a dela foi uma boa ideia, também mudei de posição e agarrei a perna de Ethan, arrastando-a para dentro do escudo protetor. Se sua sensibilidade masculina ficava ofendida por se sentar tão perto de outro cara, problema dele! Mesmo as poucas pedras de gelo que me atingiram quando saí do escudo para agarrá-lo doeram a valer, e elas pareciam estar cada vez maiores.

Ethan estava completamente irritado, odiando cada segundo da proteção forçada de Keane, que tampouco estava facilitando muito as coisas, mas pelo menos não hesitou ao oferecer proteção, pouco se importando como se sentia em relação a Ethan. Apoiei a cabeça no ombro de Ethan, e quando isso não diminuiu a tensão em seu corpo, virei a cabeça e resvalei um beijo em seu pescoço.

A pele dele era quente e macia debaixo dos meus lábios, e ouvi quando a respiração dele acelerou mesmo acima dos ventos uivantes e da queda do granizo. Beije-o de novo, um pouco mais para cima, a tensão raivosa que ele emanava segundos antes se dissolveu em um tipo totalmente diverso de tensão.

Sim, eu estava bem ciente da proximidade de Kimber e de Keane, mas Ethan precisava dessa distração, e eu precisava de conforto. Deixei meus beijos subirem pelo pescoço de Ethan até que ele, convenientemente, abaixou a cabeça e virou o rosto para mim.

Eu estava molhada, gelada, sentada em um buraco durante uma tempestade perigosa, mas, quando os lábios de Ethan tocaram os meus, foi como se eu tivesse sido transportada momentaneamente para o paraíso. Eu não tinha muita experiência com beijos, mas estava certa de que Ethan era um dos melhores beijadores do universo. Minha mente traidora trouxe à tona a imagem do Erlking e do beijo passionai e selvagem que partilhamos sob a influência da magia, mas afastei essa lembrança. Aquele não foi um beijo de verdade, tampouco minha reação foi de prazer real, não como quando eu beijava Ethan.

A língua de Ethan lambia meus lábios aticando-os enquanto os braços me esmagaram contra ele. Eu não tinha do que reclamar, derretendo-me em seus braços e retribuindo os beijos de boa vontade. A mão dele escorregou para baixo da bainha da minha blusa. Era uma carícia relativamente inocente, os dedos só resvalando a pele da parte baixa das costas, mas eu senti uma pontada, sabendo que aquelas carícias inocentes eram só o que teríamos. Eu me ordenei a aproveitar o momento sem pensar. Mas não sou boa em não pensar nas coisas, e

apesar de o beijo ser maravilhoso, a excitação repentinamente arrefeceu — sem brincadeira. Não, claro que Ethan e eu não faríamos nada de mais na frente de Keane e Kimber mesmo se o acordo do Erlking não estivesse entre nós, não conseguia apreciar um simples beijo sem me preocupar com tudo o que eu não podia fazer.

Acho que Ethan percebeu meu esfriamento, porque suspirou ao encontro dos meus lábios e depois se afastou, acomodando minha cabeça debaixo do queixo dele. Minha garganta se fechou e meus olhos arderam.

De algum modo, eu teria de encontrar uma maneira de ser feliz com o que eu tinha em vez de lamentar aquilo que não poderia ter, mas ainda não conseguia fazer isso.

Ethan voltou a ficar tenso debaixo de mim, como se nossa sessão de amassos não tivesse acontecido. Pelo modo como seu queixo se apoiava na minha cabeça, eu sabia que ele estava olhando para Keane, por isso me virei para olhar também, pronta para agir e impedir que eles brigassem de novo caso necessário.

Kimber estava aninhada nos braços de Keane em uma posição bem semelhante à minha, com a cabeça apoiada no peito dele. Um dos braços dele rodeava o ombro dela, e o outro se apoiava de leve na coxa dela. Havia um sorrisinho estampado no rosto de Kimber que dizia que ela estava contente em estar ali, e eu sabia que ela devia estar extasiada por Keane tocá-la daquela maneira. Mas Keane mal prestava atenção nela, em vez disso, travava um duelo de olhares com Ethan. Eu queria estapear os dois, mas mantive meus sentimentos em segredo, porque, se eu abrisse minha bocarra, as coisas só podiam piorar. A tempestade podia estar um pouco menos selvagem, mas os raios ainda estavam perto demais para o nosso sossego, e eu não podia arriscar que a testosterona dos rapazes os fizesse cometer alguma estupidez que acabasse nos matando. Por isso, agi em nome da equipe, segurei o rosto de Ethan e plantei outro beijo nele.

Meu sacrifício valoroso surtiu efeito, e Ethan e Keane não tentaram se matar. Levando-se em conta o dia miserável que tivemos, escolhi aceitar aquilo como um bom presságio.

Quando a tempestade se foi completamente e as nuvens se espaçaram, as primeiras luzes do alvorecer tingiam o horizonte.

O escudo de Keane muito provavelmente salvou nossa vida. O chão da floresta estava coberto de galhos quebrados, alguns pequenos e inofensivos, outros tão grandes como se fossem árvores anãs. Um desses galhos grossos estava diante de nós, onde acabou ficando depois de quicar no escudo de Keane.

O escudo protetor deixou de existir antes que a tempestade acabasse.

Keane praticamente desmaiou tentando sustentá-lo, mas no fim acabou sem forças e tivemos de nos contentar ficando juntos debaixo da chuva e do vento. Felizmente, os raios e trovões tinham se afastado, e o vento já não derrubava mais árvores.

Era tentador simplesmente ficar ali na lama e cochilar. A noite foi exaustiva, e nenhum de nós conseguiu dormir dadas as circunstâncias.

Porém, estávamos molhados e infelizes demais para dormir, e tínhamos de aproveitar a vantagem da luz para nos afastar do Palácio Sunne e das forças da rainha. A tempestade, na verdade, prestou-nos um imenso favor, apagando qualquer vestígio que tivéssemos deixado, mas isso não significava que estávamos seguros. Eu não sabia o quanto tínhamos viajado à noite antes que a tempestade nos detivesse, mas eu tinha certeza de que não fora tanto assim.

Arrastamos os pés e começamos a caminhar, confiando que Kimber estivesse nos levando na direção certa. De certa forma, estava mais fácil por causa da luz, muito mais exaustos que na noite anterior, e isso tornou até mesmo os feéricos desajeitados. Não ajudou nada que o chão estivesse lamacento por conta da tempestade, grudando nos nossos pés e deixando tudo escorregadio.

Keane em especial teve de se esforçar por ter usado grande parte da sua energia para nos proteger na noite anterior. Sendo um típico membro do sexo masculino, ele não desejava admitir — ainda mais na frente de Ethan — , mas todos nós víamos os círculos escuros formados debaixo dos seus olhos, e ele estava ainda mais cambaleante do que eu. Assim que caminhamos por umas duas horas, seus olhos estavam vidrados e ele andava com a velocidade de um zumbi.

— Precisamos descansar — Kimber disse de repente, assustando a todos porque mal tínhamos dito duas palavras desde que recomeçamos a caminhar pela manhã.

— Ainda estamos próximos demais do palácio — Ethan protestou imediatamente. — Não podemos nos dar ao luxo de descansar, porque ficamos parados por horas ontem à noite.

Kimber estava para replicar, mas ficou calada, empalidecendo.

— O que foi? — perguntei, freneticamente olhando ao redor. — O que aconteceu?

Foi aí que o resto de nós também ouviu: cães latiam ao longe. E não muito longe.

— Maldição! — Ethan e Keane disseram juntos, e eu não tinha nada melhor para

acrescentar.

Eu duvidava que um cão de caça mortal tivesse alguma dificuldade para farejar nossa trilha, e sabia muito bem que os cães feéricos eram ainda melhores em rastreamento que os mortais.

— É minha imaginação ou eles estão se aproximando? Kimber perguntou baixinho — Eles estão se aproximando — Keane respondeu. — Vamos temos de correr!

Não foi difícil captar sua urgência, e todos nós começamos a correr em meio às árvores, dolorosamente cientes de que os latidos aumentavam. Não havia como correr mais do que os cachorros, mas não ficaríamos simplesmente sentados esperando que eles nos alcançassem.

— O seu escudo protetor evitaria que os cachorros sentissem nosso cheiro? — arfei para Keane enquanto corríamos. Não que eu achasse de verdade que ele ainda tinha energia para lançar qualquer feitiço depois da noite anterior.

Ele balançou a cabeça.

— Quem dera...

Virei-me para Ethan.

— Alguma ideia?

— Nada! — ele disse, agarrando meu braço, incitando-me a me mover mais rápido. Eu já estava trôpega de cansaço e, de qualquer modo, nunca fui graciosa como os feéricos genuínos. Quando tentamos acelerar um pouco mais, a ponta do meu sapato se prendeu em alguma coisa, e eu comecei a cair estatelada. Ethan me amparou no segundo em que eu ia atingir o chão.

Conseguí dar mais um passo cambaleante, depois caí de novo, percebendo que ainda estava presa naquilo em que tropecei.

E foi nesse momento que percebi um tentáculo de trepadeira me segurando pelo tornozelo — Vamos! — Keane disse com urgência, ele e Kimber voltaram para me pegar enquanto Ethan tentava libertar meu tornozelo.

A trepadeira não soltou, e logo uma onda de folhagens nos cercou, aparecendo por detrás de uma moita e descendo dos troncos das árvores.

Suprimi um grito quando a trepadeira se lançou no ar, os galhos se espalharam ao nosso redor, formando um muro verde denso, encurralando-nos. Espinhos conhecidos e afiados

apareceram nos ramos, embora a Dama Verde não tentasse nos espetar com eles.

— Fiquem calados e imóveis — uma voz sem corpo nos ordenou, e acho que nenhum de nós estava inclinado a discutir. Não como todos aqueles espinhos apontando para nós.

Segurei a mão de Ethan ao nos agacharmos dentro da proteção da trepadeira. Ao nosso lado, Kimber segurava o braço de Keane, que parecia desvairado.

Os latidos dos cães aumentaram de intensidade e se aproximaram cada vez mais, e eu senti a vibração dos cascos dos cavalos, embora não ouvisse seu som acima da confusão provocada pelos cachorros. Parecia que os animais estavam bem em cima de nós.

De repente, ouvimos um farfalhar na folhagem e um cachorro ganiu alto. Os latidos cessaram dando lugar a choramingos ansiosos. Momentos depois, finalmente ouvi o som dos cascos. Os cavalos pararam, e a voz de um homem exclamou: — Deixe-nos passar.

— Passarão quando tiverem pagado o pedágio — a Dama Verde anunciou.

Eu tinha presumido que se tratasse da mesma Dama Verde que aceitou meu sacrifício de sangue, mas sua voz era ligeiramente diferente.

O homem emitiu um som impaciente.

— Não temos nenhum sacrifício adequado a oferecer, e estamos em perseguição a uma fugitiva da justiça da rainha. Deixe-nos passar!

— Voltem quando tiverem um sacrifício adequado — a Dama Verde disse. — Até lá, não poderão avançar.

O homem disse alguma coisa que deduzi ser um amaldiçoamento, embora eu não reconhecesse aquele idioma.

— Está impedindo a justiça da rainha! — ele disse, todo ofendido.

— Estou dentro dos meus direitos — ela replicou. — Não há nenhuma exigência de que meus pedágios sejam cobrados somente na estrada, e escolhi recolher um aqui. Por certo não negarão o alimento da terra.

Houve alguns resmungos. Nossos perseguidores definitivamente queriam negar o alimento da terra, mas nenhum deles era idiota de admitir.

Dependendo de quanto apegada à terra a Dama Verde fosse, ela poderia dificultar e muito a vida de quem quer que a aborrecesse.

— Os fugitivos que está ajudando planejaram o assassinato de uma das netas da rainha — o perseguidor líder tentou novamente. — Cada segundo que passamos discutindo aumenta as chances de eles escaparem do castigo que merecem.

Foi só então que percebi que a Dama Verde nos camuflava tão completamente que nossos perseguidores nem sabiam que estávamos ali.

— Então é melhor se apressar para trazer seu sacrifício, não concorda?

— a Dama Verde disse, e não havia como não perceber a ponta de tédio em sua voz. As folhas estremeceram, e imaginei que ela estivesse mostrando ostensivamente seus espinhos.

O homem voltou a praguejar, mas em seguida ouvimo-lo se afastar.

Logo depois, ouvimos os cascos dos cavalos conforme os cavaleiros recuavam, levando os cachorros castigados e chorosos com eles.

Quando não ouvimos mais os ecos dos cascos dos cavalos, os galhos da Dama Verde recuaram, formando a figura de uma mulher alta em um vestido de folhagens.

— Eu os deterei até que o Sol se ponha — ela disse. — Eu poderia esperar só até que me trouxessem um sacrifício, mas a falta de educação deles precisa de uma lição. Os cães farejadores só conseguirão sentir o cheiro de vocês quando eu permitir.

Engoli minha necessidade de agradecer.

Seria rude de minha parte perguntar por que está nos ajudando?

— Você agraciou minha irmã com o tesouro que é um sacrifício espontâneo. Como pôde ver, os sidhe já não estão tão obsequiosos em oferecer sacrifícios como antes. Está na hora de lembrá-los da importância das boas maneiras.

— Existe a possibilidade de você nos ajudar a chegar ao monumento megalítico sem que sejamos capturados? — Ethan perguntou de súbito.

Kimber arregalou os olhos e socou Ethan no braço.

— Cale a boca, Ethan! — ela sibilou.

A Dama Verde não tinha olhos, voltando o olhar para Ethan, que levantou as mãos tentando aparentar inocência.

— Desculpe. Só perguntei. Não sou nativo de Faerie. Não conheço as regras e peço desculpas se quebrei alguma.

A Dama Verde manteve o olhar desaprovador em Ethan.

— Se não conhece as regras, então talvez não devesse falar — ela passou o olhar em todos nós e, obedientes, calamo-nos. O monumento megalítico que usaram para chegar aqui estará bem vigiado. Eu os aconselho a evitá-lo. Todavia, há outro conjunto que podem tentar usar, um que ninguém esperará que conheçam e que, provavelmente, vigiado.

Dependendo da velocidade com que viajem, deverão encontrar um riacho em algum momento amanhã. Ele corre paralelo à estrada por diversos quilômetros, depois vira para oeste. Sigam essa curva, e o riacho os levará para o monumento megalítico. Ele os transportará para outro conjunto próximo da fronteira sul com Avalon.

As palavras da Dama Verde acenderam uma centelha de esperança em meu peito. Em vez de viajarmos na floresta por dias, semanas até, desviando-nos das perseguições e na esperança de que os elementos da natureza não acabassem conosco, poderíamos chegar a Avalon no dia seguinte. Nossa fuga podia não ser tão impossível quanto imaginamos.

Recusei-me a pensar nos tantos outros problemas que eu teria assim que chegasse à segurança da minha casa.

— Vão agora — ela disse em um tom gélido. seus perseguidores como prometi.

Ela começou a perder a forma, pelo visto concluindo nossa conversa.

A cabeça se misturou ao corpo e depois os galhos se transformaram em um emaranhado de folhagem, arrastando-se de volta à floresta, misturando-se com as moitas até que qualquer traço da Dama Verde desaparecesse.

Caminhamos até chegar ao ponto de desmaiarmos, mantendo o passo sem descanso apesar da exaustão, determinados a aumentar ao máximo a distância atrás de nós antes que perdêssemos a proteção oferecida pela Dama Verde. Algumas vezes, ouvimos latidos ao longe, mas sempre nos pareceu estarem afastados.

Perto do meio-dia, encontramos uma nascente, e todos beberam uns vinte litros de água para aplacar a garganta seca. Um pouco mais tarde, encontramos um bosque que parecia de amoras, e estávamos com tanta fome que as comemos mesmo elas não tendo gosto de amoras, e sabíamos que comer frutas desconhecidas do bosque não era uma boa ideia.

Felizmente, não havia indício de que elas fossem venenosas — isto é, ninguém adoeceu nem morreu — e eu me perguntei se a Dama Verde estava nos dando uma ajudinha extra, fazendo-nos encontrar água e comida para seguir viagem.

Foi só quando o Sol se pôs que finalmente admitimos que tínhamos de parar para descansar. Depois da chuva de granizo da noite anterior, a temperatura não voltou a subir como antes, e, com o desaparecimento do Sol, a temperatura despencou. Até então, eu não tinha sentido frio na viagem, mas aquela noite eu estava toda arrepiada. E isso foi antes de um chuvisco começar a cair.

Gememos em coro. A garoa era suficiente para molhar as roupas e nos deixar úmidos, mas não nos fornecia água o bastante para beber. Comemos as últimas amoras — ou o que quer que elas fossem — enquanto procurávamos outro esconderijo noturno. As árvores não tinham buraco conveniente, e o chão continuava plano, não havia nem mesmo rochas para servir de anteparo contra o vento.

No fim, cansados demais para dar sequer um passo a mais, improvisamos um acampamento entre as raízes de uma árvore enorme. Ela bloqueava um pouco do vento, e a garoa tinha diminuído, mas todos nós estremecíamos nas roupas úmidas. Bem, eu estava tremendo. Os feéricos não eram muito afetados pelo frio, mas isso não significava que estivessem confortáveis. Sentamo-nos juntos, eu com Ethan; Kimber com Keane, mas não houve nem beijos, nem sorrisos furtivos. Mesmo a pontada de esperança que a Dama Verde nos deu, a esperança de que na noite seguinte poderíamos dormir nas nossas camas, não bastaram para elevar nossos ânimos.

Cerca de meia hora mais tarde, Ethan se levantou.

— Vou juntar um pouco de lenha — anunciou.

Keane bufou.

— Ah, é. Bela maneira de se manter escondido. Acenda uma fogueira para que todos possam ver. Com madeira molhada, devo acrescentar.

Ethan fez uma careta para ele.

— Posso criar um ilusionismo localizado que esconderá tanto a nós quanto à fumaça. E não me importo se a madeira está ou não molhada, farei com que ela queime.

Normalmente, Keane teria discutido mais, porém acho que ele estava bem cansado para sequer tentar.

— Beleza, faça o que quiser — ele disse, depois recostou a cabeça na árvore e fechou os olhos.

— Fique por perto — Kimber avisou enquanto Ethan se afastava. Ele parou para lançar um olhar de obriedade antes de desaparecer na escuridão.

Ethan cumpriu sua promessa, voltando ao acampamento improvisado com uma pilha impressionante de galhos. Demorou um pouco para acender a fogueira, já que ele não tinha um feitiço do tipo “acenda uma fogueira com madeira úmida” ensaiado. Pelo que eu entendia de magia, a maioria dos feéricos precisaria de horas ou até dias de treino antes de conseguir que a magia executasse um feitiço novo, mas Ethan conseguiu em menos de minutos. Dava para ver que até Keane ficou impressionado, apesar de nunca sequer sonhar em admitir isso. Pelo menos Ethan se conteve e não se mostrou convencido.

Não posso dizer que ficamos confortáveis depois disso, o fogo foi um alívio bem recebido, e nosso silêncio, enquanto nos juntamos ao seu redor foi quase de camaradagem.

Não demorou para que começássemos a bocejar, o calor do fogo nos deixando ainda mais sonolentos do que já estávamos. Dividimos uma escala de vigia, porque apesar de não termos visto ou ouvido nenhum sinal de perseguição nas últimas horas, sabíamos que eles estavam por ali. Ethan assumiu o primeiro horário, e o restante de nós se enroscou no chão úmido.

A exaustão me arrastou para o sono com uma velocidade alarmante.

Meus sonhos estavam repletos de imagens de Sangue e morte e de um homem em uma máscara horrenda com chifres me perseguindo na floresta escura. O homem de máscara me perseguiu até um beco sem saída, e eu me deparei com um imenso muro de tijolos que eu não tinha como transpor. O coração batia apressado dentro do peito, e eu me virei indefesa enquanto o homem mascarado — o Erlking, lembrei-me sobressaltada — prosseguia pelo

beco na minha direção.

— Minha magia pode destruí-lo — eu o lembrei para em seguida começar a cantarolar baixinho.

— Acho que não — o Erlking respondeu, e embora eu não pudesse ver seu rosto debaixo da máscara, eu ouvi o divertimento em sua voz.

Continuei cantarolando conforme ele avançava, mas a magia atendia lentamente ao meu chamado. Diferentemente da onda com a qual eu me acostumara, eu só sentia um fio de magia, e o terror quase roubou minha voz.

O Erlking estava perto demais. Eu não podia esperar mais ou ele me pegaria; mesmo eu não tendo conseguido acumular magia o suficiente, dei um grito em uma nota aguda.

Ele estava em cima de mim antes que o som saísse da minha garganta, a mão abafando minha boca, sufocando o grito. Fracassei.

E despertei para descobrir outra mão sobre minha boca e meus pulsos presos por outra. Mas não eram os olhos do Erlking me perfurando, mas sim os de Ethan.

Meu primeiro pensamento foi que estive me debatendo em meu pesadelo, e que Ethan tentava me acalmar para que eu não atraísse os grupos de busca. Ainda suando com o terror do sonho, forcei-me a relaxar em suas mãos para sinalizar que eu havia despertado. Mas ele não me soltou.

Ethan me arrastou até que eu ficasse de pé, com uma mão sobre a minha boca, o outro braço envolvendo minha cintura, prendendo meus braços na lateral do corpo. Sua pegada era muito apertada, e ele não a relaxou quando um choramingo de dor em protesto se formou na minha garganta. Depois, ele começou a me arrastar para a floresta.

Eu não entendia o que estava acontecendo, mas sabia que havia alguma coisa muito errada com aquele cenário. Ethan estava me machucando, arrastando-me para longe do acampamento e dos meus amigos adormecidos. Mas eu não tinha me submetido a todo o sofrimento das aulas de Keane à toa.

Parei de me debater em seus braços, para dar uma bela pisada no seu pé. Ele gritou de dor, o som acordando tanto Kimber quanto Keane. Eles se levantaram, enquanto eu, lamentando, aproveitei da distração de Ethan para atingir seu estômago com o cotovelo.

Não tive coragem de fazer com força — aquele era Ethan! — , mas bastou para que ele me soltasse. Virei de frente para abrir a boca e perguntar que diabo ele estava fazendo, mas

Ethan já se recuperava do meu admitido golpe fracote, e antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, seu punho partiu na direção do meu rosto.

Poucas semanas atrás, eu estaria indefesa em uma situação como aquela, e mesmo então a surpresa me fez demorar a reagir. Mas o treinamento de Keane funcionou de novo, e consegui bloquear o soco com o braço. Doeu como o quê, mas era muito melhor levar um soco no braço que no rosto. Ethan se movimentou de novo, enquanto eu me recuperava, mas esse novo golpe nunca me atingiu porque Keane pulou entre nós.

O ar se encheu com a sensação da magia, e os rapazes se atacaram furiosamente.

— O que está acontecendo? — Kimber exclamou, aproximando-se de mim e esticando a mão sem poder fazer nada para ajudar Keane e o irmão.

Eu teria respondido se soubesse, mas só consegui fitar horrorizada enquanto meus amigos se socavam até não poder mais.

Ethan não teve a mínima chance. Não diante das habilidades de luta aprimoradas de Keane. Eu sabia que parte da magia no ar vinha de Ethan, mas nem mesmo ele conseguia produzir um feitiço recebendo socos no peito e no rosto.

— Keane! Pare! — exclamei, porque Ethan já estava caído e subjugado.

Keane, claro, ignorou-me. Dei um passo à frente, tentando tirá-lo de cima de Ethan, mas Kimber segurou meu braço.

— Não — ela disse, e me virei para ela chocada. Aquele que estava sendo surrado era o irmão dela!

Os olhos de Kimber estavam arregalados e assustados, e ela fazia uma careta a cada golpe deferido. Ela falou comigo sem desviar o olhar da briga.

— Não sei o que está acontecendo, mas até que Ethan fique inconsciente, ele é perigoso. — Uma lágrima escorreu pelo rosto dela, e sua mão segurou firme meu braço, como se ela precisasse se controlar para não interferir.

Eu sabia que ela tinha razão, não importando o quanto eu odiasse a ideia. Ethan era ridiculamente bom com a magia, e eu não sabia quais eram os limites do seu poder. Se ele enlouqueceu repentinamente no meio da noite, ele provavelmente poderia nos matar com um único feitiço.

Por fim, Ethan desmaiou, e Keane parou de bater nele, embora continuasse sobre o seu

corpo, pronto para agir, ofegante com o esforço.

Depois do incidente no treino em que Ethan removendo o escudo protetor de Keane, eu poderia acreditar que Keane adoraria socá-lo até a inconsciência, mas ele não parecia estar se divertindo.

— Pegue alguma coisa para amarrá-lo — ele ordenou, sem desviar o olhar de Ethan. — Não sei quanto tempo ele vai ficar fora de si.

Não sei se ele falou comigo ou com Kimber, mas já que eu era a única a ter outras coisas além daquilo que vestíamos, corri para a mochila e abri o zíper. Minhas mãos tremiam, e eu tive dificuldade para recuperar o fôlego enquanto tateava meus pertences às cegas.

Eu estava presa no pesadelo com o Erlking quando Ethan me atacou.

Não achei que aquilo fosse coincidência. Eu tinha libertado Ethan do bando dos Caçadores Bárbaros, mas, por ele ainda usar a marca do Erlking, permanecia preso aos desejos deste. Eu estava em uma zona proibida para o Erlking nessa viagem em Faerie por causa da garantia de livre passagem concedida por Titânia. Deduzi que essa garantia tivesse sido revogada e que a rainha seelie tivesse instigado os Caçadores Bárbaros atrás de mim.

Eu não tinha exatamente uma corda na mochila, e minha busca frenética não resultou em nada remotamente parecido a uma corda. Recuei quando ouvi o som de um novo soco.

— Depressa! — Keane ordenou.

Kimber arrancou uma camiseta que eu puxava da mochila e me virei a tempo de vê-la rasgando-a em tiras. Bem, aquilo resolvia meu problema.

Ainda tremendo e quase passando mal, vi Kimber e Keane rasgando minha camiseta para depois prender as mãos e os pés de Ethan. O rosto dele estava bem machucado e havia sangue em um corte no lábio. Não duvidei que Keane tivesse batido nele com mais força do que o necessário para subjugá-lo mas mordi o lábio para não dizer nada. Começar outra briga de nada adiantaria.

Depois que Ethan foi amarrado, Kimber se voltou para mim enquanto Keane pairava atento acima do irmão dela.

— O que aconteceu? — ela perguntou, mas pela sua expressão dava para saber que ela já tinha adivinhado.

— Eu estava sonhando com o Erlking — respondi — e quando acordei, Ethan estava

tentando me arrastar para a floresta.

Keane praguejou, e Kimber pareceu estar à beira das lágrimas. Eu nem quis saber como eu estava. A dor no meu coração era quase grande demais para suportar, mesmo que eu soubesse que Ethan não era responsável pelo que tinha feito. Com cuidado, esfreguei a região onde ele me socou no braço.

Estava doendo bastante e, no dia seguinte, eu teria um hematoma gigantesco.

Ethan gemeu de leve, e nós ficamos em estado de alerta. Keane se ajoelhou ao lado dele, pronto para segurá-lo caso ele se enfurecesse mesmo estando preso como um peru no Natal. Kimber se abraçou e se preocupou enquanto eu me ajoelhei do outro lado de Ethan.

— Ethan? — eu disse. — Ethan, consegue me ouvir?

Ele respirou profundamente e abriu os olhos. Sibilou e voltou a fechá-los, a pele assumindo um tom esverdeado.

— Se vomitar em mim, vamos começar outro round— Keane resmungou, todo emotivo como sempre...

O pomo de Adão de Ethan se mexeu e ele engoliu em seco.

— Vou tentar me lembrar disso — ele disse com os olhos firmemente fechados e a voz carregada de dor.

— Você está bem? — perguntei, depois quis me estapear pela pergunta cretina. Não, claro que ele não estava bem. De diversas maneiras.

Ele deu de ombros o melhor que pôde com as mãos amarradas.

— Já me senti melhor — ele entreabriu os olhos de novo. Seu retraimento me contou que ele sentia dor.

— Voltou a ser você de novo? — Keane perguntou.

Ethan inspirou profundamente.

— Sou. Por enquanto, pelo menos, O que quer que façam, não me desamarrem.

— Nem pensei nisso — Keane disse.

Ethan olhou para mim pesaroso.

— Eu sinto muito, Dana. Ele me ordenou que a levasse para ele, não consegui

desobedecer-lhe. Tentei fazer barulho para que Keane e Kimber me detivessem, mas só pude fazer isso.

— Eu sei — garanti, apoiando a mão no ombro dele. Desejei pensar em alguma coisa para dizer que o fizesse se sentir melhor, mas ele já odiava o laço que o prendia ao Erlking antes daquilo.

— Você ainda está conectado ao Erlking — Keane disse. — Isso significa que ele pode nos localizar por esse elo, certo?

Ouvi o arfar espantado de Kimber, mas eu já sabia o quanto estávamos afundados naquela história. Não era só Ethan que o Erlking poderia rastrear em Faerie.

— Vocês vão ter de me deixar para trás — disse Ethan.

— Não! — Kimber disse. — De jeito nenhum! — ela olhou de mim para Keane, querendo que concordássemos com ela, mas não dissemos nada. Suspeito que por motivos diversos. Eu não podia deixar de pensar que Keane sentisse uma pontada de satisfação em abandonar Ethan, mas talvez eu não estivesse sendo justa.

— Temos problemas ainda maiores se Titânia mandou os Caçadores Bárbaros atrás de mim — eu disse. — Eu também tenho a marca do Erlking.

Kimber arfou em surpresa. Keane, claro, já sabia da existência da marca, por isso fazia sentido que ele não se mostrasse surpreso. Esperei algum tipo de reação por parte de Ethan, mas ele não deu sinais de ter se surpreendido com o meu anúncio.

— Você sabia! — eu disse a ele com uma pontada de acusação na voz.

— Ele me contou — Ethan respondeu, e não precisei perguntar quem era “ele”.

— Parece que você tem algumas explicações a dar — Keane prontificou. — Estava dizendo que também tem a marca do Erlking?

Agradei Keane mentalmente por não contar a ninguém que já sabia da marca. Duvido muito que Kimber ou Ethan recebessem muito bem essa novidade caso viessem a saber.

Desejando ter tido coragem de admitir antes, dei a Kimber a mesma versão abreviada que contei a Keane.

Keane ainda optava por deixar Ethan para trás, mas acho que ele só disse isso para ser irritante. Por mais que detestasse Ethan, no fundo, ele não era malvado. Teríamos de manter Ethan amarrado e sob constante supervisão, de outro modo ele talvez tentasse me arrastar de novo no meio da noite, mas de jeito nenhum eu o abandonaria. Mesmo ele tendo, pela primeira vez na história, concordado com Keane.

— As ordens do Erlking foram vagas o suficiente para que eu conseguisse me esquivar de certa forma — Ethan argumentou. — Mas ele não é estúpido. Vai descobrir uma maneira de me obrigar a fazer o que ele quer.

— Você não vai conseguir fazer muita coisa amarrado como está — Kimber disse, e Ethan lhe lançou um olhar condescendente.

— Se ele me forçar a usar magia, não vai importar se eu estiver amarrado.

— Então vamos amordaçá-lo — ela disse, já que nunca desistia fácil. — Você é bom, mas nem mesmo você consegue fazer a magia funcionar sem palavras ou gestos — ela parecia bem segura ao dizer isso, mas arruinou essa impressão ao acrescentar “t?” no final.

Eu já tinha decidido que não deixaríamos Ethan para trás, por isso não estava prestando muita atenção à discussão. Já fui forçada a abandonar papai e Finn, e não havia como eu voltar a fazer algo semelhante. Além disso, enquanto eu mesma tivesse aquele “farol” na pele, deixar Ethan para trás não faria sentido algum. O Erlking era um caçador sobrenatural, e não havia dúvidas que mesmo naquele instante ele devia estar seguindo nossa trilha. Ele tinha cavalos e conhecia o terreno; nós estávamos a pé e bem perto de nos perdermos. Sem falar na escassez de água e comida. Ele poderia nos alcançar em questão de poucas horas.

— Precisamos destruir a marca — disse em um rompante, interrompendo outro round na discussão a qual eu não dava atenção.

Meus amigos se viraram para mim com expressões diversas de confusão e cautela.

— O que quer dizer com “destruir a marca”? — Kimber perguntou, olhando-me fixamente.

— Enquanto eu tiver esta marca no meu ombro, o Erlking poderá me localizar. A quem queremos enganar? Não conseguiremos correr dele, tampouco nos esconder. O único modo

que temos para evitar que ele nos encontre é destruindo a marca.

— Destruir como? — Keane perguntou sério.

As palmas das minhas mãos suavam, mas estremeci ao tentar não pensar muito no que eu estava propondo. A marca do Erlking era como uma tatuagem, e eu esperava que, como uma tatuagem, ela só estivesse na camada superficial da pele. Tentando não parecer tão assustada como me sentia, virei-me para o que restava da fogueira, que no decorrer da noite passou a arder em brasas.

— Não! — Ethan gritou, debatendo-se contra as amarras. — Não vamos fazer isso!

O rosto de Kimber estava quase verde, e seus olhos se arregalaram enquanto ela cobria a boca com a mão. Só Keane parecia estar levando a ideia em consideração, por isso me concentrei nele.

— Se não encontrarmos um modo de destruir a marca, então o Erlking me encontrará e me forçará a me unir ao bando. Como se isso já não fosse bastante ruim, ele vai me forçar a levá-lo para o mundo mortal onde poderá caçar seres humanos indefesos. Se a escolha é isso ou alguns minutos de dor, prefiro a dor — minha garganta se contraiu de pânico no instante em que as palavras saíram da boca, e me forcei a respirar fundo.

— Não! — Ethan insistiu de novo. Ele se debatia contra as amarras com tanta ferocidade que temi que ele acabasse se machucando.

Keane zombou dele.

— Está preocupado com ela ou com seu rostinho bonitinho? Pensei que meu coração fosse parar. Eu estive tão preocupada com a minha marca que me esqueci da de Ethan. De nada adiantaria destruir a minha se a dele trouxesse o Erlking para junto de nós de qualquer modo.

— Acredite no que quiser, cretino — Ethan grasnou para Keane. — Não vou ficar sentado olhando você fazer um buraco na minha namorada.

— Não? E como pretende me deter?

Ethan abriu a boca para responder, e Kimber deu um salto, apertando a mão na boca dele enquanto a magia permeava o ar. Ethan olhou furioso para ela, mas Kimber o ignorou e olhou propositadamente para Keane.

— Provocar Ethan não deve ser uma boa ideia — ela disse, tentando colocar uma pontada

de humor na voz e falhando miseravelmente. Ela tremia visivelmente, e desejei não tê-la arrastado para tudo aquilo, não ter permitido que ela viesse para Faerie comigo.

— Desculpe — Keane disse, levantando as mãos e parecendo envergonhado.

Kimber aguardou até que o resto da magia sumisse antes de afastar a mão da boca de Ethan, mas se posicionou de modo a voltar a cobri-la caso fosse necessário.

— Eu não ia machucá-lo — Ethan disse, mas eu não tinha tanta certeza de que ele estivesse dizendo a verdade.

— Não tente de novo — eu disse. — Se prefere que o deixemos para trás, é o que faremos — as palavras saíram baixas e roucas, mas não era ele quem corria perigo com o Erlking. Eu não sabia se convenceria Kimber a concordar, mas no fim não tive de me preocupar com isso.

— Não estou preocupado comigo — Ethan disse. — Se eu tivesse pensado em queimá-la antes, eu já teria tentado. Mas a marca não é bem uma tatuagem. Não sei se queimá-la destruirá a sua magia.

Suas sobrancelhas se uniram, como se ele estivesse se concentrando, depois balançou a cabeça e me fitou.

— O Erlking disse para se poupar da dor. Isso não funcionará.

Meu estômago deu uma cambalhota. Eu sabia que Ethan podia se comunicar com o Erlking — graças à maldita marca. Mas eu também sabia que se queimá-la a destruísse, Arawn dificilmente admitiria isso. E Ethan podia ter inventado essa mensagem como uma maneira de tentar me impedir de me machucar.

— Vamos ter de descobrir isso sozinhos — eu disse com firmeza — porque só existe um modo de termos certeza.

Ethan começou a protestar de novo, mas Kimber pegou um resto de camiseta e a enfiou na sua boca. O olhar que ele lhe lançou foi positivamente aterrador, mas ela pareceu não se incomodar.

— Não temos escolha — ela disse rouca. — Esta pode ser nossa última chance.

Ethan ainda a encarou feio, vi isso em sua expressão. Mas ele já devia ter percebido que tínhamos tomado uma decisão e que ele não tinha como nos fazer mudar de ideia, por isso, quando conseguiu forçar a mordança para fora da boca, não protestou.

— Faça em mim primeiro — ele disse em vez disso. — Vou saber se funcionar, e não tenho certeza se Dana saberá.

Ele tinha razão a esse respeito. O Erlking tinha me dito que, se eu alimentasse a marca com magia, eu conseguiria chamá-lo — embora quem haveria de pensar que eu um dia fosse fazer isso... — , mas ela não produzia sensação nenhuma, nenhum formigamento de magia me dizia se ela estava ativada ou não. Eu não a sentia funcionar, portanto, eu também não saberia dizer se ela não estava mais funcionando.

— Há um problema nisso — Keane disse ao se aproximar do que restava da fogueira, atijando algumas chamas relutantes.

— Se você nos disser que ela não está funcionando, nós não teremos como acreditar em você. O Erlking poderá forçá-lo a nos contar isso mesmo que não seja verdade.

Ethan fez uma careta, mas Keane, obviamente, tinha razão. Se o Erlking podia forçar Ethan a me arrastar para longe do acampamento, ele também poderia forçá-lo a mentir. A única maneira de saber se queimar a marca adiantaria seria escaparmos do Erlking a despeito das probabilidades.

Keane encontrou um graveto verde que estava meio que para fora da fogueira, com a ponta cintilante apesar da sua óbvia relutância em se deixar queimar. Engoli em seco e tentei acalmar meu coração frenético. Eu sentia em meu íntimo que aquilo era o certo a fazer, mas isso não tornava a situação menos assustadora.

— Você decide quem vai primeiro — Keane disse — , não ele. — E virou o polegar na direção de Ethan.

Eu estava morrendo de medo do que aconteceria comigo, mas suspeitei que ver o que aconteceria com Ethan antes só me faria sentir pior.

Além disso, eu tinha de me prevenir para não me acovardar no último minuto. Não havia por que fazer Ethan passar pelo inferno se eu não conseguisse passar também. Inspirei fundo e de maneira hesitante.

— Eu vou primeiro — eu disse, depois afastei o cabelo para o outro lado do pescoço. Abri os dois primeiros botões da blusa e a puxei para baixo, expondo a marca.

Kimber se ajoelhou ao meu lado, ajustando a blusa e a alça do sutiã.

Seus olhos estavam marejados e as mãos, trêmulas.

— Vou ficar bem — eu disse, desejando que isso fosse verdade.

Ela fungou.

— Sei que vai. Mas isso é horrível...

— Nem me fale — murmurei.

— Talvez você deva se deitar — Keane sugeriu. — Seu instinto será o de se afastar, mas terá que ficar parada.

Assenti, depois me posicionei o mais confortável que consegui no chão, a cabeça apoiada nas mãos. Senti o peso de Keane nas costas e ele posicionando uma mão na omoplata oposta. Ouvi o rosnado de protesto de Ethan pela intimidade da posição. Mas, em seguida, antes que eu repensasse no assunto, a brasa tocou minha pele, e só consegui me conter para não gritar.

Eu já tinha me queimado no fogão quando cozinhava para a minha mãe — ela normalmente estava embriagada demais para poder ficar perto de uma chama — , por isso achei que estivesse preparada para aquilo. Eu me equivoquei. A dor que irradiava do ombro não se comparava a nada que eu já tivesse sentido antes, e embora eu conseguisse conter os gritos, não deixei de gemer em protesto.

Keane teve razão quanto ao instinto de me afastar, e se ele não estivesse me segurando no chão, jamais teria a oportunidade de terminar.

Daquele jeito, eu sentia vertigem e náusea por conta da dor, mas não conseguia fugir.

Senti como se aquilo tivesse durado uns cinco minutos, mas sei que foram apenas poucos segundos. Meu estômago se contraiu quando senti cheiro de carne queimada, e tive certeza que desmaiaria. Quando tudo terminou, eu suava e tremia ao mesmo tempo. Bem que eu gostaria de me deixar levar pela inconsciência, mas continuei consciente e alerta.

Com a ajuda de Keane, eu me sentei, tentando manter a blusa e a alça do sutiã afastadas do ferimento. Eu sabia que era só uma marquinha no ombro, mas a dor parecia se irradiar por todo o corpo. Fiquei me perguntando se aquilo era normal, ou se estava relacionado de alguma forma com a magia da marca. Para mim, ter o ombro queimado não deveria provocar dores nos pés, por exemplo. Tentei me confortar dizendo que aquilo era um sinal positivo, e que danificamos a marca de verdade, mas eu não tinha como saber de fato.

— Você está bem? — Kimber perguntou, ainda parecendo à beira das lágrimas.

— Hum-hum — menti. Desejei que ali no meio da floresta aquele ferimento não infeccionasse.

— Eu sinto muito — Keane disse, e eu sabia que ele estava sendo sincero. Ele agiu como se aquilo não fosse nada, mas notei o leve tremor da mão dele quando recolocou o graveto na fogueira.

Eu não tinha como deixar de gostar que aquilo o incomodasse um pouco.

Ethan também não parecia nada bem, seu rosto estava muito pálido na luz da fogueira. Eu não sabia se ele temia sua provação ou se estava assustado com a minha. Talvez fosse um pouco dos dois.

Nenhum de nós disse nada enquanto observávamos o graveto na fogueira, esperando que a ponta voltasse a esquentar Keane o cutucou um pouco, procurando outro que servisse, mas sem encontrar. Tive a sensação que, apesar de detestar Ethan, e da sua fachada de cara durão, Keane sofreria com aquilo. Pelo menos comigo, ele não teve de me encarar enquanto me queimava.

— Eu deveria fazer isso — sussurrei, porque aquela tinha sido a minha ideia genial, para início de conversa. E por que o Erlking estava atrás de mim.

— Não — Ethan e Keane disseram em uníssono. Trocaram um olhar que não tinha a animosidade costumeira.

— Você já passou por coisas demais — Ethan disse. — Deixe que alguém faça a parte difícil desta vez.

Eu senti que era uma covardia largar tudo sobre os ombros de Keane.

Pude ver em seu olhar que aquilo o atormentava mais do que ele queria admitir. Mas os rapazes eram mais que teimosos, e já tinham decidido.

Acho que ver Keane queimar o rosto de Ethan foi pior do que ter minha própria marca destruída. Ethan mal emituiu um som, mas eu quase gritei em seu lugar. E depois, ver aquela horrível queimadura em seu rosto no lugar em que o cervo tatuado esteve antes...

— Prefiro a cicatriz à marca — Ethan disse, notando meu olhar fixo. — E se isso a fez se sentir melhor, acho que funcionou. Não sinto mais minha conexão com o Erlking.

— Não podemos desamarrá-lo — Keane disse, e acho que ele direcionava suas palavras mais para mim que para Ethan. — Se não funcionou, o Erlking o faria nos dizer que funcionou

para que baixemos a guarda.

Ethan assentiu sério.

— É verdade. Não devem me desamarrar e seria melhor ter sempre alguém de vigia, se não por outro motivo, pelo menos por não termos certeza de que a marca está inativa. A magia do Erlking não se comparara a nada que eu tenha visto, e é possível que ela volte a funcionar depois que cicatrizar.

Ah, fabuloso!

A lógica dizia que mesmo que tivéssemos destruído as marcas do Erlking, ele ainda seguiria para a nossa última localização. Ou seja, tínhamos de sair dali. A dor no meu ombro fazia com que eu sentisse vontade de me enroscar e gemer de infelicidade, mas não tínhamos tempo para isso.

Esforçamo-nos para camuflar os indícios do nosso acampamento, mas não achei que aquilo fosse enganar ninguém.

Certamente não um caçador imortal como o Erlking.

Depois de uma longa discussão a que não tínhamos direito, decidimos seguir pela estrada. Era muito improvável que alguém nos procurasse na estrada no meio da noite, e assim conseguiríamos avançar bem mais rapidamente — e deixando um rastro menos óbvio — na estrada que na floresta. Além disso, arrastar uma pessoa amarrada no meio da floresta nos retardaria demais, e cada vez que Ethan tropeçava ou caía, ele deixava mais um vestígio que o Erlking poderia usar para nos seguir. Keane o encarava a todo momento, sem dúvida suspeitando que Ethan estivesse fazendo aquilo de propósito. Talvez estivesse, mas se assim fosse, significava que o Erlking ainda o controlava pela marca, e nesse caso o Erlking saberia nossa localização de qualquer modo.

O senso de orientação de Kimber não nos decepcionou, e encontramos a estrada cerca de 15 minutos depois que deixamos o acampamento.

Espreitamos a partir das moitas por um instante, mas não havia nenhum sinal de movimento em nenhuma das direções, por isso saímos do esconderijo.

A estrada não era exatamente plana, sua superfície era carimbada por marcas de cascos e por sulcos deixados pelas rodas das carroças, mas era muito mais lisa que o chão da floresta. Lisa o suficiente para nos possibilitar uma corrida leve, pelo menos por um tempo. Meus treinos com Keane me deram um bom preparo físico, mas eu não tinha como

acompanhar feéricos genuínos. Mesmo Kimber com suas plataformas corria com mais graciosidade do que eu e, no fim, tivemos de diminuir o ritmo para uma caminhada rápida.

Andamos pela estrada por diversas horas, tensos e nervosos, certos de que ouviríamos o ecoar de cascos nos perseguindo a qualquer momento, mas ninguém exceto nós estava fora àquela hora da noite. Muito antes do alvorecer, voltamos para dentro da floresta. Não havia como saber a que distância estava o monumento megalítico, mas a Dama Verde disse que provavelmente o encontraríamos em algum momento durante o dia, por isso não ousávamos passar do ponto em que veríamos o riacho que nos conduziria às pedras.

Transpor a vegetação rasteira era uma tarefa cansativa, e mais de uma vez um galho baixo isolado cutucou a queimadura e me fez gemer de dor.

O Sol estava começando a nascer quando ouvimos o borbulhar conhecido de água corrente ao longe. Tivemos sorte de o dia estar tranquilo, ou não o teríamos percebido, porque o riacho ficava mais distante da estrada do que imaginávamos. Nossos corações se elevaram por termos encontrado a trilha, e nossos passos se apressaram conforme começamos a seguir o curso sinuoso do riacho.

Com meu senso de direção, não notei quando o curso do riacho desviou da estrada, mas, quando o Sol já estava alto no céu, Kimber nos informou que já estávamos seguindo para o oeste, em vez de continuar para o sul como a estrada. Infelizmente não tínhamos a mínima ideia de quanto teríamos de prosseguir até encontrar as pedras, e estávamos com muito medo de, por algum motivo, passar por elas sem vê-las. A Dama Verde nos disse que o riacho nos conduziria até o monumento, mas ela não nos disse o que deveríamos procurar.

No fim, nem precisaríamos ter nos preocupado com isso. Depois de termos seguido o riacho por algumas horas, ele se alargou até quase poder ser chamado de rio. Um rio cheio de pedras, interrompido frequentemente por elevações de rochas e bancos de areia. Foi em um desses bancos de areia que encontramos as pedras.

O círculo era muito menor do que aquele pelo qual viajamos com a caravana do príncipe. Havia seis pedras, cada uma delas com cerca dois metros de altura, e nós teríamos de atravessar a água para chegar até elas.

Felizmente, o riacho não parecia muito fundo, apesar de a corrente ser perigosamente veloz.

Paramos na margem do riacho para olhar para as pedras, nossa rota de fuga impossível que agora parecia possível. Nossa casa estava tão perto...

E, ainda assim, faltavam horas para o pôr do sol, quando as pedras naturalmente se ativariam, e não ousávamos deixar que nosso mais poderoso usuário de magia a chamasse.

— Posso fazer com que elas funcionem — Ethan disse baixo, e tenho certeza de que ele não foi o único a se sentir tentado a apostar nele.

— Tem certeza de que consegue? — Kimber perguntou. — Ou acha que consegue?

Ethan não respondeu, e todos nós entendemos o que isso queria dizer.

— Não podemos arriscar — Keane disse. — Mesmo que estivéssemos dispostos a deixar que você chame a magia — eu, por meu lado, não estou — , você poderia acabar nos matando se o feitiço fracassasse.

— Sei disso — Ethan disse irritado. — Mas é uma droga estarmos tão perto de ir para casa e não conseguir dar o passo final.

— É uma porcaria mesmo, mas é assim que funciona... — eu disse, embora estivesse tão frustrada e ansiosa quanto Ethan.

— Vamos encontrar algum lugar para nos esconder por algumas horas. De preferência longe das pedras. Elas não estão no melhor dos lugares, mas isso não significa que seremos os únicos a querer usá-las.

Ninguém se opôs à sugestão, por isso continuamos pela margem do riacho até encontrar um dique escondido em que poderíamos esperar a passagem do dia. Estávamos exaustos e determinados a passar o máximo das horas que restavam dormindo.

— Fico com o primeiro turno de vigília — eu disse aos outros, embora tivesse de reprimir um bocejo ao forçar as palavras. Cansada como eu estava, eu não sabia se conseguiria dormir. E estando sentada em vez de me esforçar para atravessar a vegetação rasteira, comecei a sentir a ardência da queimadura, e isso deveria bastar para me manter acordada. Só de pensar que eu poderia adormecer e rolar por cima do machucado me fez começar a suar frio.

Kimber e Keane trocaram um olhar que eu não entendi.

— Eu faço companhia para você — Kimber disse.

Balancei a cabeça.

— Descanse. Prometo não dormir no meu turno nem nada parecido.

Houve outra troca de olhares entre Kimber e Keane, como se eles estivessem se

comunicando silenciosamente.

— Não é com isso que estamos preocupados — Kimber explicou por fim.

Emiti um suspiro de exasperação, porque eu estava sem ânimo para aquele tipo de evasão.

— Como que vocês estão preocupados?

— Eles estão preocupados comigo — Ethan respondeu por eles. — Se um deles estiver de vigília e eu começar a chamar a magia, eles sentirão e conseguirão me deter. Você não.

Foi a vez de Ethan e eu trocamos um olhar significativo, porque Ethan sabia muito bem que eu conseguia sentir a presença da magia. Ele até mesmo sabia o que eu podia fazer com ela, já que me viu transformar tia Grace em uma mortal. Mas, obviamente, ele ainda achava que eu deveria manter essa minha habilidade em segredo, mesmo dos meus amigos.

Talvez ele tivesse razão. Talvez aquele fosse o caso de que, quanto menos pessoas soubessem, melhor seria. Talvez eu estivesse sendo irracional porque estava com medo e com dor. Mas eu estava mais do que cansada de mentir e manter segredos dos meus amigos.

— Eu posso sentir a presença da magia — disse em um rompante. — Sei que os faeriewalkers costumeiramente não sentem, mas eu sinto. E também consigo chamá-la.

Kimber e Keane olharam atônitos para mim, Ethan balançou a cabeça em desaprovação. Já que eu tinha falado tanto, era bom continuar até o final.

— Ao que tudo indica, não consigo executar feitiços regularmente . — prossegui — , mas quando estou em perigo consigo lançar um feitiço que torna os feéricos mortais. Eu nunca teria sobrevivido ao ataque dos bogles se não fosse por isso. Um punhado deles me alcançou e... E eu os mortalizei — os bogles eram monstros e tinham tentado me matar, mas eu ainda estremecia diante da lembrança do que tive de fazer. Podiam ser monstros, mas eram seres vivos.

— Você os mortalizou — Keane repetiu sem inflexão alguma. Eu não tinha certeza se ele acreditava em mim, mas quer acreditasse ou não, ele estava furioso por saber disso só então. Ele passou o olhar para Ethan. — E você sabia disso. Não minta, obviamente não se surpreendeu com o que ela contou. — E sim, Ethan saber de uma coisa que ele não sabia realmente alegrava demais Keane.

— Eu sabia — Ethan admitiu. — Fui eu quem disse a ela que não contasse a ninguém, e se vocês se importarem um pouco com ela, vão ficar de bico calado e tentar esquecer que ela

disse alguma coisa. As pessoas já se sentem bem ameaçadas pelos poderes dela sem saberem disso.

Keane disse algo mal-humorado como resposta, mas eu não consegui entender acima das batidas aceleradas do meu coração ao olhar para o semblante de Kimber. Keane estava furioso comigo por manter aquele segredo, mas Kimber...

Ela tinha lidado com o segredo do meu acordo com o Erlking até que bem, e também não me socou ao saber da marca. Mas aquilo, pelo visto, foi a gota-d'água.

— Eu não deveria me surpreender — ela disse em um tom baixo e furioso. — Você mentiu sobre tantas coisas, por que não uma mais?

Eu me retraí diante da zanga dela e da dor em seus olhos.

— Só Ethan sabia. Não contei nem para o meu pai — percebi que estava contando mais uma mentira, mas dessa vez foi accidental. Eu tinha esquecido que o Erlking também conhecia meus poderes. Estava para esclarecer isso, mas Kimber não me deu oportunidade.

— Sabe de uma coisa, Dana? — ela exclamou, levantando com tanta rapidez que quase caiu. — Pode pegar todas as mentiras e todos os segredos e enfiar você bem sabe onde! Você e meu irmão são farinha do mesmo saco e merecem um ao outro.

Kimber virou de costas e começou a subir o dique do riacho, desaparecendo no meio da vegetação em uma corrida carregada de adrenalina e raiva. Quis segui-la, mas eu duvidava que conseguisse alcançá-la, não sem a velocidade dos feéricos, e mesmo que conseguisse, eu não teria como dizer as coisas que ela queria ouvir naquela hora.

Keane olhou de mim para Ethan, depois para mim de novo, e eu notei que ele estava dividido entre seguir Kimber e ficar para se certificar de que Ethan não tentaria nada.

— Vá atrás dela — implorei. — Ela está tão atordoada que pode se meter em apuros — mesmo com seu senso de orientação, ela poderia se perder na floresta se a força da sua raiva a mantivesse correndo por muito tempo. Sem falar nas pessoas que nos perseguiam.

Keane atravessou Ethan com o olhar.

— Se alguma coisa acontecer com Dana enquanto eu estiver ausente, eu o mato. Entendeu? — e ele parecia estar falando sério.

— Entendido — Ethan respondeu. — Agora traga Kimber de volta para que eu não tenha de matá-lo.

Keane lhe lançou mais um olhar gélido antes de subir o dique com um salto ridiculamente gracioso seguindo a direção que Kimber tinha tomado.

Senti vontade de chorar, mas isso seria não assumir minha responsabilidade.

Eu tinha escolhido manter meus segredos, mesmo das pessoas que, supostamente, eram meus melhores amigos, portanto estava na hora de enfrentar as consequências.

Graças à minha mãe, à sua bebida e às nossas constantes mudanças de cidade, aprendi que a única pessoa em quem eu podia confiar de verdade era eu mesma. Eu sabia que isso não era jeito de levar a vida, mas toda vez que depus minha confiança em minha mãe, ela me decepcionou. Permiti que isso me transformasse em uma monstrix cheia de segredos e suspeitas, e eu não queria ser esse tipo de pessoa. Eu deveria ter contado a verdade a Kimber, e eu não sabia se conseguiria reparar o estrago.

— Eu não presto — eu disse baixinho.

Ethan riu, mas era uma risada amarga e atormentada.

— Talvez Kimber tenha razão, e nós dois nos mereçamos. Dois mentirosos em sua essência — ele fechou os olhos e bateu a cabeça na terra e nas raízes atrás dele.

— Você deveria me confortar dizendo que eu presto... — Deus, como eu era patética.

Ethan abriu os olhos e me fitou.

— Fui eu quem disse para você mentir, para início de conversa. E para o caso de você não ter entendido a mensagem telepática que mandei, eu queria que você continuasse mentindo. Em outras palavras, eu não presto, não você.

Tentei passar os dedos pelos cabelos em frustração, eles estavam sujos e emaranhados. Em algum lugar da mochila havia um espelho, mas eu não tinha desejo algum de ver como eu estava horrenda.

— Talvez eu devesse ter mentido de novo — eu disse. Eu nem teria de dizer nada. Tudo o que eu tinha a fazer era continuar calada, e a mentira se perpetuaria, e Kimber não estaria correndo às cegas no meio da floresta, odiando-me profundamente.

— E talvez tivesse razão em contar a verdade. Eu não tenho todas as respostas...

Passei os braços pelas pernas e escondi o queixo nos joelhos, sofrendo, com o coração

pesado, e cansada tanto física quanto emocionalmente. Eu tinha errado tantas vezes, grande parte quem sofria eram as pessoas de quem eu gostava em vez de mim. E isso era... errado.

— Venha aqui. — Ethan me chamou com o queixo. — Não posso abraçá-la direito com as mãos amarradas, mas podemos fingir.

Ele estava tentando me enganar para que eu o soltasse?

Quis me estapear assim que esse pensamento passou pela minha cabeça desconfiada. Dois segundos antes eu estava pensando justamente como eu precisava confiar mais nas pessoas.

Ethan me cutucou com a ponta do sapato, que era o único modo com que ele conseguia me tocar.

— Ei, está tudo bem. Não vou me ofender se não conseguir confiar em mim agora. Sei que posso começar a agir como se não fosse eu mesmo.

— Mas você não está sentindo nenhuma compulsão de me agarrar e me entregar para o Erlking agora, está?

Um dos cantos da boca dele se levantou em um sorriso, mas eu ainda achava que sua expressão jamais voltaria a ser a de um rapaz despreocupado como antes.

— Não. Você é minha, e não vou dividi-la com ninguém.

Essas palavras fizeram com que eu me contorcesse, apesar de também me fazerem corar. Eu nunca seria dele de verdade, não enquanto meu acordo com o Erlking perdurasse. E eu não via por que a decisão do Erlking de me perseguir me libertaria do nosso acordo.

Eu nem deveria estar pensando naquilo dadas as circunstâncias, mas não pude evitar. Ethan olhava para mim com um desejo conhecido no olhar, embora minha aparência devesse ser tão atraente como a de um queijo mofado, e o cheiro não devia ser muito melhor. Claro que mesmo Ethan estava meio maltratado, com o cabelo emaranhado e as roupas sujas, e a queimadura no rosto constantemente me lembrando da dor que ele devia estar sentindo. Meu ombro doía demais, mas a marca dele era maior, portanto, a queimadura também era. Eu não conseguia imaginar como era a dor dele, mas ainda assim ele conseguia olhar para mim como se quisesse me levar para a cama.

Sabendo que Kimber e Keane me chamariam de idiota se eles estivessem ali, escorreguei para o lado de Ethan e apoiei a cabeça no ombro dele. O calor do corpo era reconfortante, mas eu desejava desesperadamente sentir os braços dele ao meu redor. Eu estava muito

tentada a desamarrar suas mãos, mas era uma tentação à qual consegui resistir.

— Ponha a mão no meu bolso da frente — ele sussurrou.

Levantei o rosto para ele e vi que ele estava sério e que aquilo não era uma tentativa de sedução. Franzi o cenho, sem entender por que ele queria que eu colocasse a mão no seu bolso. Eu detestava desconfiar dele, mas seria estupidez da minha parte não pensar bem quando eu não sabia com certeza se o Erlking o influenciava.

— Depressa, antes que os outros voltem — ele insistiu.

Ainda assim hesitei, e apesar de Ethan entender minha precaução, havia uma pontada de aborrecimento no seu olhar.

— Estou tentando devolver o seu broche — ele disse.

Arregalei os olhos e enfiei a mão no meu bolso, onde eu sempre guardava o broche do Erlking. O bolso estava vazio.

— O Erlking me contou a respeito dele e me obrigou a tirá-la de você antes de tentar sequestrá-la — Ethan explicou. — Eu não queria devolvê-lo enquanto Kimber e Keane estivessem por perto, porque eu sabia que você devia estar escondendo isso por algum motivo.

Não havia acusação na sua voz, e sua aceitação casual de mais uma mentira minha quase me fez chorar. Eu não sabia o que dizer — meus motivos para esconder o broche já não me pareciam tão bons assim —, por isso fiz o que ele me pediu, coloquei a mão no bolso dele. Tentei não pensar muito onde estava enfiando a mão, mas não consegui deixar de perceber o que estava perto do broche, que, claro, estava bem no fundo do bolso.

Talvez se estivéssemos em Avalon, sozinhos e sem perigo, eu juntasse coragem para tirar proveito da situação. Ethan era meu namorado, afinal, e por mais que não pudéssemos marcar o gol, podíamos sempre ensaiar algumas jogadas. Seria um jogo bem perigoso, porque era possível que Ethan deixasse seus hormônios subjugarem o bom-senso. Eu podia não ser a garota de dezesseis anos mais experiente do mundo, mas sabia que às vezes o cérebro dos garotos estava nas calças. O único motivo que me levava a beijá-lo era confiar no meu cérebro para nos deter antes que fôssemos longe demais.

Mais uma vez corei, porém, meus dedos encontraram o broche e eu o puxei para fora do bolso de Ethan com cuidado. Segurei-o na palma da mão.

Era uma bela joia, a prata reluzia sem nem um risco ou arranhão, o cervo estilizado

parecia pronto a saltar da minha mão a qualquer instante.

— Acha que o Erlking pode nos localizar com isto? — perguntei.

Fiquei tão preocupada com as marcas que nem pensei naquilo antes, mas o broche era uma versão do símbolo do Erlking.

— Acho que não — Ethan disse. — Por que ele precisaria localizá-la com o broche se ele já podia fazer isso com a marca no seu ombro?

— Não sei — eu disse, as palavras seguintes se formando com certa relutância. — Talvez seja melhor eu deixar isto para trás.

— Não. Se a guarda da rainha nos alcançar, você precisa ser capaz de usar o broche.

Estreitei o olhar para ele.

— Não vou fugir deixando que vocês enfrentem as consequências — talvez eu tivesse razão ao esconder a existência do broche.

— É melhor usar! — ele respondeu com a mesma intensidade. — É você que eles estão acusando de ter plantado a bomba. É você que eles vão executar! Nós podemos ser considerados cúmplices, mas a rainha não nos matará. Especialmente Kimber e eu, levando-se em consideração o fato de que somos unseelie e matar-nos poderia causar um incidente.

Eu conhecia o suficiente sobre a política feérica para duvidar. Não, Titânia podia não executar Ethan e Kimber, mas ficaria satisfeita em mandá-los para Mab, a rainha unseelie, que poderia muito bem executá-los como um sinal de boa vontade ou alguma estupidez desse tipo.

Ethan, porém, tinha razão em um ponto: se o exército de Titânia me apanhasse, eu estaria morta. E se Henry tivesse alguma coisa a ver com isso, eu morreria antes mesmo de ser levada de volta para o palácio para o contentamento da rainha. Talvez ninguém acreditasse em mim se eu comesse a fazer acusações, mas por que ele se arriscaria a isso? Que dificuldade Henry teria em subornar ou forçar alguém do grupo de busca a me levar viva ou morta, com ênfase no “morta”? Suspeito que nenhuma.

Com um suspiro de resignação, enfiei o broche no meu bolso. Desejei não ter de usá-lo.

Kimber e Keane estavam há tanto tempo fora que comecei a me preocupar. Se demorassem mais cinco minutos, eu provavelmente sairia à procura deles, não importando o quanto fosse perigoso para alguém com o meu senso de direção sair sozinha pela floresta.

Suspirei de alívio quando ouvi a voz deles se aproximando, mas quando eles desceram em um pulo no buraco para junto de mim e de Ethan, pressenti que teríamos problemas. De novo.

Havia uma marca bem nítida no pescoço de Kimber, botõezinhos do corpete do vestido dela estavam mal abotoados. E se isso não bastasse, Keane parecia muito satisfeito consigo, e não era preciso ser um gênio da ciência para adivinhar o que ele e Kimber andaram fazendo enquanto estavam sumidos. Talvez ele achasse que a estivesse “confortando”.

Certa vez Keane deixou bem claro — sem dizer nada — que estava interessado em mim. Também deixei bem claro que eu não partilhava desse sentimento, apesar de me envaidecer com isso, e eu senti pontadinhas de ciúme irracional quando ele começou a prestar atenção em Kimber. Eu queria ficar feliz por Kimber, queria mesmo. O problema era que eu não conseguia deixar de duvidar das motivações de Keane. Ethan roubou a namorada dele na época em que frequentavam a escola juntos, e Keane não fazia segredo nenhum que ainda se ressentia demais com isso. Seria apenas coincidência que Keane demonstrou interesse por mim e depois mudou o foco para a irmã de Ethan quando eu não retribuí suas atenções?

Se Keane teve a intenção de irritar Ethan, superou as expectativas mais do que o imaginado. Assim que Ethan os viu e percebeu o chupão no pescoço de Kimber, a magia preencheu o espaço ao nosso redor. Virei-me para Ethan, apressando -m para cobrir a boca dele antes que ele conseguisse dizer seu feitiço.

Fui lenta demais.

— Para trás! — Ethan gritou no segundo antes que minha mão cobrisse a boca dele.

Kimber fez uma coisa ou muito corajosa, ou muito estúpida. Talvez um pouco dos dois. Ela se colocou entre Ethan e Keane.

O feitiço de Ethan se chocou nela e Kimber gritou ao ser suspensa e derrubada para trás. Ela se chocou violentamente em Keane, que tentou segurá-la, mas que só conseguiu ter o rosto atingido pelo cotovelo dela em seus esforços, para depois se estatelar contra o tronco de uma árvore enorme. As costas bateram primeiro, e o impacto foi forte o bastante para quebrar alguns galhos, depois a parte posterior da cabeça atingiu o tronco e ela caiu inerte no chão.

Tentei manter a boca de Ethan coberta, temendo o que mais ele poderia fazer, mas ele se soltou de mim com facilidade, apesar das amarras, e se pôs de pé.

— Kimber! — ele gritou ao tropeçar e correr na direção dela. Keane chegou lá antes que ele, sua mão já estava no pescoço dela para sentir a pulsação. Racionalmente, eu sabia que

ela não estava morta. É muito difícil matar um sidhe, e apesar de o impacto ter sido forte, não foi tão forte assim.

Ethan teve a intenção de ferir Keane, não de matá-lo. Isso não tomou menos aterrorizante o fato de Kimber estar lá deitada, imóvel.

Nós relaxamos quando Keane disse: — Ela está viva.

Ela provou isso ao gemer de leve, ainda sem abrir os olhos.

— Desamarre minhas mãos! — Ethan ordenou. — Posso curá-la. Já vi Ethan curar ferimentos antes, e também sabia que quaisquer que fossem os ferimentos de Kimber, ele poderia dar um jeito. Mas ou Keane não sabia disso, ou estava furioso demais para se importar.

— Ponha uma maldita mordaca na boca dele! — ele gritou para mim.

— Pelo visto, não somos rápidos o bastante para bloquear sua magia.

— Não seja cretino — Ethan revidou. — Solte minhas mãos para que eu possa curar minha irmã. Não vou desperdiçar magia com você agora.

Apesar do talento considerável de Ethan, usar a magia o exauria, e havia limites para o que ele podia fazer. Eu duvidava muito que o feitiço que atingiu Kimber tivesse esgotado suas reservas, e ele teve tempo mais que suficiente para lançar outro feitiço em Keane se quisesse, mas não o fez.

Keane, contudo, não enxergava as coisas daquela maneira.

— Eu mesmo posso curá-la — ele disse, falando comigo em vez de com Ethan. A praticidade exigia que os lutadores feéricos aprendessem um pouco de magia de cura, mas eu tinha a impressão de que isso não passava dos passos rudimentares. Talvez bastasse para curar Kimber, talvez não. — Até onde sabemos, essa coisa não passou de um plano para que eu solte as mãos dele. Agora o amordace antes que eu quebre o rostinho bonito dele.

De novo.

— Tente — Ethan rosnou. — Veja se é fácil quando estou preparado para você.

A magia preencheu o ar de novo, atendendo ao chamado silencioso de Ethan com incrível velocidade.

Eu já sabia que não conseguiria amordaçar Ethan, não a menos que ele permitisse. Afinal, um minuto atrás ele se soltou de mim com muita facilidade. Mas, caso ele decidisse que sua

raiva por Keane era maior do que a preocupação com Kimber, aquilo ficaria ainda pior do que já estava.

Engoli em seco, sabendo que só havia um modo de eu impedir Ethan de lançar um feitiço, mas temendo que ele jamais me perdoasse se eu o fizesse. Ele me ignorava, sua atenção estava toda centrada em Keane. Eu não tinha certeza se conseguiria derrubá-lo com um único golpe — minhas aulas com Keane sempre foram direcionadas à defesa, não ao ataque— , mas eu tinha de tentar.

Meu momento de indecisão foi maior do que o necessário para permitir que Ethan lançasse qualquer feitiço que quisesse, mas ele não fez nada. O que me fez hesitar ainda mais.

Keane balançou a cabeça em desgosto.

— Vá em frente. Acerte-me com seu maldito feitiço enquanto sua irmã está caída por causa do último que lançou.

— Está bem, é o que vou fazer — Ethan disse, e de repente as tiras da camiseta que prendiam as mãos atrás das costas desapareceram.

Eu me ordenei a golpeá-lo antes que ele fizesse algo desastroso, mas não consegui. Aquele era Ethan, e para o bem ou para o mal, eu tinha de admitir que provavelmente estivesse apaixonada por ele. Consegui atingi-lo em legítima defesa, mas não assim, a sangue-frio.

A magia do ar se avolumou, sem dúvida como resultado de Keane ter erguido seu escudo protetor, mas Ethan não o atacou. Na verdade, ele pareceu se esquecer por completo da presença de Keane. Em vez disso, inclinou-se sobre Kimber, apoiando as mãos em seus ombros.

— Kimber? — ele perguntou. — Consegue me ouvir?

Ela gemeu e seus olhos se abriram farfalhando.

— Infelizmente — ela disse com o rosto transtornado de dor. — Acho que quebrei as costelas.

Ethan fez uma careta, e o rosto ficou vermelho de vergonha.

— Eu sinto muito. Vou dar um jeito nisso, mas vai doer.

Lágrimas de dor escorreram pelos olhos de Kimber, mas ela ainda conseguiu olhar brava

para o irmão.

— Você está excluído da minha lista de Natal este ano. — Ela esticou a mão na direção de Keane, que ainda parecia disposto a esquecer todo o resto para sorrir Ethan.

— Pelo amor de Deus, segure a mão dela! — Ethan explodiu.

— Não sou um curandeiro de verdade, e não posso fazer nada com a dor.

Keane resmungou alguma coisa baixinho, mas se aproximou de Kimber e envolveu os dedos dela. Seus olhos se encontraram e se fixaram, e pela primeira vez me pareceu que ele gostasse genuinamente dela, que não agia só para irritar Ethan. Eu queria segurar a outra mão dela, mas eu ainda devia estar de castigo a seu ver, por isso não achei que ela fosse gostar.

A magia de Ethan cresceu, e ele sussurrou tão baixinho que eu não consegui ouvir. As costas de Kimber se arquearam, e ela arfou de dor, as juntas dos dedos embranquecendo enquanto ela agarrava a mão de Keane com uma força desesperadora. E então tudo acabou.

Respiramos aliviados. Kimber estava suada e trêmula, mas seu rosto já não demonstrava sofrimento. Keane continuou segurando a mão dela, o polegar afagando de um lado pano outro.

— Então você conseguiria se soltar a qualquer momento — ele disse para Ethan, que deu de ombros.

Todos tínhamos subestimado seus poderes, e tivemos sorte por ele não nos ter feito pagar por isso.

— É. Se você não tivesse danificado a marca, teria sido bem ruim.

— E você não está sob a influência do Erlking, mas não nos disse que não estávamos tomando todas as precauções.

Ethan levantou a mão para o rosto, mas se lembrando da queimadura, pensou melhor.

— Eu não queria ser amordaçado, o que deduzi que seria o passo seguinte — deixou os ombros penderem. — Mas, se a marca sarar mais do que já sarou, acho que vou ter de viver com isso.

— Mais do que já sarou? — Keane repetiu, parecendo horrorizado.

Ethan assentiu sério — Não dói tanto quanto deveria, e acho que isso significa que está cicatrizando.

Olhamos para a queimadura no rosto dele. Definitivamente não estava tão feia como no momento em que tinha sido feita. Mas eu não conhecia a rapidez de cicatrização de uma queimadura em um sidhe, a não ser pelo fato de que seria mais rápida do que em um humano ou do que em um mestiço como eu. Talvez fosse algo normal. Ou talvez existisse uma magia que impedisse que a marca fosse permanentemente danificada.

Senti o coração pesar com tal pensamento, depois o peso aumentou quando considerei todas as ramificações da cicatrização da marca. Se a marca de Ethan cicatrizasse, então a minha provavelmente também cicatrizaria. E mesmo que conseguíssemos chegar a salvo em Avalon, o Erlking também conseguiria me rastrear. Titânia oficialmente o mandou atrás de mim, o que significava que a injunção que proibia o Erlking de caçar indiscriminadamente em Avalon não valeria mais. O que significava que minha única esperança de escapar dele seria partir de Avalon indo para o mundo mortal e nunca mais voltar.

Eu ainda tentava absorver a verdade intragável quando a cabeça de Keane se ergueu repentinamente, e seus olhos se arregalaram. Eu estava para perguntar o que havia de errado quando também ouvi. O som de alguém se movendo pela vegetação rasteira, vindo em nossa direção.

Lembrei do grito assustado de Kimber quando o feitiço de Ethan a atingiu, e percebi que não estávamos sendo nem um pouco discretos. Talvez quem estivesse se aproximando fosse apenas um feérico perdido, alguém que não se sentisse inclinado a nos prender e nos entregar para as autoridades. Ou quem sabe alguém que pudéssemos derrotar com a combinação das habilidades de luta de Keane e de magia de Ethan.

A minha sorte, porém, era tão pouca há tanto tempo que eu não tinha verdadeiras esperanças que ela mudasse naquele instante.

— Use o broche — Ethan sussurrou para mim com urgência quando mais uma vez a magia preencheu o ar.

Kimber e Keane trocaram um olhar inquisidor, mas aquela não era a hora para explicações. Balancei a cabeça.

— Não discuta! — Ethan disse. — Eu sento em você e eu mesmo espeto o broche se tiver que fazer isso.

— Do que estão falando? — Keane perguntou.

Eu queria gritar para eles para que corressem em vez de ficarem ali discutindo, mas a verdade era que jamais conseguiríamos. Mesmo que Ethan lançasse um feitiço de invisibilidade em nós como fez na noite em que fugimos do palácio, ele não conseguiria sustentá-lo por muito tempo.

Duvido que depois houvesse tempo ou sobrasse energia para que ele ativasse as pedras — deduzindo que ainda nos arriscaríamos a usá-las — e se corrêssemos pela floresta, deixaríamos uma trilha que qualquer idiota conseguiria seguir, sem nenhuma tempestade para apagá-la e nenhuma Dama Verde para retardar a perseguição.

Ethan apoiou as mãos nos meus ombros, inclinou-se na minha direção, com os olhos cravados em mim, sério de morrer.

— Se forem os guardas da rainha, usar o broche é a sua única esperança — ele disse. Ele apertava meus ombros com tanta força que provavelmente deixaria hematomas. — Deixe-nos. Volte a Avalon e fique em segurança.

Abri a boca para protestar, mas ele deteve minhas palavras com um beijo ardente que me roubou o fôlego. Gemi de prazer com o beijo, mesmo que uma parte minha soubesse que havia algo errado naquele cenário.

Aquela não era hora para uma sessão de beijos, mas meus hormônios corriam à solta, e eu não conseguia me convencer a empurrar Ethan. Mesmo quando senti a mão dele descendo pelo meu bolso e segurando o broche.

Uma parte minha sabia exatamente o que estava acontecendo, estava ciente da magia

formigando na minha pele. Ethan usou uma versão mais moderada daquele feitiço em mim certo dia, mas daquela vez consegui me livrar dele assim que percebi que meus hormônios estavam sendo manipulados com magia. Nessa segunda vez, senti como se meu corpo não me pertencesse, e continuei a beijá-lo, pressionando-me contra ele, as mãos enfiadas em seus cabelos, enquanto ele tirava o broche do bolso.

Uma coisa pontuda me espetou na coxa, atravessando a calça, e a repentina onda de luxúria me abandonou enquanto Ethan voltava a se apoiar nos calcanhares e piscava na minha direção.

— Maldito! — eu disse com os olhos marejados. Mas Ethan não conseguia me ouvir, porque o broche não permitia. Pelos 30 minutos seguintes, eu seria completamente indetectável.

— O que você fez com ela? — Keane rugiu, parecendo pronto a se esquecer de tudo e socar Ethan até ele desmaiar.

— O Erlking deu a ela um objeto mágico que a torna temporariamente invisível — Ethan explicou com calma. — Ninguém pode vê-la nem ouvi-la enquanto o feitiço estiver ativo, portanto da conseguirá escapar mesmo que não consigamos.

Eu mesma queria socar Ethan naquela hora. Talvez usar o broche fosse o mais inteligente a fazer, mas eu tinha jurado para mim mesma que não abandonaria meus amigos. Eu já não sabia como conseguiria viver tendo abandonado papai e Finn.

Já que ninguém conseguia me ver, peguei o broche do chão onde ele tinha caído e o coloquei de volta no bolso. Rapidamente consultei o relógio para saber que horas o feitiço deixaria de fazer efeito, depois subi o barranco para ver quem se aproximava.

As notícias não eram boas. Havia pelo menos três Cavaleiros se aproximando sorrateiramente do buraco em que meus amigos discutiam inutilmente. Suspeitei que houvesse mais Cavaleiros que eu não conseguia ver, circundando-nos e bloqueando as rotas de fuga. Certamente eles teriam enviado alguém para vigiar o monumento megalítico também.

Abaixo, ouvi Keane acusar Ethan de ter me capturado de alguma maneira com a sua magia para me entregar ao Erlking. Acho que a situação parecia meio estranha mesmo, e desejei ter aberto o jogo, contando a todos sobre o broche. Tenho certeza de que também teria contado sobre isso se minha bomba anterior não tivesse explodido tão mal.

Meus amigos não ouviriam nada do que eu dissesse nem sentiriam se eu os tocassem. Eu já tinha calculado que eles fugirem de nada adiantaria, mas eu não conseguia mais ouvi-los.

discutindo sobre mim enquanto Cavaleiros de cara feia e armados com bestas se aproximavam sorrateiramente deles.

Peguei um graveto e escorreguei para baixo. O feitiço do Erlking fazia com que ninguém percebesse a minha movimentação no alto da barragem e meu salto no ar bem na frente deles. Tentei cutucar Keane com o graveto, mas ele pareceu não sentir nada. Então o deixei cair sobre a cabeça dele.

Keane afastou o graveto da cabeça com um safanão, depois olhou para cima, provavelmente procurando pela árvore do qual ele caiu.

Encorajada com o fato de ele ter sentido o graveto, abaixei -m e peguei um punhado de pedrinhas do riacho e comecei a arremessá-las nele uma de cada vez. Ele pareceu confuso, e eu teria rido dele em qualquer outra ocasião.

— É a Dana, seu idiota — Ethan disse. — Tentando dizer para você que ela está bem.

— Hum, rapazes? — Kimber interrompeu. — Que tal correremos agora?

Ethan balançou a cabeça.

— *Dama* deveria correr em vez de ficar por perto jogando pedras Nós temos de nos render para dar tempo a ela para que fuja Não sei se eles têm algum feitiço para sentir a presença dela, mas se tiverem,

ela precisa estar longe daqui antes que eles comecem a lançá-los

Keane emitiu um rugido baixo.

— Entregue-se você, se quiser. Não vou desistir sem lutar. Há mais de um modo de ganhar tempo.

— Saiam e levantem as mãos onde possamos vê-los! — um dos Cavaleiros exclamou.

Kimber espiou sobre a beira da barragem, depois desceu bem rápido.

— Cavaleiros — ela disse com o rosto pálido de medo. — eles estão armados com bestas.

— Não duraremos nem dois minutos em uma briga — Ethan disse.

Seu olhar recaiu rapidamente sobre Kimber, rápido o bastante para que ela não notasse. Mas Keane percebeu e entendeu a mensagem. Kimber não era totalmente indefesa, mas era

bem mais vulnerável que qualquer um deles porque não sabia nem lançar um feitiço de proteção. Se os rapazes tentassem lutar contra os Cavaleiros, Kimber poderia sair ferida ou coisa pior.

Keane parecia sério, porém determinado.

— Está bem — ele disse, e pareceu que essa concessão o fez sofrer fisicamente. — Se acabássemos morrendo, Dana jamais nos perdoaria.

Ethan deu um meio riso, mas logo ficou sério.

— Escute, desculpe por ter tentado atingi-lo com o feitiço. Acho que fui um pouco imaturo.

Keane suspirou, esticando-se para segurar a mão de Kimber.

— Não, você só estava no seu papel de irmão mais velho.

— Saiam agora! — o Cavaleiro gritou. — Este é o último aviso.

Emiti um grito de frustração, detestando a sensação de inutilidade de ficar ali só observando sem poder fazer nada.

— Vamos nos entregar — Ethan gritou de volta. — Não atirem.

Com as mãos erguidas, Ethan saiu do buraco, Keane e Kimber logo atrás dele.

Talvez eu simplesmente devesse ter fugido depois disso. Afinal, eu não teria muito a fazer para ajudar sozinha meus amigos, a menos que eu quisesse libertar meu feitiço de mortalidade em um bando de Cavaleiros que só estava seguindo ordens. E que tinha todos os motivos do mundo para acreditar que eu estava por trás da explosão da bomba. Eu não acreditava que os Cavaleiros me perceberiam por baixo da magia do Erlking, portanto tudo o que eu precisava fazer era me esconder até o cair da noite e depois viajar pelo monumento megalítico bem debaixo do nariz deles.

Talvez, se eu corresse para Avalon, eu conseguiria ajudar meu pai e meus amigos. E pelo menos eu estaria segura, contanto que saísse de Avalon antes que o Erlking me encontrasse. O pai de Ethan e de Kimber era tão poderoso e influente quanto o meu, e ele faria tudo o que estivesse ao alcance dos seus poderes consideráveis para que eles voltassem a salvo para casa.

Mas quem lutaria por Finn e Keane? E os rivais políticos do meu pai tentariam garantir o retorno dele a Avalon? A única pessoa que se importava igualmente com meu pai e meus amigos e que brigaria por todos eles era eu. O que significava que eu não poderia fugir para

Avalon e esperar que outra pessoa pudesse salvá-los e se dispusesse a salvá-los em meu lugar.

Minha mente trabalhava desesperadamente, tentando pensar em algum plano que não fosse péssimo, e fiquei observando enquanto os Cavaleiros amarravam as mãos dos meus amigos atrás das costas e os obrigavam a passar por entre as árvores. Segui sem ser ouvida nem vista.

Quando saí do meio das árvores, vi uma estradinha estreita de terra, muito menor do que a principal. O punhado de Cavaleiros que cercou meus amigos era apenas uma fração do grupo de busca, que consistia de cerca de doze pessoas, alguns Cavaleiros, outros não. O ar ao redor deles fervilhava com a magia, eriçando os pelos dos meus braços e atrás da nuca.

Uma mulher sidhe de expressão implacável interrogou Keane, tentando descobrir onde eu estava. Ela ignorou Kimber e Ethan completamente, mas eu deduzi que isso fosse o resultado da rivalidade entre as Cortes Seelie e Unseelie. Ela sem dúvida pensou que Keane, um membro da sua própria corte, era mais confiável.

Keane contou a ela sobre a tentativa de Ethan de me capturar para o Erlking — com isso recebendo olhares chocados de Kimber e de escárnio de Ethan. Ignorando o ultraje deles, Keane seguiu explicando que fugi depois do ataque de Ethan, aterrorizada pelo fato de ele ainda estar ligado ao Erlking e que ele pudesse tentar me levar novamente.

Achei que foi uma história bem razoável. Plausível, pelo menos para alguém que não me conhecesse. E se a mulher acreditou nele, ela ao menos mandaria alguns dos seus homens em uma perseguição infrutífera.

Eu não saberia dizer, pela sua expressão, se ela acreditava na história de Keane, mas ela não parecia inclinada a fazer um interrogatório completo, não ali na estrada. Ela escolheu cinco homens e ordenou que eles levassem meus amigos de volta ao Palácio Sunne, onde, eu não tinha dúvidas, eles seriam jogados em algum calabouço nojento. Em seguida, ela orientou o restante dos homens a continuar me procurando.

Mais uma vez, eu me senti inútil enquanto meus amigos eram erguidos no lombo dos cavalos e presos às selas. O resto do grupo de busca se espalhou pela floresta novamente, um homem ficando para trás com o restante dos cavalos, enquanto meus amigos e seus captores disparavam a galope pela estrada.

Pensei em roubar um cavalo, mas desisti da ideia imediatamente.

Como eu conseguiria fazer com que o cavalo me obedecesse quando ele não me veria,

sentiria nem ouviria? E mesmo se eu conseguisse, estar invisível não adiantaria muito se eu cavalgasse no meio da estrada. Talvez ninguém me visse, mas eles saberiam que havia algo errado com aquela cena.

Em vez disso, consulte o relógio para me lembrar por quanto tempo o feitiço ainda estaria funcionando, depois forcei minhas pernas a uma patética imitação de corrida, seguindo a estrada na direção do Palácio Sunne. O que fazer depois que eu chegasse lá era outra história...

Não sei como continuei a colocar um pé diante do outro. Meu corpo inteiro doía de cansaço, e se eu parasse para descansar, eu me via cambaleando sobre os pés, com a cabeça delirando. Desconfiando de mim, ajustei o alarme do relógio para disparar três minutos antes que o feitiço do broche deixasse de surtir efeito e me forcei a seguir adiante. Quando o alarme disparou, assustando-me até a morte porque meu estado era praticamente de delírio, eu me espetei de novo com o broche e continuei pela estrada. Eu não conseguia correr nem andar rápido, por isso me conformei em caminhar lenta, mas continuamente. Passei por um momento difícil quando a estradinha em que eu estava se encontrou com a estrada principal, mas tive quase certeza de ter tomado a direção correta.

Havia bastante movimento na estrada, a maioria das pessoas andava a cavalo, mas alguns em carroças e também Outros tantos a pé. A maioria seguia a mesma direção, e isso reforçou minha dedução de ter tomado a direção correta. Ninguém me viu, e eu silenciosamente agradei ao Erlking por ter me dado o broche, mesmo ele sendo o inimigo. Consegui até mesmo apanhar um pouco de comida e água de um passante sem que ninguém me notasse.

Comi e bebi, e continuei andando, tentando nem beber nem comer rápido demais. Um pedaço de pão e uma maçã nunca foram tão saborosos, mesmo a maçã tendo cor de pêssago e gosto parecido com o do melão.

Contanto que fosse comestível, eu não me importava, e quando meu corpo começou a digerir a comida e se hidratar, meu cérebro também começou a funcionar melhor.

O broche do Erlking era uma arma secreta e tanto. Consegui roubar comida bem debaixo do nariz de um feérico, e ele não fazia ideia de que eu estava ali, mesmo quando encostei nele acidentalmente.

Se eu tivesse ido ao Palácio Sunne com o único propósito de matar a princesa Elaine — e só Deus para saber o motivo que me levaria a fazer isso — então obviamente eu o teria feito sem recorrer a uma bomba. Eu poderia simplesmente ter usado o broche do Erlking para ficar invisível, seguido a princesa até que ela estivesse sozinha, para depois matá-la com uma arma feérica. Se eu tivesse feito isso, não haveria prova nenhuma contra mim, e ninguém teria motivos para suspeitar de mim. Que tipo de idiota eu teria de ser para usar uma bomba, algo pelo qual — pelo menos em teoria — só eu poderia ser responsabilizada?

Cheguei a um beco tentando encontrar falhas no meu raciocínio. Mas não importava que ângulo eu o atacasse, contanto que eu continuasse de posse do broche do Erlking, haveria um milhão de outros modos mais fáceis para eu assassinar alguém em vez de plantar uma maldita bomba. E isso, acabei percebendo, era a minha defesa.

Essa percepção me deu uma ponta de esperança, e a esperança renovou minhas energias. Meus passos aceleraram, meu corpo parecia menos dolorido e cansado. Talvez fosse possível provar minha inocência.

Baseado na reação do meu pai na noite da bomba, achei que não receberia um julgamento justo caso me apresentasse, e sem um julgamento justo, eu jamais conseguira apresentar meus argumentos. Mas, graças ao broche, eu poderia marchar direto pelos portões do palácio e conseguir uma audiência com a rainha. E graças à pistola que meu pai me deu, eu a faria me ouvir — e provar com que facilidade eu poderia ter matado Elaine se eu quisesse mesmo ter feito isso.

O plano parecia surreal, como uma coisa vinda direto de um filme de ação de segunda categoria. Quem era eu, uma garota mestiça de 16 anos, para invadir o palácio da rainha de Faerie e ameaçá-la com uma pistola?

Mas, se eu não provasse minha inocência, meu pai e meus amigos bem poderiam morrer. Isso se a rainha já não tivesse matado meu pai, porém tentei não pensar nisso.

Por mais desvairado que fosse esse meu plano, eu tinha de tentar.

Além disso, parecia bem melhor que meu plano anterior, que era usar o broche de algum modo para libertar meu pai e meus amigos, e depois, de algum modo, fugimos do palácio. Naquele momento, eu não estava nem um pouco mais perto de descobrir todos esses “modos” do que quando comecei a voltar para o palácio. Portanto, este haveria de ser o plano B...

Por um tempo, saber que eu tinha um plano me encheu de energia, mas ela só tinha como durar certo tempo. Roubei água e comida pela segunda vez, mas mesmo depois de comer, minhas pernas tremiam de exaustão, e percebi que se não parasse para descansar, eu acabaria desmaiando. Com relutância, deixei a estrada e voltei para a floresta, procurando um lugar para me esconder enquanto estivesse descansando.

Eu estava cansada demais para ser exigente, e acabei enroscada em meio a raízes retorcidas de uma árvore perto demais da estrada para minha tranquilidade. Até pensei em acertar o alarme do relógio para me acordar a cada 27 minutos, mais ou menos, para continuar invisível, mas resolvi que precisava descansar desesperadamente. Segurando a

pistola na mão e usando a mochila como travesseiro, fechei os olhos e instantaneamente fui engolida pelo sono.

Quando acordei, estava tudo muito escuro. Meu corpo reclamava querendo dormir mais, e fiz um esforço considerável para forçar meus olhos a permanecerem abertos e me sentar. Eu não devia ter mexido sequer um músculo durante todo o tempo em que dormi, por isso estava dura e dolorida e senti que meus ossos se partiriam se eu me mexesse rápido demais.

Um relance para o relógio me disse que já eram dez da noite. Dormi quase sete horas! E queria desesperadamente dormir por mais sete, mas eu não sabia quanto tempo meus amigos teriam, O quanto antes eu chegasse ao palácio e provasse minha inocência, mais rápido eles seriam libertados e menores as chances de eles serem feridos.

Abri caminho cuidadosamente no meio da floresta escura. Estivemos em fuga por quase 48 horas antes que o grupo de busca tios pegasse, mas tivemos de seguir pela floresta, e eu tinha certeza de que meu progresso foi bem mais rápido pela estrada. Estimei por alto que chegaria ao Palácio Sunne em algum momento da tarde seguinte, se continuasse a andar sem descanso.

Espetei-me com o broche assim que vi a estrada, depois retomei a caminhada lenta e contínua daquela tarde. Eu tinha esperanças de poder continuar indefinidamente naquele passo, pois queria chegar ao palácio antes de ter de parar para descansar de novo, porque meus instintos me diziam que o tempo estava acabando.

Caminhei em estado de transe até que meu relógio me lembrou que era hora de eu voltar a me espetar de novo. Eu estava começando a me sentir como uma almofadinha de alfinetes, e já estava me cansando de me espetar com o maldito broche.

Eu vinha caminhando olhando para baixo sem ver nada, mas quando parei para pegar o broche no bolso, levantei a cabeça. E congelei com as pontas dos dedos bem perto do broche.

No meu torpor, eu não tinha nem notado quando deixei a floresta para trás e cruzei uma vilinha perto do palácio. Devo ter passado pela estrada lateral que levava para o monumento megalítico sem nem notá-la. Apesar das horas que passamos caminhando e da ajuda recebida da Dama Verde, ao que tudo indicava, nós só tínhamos transposto um dia de viagem a partir do palácio. Provavelmente o único motivo pelo qual o grupo de busca não nos encontrou antes foi porque eles pensaram que seríamos mais competentes e teríamos nos afastado mais.

Deixei de lado meu desapontamento e mais uma vez me espetei com o broche. Talvez

fosse um pouco embaraçoso termos nos saído tão mal em nossa fuga, mas certamente não era nada ruim conseguir chegar ao palácio àquela noite ainda em vez de no dia seguinte. Eu queria acabar logo com aquilo.

Cerca de uma hora mais tarde, eu passava pelos portões do palácio, os cabelos na base da nuca se eriçaram quando passei por um par de sentinelas mal encarados. Tudo bem dizer que eu queria acabar logo com aquilo, mas eu estava morta de medo do que poderia acontecer quando enfrentasse a rainha. Eu considerava meu argumento sobre como eu não era uma maníaca bombardeadora muito convincente, mas como eu podia saber se eia o consideraria? Ainda mais quando o filho dela era o verdadeiro responsável.

Fiquei pensando se não seria melhor deixar essa parte de lado. O que eu tinha de fazer era provar minha inocência, não encontrar o culpado. Claro que eu não queria que Henry se safasse daquilo, mas, se fosse a melhor maneira de eu conseguir fazer com que meus amigos e meu pai fossem libertados, então era isso o que eu faria.

Não ajudou muito o palácio se assemelhar à Bastilha, à Torre de Londres e a Alcatraz misturadas, do lado de fora.

Achei que o palácio parecia intimidador quando cheguei como convidada, mas era três vezes pior naquele momento.

Pronta para fazer o que fosse necessário, entrei sorrateiramente no palácio e comecei a procurar a rainha.

Havia um probleminha com meu grande plano. Bem, mais do que um, na verdade, mas um deles me atingiu na cabeça nos dez minutos iniciais da minha busca.

Nunca encontrei Titânia, portanto não tinha ideia da aparência dela, exceto pelo fato de que talvez ela se assemelhasse a Henry e Elaine. Não era um grande ponto de partida, e havia toneladas de pessoas no palácio.

Alguns deles eram obviamente Cavaleiros e criados, mas havia muitos outros que podiam ser hóspedes ou familiares ou até mesmo a rainha.

Todas as mulheres eram incrivelmente lindas, porque isso era inerente aos feéricos. E todas usavam vestidos longos que as faziam parecer atrizes em roupas de um drama. Alguns vestidos eram mais vistosos que outros, e algumas mulheres usavam mais joias, mas não vi nenhuma com uma coroa ou carregando um cetro ou fazendo qualquer coisa particularmente majestosa.

Meu estômago deu uma cambalhota quando me ocorreu que talvez Titânia nem estivesse no castelo. Talvez ela tivesse decidido partir depois da explosão, temendo por sua segurança.

Mas não, se a rainha não estivesse em algum lugar por ali, eu duvidava que houvesse tanta atividade no palácio, ainda mais àquela hora da noite. Talvez isso fosse só mais uma dose de pensamento positivo, mas me agarrei a ele com todas as forças, porque era minha única esperança.

Uma coisa positiva que aconteceu em minha busca apreensiva foi eu ver a princesa Elaine, viva e relativamente bem. Havia uma cicatriz viva em seu rosto e uma expressão atormentada em seu olhar, mas emití um suspiro de alívio ao descobrir que a bomba não a tinha matado.

Meu alívio se reduziu um pouco ao perceber que, embora estivesse em um cômodo com outras dez gemas reluzentes da sociedade sidhe, ela estava sentada sozinha na ponta de uma espreguiçadeira, e ninguém olhava para ela, quanto menos falava com ela. Quase como se ela estivesse tão invisível quanto eu. Mordi o lábio ao me aproximar dela para observar a cicatriz.

Devia haver ferro frio na bomba, porque isso é a única coisa que marca permanentemente a pele de um sidhe quando há um curandeiro disponível.

Ou ela deveria estar morta, ou novinha em folha, e deduzi pela sua infelicidade que ela preferiria qualquer uma das alternativas.

Ver a princesa me fez odiar Henry ainda mais. Ele não se importou com o que poderia acontecer com qualquer um dos espectadores inocentes na sala de jantar, contanto que pudesse destruir a faeriewalker que não se subjugava a ele.

Encontrar a princesa foi uma surpresa agradável, apesar do seu estado. Minha surpresa foi muito menos agradável quando virei em um corredor e quase abalroei Connor. Ele e outro Caçador Bárbaro silencioso caminhavam rapidamente pelo corredor, aparentemente em alguma missão.

Nem meu irmão nem o outro Caçador me viram, e provavelmente não teriam me sentido mesmo que eu colidisse contra eles, mas o terror se apossou do meu estômago ao vê-los. Se os Caçadores estavam no palácio, o Erlking também devia estar. E ele me disse quando me deu o broche que, por mais que ele funcionasse até mesmo com seus Caçadores, não funcionaria com ele. O que significava que se nos deparássemos, eu já era.

Pensei que meus nervos estivessem acabando comigo antes de saber que o Erlking estava no palácio. Depois que descobri, eu me sobressaltava a cada barulho, meu coração pulsava no pescoço enquanto eu me perguntava se havia cometido o maior erro da minha vida

ao voltar para lá.

Já era tarde demais. Eu estava lá, e não iria embora antes de encontrar Titânia e contar o meu lado da história. Ou até que o Erlking me encontrasse, e eu me tornasse a primeira mulher a fazer parte do bando de Caçadores Bárbaros.

Vasculhei o castelo pelo que pareceu serem 12 horas, bora meu relógio insistisse que tinha se passado menos de uma, quando encontrei uma ala escondida. Eu bem que gostaria de dizer que deduzi sabiamente que o castelo não tinha o mesmo tamanho do lado de dentro que o de fora, mas na verdade só tive sorte (imagine isso!) Enquanto eu passava por um corredor que eu tinha 99% de certeza de que já tinha percorrido pelo menos duas vezes antes, vi um Cavaleiro atravessar a parede do lado oposto do salão. Mesmo o longo descanso daquela tarde não tinha curado minha exaustão, por isso me perguntei se estava imaginando coisas. Achei melhor ir verificar. Afinal, eu estava invisível, portanto ninguém me veria fazendo papel de idiota ao tentar atravessar uma parede.

Aproximei-me da parede com cuidado, tentando sentir qualquer magia vagando nas imediações para revelar algum feitiço de ilusionismo, mas achei que um feitiço assim que deixasse um rastro de magia seria um tanto inútil em Faerie. Não percebi nenhuma magia perto da parede, mas, quando me estiquei para tocá-la, meus dedos a atravessaram. Beleza! Titânia tinha de estar em algum lugar ali atrás, porque eu podia terjurado que passei o pente-fino no resto do palácio (isso se levarmos em consideração que ela não era uma das centenas de mulheres não identificadas que vi nas minhas andanças; era possível que ela não fosse tão pomposa quanto Henry e não desfilasse com roupas que a destacassem dos outros). No entanto, aquela ala estava escondida por algum motivo, e segurança podia ser um deles.

Respirando fundo e desejando que a passagem oculta não fosse uma armadilha, fechei os olhos e atravessei a parede.

Apesar de os meus dedos terem atravessado antes, consegui evitar o nervosismo de que eu pudesse me deparar com algo sólido. Prendi a respiração, depois a soltei lentamente ao terminar a passada e não esbarrar em nada. Abri os olhos, e meu coração se enlevou de esperança.

O corredor em que entrei estava perfilado por Cavaleiros, todos armados até os dentes e parados em posição de atenção. Diferentemente do resto do palácio, aquela ala não era feita de pedras. As paredes eram feitas de um tipo de madeira densa, espessa e viva, como se fosse a mais grossa moita existente, e o teto alto era formado por arcos dos seus ramos.

Trepadeiras de rosas brancas pontuavam o vestíbulo a intervalos regulares, com as flores

tão juntinhas que, se eu olhasse para elas pelo canto do olho, elas se pareceriam pilastras de mármore branco.

Eu tinha quase certeza de que o chão era feito de terra batida, mas estava acarpetado com uma camada imaculada de pé- talas de rosas brancas. Como elas permaneciam tão limpas sem estar nas roseiras e depois de serem pisoteadas pelas pessoas, eu não sei, O corredor era iluminado por pedaços de rochas brancas translúcidas, como luminárias de cristais de sal, mas sem eletricidade nem lâmpadas. Só me restava deduzir que eram acesas por magia, já que aquele corredor não parecia um lugar adequado para acender fogo.

Havia apenas uma porta no fim do corredor, e ela estava protegida por um par de trolls gigantescos. Prendi a respiração ao vê-los, e um tremor desceu pela espinha. Eu já tinha visto desenhos e pinturas de trolls, mas o único que vi pessoalmente era Lachlan, que sempre usava um glamour humano. Eu preferia quando não sabia como era sua aparência debaixo do glamour. As pinturas não faziam jus ao seu tamanho e malevolência. Elas não capturavam os olhos negros sem alma que não piscavam. Talvez, no fim das contas, não fosse tão surpreendente que os sidhe não se socializassem com eles.

Balancei a cabeça, tentando clarear a névoa de terror que tentava me cercar. Os trolls podiam parecer aterrorizantes, mas não eram monstros.

Lachlan era o feérico mais gentil que eu conhecia, caloroso, amigável e leal até o fim. A aparência não era tudo. Além disso, os trolls não conseguiam me ver, por isso não eram perigosos.

Comecei a andar na ponta dos pés pelo corredor, tentando não espalhar as pétalas enquanto caminhava. O broche do Erlking podia evitar que todos aqueles guardas notassem as pétalas se movendo, mas eu não queria deixar uma trilha que eles pudessem notar depois que eu passasse.

Eu tinha a sensação de que, se eles pudessem pressentir a presença de um intruso, eu estaria muito enrascada apesar do feitiço do broche.

Eu suave e praticamente vibrava de tensão quando havia chegado ao fim do corredor. Meu cérebro de lagarta continuava a me dizer para não me aproximar daqueles trolls, e cada passo era uma luta. Aquilo só podia ser uma idiotice — os Cavaleiros com sua magia poderosa provavelmente eram muito mais perigosos que os trolls — , mas eu não conseguia me convencer disso, e fiquei imaginando se o que eu sentia era o efeito de algum tipo de feitiço.

Não que isso importasse. Eu tinha de passar pelos trolls, mesmo eles sendo intimidadores.

Relancei rapidamente para o relógio para saber quanto tempo mais eu ficaria invisível. Eu tinha oito minutos antes de ter de reativá-lo, e se eu conseguisse continuar a me mover, talvez eu estivesse em posição de forçar a rainha a me ouvir antes que o tempo se esgotasse, e eu não teria de me espetar pela milionésima vez.

Sabendo que eu tinha de me apressar, passei a mochila para a frente e peguei a arma. Melhor tê-la a mão e pronta para ser usada quando eu atravessasse a porta. Tentei me convencer de que não estava enrolando, mas não consegui totalmente.

Verifiquei a pistola para ver se ela estava carregada, depois, se ela estava armada para atirar. Coloquei umas balas extras no bolso para ter acesso mais fácil. Em seguida me obriguei. Expeli o ar lentamente ao avançar até o alcance dos trolls, mas eles não pareceram notar minha presença. Eles podiam até ser feitos de pedra, pelo tanto de vivacidade que eu via neles.

Minha mão tremia quando empurrei a porta, mas ainda assim nenhum dos guardas se moveu nem deu qualquer sinal de que tivesse me notado.

Fechei-a silenciosamente atrás de mim, depois me virei de frente para o cômodo.

No início, não consegui enxergar muito bem, porque a luz era bem fraca. Era do mesmo tipo de luz que vi no corredor, mas seu brilho era muito mais suave, deixando boa parte do quarto na penumbra. Pisquei algumas vezes para que meus olhos se acostumassem à falta de luz.

Bem diante de mim havia uma gigantesca cama de dos-sei, repleta de travesseiros. E recostada em uma pilha deles estava uma mulher maravilhosa com cabelos ruivos cacheados que chegavam à cintura. Ela sorria contente, as pálpebras pesavam enquanto ela segurava um lençol de seda branco ao encontro do peito em uma demonstração sincera de recato.

Obviamente, ela estava nua debaixo do lençol; nas sombras ao pé da cama, eu vi a silhueta de um homem calçando um par de botas.

Meu primeiro pensamento foi: que constrangedor! Aquela não era hora de invadir os aposentos da rainha de Faerie (não que houvesse uma hora ideal para isso). Meu segundo pensamento foi: Graças a Deus não cheguei aqui antes.

Em seguida, porém, minhas entranhas se retorceram quando minha mente finalmente processou o que eu tinha acabado de ver.

O homem ao pé da cama saiu das sombras, as botas emitiram um conhecido ruído

metálico a cada passo. Ele se recostou casualmente em uma das colunas da cama, cruzando os braços sobre o peito e sorriu para mim.

— Nos encontramos novamente, Faeriewalker — o Erlking disse, com o olhar reluzindo de divertimento à minha custa. Eu estava completamente perdida.

20.

Pelo canto do olho, vi Titânia se sentar, o lençol escorregando precariamente e mostrando mais do que eu desejava ver.

— Ela está aqui? — a rainha arfou.

Eu estava na soleira, congelada como um coelho preso pelo olhar do Erlking. Apontei minha pistola para ele, mas eu já o tinha visto levar uma bala na cabeça sem nem piscar. A pistola não me salvaria.

— Eu lhe disse que ela viria — ele disse, sem tirar os olhos de mim. — Ela é capaz de fazer qualquer coisa por Ethan.

Perfeito. Ele não só estava lá, como estava à minha espera. Eu estava ficando familiarizada demais com a sensação de cair em suas armadilhas.

Virei o cano da pistola na direção de Titânia.

— Mande-o parar! — exclamei, embora eu desconfiasse ter soado mais assustada que ameaçadora.

O Erlking gargalhou.

— Ela não pode ouvi-la, esqueceu-se?

Maldição! Eu ainda tinha alguns minutos até que o feitiço deixasse de funcionar e até lá, só o Erlking poderia me ver ou ouvir.

Cerrando os dentes, apontei a pistola para uma das colunas da cama e puxei o gatilho. Minha mira foi lamentável, mas a bala arrancou uma lasca da madeira da beira da coluna. Titânia podia não me ver nem me ouvir, mas ela podia ver a bala e o efeito que ela tinha.

— Mesmo que ela não possa me ver — eu disse — , aposto como ela é inteligente o bastante para entender a mensagem que acabei de enviar.

— Que tal descobriremos? — ele respondeu, dando um passo na minha direção.

Puxei o gatilho de novo e, dessa vez, minha mira foi melhor. A bala ficou cravada na coluna.

— Arawn, pare! — Titânia ordenou com uma pontada de pânico na voz. — Eu revogo minha permissão.

O Erlking tinha de estar aborrecido por ter acabado de perder a oportunidade de me

capturar e me prender ao bando dos Caçadores Bárbaros, mas não o demonstrou. Ele levou a mão ao peito e se curvou, embora eu ficasse sem entender se o gesto era um sinal de respeito à rainha ou de zombaria a mim. Minhas mãos tremiam enquanto eu recarregava a pistola com mais duas balas, rezando para não ter de usá-las.

O ar se carregava de magia enquanto Titânia saía da cama. Ela tinha vestido um roupão transparente que deixava pouco para a imaginação.

Quem haveria de desconfiar que ela e o Erlking fossem tão... próximos? Eu achava que o fato de ele ter aprisionado Connor ao bando dos Caçadores Bárbaros pelos últimos mil anos fosse capaz de atrapalhar qualquer relacionamento. Connor era filho dela, e ela dormia com o homem que o escravizara. Interessante.

Eu tinha quase certeza de que Titânia não teria de me ver para me destruir com sua magia. E uma vez que eu não deveria sentir a presença da magia, ela não tinha como saber que eu estava ciente que a estava acumulando.

— Diga a ela para parar! — eu disse, e Titânia deu um pulo, sobressaltada.

— Diga você mesma — o Erlking respondeu. — O feitiço não está mais funcionando.

Sim. Dava para saber isso pelo modo horrorizado com que a rainha olhava para mim. E lá se ia meu grande segredo.

— Pare de chamar a magia — eu ordenei a ela. Tive de reprimir uma risada minha, uma adolescente mestiça do mundo mortal, ordenando alguma coisa para Titânia, a rainha da Corte Seelie. Contudo, por mais poderosa que ela fosse, minha pistola a assustava demais.

A magia desapareceu do ar, e a rainha se endireitou, apagando a expressão de horror do rosto e encarando-me com os olhos azuis mais frios que já vi.

— Você é muito atrevida — ela disse, e se seus olhos eram frios, a voz era definitivamente gélida. — Tentou matar minha neta e agora me ameaça.

Por isso, juro que a farei sofrer.

Tive esperanças de não parecer tão assustada quanto me sentia.

Suspeitei que se Titânia me quisesse fazer sofrer, ela seria muito, muito criativa nesse ponto.

— Não tentei matar a princesa Elaine — declarei. Minha voz transmitia mais tranquilidade do que eu sentia, o que era bom porque, de outro modo, ela poderia sair trêmula demais para

ser compreensível. — E só a estou ameaçando porque não sei de que outro modo fazê-la ouvir o meu lado da história.

— Ela foi atacada por uma arma mortal— Titânia argumentou.

Somente um faeriewalker poderia ter manipulado tal arma.

Assenti.

— Isso é verdade. Mas não fui eu a faeriewalker que a manipulou.

Pelo canto do olho, vi o sorriso do Erlking. Claro que ele sabia o tempo inteiro que eu não estava por trás do ataque.

Nós podíamos não ser melhores amigos, mas ele me conhecia assustadoramente bem. Bem o bastante para adivinhar que eu voltaria ao palácio depois que meus amigos fossem capturados. E também o suficiente para saber que eu não plantaria bomba alguma para atingir alguém que eu odiasse, muito menos alguém que eu nem conhecia.

— Não existem outros faeriewalkers — a rainha replicou, mas achei ter visto uma pontada de desconfiança em seu olhar.

— Deve haver pelo menos mais um — contra-arguntei — porque não plantei aquela bomba. Se o Erlking não estivesse aqui, eu poderia ter entrado e atirado em você sem que ninguém soubesse que estive aqui. Eu poderia ter feito o mesmo com Elaine. Ou eu poderia ter usado uma adaga, para que ninguém sequer desconfiasse do envolvimento de um faeriewalker.

— Se existisse outro faeriewalker, eu saberia — Titânia disse, mas definitivamente ela já não parecia mais tão segura de si.

— Por que eu haveria de querer ferir Elaine? Nunca a vi antes. E sempre vivi no mundo mortal. Não dou a mínima para a política de Faerie.

— Entendo que tenha sido apenas um instrumento — ela disse, sua voz se tornando suave e gentil. Não acreditei nela nem por um segundo. — Seu pai deve ter pensado que Henry jantaria com vocês aquela noite em vez de Elaine.

Meu coração se contraiu diante da menção do meu pai. Se Titânia tivesse acreditado o tempo inteiro que meu pai foi a mente por trás da conspiração...

— Seamus está vivo — o Erlking me contou.

Imagino que minha linha de pensamento tivesse ficado transparente no meu rosto. Tive de

piscar rapidamente para não chorar de alívio. Talvez eu estivesse louca, mas não pude deixar de sentir gratidão por Arawn ter me contado isso. Eu não sabia se teria a coragem de perguntar. Titânia o fitou com aborrecimento, talvez desacostumada a ter alguém roubando seu palco.

— Mesmo que meu pai tivesse pensado nisso — eu disse — mesmo que ele quisesse matar Henry, ele não o teria feito desse modo. Não teria me usado. E eu jamais teria permitido que ele me usasse de tal maneira.

A rainha ainda olhava para mim com uma expressão gentil, carregada de piedade.

— Estou certa de que isso é o que lhe parece — ela disse, tentando me apaziguar — E entendo que seja difícil para você pensar mal do seu pai.

Nessa hora, tive de revirar os olhos. Eu era boa demais em “pensar mal” das pessoas.

— Não importa o que eu pense do meu pai. Estou lhe dizendo: não tive nada a ver com essa bomba. Existe outro faeriewalker que ninguém conhece. Bem, quase ninguém.

A magia começou a se acumular novamente, e eu levantei os braços, percebendo que o cano da pistola lentamente tinha se abaixado enquanto falávamos. Não que a pistola fosse pesada, mas meus braços estavam começando a cansar.

— Nada de magia! — eu a lembrei. — Estou falando sério.

Titânia deu de ombros como se isso pouco importasse, mas a magia se dissipou.

— Acredito que você seja capaz de dizer qualquer coisa para impedir que seu pai receba o que merece — ela disse. — Você não mudará minha opinião com força bruta.

Uma pena que força bruta fosse tudo o que eu tinha. Eu sabia que, se abaixasse a pistola, a magia de Titânia surgiria em um piscar de olhos, e ainda que eu não soubesse o que essa magia faria comigo, tenho certeza de que não seria nada agradável.

— Você acreditaria nela se ela pudesse provar a existência de outro faeriewalker, não acreditaria? — o Erlking perguntou.

Eu até poderia pensar que ele estava tentando me ajudar — se já não o conhecesse bem. Ele só queria saber a identidade do outro faeriewalker na esperança de que ele fosse mais facilmente explorável.

Imaginei Elizabeth, de cabeça baixa e ombros pensos diante da desaprovação de Henry. Ela tinha levado a bomba de Avalon e colocado debaixo da cadeira de Elaine, mas ela era o

instrumento indefeso que Titânia imaginava que eu fosse. Se eu a delatasse, Titânia poderia muito bem matá-la. E se não a matasse, o Erlking começaria a cercá-la como o tubarão faminto que era. Mas, se eu não a entregasse, tanto meu pai quanto eu morreríamos, e sabe-se lá o que Titânia faria com meus amigos.

Titânia inclinou a cabeça, parecendo intrigada.

— Você pode provar? — ela me perguntou.

Hesitei, detestando a ideia de lançar Elizabeth para os lobos.

Minha garganta se contraiu, e eu me sentia uma covarde. Elizabeth podia não ser uma amiga minha, mas ela era uma criança.

— Você não tem escolha, Dana — o Erlking disse. — Isto só pode terminar em desgraça se você se recusar a desmascarar o verdadeiro culpado.

Ele tinha razão, e eu sabia disso. E eu não tinha balas suficientes para sair dali. Mesmo que eu convocasse minha magia e lançasse meu feitiço mortal, havia um corredor cheio de Cavaleiros e trolls pelos quais eu teria de passar antes de fugir do palácio uma segunda vez.

Eu queria gritar de raiva e frustração, mas não o fiz. A vida de muitas pessoas dependiam de mim, e eu não podia me permitir nem um único passo em falso.

— É Elizabeth — eu disse, as palavras amargas em minha boca. — E eu posso provar.

Não havia nenhum sinal de reconhecimento da parte deles. Mas por que Titânia e Arawn teriam de conhecer o nome de uma criada insignificante do séquito de Henry?

— Ela é uma das criadas de Henry — expliquei. — E não passa de uma criança — apressei-me em completar. — Ele bate nela, ela tem tanto medo dele que faria tudo o que ele ordenasse.

Pensei que os olhos de Titânia estivessem frios antes. Eu não fazia ideia do significado de frio até vê-la me fitar novamente.

— Você está mentindo — ela disse simplesmente, mas havia tanta fúria em sua voz que eu quase apertei o gatilho em um gesto de defesa antecipada. Não era de se admirar que ela não gostasse de ouvir que o filho podia estar envolvido na conspiração.

— Você disse que pode provar — Arawn disse, soando surpreendentemente cauteloso, como se temesse que Titânia pudesse explodir ou algo semelhante.

Assenti, intimidada demais pelo olhar de Titânia para forçar qualquer palavra.

— Recuso-me a acreditar — Titânia disparou. — Isso é obra do seu pai.

Ele quer desacreditar meu filho e...

— Se ela acha que pode provar, deixe-a tentar — Arawn interrompeu.

— Se seu filho for inocente, tudo bem. Poderá punir Seamus ao seu bel prazer e deixar Dana comigo, o que, acredito, ela considerará um castigo à altura — ele piscou para mim, como se achasse tudo aquilo uma grande piada. Isso me fez querer atirar nele, apesar de saber que de nada adiantaria.

Titânia me perfurou com seu olhar gélido.

— Muito bem. Tem a minha permissão para tentar “provar” que meu filho está por trás disso. E deixar a desgraça cair sobre si e sobre todos a quem ama caso fracasse.

Ah, sim, claro, nada de pressão...

— Entregue a pistola a Arawn — ela ordenou. — Não serei ameaçada em meu próprio lar.

Arawn deu alguns passos cautelosos em minha direção e estendeu a mão.

Eu não queria entregar minha arma para ele. Verdade, eu sabia que ela não era uma ameaça forte o suficiente para que eu conseguisse sair dali, mas me deixava bem mais segura. Mesmo que meus braços estivessem trêmulos pelo esforço de mantê-la erguida.

Arawn se aproximou um pouco mais, embora não tentasse tirá-la de mim à força. Sua voz abaixou para um murmúrio mal audível.

— Entregue-me a pistola. Esta não é sua única arma, e nem é a mais temida.

Pisquei para ele, surpresa. Quando eu acreditava que o entendia, ele conseguia me surpreender daquela forma. Ele se referia ao meu feitiço de mortalidade e, em vez de falar abertamente sobre ele, revelando-o para a rainha, ele se esforçou para mantê-lo entre nós. Eu tinha certeza de que, de alguma maneira, aquilo era para seu próprio benefício, mas fiquei agradecida mesmo assim. E também sabia que, mais uma vez, ele tinha razão. Por isso empurrei a trava de segurança de volta para o seu lugar, e relaxei os dedos no cabo estrangulado. Em seguida, entreguei a pistola, pelo cabo, para Arawn, e fiquei sem defesas exceto por aquela que eu duvidava muito estar disposta a usar.

Assim que a pistola saiu da minha mão, eu me preparei para ser atacada.

Titânia olhava para mim como se eu fosse uma barata e ela quisesse me pisotear, mas não tentou chamar a magia nem deu permissão para que o Erlking me atacasse. Ou ela agia com honra ou eu tinha colocado uma pulga atrás da orelha dela com a minha acusação. Não me importei com o motivo.

— Mostre-me a sua prova — ela ordenou.

— Primeiro temos de descobrir a distância que preciso estar de um objeto mortal para que ele faça *puf*

As sobrancelhas de Titânia se uniram ligeiramente, e eu percebi que talvez ela não estivesse tão familiarizada com a versão moderna mortal da língua.

— Antes que ele desapareça — esclareci.

— Isso mais me parece um plano de fuga do que prova da culpabilidade do meu filho.

Revirei os olhos para ela.

— É mesmo, porque entrei desvairada no seu quarto na tentativa de fugir. Se eu quisesse escapar, não estaria aqui. — Logo vi que ela não gostou nada, nada do meu sarcasmo, mas não tive vontade de me desculpar. Talvez aquela não fosse a maneira mais adequada de se dirigir a rainha da Corte Seelie, mas eu já tinha passado por coisas demais para me importar com etiqueta. — Há cerca de dez mil Cavaleiros e um punhado de trolls do outro lado da porta — continuei, já que ela não se mostrava convencida pelo meu argumento preocupada que eu tente fugir debaixo do nariz deles?

— Eles não a impediram de entrar.

Arawn esticou a mão novamente.

— Entregue-me o broche. Se não o tiver, acredito que estaremos seguros quanto a você não tentar escapar.

Eu queria ainda menos entregar o broche do que quis entregar a pistola, mas eu não tinha lá muitas opções. Se Titânia resolvesse que não queria ouvir o que eu tinha a dizer, ela me

condenaria em um piscar de olhos e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar.

Para o meu embaraço, minha mão tremia quando coloquei o broche na palma de Arawn. Uma a uma, Titânia tirava todas as minhas defesas, e eu estava permitindo que o fizesse. Mas que escolha eu tinha?

— Acredito que esteja dizendo a verdade — Arawn disse ao pegar o broche. — Enquanto disser a verdade, que temer.

Fiquei presa ao seu olhar por um momento, surpresa com sua demonstração de humanidade. Ele era um assassino implacável, um manipulador habilidoso e, ainda que não fosse um mentiroso, era pelo menos enganador. No entanto, era o que eu tinha de mais próximo a um amigo naquele instante, e isso não era uma situação perigosa?

Desviei o olhar rapidamente e comecei a soltar a pulseira do relógio.

— Então, eu... Hum... Vou colocar isto do outro lado do quarto — levantei o relógio para que Titânia o visse. — Depois vou recuar até o que quer que aconteça com objetos mortais longe da aura de um faeriewalker de fato aconteça.

Esperei a aprovação de Titânia antes de me mexer porque suspeitei que ela fosse rápida no gatilho da magia. Ela contraiu os lábios como se não estivesse nada satisfeita com a ideia, mas assentiu de leve.

— Prossiga.

Não havia outra mobília no quarto exceto pela cama gigantesca e, como no corredor, havia um tapete de pétalas de rosas brancas. Elas pareciam estar soltas, recém-colhidas e lançadas a esmo. Contudo, quando pisei nelas, elas não se moveram nem pareceram amassadas. Talvez fossem apenas uma ilusão, apesar de que, levando-se em conta o cheiro de rosas no ar, acreditei que fossem reais.

Titânia me fez sombra, e senti seus olhos sobre mim. A sensação me fez estremecer, e minha pele ficou toda arrepiada. Não era o formigamento induzido pela presença da magia, mas do tipo induzido pelo medo. Deixei o relógio no chão com muito cuidado, depois comecei a recuar.

Comecei a suar na metade do quarto. O relógio ainda estava lá, e eu não conseguia deixar de me preocupar que podia haver algo errado. Eu sabia que tinha de estar perto para que a magia de faeriewalker funcionasse, mas eu não fazia ideia do quanto esse “perto” tinha de ser. Suspeitei que Titânia não fosse ter muita paciência comigo, e continuei olhando para o relógio,

desejando que ele se apressasse e desaparecesse.

Quando minhas costas bateram na porta, senti que Titânia declararia que meu tempo tinha se esgotado. O relógio ainda estava ali, uma pulseira de couro de crocodilo marrom falso sobre um tapete de rosas brancas.

— Acho que tenho de sair do quarto — eu disse, desejando que minha voz não tivesse saído tão hesitante.

— Arawn a acompanhará — Titânia respondeu, sem desviar o olhar do relógio.

Como se ela precisasse de mais garantias do que já tinha. Se bem que, pensando melhor, eu não me importaria em ter Arawn ao meu lado se tivesse de passar pelos trolls. Ele, pelo menos, era um demônio conhecido.

Ele abriu a porta para mim, saiu antes e disse aos Cavaleiros e aos trolls de guarda algo que não consegui ouvir. Desejei que fosse algo como “Não ataque a garota que está prestes a passar pela porta”.

Respirando fundo para criar coragem, recuei pela soleira. Os guardas tinham de estar surpresos em me ver, levando-se em consideração o fato de não terem me visto entrar, mas um relance rápido me revelou que eles não estavam prestando atenção em mim, sem dúvida por causa do aviso de Arawn.

O batente da porta rapidamente bloqueou a minha visão do relógio, mas eu ainda via Titânia fitando-o fixamente, por isso sabia que ele ainda estava lá. Eu estava uns três passos para fora do quarto quando Titânia se sobressaltou, depois olhou para mim por sobre o ombro.

— Ele sumiu — ela disse.

Resistindo a um desejo insano de sair correndo pelo corredor para me afastar da perigosa rainha de Faerie, forcei-me a entrar no quarto novamente, com Arawn a me seguir de perto.

— Muito bem — eu disse. — Agora vamos trazer Elizabeth para cá.

Vou colocar outro objeto mortal ali, depois vou retroceder enquanto ela fica no quarto. Se ela não for uma faeriewalker, o objeto desaparecerá quando eu tiver dado três passos no corredor. Se ela for uma faeriewalker, ele não sumirá.

Titânia assentiu, depois caminhou até a porta. Acho que ela não se importava que os guardas a vissem quase que completamente por debaixo daquele roupão transparente.

— Ordeno que tragam a menina Elizabeth aqui — ela anunciou ao abrir a porta.

— Tem certeza mesmo que Elizabeth é uma faeriewalker? — Arawn me perguntou baixinho.

Mordi o lábio. Eu tinha toda a certeza até ele me perguntar. Mas, na verdade, eu baseava toda minha teoria em um simples palpite. Na noite do jantar, havia diversos criados na sala quando a bomba explodiu, e era possível que um dos outros estivesse no séquito de Henry sem que eu tivesse percebido. Elizabeth parecia uma feérica genuína, bela e perfeita, mas a genética podia ser volúvel.

Certa o bastante para apostar minha vida nisso, imagino — respondi com a voz um pouco trêmula.

Ele apoiou uma mão no meu ombro e o apertou.

— Você deve ter razão. A faeriewalker deve ter um pai muito poderoso, e não pude deixar de notar a ligação entre os nomes Henry e Elizabeth.

A princípio não entendi ao que ele se referia, demorou muito para deduzir, não quando eu sabia o quão ligados ao passado os feéricos eram. A primeira rainha Elizabeth foi filha de Henrique VIII. Pensando bem, ela também foi famosa pelos cabelos ruivos.

— Então está achando que Elizabeth é filha do príncipe Henry — eu deduzi.

— Provavelmente. Supondo que ela seja uma faeriewalker.

Caramba. E eu que achava que tinha problemas com meus pais, mas eu não conseguia imaginar como seria ter Henry como pai. Ele já a tratava mal demais para uma criada, como filha, então... E lá estava eu entregando-a para salvar minha pele.

Tentei deixar a culpa de lado. Eu não estava fazendo aquilo só por mim. Eu fazia pelo meu pai, por Ethan, Kimber, Keane e Finn. Ainda assim, detestei e desejei ter pensado em alguma outra forma de provar minha inocência, mas parecia não existir nenhuma.

Titânia voltou para o quarto, trazendo consigo o frio ártico do desagrado. Eu queria muito que ela se vestisse mais, porém os feéricos talvez não demonstrassem o mesmo recato que os humanos. Ela parecia alheia ao seu estado de seminudez. O Erlking, notei pelos seus ocasionais olhares apreciativos, estava muito mais ciente do que ela.

Logo houve uma comoção no corredor, e eu fiquei tensa, minha imaginação me dizia que eram os guardas vindo me prender. Olhei para a porta certa de que meus olhos estavam arregalados de medo, e então alguém bateu. Eu estava tão tensa que dei um pulo.

— Entre — a rainha ordenou. Eu não a tinha visto se mexer, mas de algum modo ela tinha trocado o roupão diáfano por um quimono parecido com um vestido branco e dourado, e seus cabelos estavam presos em um coque frouxo na base da nuca.

A porta se abriu, e Henry entrou em um rompante, vestido com seu costumeiro gibão e calças agarradas vistosos. Atrás dele, um Cavaleiro entrava arrastando Elizabeth pelo braço. Obviamente, ela estava deitada quando o Cavaleiro foi buscá-la. Os cabelos estavam desgrenhados e parecia que ela tinha se vestido às pressas, pois as saias se arrastavam atrás dela pela ausência das anquinhas. Acho que ela teve sorte que o Cavaleiro permitiu que ela se trocasse. Lágrimas marcavam seu rosto, e a culpa me assolou com ainda mais força.

Henry parou abruptamente ao me ver parada ao lado do Erlking.

Achei ter visto uma pontada de medo em seu olhar, mas talvez eu só visse o que queria ver.

— O que significa tudo isso? — ele exigiu saber. — Por que minha ala foi invadida e minha criada foi arrancada da cama?

Se Henry não tivesse nada a esconder, duvido que tivesse demonstrado tanto ultraje por terem pegado um de seus criados. Ele não tinha lá um relacionamento muito caloroso e camarada com eles.

— Perdoe minha intromissão, meu filho — Titânia disse em uma voz que deixou bem claro que ela não gostou nada do tom dele. — Não tive intenção alguma de atrapalhar sua noite e só desejo interrogar esta criança.

Ela gesticulou na direção de Elizabeth, que parecia prestes a desmaiar de terror. A garota me olhou com súplica, mas, embora eu a tivesse ajudado com a Dama Verde, eu não tinha como ajudá-la naquela hora. Rezei para que Titânia se apiedasse da moça e percebesse que o culpado era o filho dela.

Henry engoliu seu ultraje. Aposto como ele entendeu que Titânia não tinha gostado. Quando ele falou de novo, conseguiu parecer calmo e meramente curioso.

— Por que precisa interrogar uma criada? Ela não é ninguém.

Meu pai me disse que Henry não tinha a astúcia e a sutileza necessárias para atuar com brilhantismo na política cortesã, e ele devia ter razão. Seus protestos, mesmo atenuados, eram como se estivesse gritando: “Tenho algo a esconder!” Claro, tinha algo a esconder, por isso devia estar se sentindo encurralado.

Titânia arqueou uma sobrancelha.

— Se ela é, como você diz, ninguém, então isto não demorará mais do que um instante — ela se virou para mim. — Deposite seu objeto mortal.

Abri o zíper da mochila, procurando alguma coisa que não pertenceria a Faerie. A primeira coisa que peguei foi minha câmera digital, mas eu não queria ficar sem ela.

— Que tal isto? — o Erlking sugeriu, levantando minha pistola. — Não tenho intenção de devolvê-la, e assim que eu deixar a sua presença, ela desaparecerá de qualquer forma.

Assenti. A pistola já tinha sobrevivido à sua utilidade, O Erlking atravessou o quarto, deixando a pistola no chão aproximadamente onde meu relógio esteve antes.

— Aproxime-a — Titânia ordenou ao cavaleiro, Elizabeth, praticamente suspendendo-a.

Henry ainda tentava aparentar calma, mas não estava tendo muito sucesso. Sua expressão facial podia ser neutra, i todos os músculos do seu corpo estavam tensos. Eu não tinha de ver a pistola desaparecer para saber que estava certa, mas Titânia precisava de provas concretas.

O Cavaleiro empurrou Elizabeth, que caiu de joelhos, segurando-a pelo braço. Ela emitiu um gemido de dor, mas logo se calou.

— Não há motivos para ser brutal com a pobre criança — Arawn disse, dando um passo à frente para encarar o Cavaleiro. — Ela não vai a parte alguma.

O Cavaleiro empalideceu e soltou o braço de Elizabeth, recuando um passo com presteza. Mesmo um dos Cavaleiros da rainha sabia que era melhor não contrariar o Erlking.

Meu estômago deu uma cambalhota quando percebi que o Erlking começava sua campanha para seduzir Elizabeth, prontificando-se a resgatá-la, mostrando gentileza quando ninguém mais o fizera antes. Ela era uma criatura infeliz e destroçada, e até mais jovem do que eu. Quais seriam as chances de ela resistir aos encantos de Aram? Ele, certamente, tinha-os quando queria. De algum modo, eu teria de encontrar um modo de alertá-la do perigo.

Mas eu estava me adiantando. Eu ainda tinha de provar que ela era uma faeriewalker. E assim que o fizesse, Titânia poderia entregá-la ao Erlking de qualquer modo.

— Isto é um embuste — Henry disse. — Essa não é uma arma mortal de fato. É meramente uma ilusão, e Seamus providenciou isso.

Eu poderia ter respondido à altura, exceto por Titânia gargalhar, silenciando-me de

surpresa. As faces de Henry ficaram rubras, e seus olhos cintilaram de raiva. E de um pouco de medo, tenho certeza.

— Seamus é um homem inteligente e sutil — Titânia disse — , mas tenho certeza de que ele teria encontrado um modo mais simples de atingi-lo caso desejasse fazê-lo. — Ela caminhou para perto do filho, a frieza de seu olhar agora direcionada a ele em vez de mim. — Você parece estranhamente relutante em permitir que este teste seja levado adiante. É quase como se soubesse que esta criança é uma faeriewalker. Talvez eu comece a entender por que se opôs à minha decisão de convidar a filha de Seamus para a corte.

Henry balançou a cabeça.

— Certamente não pode pensar isso de mim! Só estou preocupado com a possibilidade de isso ser um truque.

O sorriso de Titânia foi meio oblíquo.

— E que eu seja fraca demais para enxergar tal truque?

Isso o calou, pelo menos temporariamente. Ele esfregou o quadril nervosamente, e me perguntei se ele tinha uma arma escondida em algum lugar debaixo daquele gibão.

Titânia se virou para mim e assentiu. Acatei o comando e comecei a sair do quarto, apressando-me para a porta. Eu tinha de passar por Henry para chegar lá, e não gostei nem um pouco disso. Ele parou de esfregar o quadril, e eu não vi nenhuma arma na mão dele, mas isso não significava que não houvesse uma.

A única coisa que me fazia seguir adiante era a convicção que Henry não ousaria me matar na frente de tantas pessoas, ainda mais quando isso o tomaria mais culpado do que nunca. Soltei a respiração que nem sabia que vinha prendendo quando passei por ele sem que nada acontecesse e passei pela porta indo para o corredor. Fiz questão de ir além do ponto em que o relógio tinha desaparecido, só para garantir que a pistola continuava lá.

— Agora a menina — Titânia disse.

O Cavaleiro que tinha arrastado Elizabeth relanceou para Arawn antes de segurá-la novamente. Arawn o deteve com um olhar proibitivo.

— Eu a acompanharei — Arawn disse c, quando Titânia não se opôs, o Cavaleiro recuou.

Elizabeth ainda parecia aterrorizada, mas Arawn se inclinou e lhe disse algo que não consegui ouvir. Ela fungou e assentiu, depois permitiu que ele a ajudasse a se levantar. Olhe

para ela! — Henry disse, já parecendo desespera Ela parece uma mestiça? Pode-se ver claramente que há sangue mortal naquela ali — ele gesticulou com desdém para mim. — Mas Elizabeth é 100% feérica. Pode verificar se há algum feitiço de glamour nela, se quiser.

— Que gentileza a sua me conceder tal privilégio — Titânia disse com acidez. — As aparências enganam, e não posso confiar nisso para saber se a menina é ou não uma faeriewalker. Arawn, por favor, acompanhe-a para fora do quarto.

Arawn se curvou, depois apoiou a mão de leve nas costas de Elizabeth, guiando-a na direção da porta. Ela parecia ainda menor e mais vulnerável perto dele. Enxugou as lágrimas e caminhou, mas seu rosto ainda estava úmido e os olhos, vermelhos e inchados. Tive de combater uma nova onda de culpa.

Forcei-me a desviar o olhar da figura deplorável de Elizabeth e, em vez disso, olhei para Titânia. A rainha não olhava para a porta, mas sim para a pistola. Henry olhava da pistola para a garota, sem dúvida tentando encontrar um modo de salvar a situação.

Em seguida, subitamente Titânia se virou para Henry com um rosnar, e eu soube que a pistola tinha desaparecido. E Henry fez o que qualquer animal encurralado faria: ele atacou.

Eu estava certa. Henry tinha uma arma escondida. Ele deve ter percebido no instante em que os Cavaleiros foram buscar Elizabeth que estava metido em apuros.

Ninguém teve tempo para reagir. Quando vi o brilho do metal na mão de Henry e tentei gritar um alerta, a arma já tinha sido disparada.

Um punho gigante me atingiu no ombro e o impacto foi tão brutal que caí para trás no carpete de pétalas. Elizabeth gritou, e Arawn tentou protegê-la com seu corpo, mas nem mesmo o Erlking era rápido o suficiente para interceptar uma bala. A pistola estourou de novo, e o grito de Elizabeth se transformou em um guincho agudo quando o sangue apareceu de repente na frente do seu vestido. Os olhos dela se arregalaram com o choque, e ela caiu de joelhos.

Levei a mão trêmula para meu ombro, e ela ficou úmida de sangue.

— Ninguém se mexa! — Henry exclamou.

Minha vista embaçou e eu senti como se o cômodo estivesse se mexendo debaixo de mim. Talvez fossem só as passadas dos Cavaleiros e dos trolls reagindo ao ataque surpresa de Henry. A magia preencheu o ar, dificultando a respiração.

— Se alguém lançar um feitiço, ela morre! — Henry ameaçou. Tive de piscar algumas vezes para clarear a vista o bastante para enxergar que ele apontava a pistola para a cabeça de Titânia. — E acredite em mim, atiro mais rápido do que você consegue afastar as faeriewalkers.

Ah, uma voz impassível ecoou na minha mente É por isso que ele atirou em nós Para evitar que

corrêssemos e a pistola desaparecesse Fiquei imaginando quantas outras armas mortais ele tinha

contrabandeado para Faerie com a ajuda de Elizabeth

Forcei-me a me sentar. Por um minuto pensei que fosse desmaiar, O sangue escorria pelo meu peito, e meu braço direito não queria se mexer. Eu estava fraca e enjoada, mas não sentia tanta dor assim. Eu já tinha lido livros em número suficiente para saber que esse não

era um bom sinal, mas fiquei feliz por não sentir nada.

Elizabeth estava em piores condições do que eu. O tiro de Henry me atingiu no ombro, mas ele a alvejou no peito. Ela estava deitada de costas, seu sangue manchando as pétalas brancas de vermelho. O peito se movia com a respiração, mas ela estava inconsciente e pálida demais. Talvez ele tivesse desejado matá-la — ele só precisava de uma de nós viva nas proximidades para que a pistola funcionasse — ou talvez também tivesse mirado no ombro dela e tivesse errado. Provavelmente ele não tinha muita prática com armas mortais. De qualquer modo, eu sabia que ela estava em apuros.

Os Cavaleiros e os trolls ficaram congelados em seus lugares ante a ameaça à rainha. Eu teria dúvidas de que Henry seria capaz de atirar na mãe, até não ter escrúpulos em atirar na filha.

Arawn lançou um olhar ameaçador para os Cavaleiros que levaram Elizabeth para os aposentos de Titânia.

— Vocês não o revistaram para verificar a existência de armas mortais antes de trazê-lo para a presença da rainha com a suspeita de uma faeriewalker ao seu lado e a acusação de traição pendendo sobre sua cabeça?

— ele balançou a cabeça em desgosto antes de se virar para Henry. — Está ciente de que ela não é a minha rainha — ele disse. Ele falou em um tom normal de voz, como se nada extraordinário estivesse acontecendo.

— Portanto, isto não lhe diz respeito — Henry replicou. — Estou certo que você e minha mãe têm alguns acordos dos quais prefere não abdicar.

Com isso, você não haveria de querer que o trono mude de mãos. Sugiro que fique fora disto.

Arawn deu de ombros.

— Muito bem. Todavia, você se deu ao trabalho de garantir uma faeriewalker à sua disposição. Eu lhe asseguro que sua filha seria uma criada bem mais maleável do que Dana; portanto, permita-me curar o ferimento da garota antes que ela pereça.

Rastejei para o lado de Elizabeth e segurei a mão dela na minha. Eu não sabia se ela conseguia sentir, mas depois de denunciá-la como fiz, eu precisava lhe dar qualquer mínimo conforto que estivesse à minha disposição. Seus cílios tremularam com meu toque, mas os olhos não se abriram.

— Você pode curá-la — Henry disse — , mas não faça nenhuma tentativa de afastá-la ou à outra faeriewalker.

Arawn assentiu, depois se moveu lentamente para o outro lado de Elizabeth, mantendo os olhos pregados em Henry ao fazer isso. Não que a anta de Henry pudesse atingi-lo de algum modo, mas talvez por ele de fato se importar com o que poderia acontecer com Titânia. Afinal, ele tinha estado na cama dela.

— Bem, mãe — Henry disse — , precisamos colocar este desafortunado incidente no passado. Para isso, terá de aceitar uma injunção na qual prometerá não me ferir nem permitir ou autorizar que outra pessoa o faça.

Depois disso, nós seguiremos nosso caminho pacificamente.

Arawn olhou para mim por sobre o corpo de Elizabeth, enquanto colocava a mão em seu ferimento.

— Você terá de matá-lo, Dana — ele murmurou, a sua voz saindo com tanta suavidade que tive dificuldades para escutá-lo acima das batidas do meu coração.

Pisquei como uma tola para ele, minha mente começando a ficar dormente com os primeiros sinais de dor querendo invadir minha consciência.

— Hum?

— Você é a única que pode — Arawn continuou, não olhando mais para mim. Ele estava se esforçando para que Henry não percebesse que ele falava comigo. — É difícil matar os sidhe, lembra? Os Cavaleiros precisariam de feitiços múltiplos para destruí-lo, e ele mataria Titânia assim que o primeiro fosse lançado. Você só precisa de um.

Elizabeth emitiu um gemido fraco, e eu apertei ainda mais a mão dela.

Eu já tinha visto o Erlking curar um ferimento de bala, e não me pareceu muito divertido para a pessoa alvejada.

Ele estava brincando, certo?

— Concorda com a minha injunção? — Henry perguntou à rainha.

Titânia estava ereta e altiva, sua expressão livre de qualquer emoção que se assemelhasse a algo humano. Seu filho a traira e ainda lhe ameaçava a vida, mas ela não parecia nem magoada nem assustada, tampouco irada.

Eu já tinha visto estátuas que transmitiam mais emoções do que a rainha de Faerie

naquele instante.

— Se ela concordar — Arawn prosseguiu — , ele poderá ir embora sem arcar com as consequências. Tendo quase matado Elaine, depois de ter armado uma armadilha para você, e dos abusos que fez com esta criança, tendo até mesmo atirado nela.

A dor no meu ombro se tornou um latejar constante, mas achei que já não sangrava tanto quanto antes. As costas de Elizabeth se arqueavam para trás, e a mão dela quase esmagou a minha quando um grito escapou da sua garganta. Com um estremecimento, ela ficou imóvel, e o Erlking afastou a mão do ferimento, segurando uma bala esmagada entre os dedos.

Estremeci e senti um frio repentino. Desejei que estivesse reagindo à sugestão do Erlking e não que estivesse em um processo de sangrar até a morte.

— Concordo — Titânia disse.

Eu sabia que aquilo não era nada bom, mas minha cabeça estava enevoada e, por um momento, esqueci do motivo.

— Dana! — Arawn exclamou em um sibilo urgente. — Você não tem muito tempo.

Pisquei, cambaleando e me perguntando se eu poderia me deitar só um pouco.

— Você pode matá-lo — murmurei — Você não faz parte da corte dela, portanto não faz parte do acordo.

— Contudo eu precisaria da permissão de Titânia para matá-lo, e a injunção não permitirá que ela o faça.

Ah. Que droga.

— Acho que ele vai se safar, então — eu disse, porque de jeito nenhum eu mataria alguém a sangue-frio. Mesmo se levássemos em consideração que eu conseguisse juntar magia suficiente para lançar meu feitiço antes de desmaiar.

Já havia magia demais no ar, ainda que, graças à pistola apontada para a cabeça de Titânia, ninguém ousasse lançá-la mas senti uma onda maior quando ela concordou com a injunção forçada por Henry.

Pensei que tudo acabaria ali, que Henry abaixaria a pistola e que sairia do palácio, e que então eu poderia desmaiar. Mas ele não tinha terminado. A pistola ainda mirava a cabeça da rainha.

— Vou sair do palácio agora — ele disse. — E vou levar as faeriewalkers comigo. As

duas. Concorde que não tentará me impedir.

Ah, não. Aquilo não era nada bom. Nem para mim, tampouco para Elizabeth.

— Faça agora — o Erlking me incitou. — Se sair deste palácio com ele, você não estará em condições de se defender dele mais tarde.

— Não estou em condições de me defender dele agora — respondi.

Pelo menos foi isso o que pensei ter dito. Minhas palavras se arrastavam, minha visão estava embaçada.

Arawn se esticou e me segurou pelo ombro, a mão se apoiando bem em cima do ferimento da bala. E de repente, eu não tive problema algum em sentir a dor.

Não consegui conter um grito.

— Tire as mãos da minha propriedade! — Henry exclamou, e Arawn voltou a se apoiar nos calcanhares, limpando a mão na calça.

— Eu só estava tirando a bala — ele disse simplesmente.

— Não toque nela novamente. Ela é minha.

— Virá a ser, se Sua Majestade concordar com seus termos — o Erlking o corrigiu, e eu sabia que as palavras dele eram dirigidas a mim mais do que a Henry.

O ferimento do ombro ainda latejava, mas minha mente estava um pouco mais lúcida, e eu já não acreditava que fosse desmaiar a qualquer segundo.

— Ajude-me — Elizabeth disse, e percebi que ainda segurava a mão dela. Ela estava consciente, mas isso era tudo o que eu podia dizer sobre as condições dela. Seu rosto estava mais pálido que as pétalas brancas. E havia um brilho no olhar dela como se ela estivesse no limiar de um estado de choque. — Não permita que ele me leve. Por favor. Prefiro morrer.

Ela não devia ter entendido muito bem o que o Erlking pedia que eu fizesse. Só havia um punhado de pessoas que sabia da minha habilidade de produzir magia, e só o Erlking e Ethan conheciam o meu feitiço letal. Ela, porém, entendeu que eu de algum modo tinha o poder de matar Henry, e ela queria desesperadamente que eu fizesse isso.

O terror do olhar de Elizabeth era maior do que eu conseguia suportar.

Houve um rugido em meus ouvidos, tão alto que eu não ouvi o que Titânia e Henry disseram em seguida. Pude, porém, sentir a onda de magia, e entendi que Titânia tinha

concordado em deixá-lo levar tanto Elizabeth quanto a mim. Henry abaixou a pistola com um sorriso de satisfação estampado.

Depois caminhou para a porta, passando no meio dos dois trolls furiosos e vindo em nossa direção. Se eu estivesse defendendo só a mim, eu provavelmente teria hesitado a ponto de impossibilitar qualquer defesa. Mas de mãos dadas com Elizabeth, eu sentia o seu tremor enquanto ela se acovardava no chão, enroscada quase que em uma posição fetal. E soube que não poderia permitir que Henry a levasse. Não de novo.

O rugido nos meus ouvidos abafou qualquer som, mas eu senti a vibração na minha cabeça quando comecei a cantarolar de lábios fechados.

O ar já estava carregado de magia, os Cavaleiros não tinham baixado a guarda nem um pouco, apesar de saberem que não poderiam ferir Henry. A magia formigou em minha pele e dificultou a minha respiração, e eu não sabia se ela estava atendendo ao meu chamado ou se era o efeito residual da magia dos Cavaleiros.

Vi a aproximação de Henry enquanto cantarolava. Eu não tinha como saber se a magia estava prestando atenção em mim, e isso, provavelmente, era muito bom. Enquanto eu não soubesse de onde vinha a magia, ninguém mais saberia também e, portanto, não poderia me deter.

Henry encontrou meu olhar com uma centelha de malícia. Ele não gostou de mim nem antes de me conhecer, só porque eu era filha do meu pai. E agora ele achava que poderia atingir a mim e ao meu pai tornando-me sua prisioneira indefesa.

Esperei até que ele estivesse a poucos passos de mim para liberar minha nota aguda, lançando a magia para ele em um arremesso mal controlado.

A magia atingiu Henry no peito, suspendendo-o no ar. Seus olhos se arregalaram de surpresa e medo, e ele gritou enquanto a magia o afastava de mim, através da soleira da porta, mandando-o de volta para o quarto de Titânia. Ele quase colidiu com ela, mas ela graciosamente deu um passo para o lado, desviando-se dos braços abertos que tentaram se segurar nela.

Ele voou direto para a parede, e pouco antes de bater nela, houve um estranho som de pipocar, e Henry simplesmente... desapareceu.

Suas roupas vazias caíram no chão.

O corredor ficou no mais absoluto silêncio, todos olhando em estado de choque e confusão para a pilha de roupas que antes era o príncipe Henry.

Todos exceto Arawn, claro, que não estava nada surpreso com o que tinha acontecido e afagava os cabelos de Elizabeth enquanto ela chorava baixinho.

Titânia, ainda sem demonstrar emoção alguma, caminhou lentamente para as roupas de Henry. Quando chegou perto delas, deu um cutucão de leve com o pé, como se não tivesse certeza ainda de que Henry não estaria ali. Depois se ajoelhou ao lado delas e passou a mão pelo tecido aveludado, em um gesto quase carinhoso, como se ela estivesse alisando o rosto de uma criança.

Continuei imóvel no chão, abraçando-me e enfiando as mãos debaixo dos braços para esconder o tremor.

Eu tinha acabado de matar uma pessoa. Não, a morte de Henry não foi a primeira pela qual fui pelo menos parcialmente culpada. Usei meu terrível feitiço contra tia Grace, mas não foi meu feitiço que a matou, pelo menos não diretamente. E por mais que eu a odiasse, eu não tentei matá-la de fato.

Mas eu sabia que Henry morreria quando lancei meu feitiço nele. Eu era uma assassina.

— Matar alguém em legítima defesa não é um crime — Arawn disse, sua voz parecia ecoar pelo corredor. Eu não sabia se ele estava falando comigo ou com Titânia. Talvez com ambas.

Titânia se pôs de pé lentamente, movendo-se como uma anciã. Sua expressão ainda estava controlada, mas tive a sensação de que ela a refreava por um fio apenas. Também tive a sensação de que seria ruim para todos por perto se ela perdesse esse controle. A tensão no ar era palpável, e não era pelo choque diante da morte de Henry. O olhar dela prendeu o meu, e o poder ancião do seu olhar me manteve presa enquanto ela se afastava do corpo — isto é, das roupas — de Henry e veio em minha direção.

Meu instinto de autopreservação sugeria que eu recomeçasse a cantarolar, mas resisti ao impulso. Ameaçar a rainha não me parecia a melhor ideia logo depois de ter matado seu filho. Tenho certeza de que ela devia estar bem brava pelo que ele tinha feito, mas sabia por

experiência própria que era muito difícil deixar de amar um membro da família, mesmo quando eles faziam trapalhadas.

— O que fez com meu filho? — Titânia perguntou, sua voz mais gélida do que nunca.

Lambi os lábios nervosamente.

— Eu, hum, tomei-o mortal, acho. Desculpe, eu não podia permitir que ele me levasse. Ou Elizabeth — a inspiração me atingiu, embora talvez eu estivesse confundindo inspiração com desespero. — Elizabeth é sua neta.

Você viu como ele a tratava: como uma propriedade, uma que ele nem mesmo cuidava direito. Ele atirou nela, e se Arawn não tivesse se prontificado, Henry não se importaria em deixá-la morrer. Pouco importa o que pensa de mim, mas você gostaria de vê -l levando-a embora como uma prisioneira? De novo?

Eu não sabia dizer só de olhar para ela se meus argumentos estavam surtindo efeito ou não. Jogadores de pôquer invejariam sua total falta de expressão facial.

— Eu deveria mandar executá-la — ela disse, e um dos trolls avidamente deu um passo à frente. Oferecendo-se para o serviço, sem dúvida.

— Ela não cometeu crime algum — Arawn disse. Eu não sabia muito bem por que ele estava me defendendo, mas não estava disposta a reclamar.

Eu parecia saber irritar os feéricos e não queria irritar Titânia enquanto ela decidia se me executaria ou não, por isso fiquei satisfeita em deixar que Arawn continuasse falando.

— Ela matou meu filho.

— Em legítima defesa. E depois que ele atirou nela e na sua neta e segurou uma arma mortal contra a sua cabeça. Por certo não pode culpá-la por isso.

— Henry jamais teria recorrido métodos drásticos se ela não o tivesse forçado a isso.

Pelo visto, Titânia não era dada a perdoar e a esquecer. Talvez fosse melhor eu começar a chamar a magia, afinal. Só que agora as pessoas sabiam o que eu era capaz de fazer, e eu suspeitava que acabaria morta antes que a primeira nota escapasse dos meus lábios. A magia de Henry podia protegê-lo de ser morto por um feitiço letal — exceto pelo meu — não tinha o mesmo luxo.

— Ele gerou uma faeriewalker, Titânia — Arawn disse com o que parecia uma pontada de exasperação na voz. — Gerou e manteve em segredo de todos, inclusive de você. Não pode

imaginar que os motivos dele tivessem sido puros. Titânia refletiu sobre o assunto por um instante longo e sofrido. Depois se virou para Elizabeth, e sua voz se suavizou.

— Onde está sua mãe, criança? — ela perguntou.

Elizabeth ainda parecia bem perto de desfalecer de puro terror, mas conseguiu responder: — Ele a matou — ela disse, parecendo ainda mais jovem do que era. — Ele foi para Avalon cerca de três anos atrás e visitou minha mãe — seus olhos se encheram de lágrimas. — Ela ficou tão feliz por eu finalmente ter a chance de conhecer meu pai. Mas quando ele soube de mim... — a voz dela sumiu.

— O que aconteceu quando ele soube da sua existência? — Titânia insistiu. Considerando-se o quanto ela conseguia ser fria e aterrorizante, admito que me impressionei com a gentileza com que ela falava com Elizabeth.

— Ele a matou — Elizabeth sussurrou. — Ele a matou e me levou dali.

Depois me trouxe para Faerie.

Titânia pareceu transtornada.

— Isso não pode ter acontecido — ela disse, embora não parecesse acreditar nas próprias palavras.

— Dana lhe fez um favor — Arawn disse. — Liberte-a e se console com o fato de ter ganhado uma neta.

— Preciso pensar a respeito — Titânia respondeu.

Uma criada feérica passou pela porta falsa do corredor. Ela não parecia surpresa pelo que viu, portanto imaginei que tivesse sido convocada de alguma maneira. Titânia chamou a mulher com um gesto e apoiou a mão em um ombro de Elizabeth.

— Leve esta criança para um curandeiro para que tenhamos certeza de que seus ferimentos foram corretamente cuidados — Titânia disse. — E providencie para que a suíte de Henry seja esvaziada e redecorada para ela.

Os olhos de Elizabeth se arregalaram e seu queixo caiu. Titânia sorriu para ela, e o sorriso derreteu o gelo do seu olhar. Podia até mesmo haver uma pontada de gentileza em seu rosto, apesar de gentileza e rainhas feéricas não combinarem muito.

— Você é minha neta, e seus pais estão mortos. Cuidarei de você como seu pai deveria ter cuidado desde o dia em que nasceu.

— Po... posso voltar para Avalon? — Elizabeth perguntou cheia de esperanças.

Titânia afagou o cabelo dela, com um gesto gentil e possessivo.

— Um dia, quem sabe.

Um dia quando Elizabeth tivesse sido treinada adequadamente como o cachorrinho de estimação de Titânia, era o que ela queria dizer. Parecia ser a sua filosofia: os faeriewalkers poderiam viver desde que se mostrassem úteis. Ainda estava para ser decidido se o fato de eu ter matado Henry foi útil ou se me condenaria.

A criada conduziu Elizabeth.

— Você vem comigo — Titânia disse para mim com um aceno antes de voltar para o quarto.

Eu a segui com relutância, desejando que ela se decidisse logo. Eu queria sair dali, do Palácio Suune e de Faerie. Arawn deu um passo para nos seguir, mas Titânia se virou e balançou a cabeça para ele.

— Eu não convidei você— ela disse. — Não desta Arawn lançou um sorriso amplo para ela.

— E acha que isso pode me impedir? Tenho interesses no bem-estar de Dana.

O lembrete me fez corar, especialmente quando o olhar afiado de Titânia me garantiu que ela sabia muito bem ao que o Erlking se referia.

Tentei me lembrar de que não tinha feito nada de errado quando concordei em entregar minha virgindade a ele. Foi o único modo de eu salvar Ethan, nunca pretendi cumprir com a minha parte do acordo, mo que o preço disso ficasse cada vez maior.

Titânia olhou para mim.

— Arawn é um aliado bem perigoso — ela disse.

— Não se preocupe — repliquei. — Não farei nada estúpido com ele.

Arawn riu de leve.

— Ela é bem teimosa, essa nossa faeriewalker.

Encarei-o brava, mas isso não diminuiu em nada o seu divertimento.

Fiquei me perguntando se ele achava mesmo que um dia eu iria para a cama com ele. Um

dia ele alegou que acreditava que o tempo enfraqueceria a minha resistência, mas isso foi antes de eu saber quais seriam as consequências.

E isso me fez pensar em Elizabeth mais uma vez. Lá estava outra faeriewalker fêmea — uma que pelo visto também era virgem, ou Henry não a teria ofertado à Dama Verde — que lhe seria mais vulnerável. E nem Titânia, nem nenhum membro da corte poderiam avisar Elizabeth sobre os reais motivos do Erlking. Não, só eu poderia fazer isso, e isso me fez pensar se eu já não servia mais para ele.

Claro, ele tinha discutido com Titânia para salvar minha vida. Mas seus planos e maquinções eram tão complexos que eu raramente entendia exatamente o que ele estava tramando até ser tarde demais.

Titânia expressiu seu ceticismo, porém não disse nada. Daquela vez, quando Arawn nos seguiu para o quarto, ela não protestou.

Pisquei surpresa quando passamos pela porta, e entramos em um cômodo completamente diferente daquele em que estivemos antes. A cama não estava mais lá, assim como o carpete de pétalas de rosas. O chão estava coberto por um gramado verde-maçã, cortado bem rente como nos campos de golfe, e a mobília consistia de três cadeiras, diferentes de tudo o que já vi antes. Elas se projetavam do chão, a partir de raízes retorcidas, seus troncos reluzentes formavam a concavidade dos assentos adornados com almofadas fofas que mais pareciam ser feitas de musgo. Havia três delas, dispostas em um triângulo e de frente uma para a outra, mas uma delas estava decorada por roseiras brancas que permeavam o ar com seu perfume.

Titânia se acomodou na cadeira decorada com rosas, gesticulando para que eu e Arawn nos sentássemos nas outras. As duas cadeiras eram grandes o bastante para que Arawn se sentasse confortavelmente, o que significava que a minha cadeira me fazia sentir pequena e vulnerável. O que, pensando bem, eu era mesmo, considerando-se o fato de que eu estava na presença de duas das mais poderosas pessoas em Faerie.

Titânia se sentou rígida em sua cadeira, a figura da realeza em seu vestido bordado e com seus olhos de aço. Arawn estava consideravelmente mais relaxado, quase largado na cadeira, e havia um brilho nos seus olhos que dizia que ele esperava se divertir com o que quer que acontecesse em seguida.

— Ouvi dizer que as pessoas em Avalon estão mais acostumadas a serem francas e diretas do que nós, da corte — Titânia começou.

— Um eufemismo — Arawn interrompeu com uma risada.

Titânia lançou um olhar irritado que não o incomodou em nada, mas ela não permitiu que ele a distraísse por muito tempo.

— Portanto, tentarei ser franca e direta.

Ai, que maravilha.

— Estou inclinada a ordenar a sua execução — ela disse, eu senti o fundo do estômago despencar. Eu poderia ter ficado sem essa coisa de ser franca e direta, se era isso o que ela tinha em mente. — Você matou meu filho. Não sem razão, eu mas ainda assim é um crime punível com a morte.

Senti o coração bater em algum lugar na minha garganta, e minha pele estava pegajosa. Eu não acreditei que me livraria tão fácil, mas estava pensando que tinha melhorado a minha situação. Pelo visto, eu estava errada.

— Mas essa seria a desculpa para matá-la — Arawn disse — não *o motivo*

Titânia olhou feio de novo para ele, sua expressão ainda mais significativa que antes.

Arawn deu de ombros.

— Até você terminar a sua explicação “franca e direta”, Dana vai estar tão atemorizada e confusa que não vai fazer ideia do que você disse. Passei tempo suficiente em Avalon para falar como um nativo.

Ela, obviamente, não gostou nem um pouco. Nem eu sabia se eu gostava.

— O motivo para matá-la — Arawn continuou — é que você é uma ameaça. Uma ameaça ainda maior do que Titânia imaginava.

Por causa do feitiço, ele queria dizer, O feitiço que ele me incitou a usar e que ele sabia que mostraria a Titânia o quanto eu podia ser perigosa.

Eu era uma idiota por me sentir traída pelo Erlking, mas não consegui evitar. Eu sabia que seus encantos eram enganadores, mas eu caía neles toda vez.

— Você poderia matar a rainha, ou qualquer um dos seus cortesãos, sem nenhuma arma na mão — o Erlking disse, como se já não tivesse sido bem claro. — Isso faz de você a faeriewalker mais perigosa que já existiu.

Eu devia estar demonstrando todo o meu terror, porque Titânia o silenciou e falou com suavidade, como tinha falado com Elizabeth.

— Não precisa ser assim — ela disse. — Tudo o que precisa fazer para provar que não é uma ameaça para nós é jurar sua lealdade à Corte Seelie.

As garras da armadilha se fecharam ao redor do meu tornozelo.

Um dia, meu pai me disse que por eu ser filha de um feérico seelie, eu, automaticamente, era considerada parte da Corte Seelie. Mas ter outras pessoas deduzindo que eu era membro da Corte Seelie não era a mesma coisa que ser um membro da corte. Eu não estava ligada por juramento algum, e Titânia não tinha o direito de me dar ordens. No entanto, se eu jurasse lealdade à corte...

Olhei de relance para o Erlking, que não sorria de malícia exatamente, mas que definitivamente tinha uma pontada de triunfo nos olhos. Eu entendia muito bem por que ele gostava de como as coisas se encaminhavam. Se eu jurasse lealdade à Corte Seelie, então eu também ficaria presa pelo seu acordo com Titânia a não revelar a ninguém que, se uma virgem se entregasse a ele espontaneamente, ele poderia roubar seus poderes, e até mesmo sua vida. A injunção em torno desse acordo era tão forte que meu pai não conseguiu nem mesmo me dar um alerta enviesado a esse respeito. O que significava que não haveria ninguém para avisar Elizabeth que seu novo “amigo” tinha outras motivações.

Balancei a cabeça com os punhos cerrados sobre o colo.

— Caio em seus truques todas as vezes — eu disse amarga. — E eu que me achava tão esperta.

— Não houve truque algum — ele disse. — Não Só você poderia matar Henry, e se não o fizesse, quanto Elizabeth teriam sofrido.

— E você nem pensou em como se beneficiaria ao me incentivar a fazer isso, não?

Ele contraiu os ombros imensos.

— Não vou dizer que não estava ciente das vantagens. Porém, não foi por isso que o fiz. Não sou o monstro que acredita que eu seja.

— É. Você é candidato à santidade.

Como de costume, ele riu do meu sarcasmo, mas o riso logo sumiu.

— Já pensou que, quando Titânia me deu permissão para caçá-la, eu poderia tê-la ligado ao bando dos Caçadores Bárbaros e obrigado a me levar ao mundo mortal sempre que eu desejasse?

— Ah, e não era isso o que estava tentando fazer quando obrigou Ethan a me sequestrar no meio da noite?

Ele olhou para mim com condescendência.

— Pense bem por um minuto, Dana — sua expressão era perversa. — E faça de conta que não sou um idiota.

Isso ele não era mesmo.

Não, ele não era nem um pouco idiota. Por que, então, usou Ethan para tentar me capturar? Graças à marca no meu ombro, Arawn poderia me encontrar onde quer que eu estivesse, e se ele e seu bando me encontrassem, não havia nada que eu pudesse fazer para fugir deles. Se Arawn não tivesse tentando usar Ethan, eu nem saberia que ele estava me caçando. Pelo menos até ser tarde demais.

E também havia a questão de como ele fez Ethan tentar me capturar.

Ethan disse que lutou contra a ordem o quanto pôde, fazendo tanto barulho a fim de que Keane e Kimber despertassem e o detivessem. Mas era evidente que o Erlking saberia dar ordens específicas sem permitir brecha alguma.

Ele poderia ter ordenado a Ethan que me levasse sorrateiramente do nosso acampamento, até mesmo me deixar inconsciente para que eu não lutasse, e Ethan teria de fazer isso.

— Mas por quê? — perguntei, totalmente confusa. Toda vez que eu pensava que tinha entendido o Erlking, ele fazia alguma coisa para provar que eu estava totalmente errada.

— Se uma oportunidade como essa tivesse se apresentado no início quando eu ainda não a conhecia — ele disse teria aproveitado. Eu ainda desejo caçar no mundo mortal, e se eu pudesse persuadi-la ou coagi-la a me aceitar, eu faria. Porém, não quero que se destrua nesse processo. Ficar unida aos Caçadores Bárbaros destruiria sua centelha especial. E lembre-se de que os mortais que ficam ligados aos Caçadores não sobrevivem muito tempo. Seu sangue feérico provavelmente preservaria sua vida por diversos anos, talvez até mesmo uma década, entretanto você é mortal demais para sobreviver indefinidamente.

Esfreguei os olhos, exausta e com uma gigantesca dor de cabeça por todo aquele estresse e pelas intrigas constantes. Eu tinha bastante certeza de que ele dizia a verdade sobre não querer me unir aos Caçadores Bárbaros, mas eu não tinha tanta certeza de que seus motivos fossem tão benevolentes.

Afinal, ele ainda tinha esperanças de que eu lhe entregasse a minha virgindade, tomando, assim, meus poderes de faeriewalker para si. Se ele fizesse isso, teria acesso ao mundo mortal toda vez que desejasse, não só pelo tempo em que meu corpo mortal sobrevivesse aos rigores de pertencer ao bando. Motivos dentro de motivos dentro de motivos, todos entrelaçados e confusos.

— Tanto faz — murmurei, balançando a cabeça. Talvez ele tivesse preparado uma armadilha para mim, talvez não. No fim, não fazia diferença. Despreguei o olhar do Erlking e o voltei para Titânia. — Percebe que se eu for membro da Corte Seelie, não poderei alertar Elizabeth a respeito dele.

— Não se esqueça de que Connor ainda faz parte do meu bando — o Erlking me lembrou.

Fiz uma careta, porque eu tinha quase esquecido Connor. Quando fiquei sabendo do segredo do Erlking, ele jurou que se eu contasse para alguém, ele faria Connor pagar por isso. Eu não podia dizer que conhecia meu irmão, portanto talvez eu estivesse protegendo alguém que nem merecesse minha proteção. Mas Connor era feérico, portanto imortal, e sofrer os castigos que o Erlking infligiria a ele se assim o quisesse...

— Será responsabilidade minha proteger a minha neta — Titânia disse. — Ela não é a única neta que tive de proteger da influência de Arawn.

Algo em sua voz me gelou, embora eu não soubesse definir o quê.

Porém, eu sabia que o modo mais infalível de proteger Elizabeth de Arawn sem lhe contar a verdade seria garantir que ela não continuasse virgem por muito tempo.

Titânia seria tão fria assim? Tão implacável? Quis tanto que meu pai estivesse ali para poder perguntar isso a ele. A situação estava muito além das minhas capacidades... Pensei que eu entendesse um pouco como a política e as intrigas feéricas funcionavam, mas era muito pior do que imaginei. Talvez ter salvado Elizabeth das garras de Henry acabasse não sendo uma boa ideia no fim.

— Ora, ora — Titânia disse. — Você é uma herdeira natural da Corte Seelie. É mais do que justo que assuma seu lugar. Jure lealdade, e podemos deixar este incidente desagradável para trás.

Não havia o que pensar, certo? Junte-se à Corte Seelie e viva, ou recuse-se a se juntar e morra. Mas, se aprendi uma coisa à duras penas, foi que nada a respeito dos feéricos era simples.

— Quero falar com meu pai antes de decidir — eu disse.

— Já sabe o que seu pai aconselhará — Titânia respondeu. Havia uma pontada de impaciência em sua voz. Ela provavelmente não estava acostumada às pessoas não fazerem exatamente o que ela lhes dizia para fazer, quando ela os dizia para fazer.

Meu pai me diria que eu não tinha escapatória. Mas, pensando bem, meu pai também disse para eu desistir de Ethan depois que o Erlking o capturou. Eu não gostava do acordo que fiz com o Erlking, mas se eu tivesse que repetir o que fiz, eu faria tudo de novo. Eu jamais permitiria que Ethan ficasse escravizado aos Caçadores Bárbaros tendo meios de salvá-lo.

Meus instintos — ou paranoia, pode escolher — diziam-me que se eu aceitasse o acordo com a rainha de Faerie, tão escravizada quanto Ethan. Eu queria viver, mas não daquela forma. Talvez eu estivesse sendo teimosa, ou simplesmente estúpida, mas já entrei em tantas armadilhas que não queria entrar em mais uma.

Quando Henry se aproximou de mim, a magia atendeu ao meu chamado mais rápido do que em todas as outras vezes. Tive o elemento surpresa ao meu lado, mas deduzi que também o teria, pois Titânia era segura demais de si para imaginar que eu resistiria mais uma vez. Afinal, eu não passava de uma garota assustada, mas que estava farta de ser manipulada e forçada a fazer o que não queria. Eu podia estar em um cômodo com duas das pessoas mais poderosas de Faerie, graças à minha magia singular, eu também era uma destas pessoas. E estava na hora de provar isso.

Esfreguei os lábios com o polegar, fingindo pensar enquanto cantarolava tão baixinho que o som não passava de uma vibração na minha garganta.

A magia não teve dificuldades em me ouvir, e subitamente o lugar ficou carregado com a sua energia. Titânia arfou e se levantou, embora Arawn simplesmente erguesse as sobrancelhas. Um dia ele disse que meu feitiço podia não funcionar nele porque ele não era sidhe, portanto ele talvez não estivesse tão preocupado. Mas pensando bem, os bogles também não eram sidhe...

— Não estou planejando lançar feitiço algum — disse a Titânia, depois voltei a cantarolar para garantir que a magia não perdesse o interesse. — Só a estou lembrando que eu posso. Não quero me unir à Corte Seelie. Eu só quero voltar para casa e ser uma adolescente normal. — Rá! Como se isso pudesse acontecer algum dia! Cantarolei um pouco mais. — Se está preocupada com a ameaça que represento por causa da minha magia, então permitirei que me coloque sob uma injunção para que eu não a use exceto em legítima defesa. Como o acordo que Arawn tem com o governo de Avalon sobre não atacar seus cidadãos.

Titânia praticamente tremia de fúria, e se antes ela não era uma inimiga declarada, agora ela era.

— Eu não a estou ameaçando — eu disse. — Chamei a magia porque temi dizer “não” para você sem poder me defender já que deixou bem claro que vai me matar se eu não concordar.

Isso não era totalmente verdade. Sim, ter a magia a postos podia desencorajar qualquer um que tentasse me matar, mas minha decisão de chamá-la foi baseada mais na raiva que no medo. Mas Titânia não tinha de saber disso.

Minhas palavras não pareceram apaziguá-la muito. Na verdade, eu poderia jurar que seus olhos incandesceriam a qualquer segundo.

— Titânia, minha cara — o Erlking disse em uma fala arrastada. - Sugiro que se contenha para não fazer nada precipitado. Se há uma coisa que aprendi a respeito de Dana no decorrer do nosso relacionamento é que ela defenderá todos aqueles a quem ama com uma determinação feroz.

Prejudicar o pai e os amigos dela seria... desaconselhável.

Meu coração oscilou e minha voz falseou. Eu nem havia pensado no que Titânia poderia fazer com seus prisioneiros indefesos se estivesse furiosa comigo, mas sem poder me atingi. A raiva tinha sobrepujado meu raciocínio, e se Arawn não tivesse dito nada, eu poderia não ter reconhecido a ameaça até ser tarde demais.

Rapidamente recobrei a postura, antes que a magia sumisse. Meu cantarolar estava bem desafinado, mas bastava para manter a magia ao meu redor.

— Garanta nossa passagem de volta para Avalon — eu disse.

— A minha, a do meu pai, a de Ethan, Kimber, Keane e Finn. E Elizabeth! — a garota foi um acréscimo de última hora, mas caramba, depois do que eu a fiz passar, achei que poderia incluí-la. — Faça isso, e eu aceitarei uma injunção para nunca atacar ninguém da Corte Seelie com a minha magia a menos que eu seja atacada primeiro.

Titânia voltou a se sentar. Ela tinha recolocado a máscara de rainha, as emoções estavam bem escondidas debaixo da superfície, mas eu sabia que ela ainda estava fervilhando. Ela tamborilou os dedos nos braços da cadeira enquanto pensava. Continuei cantarolando, embora fosse difícil fazer isso com tanta magia acumulada no ar.

Titânia pareceu pensar por uma eternidade antes de finalmente chegar a uma decisão. Ela

tentou mais uma vez me recrutar, embora não com muito esforço.

— Se jurar lealdade à Corte Seelie, isso não só selará a paz entre você e os meus súditos como também a protegerá da minha contraparte na Corte Unseelie. Mab quis eliminá-la no instante em que soube da sua existência, mas ela não ousaria agir contra um membro da minha corte.

— Aposto que se ela souber do que sou capaz, ela não vai sentir tanta vontade de me ter como inimiga — argumentei. Arawn riu diante disso, embora Titânia não parecesse ter gostado muito. — Então, temos um acordo, ou não?

— Não poderá levar Elizabeth — ela respondeu. — Ela é minha parente, portanto, é meu dever protegê-la.

— Quer dizer controlar.

— Não poderá ficar com ela — ela repetiu. — Garantirei passagem livre para você e os outros, mas ela terá de ficar comigo.

Eu gostaria de poder ajudar Elizabeth, mas logo vi que Titânia não cederia. Além disso, ela tinha razão. Elizabeth era sua neta, e a mim só restava esperar que ela cuidasse dela melhor do que cuidou de Henry.

Estremeci, perguntando-me se tinha pensado em tudo, ou se tinha deixado alguma brecha devastadora que acabaria comigo ou com os meus amigos feridos. Mas como não consegui pensar em mais nada e a pressão constante da magia começava a embaçar minha vista, eu disse: — Acho que temos um acordo, então — eu disse, levantando-me e estendo a mão para ela.

Ela olhou para a minha mão como se ela fosse um monte de estrume e não quisesse tocá-la. Pelo canto do olho, vi Arawn se levantar da cadeira. Ele tirou uma adaga da bota e entregou-a pelo cabo para Titânia.

— Não se sobressalte — ele me disse quando me viu recuar um passo.

— O acordo deve ser selado com sangue. — Ele sorriu para mim. — Imagino que nenhuma de vocês o queira selar com um beijo.

Ai, credo, não! Quando fiz meu acordo com Arawn, nós o selamos com um beijo, e a magia me descontrolou a ponto de eu querer arrancar as roupas e agarrá-lo ali mesmo. Eu não faria aquilo com Titânia, mesmo Arawn tendo me avisado que selar um acordo com sangue envolvia uma bela porção de dor.

Finalmente, parei de cantarolar porque desmaiaria se não o fizesse.

Quase esperei que Titânia cravasse a adaga do Erlking no meu peito, mas, em vez disso, ela segurou meu pulso quase esmagando meus ossos e rasgou minha palma.

A dor foi tanta que travou meu corpo, e eu emiti um gemido estrangulado que não foi bem um grito. Ela me cortou tão fundo que cheguei a ver um pedaço do meu osso, e não consegui conter as lágrimas que inundaram meus olhos. Ela fez um corte bem mais superficial em sua palma, depois pressionou os cortes enquanto a magia nos envolvia.

Dessa vez eu gritei. Acreditei que o ferimento estivesse doeu-do antes que a magia aumentasse a sensação. Mal consegui continuar consciente enquanto Titânia repetia os termos do nosso acordo. Apesar de o corte dela não ser tão fundo quanto o meu, ela também devia estar sentindo dor, embora não deixasse transparecer isso nem no rosto nem na voz. Ela mais uma vez tinha voltado a ser a fria e impassível rainha de Faerie enquanto eu soluçava como uma garotinha.

De alguma maneira, consegui gaguejar minha parte do acordo antes que minha vista escurecesse e a dor sumisse repentinamente.

Quando acordei, estava deitada de costas no chão de grama com a cabeça apoiada no colo de Arawn. A princípio eu estava atordoada demais para entender o que estava acontecendo, mas quando minha mente desanuviou, apressada.

Com pressa demais — minha cabeça entontecida me disse — e tive de fechar os olhos até que o mundo ao redor parasse de girar e a náusea sumisse.

Quando abri os olhos novamente, vi que Arawn tinha se afastado e se sentava com as costas apoiadas em uma das cadeiras, com uma perna esticada à frente e a outra dobrada. Ele me observava, mas não disse nada, fato pelo qual me senti grata. Eu precisava de tempo para me recuperar antes de ser capaz de sustentar uma conversa.

Estremeci ao me lembrar o motivo de estar deitada no chão. Havia muito sangue nas minhas calças, se era do ferimento à bala ou do corte da palma, eu não sabia. Virei a mão e olhei para a palma, mas alguém — Titânia ou Arawn, mais provavelmente — curou o corte profundo e já não havia nada ali não ser uma linha fina vermelha.

— Todos os seus ferimentos foram curados — Arawn disse devagar e baixo, como se estivesse tentando não sobressaltar um animal assustado.

Assenti, ainda não confiando na minha voz. Relanceei pelo quarto e vi que Titânia tinha sumido, o que devia ser uma coisa boa. Quanto menos nos víssemos, mais provavelmente eu sobreviveria até a vida adulta.

Demorou um pouco para que as implicações do que o Erlking disse fizessem sentido. Ele disse que todos os meus ferimentos tinham sido curados. E se referia à queimadura também?

— A marca teria terminado de cicatrizar em mais um ou dois dias — ele disse, respondendo à pergunta que não fiz. — Eu só acelerei o processo.

— Então o rosto de Ethan também vai se curar? — perguntei e descobri que minha voz estava rouca e áspera. Quanto será que gritei? Eu não queria saber.

Ele assentiu.

— Quando Titânia o libertar, eu também curarei a marca dele. Tenho certeza de que será mais agradável olhar para ele sem uma ferida cheia de pus em seu rosto.

— E coincidentemente, será mais fácil para você controlá-lo.

— Talvez sim, talvez não.

Franzi o cenho.

— O que isso quer dizer?

— Tenho uma proposta a fazer.

Rapidamente me levantei, apesar de a vertigem ameaçar me engolir novamente. Cerrei os dentes e a combati.

— Ah, não! — repliquei, recuando um passo. — Não quero mais saber das suas propostas!

Ele riu e permaneceu sentado. Eu estava tentada a chamar a magia de novo, O Erlking era um poder independente, não era membro da Corte Seelie, o que significava que ele não estava protegido pelo meu acordo com Titânia.

— Acredito que queira ouvir esta proposta — ele disse.

Não, eu não queria ouvir. Mas não tinha certeza se poderia me dar ao luxo de não ouvir. Maldito seja ele!

O Erlking deve ter sentido minha capitulação, embora não dissesse nada. Continuando a me observar atentamente — e se eu não o conhecesse bem, diria que estava com receio de mim —, ele se levantou. Tive de praticamente dobrar o pescoço para trás para encará-lo.

— Tive o privilégio de conhecê-la bem nos últimos tempos — ele disse em sua voz grave e retumbante.

Bem demais, em minha opinião. Na metade do tempo, eu podia jurar que ele previa minhas ações antes mesmo de eu saber o que faria.

— Houve uma época em que eu acreditava que com o tempo conseguiria persuadi-la a cumprir a sua parte no nosso acordo, mas hoje já não tenho tanta certeza.

— Mas não pode recuar no nosso acordo, pode ? — perguntei sobressaltada.

Ele fez um gesto no ar com a intenção de me acalmar.

— Não, não, não é isso que estou tentando dizer.

Eu soltaria um suspiro de alívio se não suspeitasse que o que ele diria seria algo muito

pior.

— Você, obviamente, quer proteger Elizabeth — ele continuou. É, eu queria tanto protegê-la que abri mão dela. Duas vezes.

— Você não aceitou a oferta de Titânia de se afiliar à Corte Seelie, portanto está livre para alertar Elizabeth a meu respeito.

Eu vinha tentando não pensar nisso, mas claro que não poderia protelar o desagradável por muito tempo.

— Não esqueci que mantém Connor como refém — eu disse, fitando o chão na esperança de que Arawn não lesse minha expressão. Porque eu teria de fazer uma escolha entre proteger Connor ou Elizabeth, e eu não sabia bem qual seria a minha decisão. Connor era meu irmão, mas Elizabeth já tinha passado por tantas coisas em tão pouco tempo de vida. Eu tinha tanta pena dela...

— Mas talvez isso não baste para impedi-la de dizer alguma coisa — o Erlking disse E lá se iam meus esforços de esconder o que eu pensava.

— Além disso — ele disse, sua voz se suavizando — , Connor é parte do bando dos Caçadores há muitos séculos. Como já tentei lhe dizer, não sou o monstro que pensa que sou. Posso gostar e desgostar das pessoas como qualquer um, e eu gosto de Connor. Eu preferiria não ser forçado a castigá-lo por algo que ele não tem culpa. E eu farei isso se você me obrigar, mas não quero ter de fazê-lo. Entende?

Eu estava cansada demais para conseguir do que um olhar bravo.

— Sim, entendi. Isso o magoaria muito mais do que feriria Connor, blá, blá, blá...

Os lábios de Arawn se retorceram como se ele estivesse reprimindo um sorriso Minha proposta é a seguinte: libertarei Ethan incondicionalmente do bando e dos meus serviços. Removerei a minha marca, e será como se o cativeiro dele jamais tivesse acontecido.

De súbito, meus joelhos ficaram moles e fracos de novo, e eu me apressei para me sentar em uma das cadeiras antes de desabar.

— Isso significa que... — eu não conseguia dizer as palavras, quase temendo a resposta.

— Significa que Ethan não seria mais meu refém. Significa que eu não o prenderia novamente ao bando se você entregasse sua virgindade a outro homem.

Ficar livre do acordo com o Erlking... Minha mente mal compreendia o que tudo aquilo

significava.

Nas semanas que se seguiram ao meu pacto com o diabo, tentei me conformar com um futuro verdadeiramente deprimente. Eu jamais poderia fazer sexo sem perder Ethan para os Caçadores Bárbaros novamente, e mesmo que ele e eu rompêssemos um dia, eu jamais o sacrificaria dessa maneira. Tentei me convencer de que suportaria a ideia de morrer virgem, que teria uma vida boa mesmo se nunca pudesse me casar e ter filhos ou ter um relacionamento remotamente normal com qualquer rapaz. Não fui bem-sucedida em me enganar.

— Você é determinada demais para eu acreditar que um dia se entregará voluntariamente a mim — o Erlking disse. — Parece inútil manter nosso acordo intacto.

Mesmo com minha mente exausta e chocada, não foi difícil entender aonde ele pretendia chegar.

— Isso porque agora você tem outra faeriewalker para cobiçar. Uma que pode lhe entregar o que quer com mais facilidade.

— De fato. Em troca da liberdade incondicional de Ethan, você aceitará uma injunção que a impedirá de revelar o meu segredo.

— Portanto, eu conquisto a minha liberdade, tentar alertar Elizabeth para que se mantenha afastada de você — senti lágrimas de frustração e raiva se avolumando em meus olhos e lutei para que elas não caíssem.

Ele assentiu. Seus olhos pareciam até gentis, mas aquilo era apenas uma mentira.

— Uma das lições mais difíceis a se aprender na vida é que não se pode salvar todos. Acredito que essa lição seja particularmente difícil para você.

Uma parte minha sabia que ele tinha razão, recusava a ceder sem lutar. Entoei uma nota. A magia atendeu ao meu chamado, mas parecia preguiçosa, e o cômodo girou ao meu redor. O Erlking não pareceu nem remotamente alarmado.

— A magia cobra um preço — ele disse — e você já a usou bastante hoje.

— Aposto como consigo lançar mais um feitiço — arfei, hora não tivesse tanta certeza. Eu mal conseguia conter um pouco de magia e suspeitava que precisaria enormes quantidades para lançar meu feitiço especial.

O Erlking se sentou, completamente relaxado apesar ter visto o resultado da minha magia

pouco antes.

— Eu honestamente não acredito que a sua magia funcione em mim.

Como se ele fosse admitir caso acreditasse que sim.

Seu cenho se franziu em pensamento, como se ele tentasse escolher cuidadosamente as palavras.

— Não nasci — ele disse. — Não tenho pais, lembrança de infância, lembrança de ter sido algo diferente do que sou agora. Há uma razão para eu ser imortal, e acredito que seja porque, para início de conversa, eu não estou nem vivo. Sou uma força da natureza, ou uma edificação da magia, ou um elemento integral de Faerie. Mas não sou uma coisa que possa ser destruída.

Deixei a magia ir embora, não só porque meu corpo inteiro tremia com o esforço para sustentar mesmo só uma pontinha dela. O Erlking parecia sincero, e talvez ele acreditasse mesmo no que dizia. Certamente, porém, eu não o consideraria incapaz de inventar esse discurso só para me desencorajar de lançar esse feitiço. Até onde eu podia afirmar que ele não mentia descaradamente para mim? Mas isso não significava que ele não poderia fazê-lo.

— Você salvou seus amigos e salvou seu pai, apesar de toda improbabilidade — ele disse. — Conte-se com isso. Deixe que o fardo de proteger Elizabeth recaia sobre Titânia. Ela e eu já dançamos essa música várias vezes antes. Algumas vezes eu venço, às vezes ela vence. Mas de todo modo, você não deixará a menina indefesa se cuidar dos seus interesses só para variar.

Eu detestava desistir. Talvez eu fosse uma pessoa naturalmente do contra, mas sempre achei que havia uma solução para cada problema se eu ao menos cavasse mais fundo. Mas eu estava cansada de cavar. Estava cansada e ponto.

— E quanto a Connor? — perguntei. Parte do meu acordo atual com o Erlking era a libertação de Connor se e quando eu cumprisse a minha parte.

— Está sugerindo honestamente que um dia você faria o que seria necessário para libertá-lo?

Suspirei e pendei os ombros.

— Não — minha voz não passou de um suspiro derrotado.

— Ele esteve ligado a mim, ao bando dos Caçadores Bárbaros, boa parte da vida dele.

Não sei como ele se sairia se você conseguisse libertá-lo.

Esqueça-o.

— E a sua marca? Você vai tirá-la de mim?

Ele balançou a cabeça.

— Você demonstrou seu poder amplamente, e é verdade que quando a novidade chegar aos ouvidos de Mab, ela pode hesitar e não atacá-la. Mas talvez não. Ela é mais caprichosa do que Titânia. Você ainda pode usar a minha marca para me chamar, se um dia precisar de mim. Mesmo que anulemos nosso acordo, ainda sou seu aliado — seu rosto se desmanchou em um sorriso. — Quer você me aceite como tal ou não.

Emiti uma bufada de indignação.

O Erlking retirou a adaga de dentro da bota. Titânia deve tê-la devolvido depois de ter me esquartejado com ela. Eu não estava nem um pouco ansiosa por outro juramento com sangue.

— Podemos selar nosso novo acordo com um beijo, se preferir — o Erlking disse, mas não como se achasse mesmo que eu concordaria.

Balancei a cabeça e estendi a mão, retraindo-me em antecipação.

— Vamos acabar logo com isso.

Quando terminei de repetir meu juramento com o Erlking, eu estava tão exausta que mal consegui ficar consciente. Minhas pernas recusaram-se a me sustentar, e o Erlking me carregou para o quarto que dividi tão brevemente com Kimber assim que chegamos ao palácio na primeira vez.

Pareceu que chegamos lá em dez segundos, o que me fez suspeitar que eu tivesse desmaiado no caminho, e assim que ele me deitou na cama, o sono me atacou com tanta intensidade que não resisti. A última coisa de que me lembro foi o Erlking se sentando na beira da cama para retirar meus sapatos imundos.

Meu relógio interno me disse que, quando despertei, deviam ter se passado diversas horas senão um dia inteiro ou mais. Minha cabeça parecia ter três camadas de espessura e, pelo gosto da minha boca, parecia que algum bicho tinha se alojado ali para morrer. Meus olhos estavam encrostados de sono quando pisquei para abri-los.

A luz do sol entrava pelas janelas, confirmando meu palpite de que estive fora de mim por um bom tempo. Tentei me espreguiçar, mas todos os meus músculos se opuseram. Eu ainda senda necessidade de dormir por uma semana, mas, conforme minhas células de massa cinzenta começaram a despertar uma a uma e eu me lembrei de tudo o que aconteceu, dormir não me pareceu uma opção possível.

Lambendo os lábios para tentar me livrar do gosto mim da minha boca, eu me apoiei sobre os cotovelos e olhei ao redor. As lágrimas arderam nos meus olhos quando vi Kimber enroscada em uma poltrona acolchoada com o nariz enfiado em um livro de aparência antiga que devia pesar tanto quanto eu. Ela estava tão absorta pelo livro que nem notou que me movi.

— Vejo que está entretida com um pouco de leitura leve — disse rouca, depois pigarreei enquanto Kimber dava um pulo gritando, o livro escorregando do colo e caindo no chão com um baque.

Ela levou a mão ao peito e respirou fundo.

— Você quase me matou de susto! — ela ralhou.

Só Kimber mesmo para ficar tão entretida com um livro que parecia ter sido impresso em 800. Sim, as aparências podiam enganar em Faerie, mas Kimber era intelectual o suficiente para ler coisas como Shakespeare por prazer.

— Desculpe — eu disse sem muita sinceridade. — Continue lendo o seu livro. Vou ficar

aqui quietinha esperando — para demonstrar minha determinação, eu me ajeitei em uma posição sentada, e descobri que esse esforço me deixou sem fôlego. Também percebi, pela primeira vez, que alguém tinha me limpado e me vestido com uma camisola de flanela. Ai, meu Deus, rezei para que não tivesse sido o Erlking! Lembrei que foi ele quem tirou meus sapatos.

— Devagar — Kimber disse, e eu me surpreendi ao vê-la se sentar na beira da cama. Da última vez em que a vi, ela estava sentada do outro lado do quarto.

— Como chegou aqui tão rápido? — murmurei, e soei incoerente mesmo para os meus ouvidos.

— Você está sofrendo de uma espécie de ressaca de magia — Kimber explicou. — Vai dormir e acordar bastante até amanhã ou um pouco mais.

Você deve ter usado um caminhão de magia. Não vi ninguém em um estado tão ruim assim. Nem mesmo Ethan quando se exhibe até a exaustão.

Esfreguei os olhos encrostados, perguntando-me o quanto Kimber sabia sobre o que aconteceu. Será que ela sabia que matei Henry? E como o matei?

— Você está bem? — perguntei, porque eu não sabia muito bem se queria saber as respostas para as minhas perguntas.

— No estado em que se encontra, você está perguntando para mim se eu estou bem?

— Bem, fiquei sem ter certeza depois que você foi capturada e trazida para cá!

Ela fez uma careta.

— Desculpe. Certo. Estou bem. Todos estão. Não foram exatamente agradáveis conosco, mas não nos machucaram nem nada assim. Só ficamos trancafiados por um tempo.

— Esse “todos” inclui meu pai e Finn?

— É, eles também estão bem — havia uma ligeira nota de falsidade em seu tom, e isso me provocou um calafrio.

— Diga a verdade! — exigi saber.

— Ora, se você não é uma paciente impaciente...

— Por favor, Kimber. Conte-me o que está acontecendo.

— Eles estão bem — ela disse, parecendo bem mais convincente dessa vez. — Eles passaram por uns maus bocados enquanto estivemos fora, mas estão bem agora.

Engoli em seco, tentando não imaginar nos “maus bocados” pelos quais eles passaram. Eu podia ter esperado que Titânia fosse minimamente ligada ao meu pai e por isso não quisesse maltratá-lo. Afinal, eles ficaram juntos por mais de um século, e tiveram um filho. Mas o fato de ela ter se deitado com o Erlking me mostrou exatamente o quão sentimental ela era.

— Sabe que vir atrás de nós quando poderia ter usado o broche para fugir foi provavelmente o gesto mais estúpido de toda a humanidade — Kimber disse. — Talvez você queira evitar seu pai pelos próximos dois anos até que ele tenha a possibilidade de se acalmar.

Perfeito. Eu tinha voltado e salvado todo mundo, e meu pai estava bravo com isso. Não que isso me surpreendesse, veja bem. Acho que está em algum manual para pais que você tem de ficar bravo com seus filhos se eles fizerem algo perigoso, mesmo que tenha sido a coisa certa a fazer e que tudo tenha terminado bem.

— Eu não poderia fugir deixando vocês para trás — eu disse.

— Eu não saberia viver com essa culpa. Talvez voltar tenha sido uma estupidez, mas eu faria de novo em um piscar de olhos — e eu me recusava a me sentir mal a esse respeito.

Kimber fez uma careta.

— Sugiro que não diga isso ao seu pai. Ou a Finn. Ou aos rapazes, enfim.

— Mas eu dizer para você não a incomoda? — tive a sensação de que isso não era nada bom, e a expressão no rosto de Kimber foi uma confirmação.

— Vamos conversar sobre isso quando estiver se sentindo melhor.

Não gostei nadinha daquilo.

— Kimber...

— Não! — ela me interrompeu. — Não vamos fazer isso agora — ela parecia bem brava, mas seus olhos estavam brilhantes, como se ela estivesse bem perto de chorar.

Acho que isso respondia a minha dúvida sobre se ela tinha ou não me perdoado. Todos os segredos que guardei, guardei por um bom motivo.

Quero dizer, pelo que eu pensava ser um bom motivo na época. Em retrospecto, eu não tinha tanta certeza.

— Posso ao menos dizer que lamento muito? — perguntei.

— Não acha mesmo que palavras vão consertar a situação, acha?

Não, eu não achava. Eu tinha contado tantas mentiras que minhas palavras não valiam lá grande coisa. Eu queria enfatizar que eu voltar para o palácio depois que ela e os outros tinham sido capturados valia mais do que qualquer palavra, mas não o fiz. As lágrimas queimavam nos meus olhos.

Talvez eu tivesse salvado a vida dos meus amigos, mas isso não me tornava uma pessoa muito melhor. Eu não servia como amiga, não enquanto fosse biologicamente incapaz de confiar e de ser honesta.

Kimber foi a única amiga de verdade que já tive, a única com quem tive mais do que uma relação simplesmente superficial. O fato de que eu poderia perder a amizade dela, de que eu já podia ter perdido, machucava mais do que qualquer ferimento a bala ou corte profundo na palma combinados.

Minha garganta doía e meu nariz ficou entupido enquanto eu tentava combater as lágrimas. Eu sempre relutei em chorar na frente das pessoas.

Minha mãe chorava de uma hora para a outra, usando as lágrimas como um instrumento para conquistar simpatia toda vez que fazia algo estúpido ou irresponsável. Ela chorava para receber garantias e afirmações de que tudo terminaria bem, para receber pedidos de desculpas de alguém por esse alguém ter se zangado mesmo ela tendo feito algo errado. Eu não queria ser assim.

Olhei para a expressão endurecida de Kimber, vi como ela cruzava os braços diante do peito em uma pose defensiva, e percebi que estava me repetindo. Escondia coisas delas, para depois me justificar dizendo que não suportava ser analisada.

Será que eu estava tentando me fazer de forte, fingindo que perder a amizade de Kimber não me magoaria? Era essa a mensagem que eu queria que ela recebesse? Era isso que ela merecia?

Deixei as lágrimas rolares, e depois que elas começaram, não consegui mais contê-las. Coisas demais tinham acontecido, e eu vinha me fazendo de forte por muito tempo. Magoei minha melhor amiga. Matei um homem. E abandonei Elizabeth quando poderia tê-la ajudado. Cada uma dessas decisões pareceu certa a seu tempo, mas eu estava bem longe de ter certeza agora. Essas não eram as decisões que eu deveria estar tomando, não na minha idade! Minhas decisões não deveriam determinar quem viveria ou quem morreria, quem estaria protegido e quem deveria ser lançado aos lobos. Minha decisão mais importante deveria ser quais universidades prestar no outono seguinte, e não esconder um segredo da minha amiga que poderia resultar na minha morte ou na dela.

Kimber suspirou e me abraçou. Isso me fez chorar ainda mais. Era por isso, principalmente, que eu não queria chorar. Eu não queria manipular Kimber para que ela me perdoasse.

— E-eu si... sinto muito — gaguejei com a garganta apertada, querendo dizer que lamentava chorar em cima dela, mas não consegui respirar o bastante para dizer tudo isso.

— Eu sei — ela disse com suavidade, ainda me abraçando. — Eu também sinto muito. Não consigo imaginar as coisas pelas quais você passou — ela era uma amiga muito melhor do que eu merecia.

No fim, as lágrimas acabaram secando, e Kimber me soltou.

Entretanto, não se afastou, em vez disso, sentou-se ao meu lado na cama, esperando que meus soluços parassem. Depois disso, eu me senti ainda mais cansada do que antes quando acordei, essa tempestade de lágrimas roubaram minhas últimas forças. Acho que tive outro atordoamento da ressaca de magia porque meu rosto passou de úmido para seco em um piscar de olhos.

— Você precisa descansar bastante — Kimber disse, sua voz me sobressaltando no novo torpor.

Pisquei e balancei a cabeça.

— Estou bem — respondi automaticamente, apesar do peso nos cílios.

Eu não queria choramingar no ombro de Kimber e depois desmaiar.

— Durma — ela ordenou. — Ainda vou estar aqui quando você acordar.

— Mesmo? — perguntei, conseguindo parecer esperançosa e cética ao mesmo tempo.

Ela bufou.

— Não acha que vou perdoar você com tanta facilidade, acha? Você vai ter de abrir sua alma e não pode fazer isso nesse estado. Por isso, durma.

Meus olhos se fecharam, apesar dos esforços em mantê-los abertos.

Kimber estava errada. Ela não estava mais lá quando despertei.

Acordei com a sensação desconhecida de ter um braço apoiado em minha cintura e um corpo quente aninhado às minhas costas. Passei de um sono profundo a alerta total em poucos segundos, com a respiração presa nos pulmões.

Eu sabia, sem ter de olhar, que era Ethan. Talvez fosse apenas um palpite natural — quem mais estaria aninhado na cama comigo? — ou talvez tivesse algo a ver com seu toque ou cheiro que o denunciasse. O que quer que fosse, eu estava deitada na cama com ele, seu corpo inteiro pressionado ao meu, e a sensação era tanto excitante quanto assustadora.

Fiquei completamente imóvel, sem querer que aquele momento acabasse. Contanto que eu continuasse parada e calada, não haveria complicações, e eu poderia aproveitar o calor e o conforto do seu corpo. Se ele soubesse que eu estava acordada, ele bem poderia arruinar tudo me dando a sua versão de um sermão sobre porque eu não deveria ter voltado.

Fiquei imaginando por que ele estava no quarto e Kimber não. Eu podia imaginar meu pai insistindo para que eu tivesse 24 horas de supervisão por dia, mas jamais pensaria que Ethan ganharia um turno. Não havia como meu pai confiar nele a tal ponto. Ele seria como uma raposa cuidando de um galinheiro.

Ethan mudou de posição atrás de mim, pressionando-se mais perto, acarinhando-me na nuca.

— Sei que está acordada — ele murmurou ao encontro da minha pele, e a sensação dos seus lábios me deixou toda arrepiada.

Lá se ia a minha oportunidade de ficar parada e calada.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, depois desejei me dar um tapa na cabeça por isso. Era bem óbvio o que ele estava fazendo enquanto resvalava beijos leves nuca acima. Eu queria reformular a pergunta de um modo que fizesse sentido, mas meus pensamentos estavam bagunçados demais.

A mão na cintura escorregou para baixo da barra da camisola, tocando a pele sensível do meu baixo ventre. Uma deixa para mais arrepios na pele.

E tive de me lembrar que deveria respirar.

— Você me libertou — Ethan sussurrou no meu ouvido direito enquanto subia a mão por baixo da camisola.

Certo, lembrei em um flash. Fiz um novo acordo com o Erlking, e Ethan e eu estávamos desimpedidos para...

Mas era óbvio que ele não pretendia tirar vantagem dessa liberdade naquele instante. Eu ainda estava me recuperando. E não estava pronta para passar do nada além de alguns beijos mais ardentes para ir até a reta de chegada.

A mão de Ethan parou sobre meu estômago.

— Não me diga que está achando que eu seria um a atacaria em seu leito de convalescente.

Soltei a respiração que nem percebi que estava segurando. Acho que meus problemas de confiança estavam dando as caras mais uma vez. Mas, pensando bem, Ethan era um adolescente, e eu sabia que ele tinha conquistado certa reputação de modo bem justo.

Eu me retorci para fitá-lo. Ele estava tão lindo quanto da primeira vez em que o vi, o cervo azul tinha desaparecido do seu rosto, com a queimadura horrorosa. Os olhos já não eram os mesmos, eram mais velhos, mais sábios e mais sérios, mas pelo menos ele estava livre. Levantei a mão para tocá-lo no ponto em que a marca esteve antes, maravilhando-me com a suavidade da sua pele.

— Quando acordo e o encontro na minha cama com a mão dentro da minha camisola, não pode me acusar por deduzir algumas coisas — eu disse mordaz.

Ethan sorriu para mim.

— Só coloquei a mão dentro da sua camisola depois que você acordou — ele me lembrou, e eu não consegui deixar de rir ao revirar os olhos.

— Uma detalhe técnico.

Seu sorriso sumiu quando abaixou o rosto para me beijar de leve, logo se afastando antes que qualquer um de nós pegasse fogo.

— Conheço a minha reputação — ele disse. — E sei como a conquistei.

Houve um tempo em que eu provavelmente teria tentado tirar vantagem da situação. Mas não sou mais esse cara.

Talvez eu estivesse mudando totalmente de direção no medidor de confiança, mas acreditei nele.

— Então colocar a mão por baixo da minha camisola não é tirar vantagem? — perguntei, mas sorri para que ele soubesse que eu estava brincando.

— Tudo depende de onde a mão vai acabar, não acha? Naquele instante, ela estava apoiada abaixo das costelas, o polegar acariciando a pele lentamente de um lado para o outro. O toque era sensual e tranquilizador ao mesmo tempo.

— Então, o que está fazendo aqui exatamente? — perguntei.

— Não consigo acreditar que meu pai ou o resto do pessoal o tenha deixado sozinho comigo no meu quarto.

Ele exagerou a expressão de inocência.

— Não entendo por que não.

— Ethan...

— Kimber estava aqui velando seu sono — ele disse. — Eu ameacei fazer algo bem desagradável a Keane se ela não nos desse um tempo sozinhos. Ela ameaçou fazer algo ainda pior comigo se eu não me comportasse como um cavalheiro — ele deu de ombros teatralmente. — Você não vai contar da mão debaixo da camisola, vai? Porque acho que nós dois vamos sentir falta das partes que ela retirar com uma colher enferrujada se souber.

Eu gargalhei e corei ao mesmo tempo.

— Seu segredo está a salvo comigo.

Para mostrar sua apreciação ante a minha reserva, ele se inclinou para me beijar até que todos os meus pensamentos e temores sumissem.

Não me lembro de ter adormecido de novo, mas devo ter, porque quando abri os olhos novamente, estava escuro e Kimber estava de volta ao seu posto de sentinela. Ela lia outro enorme tomo — a capa era verde em vez de vermelha, por isso eu sabia que era um livro diferente — e dessa vez estava sentada ao meu lado na cama com as costas apoiadas na parede.

Tentei agir com tranquilidade, bocejando ao me suspender, para não assustá-la como da vez anterior.

Eu me sentia melhor. Meio rígida e dolorida pelo tempo passado na cama, mas minha cabeça estava bem mais clara. Meu estômago roncou alto, lembrando-me de que deviam ter se passado no mínimo 24 horas desde a última vez em que comi.

Kimber deixou o livro de lado.

— A Bela Adormecida acorda... — ela disse.

Respondi com uma bufada nem um pouco feminina. Eu nem queria saber como era a minha aparência, mas deduzi que devia estar mais para quebrar espelhos do que conquistar o Príncipe Encantado. Esfreguei os olhos e tentei me espreguiçar. Eu queria tanto que os feéricos tivessem café, isso porque eu estava precisando mesmo de uma caneca.

— Como está se sentindo? — Kimber perguntou.

— Viva — era como eu melhor conseguiria descrever minha condição naquele momento.

— Que bom. Eu não estava com a mínima vontade de arrastar seu cadáver na caravana amanhã de manhã.

— Hein?

— Vamos embora. Assim que amanhecer, quer você esteja preparada ou não. Não sei se Titânia nos expulsou ou se seu pai decidiu que era hora de irmos. Estranhamente, as pessoas parecem não querer uma máquina de matar em forma de gente por perto.

Bem, isso respondia à minha dúvida quanto aos meus amigos saberem o que fiz com Henry. Imagino que se eu fosse uma feérica imortal também não gostaria de ter alguém como eu por perto.

— Se pai contratou um pessoal local para providenciar cavalos e suprimentos — Kimber continuou. — Não teremos uma escolta real desta vez.

Fiz uma careta.

— Levando-se em consideração o que aconteceu quando tivemos uma escolta real, eu diria que isso é uma coisa boa.

— Eu não poderia discordar. Agora saia dessa cama para se lavar e se trocar. Você precisa comer alguma coisa para recobrar parte das suas forças.

Depois disso, seu pai vai querer falar com você — o sorriso dela foi quase malévolo. — Acho que ficará de castigo até o Sol explodir.

Eu tinha a sensação de que, depois que voltássemos para Avalon, eu passaria muito tempo na casa segura. Isso seria um aborrecimento em bem pouco tempo, mas naquele instante, eu não queria outra coisa senão ficar quietinha na minha própria cama.

— Não há lugar como o nosso lar — murmurei baixinho, e desejei ter um par de sapatinhos de rubi.

Meus joelhos quase cederam quando saí da cama. Kimber se esticou para me amparar, mas meus joelhos se firmaram antes que eu caísse de cara no chão.

— Uau — eu disse. — Estou pior do que pensei — e no dia seguinte eu teria de cavalgar. Ah, que alegria.

— Você se sentirá melhor depois que tiver se alimentado. A ressaca da magia foi bem pior porque você estava faminta.

Meu estômago concordou com um ronco, mas eu ainda não estava pronta para me mover. Kimber estava agindo quase que com normalidade, mas eu não consegui deixar de pensar que ela só estava sendo boazinha até eu melhorar.

— Então, hum... Você ainda está falando comigo? — perguntei.

Ela cruzou os braços diante do peito e estreitou o olhar.

— Sim, ainda estou falando com você. E vou falar bastante com você nos próximos dias.

Ela parecia brava e implacável, e eu sabia que suas palavras deviam ser um tipo de ameaça, mas, mesmo assim, tive que reprimir um sorriso. Eu ouviria todos os sermões de ela quisesse dar, contanto que continuasse sendo minha amiga.

Evitei procurar meu pai o quanto pude. Quero dizer, eu queria vê-lo, queria ver com meus próprios olhos que ele estava bem. Enfrentar a braveza dele era outra história.

Segui as indicações de Kimber até uma saleta na qual todas as superfícies horizontais que não eram assentos estavam cobertas com cestas de frutas, de doces ou de pães. Também havia uma seleção de variados tipos de chá e um jarro de água quente. Mesmo não sendo fã de chá, preparei uma xícara, querendo algum líquido para empurrar a comida garganta abaixo.

Enquanto o chá ficava em infusão, coloquei em um prato as frutas mais reconhecíveis com uma fatia grossa de pão e um tipo de embutido.

Quando me sentei em uma das cadeiras com o prato no colo e fui pegar a xícara, vi que o jarro de água estava cheio até a boca e fervia.

Água mágica. Nunca tinha visto aquele truque em Avalon. Mas, pensando bem, em Avalon tínhamos energia elétrica e água encanada.

Meu estômago não conseguiria suportar muita comida, mas comi o que pude antes de voltar para o corredor de suítes dentre as quais estávamos acomodados. Senti as palmas das mãos úmidas quando parei diante da porta do meu pai e tentei me forçar a bater.

Não que eu tivesse medo dele. Eu sabia que ele jamais me machucaria.

Mas, à parte o fato de eu ter corrido riscos por ele considerados inadmissíveis, ele já devia ter ficado sabendo dos segredos que mantive.

Coisas que eu deveria ter contado a ele, assim como deveria ter contado para Kimber. E nem vamos pensar no fato de que matei uma pessoa. Uma pessoa que meu pai odiava. Talvez, ao saber do meu feitiço letal, meu pai passasse a me temer.

Esse pensamento fez aquele pedaço de pão que comi pesar como chumbo no meu estômago. Mesmo o Erlking se mostrou perturbado quando descobriu o que eu conseguia fazer, mas eu não sabia se suportaria caso meu pai começasse a me olhar como se eu fosse uma coisa muito perigosa.

Acho que eu não fui tão silenciosa quanto imaginei, porque enquanto estava parada lá,

hesitante, tentando juntar coragem para bater, a porta se abriu.

Meu pai estava vestido com roupas que, para ele, seriam casuais: calça de lã com uma camisa social. Uma marca no cinto de couro dizia que ele teve de apertá-lo um buraco para ajustá-lo, e a camisa quase parecia um saco em seu torso. Senti meu lábio inferior começar a tremer ao imaginar o pesadelo a que ele deveria ter sido submetido para perder tanto peso em tão pouco tempo.

Papai me puxou pela soleira da porta em um abraço apertado antes que eu ficasse sentimental demais. Retribui o abraço, tentando não perceber que sentia as suas costelas, — Pensei que tivesse perdido você — meu pai disse, e sua voz estava rouca como se também fosse chorar. — Eu tinha tanta certeza de que trazer você para cá fosse a coisa certa a fazer, e quase fiz com que fosse assassinada.

Odiei ouvir o sofrimento em sua voz. Eu preferiria que ele gritasse comigo, como tinha esperado. Claro que eu sabia que os gritos chegariam uma hora ou outra. Não que ele fosse de gritar. Isso seria muito indigno.

Mas ele era capaz de fazer com que o sussurro mais suave ferisse mais que os gritos de muitas pessoas.

— Você não tinha como saber — eu disse, surpresa por ele ainda estar me segurando. Demonstrações efusivas de afeto não eram com ele.

— Eu deveria ter sabido. E jamais deveria tê-la arriscado.

— Pai, eu estou bem. E você é muito inteligente e tal, mas não vejo como você poderia ter previsto que Henry tinha uma filha faeriewalker e que queria eliminar a competição.

Ele finalmente me soltou do seu abraço, mesmo continuando a me segurar pelos ombros como se temesse que eu desaparecesse se ele não me segurasse.

— Ele me disse que você tinha sido capturada — ele disse com os olhos atormentados. — Ele me disse que você estava sendo torturada a fim de dar informações e que não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-la. Eu sabia que ele devia estar mentindo, mas eu não tinha como ter certeza...

Deduzi que o “ele” fosse Henry. De algum modo nessa história toda, eu tinha deixado de lado toda a culpa que sentia por matá-lo. A ideia de eu ter matado uma pessoa ainda me fazia estremecer, mas eu estava contente por Henry ter morrido, e sabia que, se fosse obrigada, eu o mataria novamente. Se havia alguém que merecia morrer, esse alguém era Henry.

— Eu estou bem, pai — eu disse, embora ele mesmo pudesse - Na verdade, estou mais preocupada com você e com Finn. Você perdeu tanto peso... — eu ainda não tinha visto Finn, apesar de Kimber me garantir que ele estivesse bem.

Papai suspirou, soltando-me por fim e seguindo para um par de cadeiras diante da lareira. Eu o segui e me sentei, embora o observasse atentamente. Ele era muito bom em esconder os sentimentos, mas naquele dia não estava sendo bem-sucedido. E isso me revelava mais do que eu queria saber sobre o que ele passou.

— Foi uma provação — ele admitiu, e seus olhos disseram que “provação” era um termo atenuado. — Não vou insultá-la mentindo a esse respeito — havia uma ponta de reprovação em suas palavras? — Contudo, não vou lhe dar os detalhes, portanto, não pergunte. Nós dois nos recuperaremos completamente, e isso é tudo o que precisa saber. Pode atormentar Finn sobre isso amanhã quando partirmos, mas, neste exato instante, você tem muitas explicações a dar.

E simplesmente assim, meu pai voltou ao seu normal, lançando-me aquela sua expressão parental séria que ele tinha aperfeiçoado.

Normalmente, eu fincaria os pés quando ele me olhava daquele jeito, ou começaria a me sentir culpada, mas naquele dia eu só estava contente por ele estar vivo e bem. E eu sabia que, por mais que ele estivesse bravo com os riscos que tomei, ele jamais conseguiria me fazer lamentar de verdade.

Epílogo

Graças à habilidade do meu pai em usar o monumento megalítico, só precisamos de três dias de viagem tranquila para voltar a Avalon. Titânia tinha oferecido dois Cavaleiros para nos acompanharem como medida de segurança, mas meu pai recusou a oferta. Não, eu não estava o que se poderia considerar completamente segura. Apesar da sua personalidade peçonhenta, Henry devia ter alguns amigos que me odiariam por tê-lo matado, e não tínhamos como saber se Mab ainda me queria ver morta ou não.

— A segurança adicional seria bem recebida — meu pai me disse — , porém suspeito que os Cavaleiros seriam mais espiões que guardiões, e prefiro evitar isso.

Já que ele colocava a questão desse modo, eu não tinha como discordar. Além disso, nós seis conseguiríamos viajar mais rapidamente do que se estivéssemos acompanhados de um punhado de Cavaleiros — e dos seus suprimentos.

Aquele último dia horroroso na floresta parecia ter mudado alguma coisa entre Ethan e Keane. Não que de repente eles tivessem começado a se gostar — eles ainda discutiam o bastante para ser uma coisa verdadeiramente irritante — , mas eu não tinha mais a sensação de que eles partiriam para a violência a qualquer instante. Mesmo quando Kimber e Keane não disfarçavam os beijos roubados tão bem como pensavam.

Quando vi como Keane olhava para Kimber quando ela não percebia, parei de me preocupar que ele só a estivesse usando para irritar Ethan.

Talvez até tivesse começado assim, mas definitivamente já não era mais isso.

Todos estavam bem bravos comigo pelos segredos que escondi, especialmente Kimber. Mas eu tinha a sensação de que era o tipo de sentimento que diminuiria com a passagem do tempo. Eu tinha chegado muito perto de destruir nossa amizade, e sabia muito bem disso. Eu não tinha como jurar que nunca mais esconderia nada dela — afinal, eu ainda escondia um segredo, reforçado pela injunção do Erlking — esforçaria para ser o mais humanamente aberta com ela.

Você até poderia achar que, agora que cheguei a um acordo com Titânia, meu pai finalmente desistiria das medidas de segurança paranoicas a que recorria para me proteger. Como me deixar viver com ele em sua casa normal em vez de me manter enterrada na casa

segura. Ou que talvez ele tivesse decidido que eu já não precisava de um guarda-costas 24 horas por dia, 7 dias na semana. Se você achou isso, não conhece meu pai.

É claro que estou em uma situação bem mais segura que antes da viagem a Faerie. Antes de ir para lá, pensávamos que as duas rainhas queriam que eu morresse. Talvez Mab ainda o quisesse, mas, mesmo que Titânia preferisse que eu morresse, ela não planejava a minha morte.

Observei para papai que todos já sabiam o perigo que eu, sozinha, representava. A essa altura, meu pai argumentou que, como as pessoas sabiam do meu feitiço, elas estariam muito mais preparadas para evitá-lo.

Eu ainda estaria vulnerável a um ataque surpresa ou a inimigos em grande quantidade.

Papai tinha razão, mas eu não tinha como não pensar se algumas das medidas de segurança não existiam simplesmente para evitar que eu ficasse sozinha com Ethan. Algumas vezes, meu pai me trata como se me considerasse uma adulta responsável, mas assim que Ethan entra em cena, eu me torno uma garotinha novamente. Ele não me proibirá de ver Ethan, mesmo não aprovando, mas fará de tudo para se certificar que nós nunca tenhamos privacidade suficiente para as coisas irem longe demais (a definição de papai de “longe demais” era ir além da primeira base, até onde sei). Ao que parecia, agora que eu já não tenho mais o acordo com o Erlking que me forçava a castidade, pai se convenceu que eu me tomarei uma sexomaníaca adolescente, permitindo que Ethan faça o que bem quiser.

Eu jamais admitiria em voz alta, mas de certa forma, estou agradecida pelo excesso de proteção do meu pai. Eu amo Ethan, e adoro saber que não estou mais presa ao Erlking. Adoro saber que, quando eu estiver pronta, podemos ir até o fim. Mas sei que ainda não estou pronta, e contanto que meu pai não nos conceda um tempo a sós, eu não tenho de dizer isso a Ethan.

Estou tentando confiar mais ultimamente, de verdade. Mas não é fácil mudar quem eu sou no meu âmago. Fico me dizendo que Ethan aceitaria esperar até eu estar pronta e, na maioria das vezes, consigo acreditar nisso.

Mas uma parte minha teme que, se eu disser “não” a ele, ele vai começar a me pressionar. Ou pior, vai me largar. Se essa coisa entre nós avançar até o próximo passo, terei de enfrentar meus medos no fim. Mas, por enquanto, estou perfeitamente feliz em deixar que as regras do meu pai e seus mandamentos tornem irrelevante a questão.

O que me leva à minha mãe.

Eu bem que gostaria de dizer que, quando voltei para Avalon encontrei a minha mãe uma mulher mudada, sóbria e jurando continuar assim. Eu bem que gostaria de dizer que nossa despedida tumultuada finalmente derrubou as paredes de negação e mostrou a ela que a bebida não só a atingia, como também me magoava. Eu queria que o medo de ela me perder tivesse lhe dado forças para controlar sua vida.

Infelizmente, não posso dizer nada disso. Minha mãe morava em um apartamento que meu pai tinha alugado para ela, já que ela não tinha recursos para se manter. Papai me levou para vê-la no dia em que chegamos a Avalon, mas ela não atendeu à campainha. Papai não se preocupou muito com a privacidade dela, por isso usou de magia para forçar a porta a se abrir e nós entrarmos.

Encontramos minha mãe no chão do banheiro. Tomar banho quando se está embriagado demais para ficar de pé é um perigo à saúde. Minha mãe, ao que tudo levava a crer, tinha tropeçado ao tentar passar pela beira da banheira e quebrou o quadril. Ela estava deitada lá há 24 horas quando meu pai e eu a encontramos. Estremeci ao pensar no que poderia ter acontecido se tivéssemos nos demorado um dia ou mais em Faerie. Não acredito que ninguém a tivesse encontrado até ser tarde demais, e eu não sabia como agradecer a meu pai por ele ter decidido entrar mesmo quando ela não atendeu a porta.

Graças à magia dos curandeiros feéricos, o quadril fraturado de mamãe não passou de uma simples inconveniência, uma que eles conseguiram reparar em poucas horas. O excesso de álcool foi outra coisa, uma que os curandeiros não tinham como tratar, o que significou que mamãe teria de passar um tempinho no hospital.

No dia em que papai e eu a levamos para lá, ela passava da consciência para a inconsciência, mas, quando estava consciente, ela não era o que se poderia chamar de coerente. Passei diversas horas ao lado da cama, chorando quando ela estava inconsciente, depois tentando me fazer de forte quando ela despertava. Eu nem precisaria ter me importado com o ato de bravura — ela não se lembrava de nada entre um período de consciência e o seguinte, embora eu ficasse sem saber se isso era um efeito tardio do álcool ou por causa das drogas que os médicos lhe davam por meio do soro. Papai, no fim, acabou me convencendo a sair do hospital, e passei a noite na casa dele pela primeira vez desde que fui para a casa segura.

Desnecessário dizer que aquele não era o tipo de boas-vindas que eu queria receber.

Quando voltei a visitar mamãe no hospital no dia seguinte, encontrei-a desperta e, senão alerta, pelo menos coerente. Meu pai saiu do quarto quando viu que ela estava acordada,

dando-me um pouco de privacidade com ela. Eu não sabia se devia ser grata ou entrar em pânico.

Ela estava terrível, claro. A pele estava mais pálida que o normal, o cabelo estava seboso e desgrenhado, e os olhos, encovados. Ela ainda estava com o soro no braço, mas pelo menos não tinha o tubo de oxigênio no nariz.

Tudo aquilo era o meu pior pesadelo se tornando realidade. E a pior parte foi saber que ela tinha feito aquilo para si.

Eu me abracei e fiquei olhando para o rosto pálido e doentio, mas não sentia nenhum ardor nos olhos nem a garganta se fechando. Só um vazio, uma sensação de desânimo bem no meio do peito. Eu poderia ter pensado que ela se sentiria mal pelo que provocou a si quando fiquei afastada, que ela se mostrasse embaraçada ou verdadeiramente envergonhada. Esperei que ela evitasse contato visual e parecesse culpada, mas, em vez disso, seu rosto se iluminou ao me ver e ela deu um grito de alegria.

— Dana! Você voltou! — ela esticou os braços, esperando que eu fosse abraçá-la correndo. Ao que tudo indicava, ela não tinha nenhuma lembrança de ter me visto no dia anterior. O rubor de felicidade em seu rosto quase a fez parecer saudável, mas eu não me aproximei. Eu deveria estar contente por ela estar viva — e em algum lugar bem no íntimo, mas estava sofrendo demais para reconhecer isso.

— Não entendo, mãe — eu disse, balançando a cabeça. — Como consegue fazer isso consigo? Não se importa com o fato de ter quase morrido?

Ela piscou para mim como se não entendesse o que eu estava falando, seus braços abaixaram devagar ao perceber que eu não a abraçaria.

— Fraturei um osso, querida. Isso não é o mesmo de quase morrer. E estou bem agora — ela tentou um sorriso amplo, mas ainda assim manteve a distância.

— Se papai e eu tivéssemos ficado em Faerie por mais tempo, você estaria morta — eu disse. — E tudo porque não conseguiu ficar afastada da bebida por umas duas semanas.

Ela dispensou meu comentário com um gesto.

— Não seja dramática demais. Caí enquanto tomava banho. Isso acontece com todo mundo. Só preciso comprar um daqueles tapetinhos de borracha.

Meu queixo caiu ao perceber o que ela estava sugerindo.

— Então você acha que isso não passou de algum tipo de acidente?

Algo que poderia ter acontecido com qualquer pessoa?

Ela franziu o cenho.

— Claro, querida. Fui atrapalhada, uma boba, mas...

— Mãe, você estava bêbada até não poder mais. Tão bêbada que nem conseguia andar.

Foi por isso que caiu. E nenhum tapete de borracha do mundo teria ajudado.

— Eu não estava bêbada — ela disse com ares de dignidade ofendida.

Ai, meu Deus. Diante de tudo aquilo, ela ainda negaria que tinha problemas com bebida?

— Se não estava bêbada, então por que havia uma garrafa vazia no banheiro?

— Tomei um ou dois drinques — ela disse como se aquilo não tivesse importância — , mas isso não quer dizer que eu estivesse embriagada. Eu só precisava relaxar um pouco.

— É, todo mundo sabe que quem bebe ocasionalmente sempre leva garrafas de bebida para o banheiro com eles.

— Já chega, Dana. Não lhe devo explicações.

Eu seriamente considerei a possibilidade de pegar o objeto quebrável mais próximo de mim e jogar para o outro lado do quarto.

— Você está no hospital por intoxicação alcoólica — eu disse entredentes. — Você passou o dia anterior entre a inconsciência e a alucinação. O médico disse que seu nível alcoólico era de 0,21% quando chegou aqui. E agora vai ficar aí deitada me dizendo que isso não passou de um acidentezinho, uma coisa que poderia ter acontecido com qualquer pessoa. É isso?

Não importava o estado de negação em que ela estava afundada, eu não podia acreditar que ela não sabia que tinha um problema. Mas nenhuma quantidade intransponível de provas iria convencê-la a ceder. Eu queria estrangulá-la. Eu queria abraçá-la. Eu queria implorar e chorar. Eu queria forçá-la a entrar em um programa de reabilitação, ou declará-la incompetente mais uma vez para que voltasse aos cuidados do meu pai.

Não fiz nada disso. Quando minha mãe simplesmente continuou deitada em seu leito hospitalar em um silêncio obstinado, meus ombros penderam, e eu pensei que talvez, só talvez, era hora de eu aceitar o inevitável: minha mãe não pararia de beber até que isso a matasse. E não havia nada que eu pudesse fazer além de me sentar e esperar que isso acontecesse.

Eu estava de mau humor quando saí do quarto da minha mãe, com raiva, com medo e à beira das lágrimas. Meu pai não estava montando guarda do lado de fora da porta, como pensei que estaria. A sala de espera ficava a poucos passos pelo corredor, mas ainda assim tive a grata surpresa por ele ter me dado esse tanto de privacidade. Talvez ele tivesse saído do estado de alerta vermelho total só para variar. Respirei fundo algumas vezes para controlar as emoções, depois segui para a sala de espera.

Mas não foi meu pai quem encontrei lá. Foi Kimber, Keane e Ethan.

Fiquei parada de boca aberta, tão surpresa em vê-los que fiquei sem saber o que dizer. Houve um momento de silêncio constrangedor antes que Kimber se adiantasse, sorrindo.

— Seu pai achou que você gostaria de um pouco de companhia — ela explicou. — Não podemos sair do hospital, e você pode chamá-lo para que ele venha buscá-la quando quiser ir embora, mas quem sabe podemos passar um tempinho na lanchonete? Não sei quanto a você, mas eu adoraria uma xícara de chá.

Eu devo ter feito a minha careta de “credo, chá”, porque Ethan rapidamente acrescentou: — Ou café. Tenho certeza de que eles têm café em algum lugar aqui, embora não prometa que ele seja bom.

Keane franziu o cenho.

— Pensei que as garotas comessem sorvete quando estão tristes.

— Tem razão — Ethan concordou, depois imitou o ar intrigado de Keane. — Ou seria chocolate?

Kimber riu e revirou os olhos, passando o braço no meu e me guiando na direção dos elevadores.

— Você pode tomar sorvete de mocaccino e conseguir tudo isso de uma só vez — ela me disse. — Eu fico com chá, e os rapazes podem comer o que quer que eles considerem a versão masculina de comida reconfortante.

Cachorro quente? Carne seca?

— Pizza — sugeri com um sorriso hesitante. — Acho que os garotos comem pizza carregada de embutidos gordurosos como calabresa na cobertura.

— Ei — Ethan protestou. — Não desrespeite a minha calabresa! Keane bufou ao gargalhar.

— Mas a sua calabresa está sempre prestes a aprontar..

Os olhos de Ethan se estreitaram perigosamente, e pensei por um momento que a trégua tinha chegado ao fim. Mas ele se livrou de qualquer aborrecimento que podia estar sentindo.

— Devo fazer mais alguma piada grotesca sobre linguças que pode ofender as garotas ou é melhor deixar passar? — seu rosto ficou vermelho ao perceber que suas palavras podiam ser torcidas no contexto daquela conversa. — Bem, quero dizer...

Todos rimos antes que ele terminasse de balbuciar.

A intervenção dos meus amigos não parou com aquela visita ao hospital. Alguns dias depois, Kimber me arrastou para uma reunião da Alateen, que ela encontrou em uma pesquisa na internet. Ficar sentada conversando com outros adolescentes com familiares alcoólatras não foi exatamente fácil para mim. Eu vinha mantendo escondido aquele segredo sombrio por tanto tempo que era difícil me abrir. Mas, desde que Kimber me arrastou para a primeira reunião, eu estava indo uma vez por semana. Às vezes, Kimber vai comigo para apoio moral, às vezes Ethan vai. Eu ainda reclamo de ir, mas tenho de admitir que é bom saber que não estou sozinha.

Melhor ainda é meus amigos aceitarem isso e se mostrarem dispostos a me ajudar.

Cada vez mais entendo a mensagem de que não posso salvar minha mãe dela mesma. Foi a mesma coisa que o Erlking me disse quando quis salvar Elizabeth. Não se pode salvar todos, sua voz às vezes sussurra em minha cabeça. Talvez ele esteja certo. Talvez todos estejam certos. Mas, toda vez que quase decido desistir, eu me lembro que consegui salvar Ethan das garras do Erlking quando todos me diziam que isso seria impossível.

Não vou desistir da minha mãe. Há um ditado que diz que onde há vontade há um caminho. Bem, eu tenho muita vontade. E se no fim eu descobrir que não há mesmo um caminho, sei que sobreviverei. Não estou mais sozinha. Tenho meu pai, e Ethan, e meus amigos. Antes de eu vir para Avalon, eu não podia conceber a ideia de me apoiar em alguém, de pedir ajuda. Fazer isso provavelmente nunca será fácil para mim. Mas sei que posso fazer e que isso ajuda mesmo. E que isso faz toda a diferença do mundo.

Fim...